

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE FARO

Avós e Netos – Duas Gerações Unidas
Um projecto de actividades intergeracionais na Aldeia de São
José de Alcalar

Sara Maria de Jesus Duarte
n.º 21496

Mestrado em Gerontologia Social

2009

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE FARO

Avós e Netos – Duas Gerações Unidas
Um projecto de actividades intergeracionais na Aldeia de São
José de Alcalar

Sara Maria de Jesus Duarte
n.º 21496

Mestrado em Gerontologia Social

2009

Dissertação orientada por:
Prof. Dr. António Carlos Pestana Fragoso de Almeida
(Equiparado a Professor Adjunto)

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, há que referir que existiram pessoas sem o contributo das quais seria impossível a concretização do projecto que deu origem a esta dissertação.

Desta forma há que agradecer, em primeiro lugar, aos idosos e crianças da Aldeia de São José de Alcalar, sem os quais seria impossível a implementação do projecto. Agradeço também às educadoras de infância, auxiliares de acção educativa e à responsável pelo sector da animação da Aldeia de São José de Alcalar, a colaboração dada aquando da realização das diferentes actividades.

Não posso esquecer o director da instituição que não colocou quaisquer entraves à implementação do projecto e aceitou ao meu pedido de me ausentar um mês do meu local de trabalho, no sentido de conseguir escrever a presente dissertação e assim entregá-la no prazo estipulado.

Agradeço ao meu orientador – professor António Fragoso – todo o apoio e disponibilidade, prestados na realização desta dissertação.

À minha família e namorado agradeço todo o apoio que me deram no sentido de continuar com o mestrado, não me deixando desistir nos momentos de maior desânimo.

Agradeço ainda a todos os meus amigos que sempre acreditaram em mim, em especial á minha amiga Patrícia que me deu uma ajuda preciosa na fase de impressão do trabalho.

Obrigada a todos.

RESUMO

O envelhecimento da população é, como todos sabemos, uma realidade cada vez mais evidente nos dias que correm. Devido às mudanças que foram ocorrendo na nossa sociedade, nem todas as famílias têm possibilidades de cuidar dos seus idosos em casa. Por isso, muitos são os idosos que recorrem a instituições devido a fracos suportes familiares, a dificuldades a nível económico ou a problemas de saúde. Embora o ingresso numa instituição não signifique necessariamente a quebra de laços com a família, a realidade é que infelizmente, nos dias de hoje, é muito frequente o afastamento dos familiares após a institucionalização do idoso. Este afastamento vem, de certo modo, contribuir para que os idosos institucionalizados tenham poucas oportunidades de conviver com as gerações mais novas e, conseqüentemente, com as crianças dos nossos dias. Quanto às crianças, nem todas têm a oportunidade de conviver com os seus avós e assim ter um contacto mais próximo com os mais velhos. Daí a necessidade crescente de desenvolver iniciativas ou projectos que promovam o relacionamento dos mais velhos com os mais novos, os quais tendem a distanciar-se, cada vez mais, na sociedade actual.

Na presente dissertação é apresentado um projecto de actividades intergeracionais, o qual está a ser posto em prática na Aldeia de São José de Alcalar com os idosos institucionalizados em lar e as crianças das salas dos 4 e 5 anos de idades que frequentam a valência de jardim de infância desta Instituição Particular de Solidariedade Social. Deste modo, nas próximas páginas são apresentadas as actividades desenvolvidas durante uma primeira fase do projecto, bem como a avaliação das mesmas. Para além disto, a leitura da presente dissertação permitirá ao leitor perceber a forma como decorreu todo o processo de investigação e implementação desta primeira fase do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”.

ABSTRACT

It is clear that nowadays the population is getting older. Due to the changes that have occurred in our society, not all families have the possibility to look after the elderly at home. So a large number of older people have to seek help from institutions as a result of lack of family support, money and health problems. Even though entering an institution does not necessarily mean that the family ties will be broken. The reality shows that unfortunately it happens very often. This separation is one of the reasons why the elderly have few opportunities to socialize with the younger generations and, thus, with children. Consequently a lot of children miss the opportunity to spend time with their grandparents and the old. The fact that the old and the young tend to be more and more apart justifies the need to develop projects to promote the relationship between generations.

This dissertation presents a project of intergenerational activities which is being developed in *Aldeia de São José de Alcalar* with the institutionalized old persons and the four/five-year- old children who attend the kindergarten of the institution (*Instituição Particular de Solidariedade Social*). Thus the next pages report the activities developed during the first stage of the project as well as their evaluation. Besides, the present dissertation will allow the reader to understand the way the whole process of investigation and the execution of this first stage occurred.

PALAVRAS-CHAVE:

Intergeracionalidade; Animação Socioeducativa; Gerontologia; Envelhecimento;
Projecto; Gerações; Investigação-acção.

KEY WORDS:

Intergenerational; Socioeducational entertainment; Gerontology; Ageing; Project;
Generations; Investigation-action.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL	v
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES	vii
ÍNDICE DE GRÁFICOS	vii
ÍNDICE DE TABELAS	vii
INTRODUÇÃO.....	1
Introdução.....	2
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
1. Enquadramento teórico.....	8
1.1. O conceito de envelhecimento e a importância da Gerontologia	8
1.2. O idoso institucionalizado	11
1.3. Adversidades da velhice	14
1.3.1. O idoso dependente	15
1.3.2. A importância da actividade física / movimento na pessoa idosa.....	17
1.3.3. As perdas de memória, de audição e percepção da linguagem	18
1.4. Animação socio-educativa.....	20
1.5. Geração e relação intergeracional.....	23
CAPÍTULO II: METODOLOGIA	28
2. Metodologia.....	29
2.1. Contexto da investigação.....	29
2.1.1. Breve caracterização da freguesia da Mexilhoeira Grande	29
2.1.2. Caracterização da instituição	31
2.2. A investigação qualitativa	37
2.3. Método: a investigação-acção	38
2.4. “O projecto”	43
2.4.1. Objectivos.....	44
2.4.2. Participantes	45
2.4.3. Especificação operacional das actividades desenvolvidas e sua calendarização	45
2.4.4. Determinação dos recursos necessários.....	49
2.4.5. Factores externos condicionantes ou pré-requisitos para alcançar os efeitos e o impacto do projecto	50
2.5. Técnicas de recolha de informação	50

2.5.1. Observação directa participante	51
2.5.2. Entrevistas e conversas informais	52
2.5.3. Pesquisa documental e bibliográfica	53
2.5.4. Diário de campo	54
2.5.5. Questionários	54
2.5.6. Registos fotográfico e em vídeo	55
2.5.7. Entrevistas semi-directivas	56
2.6. Desenvolvimento do processo de investigação	57
2.6.1. Desenvolvimento da análise de conteúdo.....	63
CAPÍTULO III: RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO PROJECTO	67
3. Avaliação.....	68
3.1. Resultados da aplicação do projecto.....	69
3.1.1. Hora do conto	70
3.1.2. Ginástica	75
3.1.3. Lanche	80
3.1.4. Trabalhos manuais.....	82
3.1.5. Visita das crianças do A.T.L.	87
3.1.6. Jogos tradicionais	88
3.1.7. Desfile de moda – duas gerações – festa de aniversário da Aldeia de São José de Alcalar.....	93
3.1.8. Exposição final	94
CAPÍTULO IV: CONCLUSÕES E REFLEXÕES CRÍTICAS	97
4. Conclusões e Reflexões Críticas	98
Referências Bibliográficas.....	110
ANEXOS	115
Anexo n.º 1: Dados estatísticos	116
Anexo n.º 2: Planta e fotografias da Aldeia de São José de Alcalar	128
Anexo n.º 3: Entrevistas informais	139
Anexo n.º 4: Dados relativos aos idosos directamente envolvidos no projecto.....	146
Anexo n.º 5: Notas de campo relativas à actividade: Hora do conto.....	148
Anexo n.º 6: Histórias lidas pelos idosos na hora do conto.....	173
Anexo n.º 7: Mapas de presenças dos idosos nas várias actividades desenvolvidas....	177
Anexo n.º 8: Exemplar do questionário de avaliação das actividades.....	182

Anexo n.º 9: Grelha de entrevista semi-directiva / Transcrições das entrevistas realizadas	186
Anexo n.º 10: Avaliações feitas pelas crianças	206
Anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo	209
Anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.....	252

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Mapa do concelho de Portimão	30
Ilustração 2 - Fotografia aérea da Aldeia de São José de Alcalar	34

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - População residente, na freguesia da Mexilhoeira Grande, segundo os grupos etários (2001)	30
---	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma de actividades	48
Tabela 2 – Recursos	49

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O presente projecto surge no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social, da Escola Superior de Educação e da Escola Superior de Saúde de Faro, da Universidade do Algarve.

“Avós e Netos – Duas Gerações Unidas” é a denominação do projecto de relações intergeracionais desenvolvido entre os idosos da Aldeia de São José de Alcalar e as crianças do Jardim Infantil.

Antes da implementação do presente projecto, importa salientar, que foi feito um diagnóstico da situação, de modo a tentar perceber qual o tipo de projecto que mais se adequaria para a realidade em questão. Este diagnóstico teve como base as observações diárias que fui fazendo ao longo do tempo, enquanto técnica superior de educação intervenção comunitária, no meu local de trabalho. Estas observações fizeram com que me apercebesse de que idosos e crianças, apesar de se encontrarem num mesmo espaço físico apenas conviviam em ocasiões pontuais, não interagindo directamente. Verifiquei ainda que ao passarem pelos idosos as crianças tinham a capacidade de contagiá-los com a sua alegria. Para além disto, nesta fase de diagnóstico foram feitas algumas entrevistas informais, nomeadamente com o director da instituição, as educadoras de infância e a educadora social (responsável pelo sector de animação da valência de lar de idosos). Foi também nesta fase que iniciei a pesquisa bibliográfica sobre a temática central do projecto – as relações intergeracionais – e alguns assuntos a ela associados.

A escolha desta temática e de um projecto desta natureza prendeu-se assim com o facto das crianças do Jardim Infantil e dos idosos da Aldeia de São José de Alcalar se encontrarem num mesmo espaço, o que facilitava a realização de actividades intergeracionais. Logo, a ideia de criar um projecto que visasse o desenvolvimento de actividades de carácter intergeracional surgiu não só como forma de ocupar os idosos e as crianças, mas também com o objectivo de incentivar o convívio e a troca de experiências e saberes entre estas duas gerações.

Para além de se tentar estimular a valorização dos idosos, pretendia-se que as crianças aprendessem a conviver com as pessoas mais velhas e as encarassem como amigas. Os idosos podem ensinar as crianças e, simultaneamente, ser apoiados e animados por estas. Sousa vem, justamente, reforçar a ideia da importância de fomentar o relacionamento entre as diferentes gerações:

No plano relacional, e das vantagens do contacto intergeracional envolvendo avós e netos, importa constatar que o bem-estar psicológico, a qualidade de vida, o nível de satisfação com a vida e a saúde percebida pelos avós, são positivamente afectados pela relação com os netos. As duas gerações influenciam-se e educam-se mutuamente. No contacto com os netos, os avós encontram um sentimento de continuidade e de esperança; um sentido para a própria existência; uma felicidade indiscreto; uma troca de afectos, de saberes e de experiências. (Sousa, s.d., para. 11)¹

Por outro lado, embora o jardim-de-infância e a valência de lar da Aldeia de São José de Alcalar pertençam à mesma instituição, estas duas valências até agora têm estado, na minha opinião, distanciadas uma da outra.

O aumento da interacção entre crianças e idosos contribuirá, eventualmente, para uma valorização das experiências dos idosos e para a criação de um sentimento de respeito e amizade das crianças relativamente aos mesmos e vice-versa. Tudo isto contribuirá para que estas duas valências do Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande se aproximem mais, passando a desenvolver mais actividades conjuntas tendo em conta as relações intergeracionais.

Não nos podemos esquecer também que os idosos acabam, muitas vezes, por assumir o papel de educadores informais das camadas mais jovens. “Muita desta educação informal é implícita, feita de pequenos gestos, essencial para uma suave apresentação do mundo” (Sampaio, 2008, p. 83). A esta educação informal encontra-se geralmente interligada a educação para os valores. Assim, os idosos ao interagirem com as crianças podem transmitir-lhes alguns valores e, deste modo, acabam por contribuir, ainda que indirectamente, para a sua socialização. Este é um aspecto bastante importante nos dias que correm uma vez que, de acordo com Barros, “. . . as crianças já não são predominantemente socializadas na família. Hoje saem muito pequenas para as creches, os jardins-de-infância, estão entregues a outros interlocutores e aos meios de comunicação” (citado em Sampaio, 2008, p. 209). Assim, a educação informal e a educação para os valores acabam por estar implicitamente presentes nas actividades do projecto.

¹ Site: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/artigo2775.html>, da responsabilidade do Portal do Envelhecimento, acedido a 12 de Dezembro de 2008, pelas 17h15.

Uma vez apresentado o projecto, a finalidade do mesmo e justificada a escolha do tema em questão interessa apresentar ao leitor a presente dissertação. Deste modo, passarei de seguida a fazer uma breve apresentação dos diversos capítulos que constituem o presente trabalho, bem como do conteúdo de cada um deles. Esta dissertação é constituída por 4 capítulos distintos: o enquadramento teórico, a metodologia, os resultados da aplicação do projecto e as conclusões e reflexões críticas.

No primeiro capítulo são apresentados alguns conceitos relacionados directamente com a temática da investigação, tendo como base a bibliografia disponível. Estes temas constituem assim o enquadramento teórico do projecto em questão. Entre eles abordamos o conceito de envelhecimento e a importância da gerontologia, uma vez que o projecto não poderia ser desenvolvido sem a participação dos idosos, os quais se encontram institucionalizados. Por isso, torna-se também fundamental falar um pouco da realidade dos idosos institucionalizados e dos factores que levam os idosos dos nossos dias a optar pelo ingresso em instituições. Por vezes, esta opção pela institucionalização pode estar relacionada com algumas adversidades que possam vir a surgir na vida da pessoa idosa. Quando se fala em adversidades da velhice, fala-se de problemas que surgem com o avançar da idade e que acabam por influenciar a vida do idoso relativamente à prossecução de determinadas tarefas. Estas tarefas passam por actividades da vida diária e podem englobar algumas actividades de animação socio-educativa, inclusivamente actividades de carácter intergeracional. Assim, dentro das adversidades da velhice falar-se-á do idoso dependente, da importância da actividade física/movimento na pessoa idosa e das perdas de memória, audição e de percepção da linguagem. Falar-se-á ainda da animação socio-educativa, visto as actividades desenvolvidas se enquadrarem perfeitamente neste tipo de animação. Como não poderia deixar de ser, e visto que o projecto em questão é constituído por actividades intergeracionais, importa falar um pouco sobre a temática central do mesmo – as relações intergeracionais.

Uma vez apresentado o enquadramento teórico, segue-se o capítulo referente às questões metodológicas, o qual é bastante complexo. Neste segundo capítulo é apresentado o contexto da investigação, através de uma breve caracterização da freguesia da Mexilhoeira Grande e da caracterização da instituição onde foi desenvolvida esta primeira fase de implementação do projecto. Antes de apresentar o projecto desenvolvido, é abordada a investigação qualitativa a qual se encontra, de certa forma, ligada ao método de investigação-acção, utilizado durante o processo de

investigação e ao longo da implementação do projecto. Uma vez que este se trata de um projecto de investigação-acção importa apresentá-lo neste mesmo capítulo. Deste modo, o projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas” é apresentado tendo em conta os seus objectivos, os participantes, a especificação operacional das actividades desenvolvidas e sua calendarização, bem como a determinação dos recursos necessários e factores externos condicionantes ou pré-requisitos para alcançar os efeitos e o impacto do projecto.

Ao longo desta primeira fase de implementação do projecto foi necessário recolher informação de modo a possibilitar uma avaliação processual e final do mesmo. Deste modo, foram utilizadas diversas técnicas de recolha de informação, nomeadamente: observação directa participante, entrevistas e conversas informais, pesquisa documental e bibliográfica, diário de campo, questionários, registos fotográfico e em vídeo e entrevistas semi-directivas. Estas técnicas são primeiramente apresentadas tendo em conta a perspectiva de vários autores, seguindo-se um ponto relativo ao desenvolvimento do processo de investigação onde é explicado de que forma estas foram utilizadas durante o decorrer de todo o processo, o que possibilita perceber de que forma se foi desenrolando toda a investigação. Uma vez feita a recolha da informação foi necessário analisá-la, logo há que abordar a análise de conteúdo e o modo como esta foi feita.

Já no terceiro capítulo, após uma breve abordagem ao conceito de avaliação, são apresentados os resultados da aplicação do projecto. Estes são apresentados tendo em conta cada actividade em particular, bem como as opiniões de: idosos, crianças, educadoras de infância, auxiliares de acção educativa, educadora social, professora de ginástica² e as minhas, enquanto promotora e coordenadora do projecto em questão.

Para finalizar a dissertação, temos uma última parte que consiste nas conclusões e reflexões críticas, referentes à avaliação desta primeira fase de implementação do projecto apresentado. Aqui serão lembrados os objectivos que se propôs alcançar e reflectir-se-á acerca de cada um deles e da forma como estes foram, ou não, alcançados. Para além disso, serão realçadas as ideias principais de toda a dissertação, sendo feita uma espécie de avaliação geral do processo, identificando-se aspectos positivos e negativos. Neste último capítulo serão também levantadas questões e apontadas novas

² Ao longo de toda a dissertação a professora, cedida pela Câmara Municipal de Portimão, é designada por professora de ginástica e não por professora de educação física. Adoptei esta terminologia, uma vez que é desta forma que os idosos a tratam.

pistas para o desenvolvimento de uma nova fase de implementação do projecto em causa, dado que estamos a falar de um processo de investigação-acção.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. O conceito de envelhecimento e a importância da Gerontologia

O acentuado envelhecimento demográfico da população portuguesa juntamente com o declínio da natalidade, que se tem vindo a verificar ao longo dos últimos anos, tem contribuído para que a velhice e o conceito de envelhecimento assumam uma maior importância na sociedade portuguesa actual, implicando uma maior reflexão acerca desta temática. Andrade (2002) vem reforçar esta ideia ao afirmar que “a transformação social que as estatísticas demográficas tornam irrecusável tem provocado um aumento de interesse pelas questões relacionadas com os idosos” (p. 23). De acordo com o Departamento de Estatísticas Censitárias e da População do INE “. . . o ritmo de crescimento da população idosa é quatro vezes superior ao da população jovem” (2002, p. 188). Em 2008, a população portuguesa com 65 e mais anos atingia um total de 1 874 209 habitantes, sendo o grupo etário entre os 25 e os 64 anos bastante mais numeroso, com um total de 5 922 990 habitantes³. Ao analisar estes dados, facilmente se conclui que daqui a alguns anos a população portuguesa será constituída maioritariamente por idosos. As baixas taxas de natalidade e mortalidade que se têm verificado também vêm reforçar esta tendência. Curiosamente, no ano de 2008, em Portugal, tanto a taxa de natalidade como a de mortalidade atingiram o mesmo valor⁴.

O envelhecimento é, tal como o desenvolvimento, um conjunto de fenómenos dinâmicos que evoca transformações do organismo de natureza biológica e/ou psicológica em função do tempo. Por envelhecimento podem também ser designadas todas as modificações morfológicas, fisiológicas, psicológicas e sociais consecutivas à acção do tempo no organismo. "Torna-se assim evidente que o envelhecimento não é uma doença: vive-se, logo envelhece-se" (Fernandes, 2000, p.21).

Jacob (2001) distingue os conceitos de envelhecimento e velhice afirmando que “. . . se o envelhecimento começa assim que somos gerados, a velhice ou os seus sinais e sintomas físicos e mentais só se manifestam de forma clara a partir de determinada idade” (para. 6)⁵.

Segundo Barata (2003) “o envelhecimento caracteriza-se por um conjunto de processos involutivos e degenerativos que se repercutem nos diversos sistemas e órgãos do corpo, originando a manifestação de doenças . . . ” (pp.168-9). Enquanto que, de

³ Ver anexo n.º 1: Dados estatísticos.

⁴ Ibid.

⁵ Site: <http://www.socialgest.pt/gerontologia.htm>, da responsabilidade de Luís Jacob, acessido a 05 de Abril de 2006, pelas 20h00.

acordo com a Direcção-Geral de Saúde (2006), “. . . o envelhecimento humano pode ser definido como o processo de mudança progressivo da estrutura biológica, psicológica e social dos indivíduos que, iniciando-se mesmo antes do nascimento, se desenvolve ao longo da vida” (p. 5).

Spar e La Rue (2005), por sua vez, afirmam que “as alterações biológicas e psicológicas devidas ao envelhecimento ocorrem habitualmente de forma gradual, ao longo de anos ou décadas, e, em consequência, não existe uma idade determinada em que as pessoas possam ser consideradas velhas” (p. 36). Um indivíduo pode ser velho fisicamente e bastante jovem psicológica e socialmente, o que vem demonstrar que as pessoas tendem a envelhecer mais rapidamente nalgumas dimensões (Spar & La Rue, 2005). Deste modo, pode dizer-se que nem todas as pessoas envelhecem exactamente da mesma forma e com a mesma rapidez. Paúl (1997) apresenta três tipos de idades, para além da idade cronológica dos indivíduos:

1) a idade biológica, medida pelas capacidades funcionais ou vitais e pelo limite de vida dos sistemas orgânicos, que vão perdendo a sua capacidade adaptativa e de auto-regulação, 2) a idade social, que se refere aos papéis e hábitos que o indivíduo assume na sociedade, e na medida em que mostra os comportamentos esperados pela sua cultura, num processo dinâmico de envelhecimento e, finalmente, 3) a idade psicológica, que se refere às capacidades comportamentais do indivíduo em se adaptar ao meio. (p. 12)

Tendo em conta os diferentes autores acima referenciados, pode dizer-se que o envelhecimento é um processo pelo qual todos os indivíduos terão de passar obrigatoriamente. Este pode ocorrer de forma mais acelerada nuns indivíduos e de forma mais lenta noutros, dependendo das características dos sujeitos e das dimensões do próprio envelhecimento (biológico; social; psicológico). “A velhice faz parte da idade adulta, na sua fase mais avançada, englobando diferentes momentos dessa fase” (Andrade, 2002, p. 27). Como todos sabemos, e de acordo com palavras da autora, a idade cronológica não se apresenta do mesmo modo e com as mesmas características em todos os indivíduos. Uma pessoa pode aparentar ser bastante jovem, enquanto que outra exactamente com a mesma idade pode apresentar-se já bastante envelhecida (Andrade, 2002).

O termo idoso é aplicado a nível institucional e estatal, no ocidente, aos maiores de 65 anos, sendo que nos países orientais (ex.: China ou Índia) a idade de referência para o idoso são os 60 anos, dado que a esperança média de vida é menor. (Jacob, 2001, para. 2)⁶

Importa salientar que, devido aos avanços dos cuidados de saúde e da melhoria da qualidade de vida das populações, a esperança média de vida tem vindo a aumentar, contribuindo assim para um aumento significativo do número de idosos. Tem vindo também a verificar-se um acréscimo do número de indivíduos cuja idade já é bastante avançada e cujas capacidades já se encontram muito debilitadas. «Deste modo surgiu a necessidade de criar um novo termo para designar a pessoa já no limiar das suas capacidades, daí a emergência do termo “quarta idade” ou “grandes idosos”» (Ibid., para. 7)⁷.

. . . À semelhança do que ocorre com a população em geral, pode constatar-se um envelhecimento da própria população idosa, a residir em convivências, ou seja, um aumento da proporção dos mais idosos, sobretudo a população a partir dos 85 anos, e, especialmente, em instituições de apoio social e de saúde, facto que não se pode dissociar da maior dependência física e/ou psicológica ou necessidade de cuidados específicos, subjacentes a este grupo populacional. (Gonçalves, 2003, p. 50)

A Direcção-Geral de Saúde (2006) diz-nos que “envelhecer com saúde, autonomia e independência, o mais tempo possível, constitui, assim, hoje, um desafio à responsabilidade individual e colectiva . . .” (p.5), vindo assim reforçar a importância que a Gerontologia tem vindo a ganhar, cada vez mais, nos nossos dias.

A gerontologia é uma disciplina viva e dinâmica e os cuidados a este nível não se improvisam. Eles apoiam-se não só em técnicas precisas, como se desenrolam num contexto de reciprocidade e de comunicação

⁶ Site: <http://www.socialgest.pt/gerontologia.htm>, da responsabilidade de Luís Jacob, acessido a 05 de Abril de 2006, pelas 20h00.

⁷ Ibid.

única entre a pessoa que cuida e a pessoa idosa. É o saber-fazer que conduz ao saber-ser. (Berger, 1997, p. 11)

Torna-se cada vez mais necessário deixar de associar o envelhecimento ao declínio, a doenças e a incapacidades físicas e psicológicas. É fundamental passar a encará-lo tendo em conta e valorizando as suas componentes biológicas, psicológicas e sociais, para que possamos caminhar em direcção a um envelhecimento bem-sucedido (Fonseca, 2005). De acordo com Fontaine (2000) para um envelhecimento bem-sucedido é necessário que a pessoa idosa reúna três condições:

A primeira é a reduzida probabilidade de doenças, em especial as que causam perdas de autonomia. A segunda consiste na manutenção de um elevado nível funcional nos planos cognitivo e físico, o que por vezes se denomina velhice óptima. A terceira é a conservação de empenhamento social e bem-estar subjectivo.

Estes três tipos de condições reúnem-se em proporções variáveis, de acordo com as diferentes influências de desenvolvimento que os indivíduos sofreram durante a vida. (Ibid., pp. 147-8)

A este respeito, Fonseca (2005) diz-nos, tendo como base Baltes e Carstensen (1996), que o envelhecimento bem-sucedido passa pela adaptação do próprio idoso às perdas que vão surgindo com o avançar da idade, sendo também influenciado pelos estilos de vida que possa vir a escolher ao longo do seu percurso. Assim, convém que estas escolhas tenham em vista a manutenção da integridade física e mental da pessoa idosa.

1.2. O idoso institucionalizado

No seguimento do que foi falado no ponto anterior, Lopes (2006) diz-nos que “. . . na nossa cultura, a terceira idade aparece designada como *os velhos*, designação muito pejorativa que, vulgarmente, se associa àquilo que é antigo, retrógado, ultrapassado” (p. 335). Torna-se, por isso, cada vez mais urgente para a sociedade actual “entender que o envelhecimento não pode ser encarado como uma doença. O idoso não é um ser fraco, incapacitado, isolado e senil. Estas imagens são negativas e não raramente deprimentes,

insistindo em estereótipos que sugerem uma exclusão social” (Carvalho & Mota, 2002, p. 16).

E o que acontece, geralmente, aos *velhos* da nossa sociedade?

«Encontramo-nos hoje inseridos numa sociedade que não foi concebida para o ancião e onde se perderam hábitos sociais e familiares de cuidar e estimar o “avô” ou a “avó”» (Jacob, 2001, para. 10)⁸. Segundo o mesmo autor (2008), “perante o envelhecimento progressivo da população, a sociedade civil e o Estado têm vindo a organizar-se e a criar condições para acolher um número crescente de idosos” (p. 15).

Cada vez mais, nos dias que correm, as famílias recorrem às instituições para que estas assumam o papel de cuidadoras dos seus familiares idosos. “Considera-se haver institucionalização do idoso quando este está durante todo o dia ou parte dele entregue aos cuidados de uma instituição que não a sua família” (Ibid., p. 16). Isto acontece, ou porque o idoso é considerado um “fardo” para a própria família ou por falta de condições e/ou disponibilidade dos familiares para o acolherem em sua casa e lhe prestarem os cuidados de que ele necessita. “A institucionalização ocorre geralmente na sequência da incapacidade funcional, combinada com a ausência ou insuficiência de apoios sociais” (Paúl, 1997, p. 29). “Este serviço pode ser prestado de forma permanente (lares, hospitais e residências) ou parcial (centros de dia, centros de convívio, universidades ou academias para a terceira idade)” (Jacob, 2007, p. 16).

Segundo Pol, Valera e Vidal (1999),

Por um lado, o impacto da institucionalização pode ser traumático ou não em função da sua significação simbólica para o sujeito. Por outro lado, uma deslocalização ou uma mudança de ambiente requer uma capacidade de adaptação considerável, porque um novo ambiente exige novas referências espaciais simbólicas (Pol, 1996; Pol y Moreno, 1992) e novos padrões de conduta e estilos de vida. (p. 328)

O *Manual de Boas Práticas* vem concordar com os autores supra citados ao referir que

⁸ Site: <http://www.socialgest.pt/gerontologia.htm>, da responsabilidade de Luís Jacob, acessido a 05 de Abril de 2006, pelas 20h00.

Tomar a decisão e entrar para uma estrutura residencial é uma grande mudança na vida de uma pessoa. Com ela vem, quase sempre, a separação do meio familiar, obrigando a pessoa idosa a adaptar-se a um novo ambiente. É, pois, um acto de grande impacto emocional, que representa muitas vezes uma ruptura em relação à vida e aos hábitos anteriores. (Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social & CID – Crianças, Idosos e Deficientes – Cidadania, Instituições e Direitos, 2005, p. 39)

Desta forma, é muito importante que o idoso ao ingressar numa instituição o faça de sua livre vontade. A sua adaptação ao meio será, certamente, mais rápida que a de um idoso institucionalizado contra sua vontade ou que tenha sido pressionado pelos seus familiares até tomar essa decisão. Uma fácil integração contribuirá, na maioria dos casos, para um maior nível de participação nas actividades que lhe são propostas e, conseqüentemente, para a manutenção de uma boa qualidade de vida.

É função das Instituições Particulares de Solidariedade Social, nomeadamente daquelas que trabalham directamente com idosos, contribuir para um envelhecimento bem sucedido e para uma, conseqüente, melhoria da qualidade de vida e do bem-estar dos mais velhos. Este contributo para uma melhoria da qualidade de vida dos idosos institucionalizados passa pelo desenvolvimento de um leque de actividades de animação ou outras em que o idoso seja chamado e motivado a participar, sentindo-se útil e mantendo o seu tempo ocupado. Deste modo, é cada vez mais urgente combater a imagem de que os idosos estão nos lares de terceira idade esperando a morte, apáticos, não mostrando interesse por fazer o que quer que seja (Andrade, 2002).

Por outro lado, “o número de pessoas que afluem às instituições, por sofrerem de incapacidade físicas ou psíquicas, têm levado residências e centros hospitalares a reclamarem, cada vez mais, não só um modelo de intervenção assistencial, mas também um modelo educativo” (Lopes, 2006, p. 330). Lares e centros de dia têm o dever de promover, junto dos seus utentes, um conjunto de actividades e de acções de cariz cultural, recreativo, social, educativo (Ibid.). Estas actividades e acções devem, de alguma forma, ir de encontro às necessidades dos idosos institucionalizados contribuindo assim para uma gradual melhoria da sua qualidade de vida. Jacob vem reforçar esta ideia ao afirmar que

Na maioria dos lares para idosos, a vida destes é bastante pobre no que respeita a acontecimentos de vida, pelo que uma das funções do animador ou das ajudantes de lar passa pela elaboração e realização de programas de intervenção com o objectivo de melhorar a qualidade de vida dos idosos institucionalizados. (2007, p. 36)

Não nos podemos esquecer que o idoso, apesar de institucionalizado, tem potencialidades que podem e devem ser exploradas. Como tal,

Acreditar no potencial do idoso, investir nele, usar do tempo necessário, estabelecer uma parceria são os elementos indicadores de uma abordagem global e humanista em gerontologia. Esta abordagem permite à pessoa que cuida encontrar uma gratificação real no seu trabalho, porque é investindo no futuro das PI⁹ que atingimos «o envelhecer em conjunto harmoniosamente». (Berger, 1997, p. 11)

Afinal, todos nós estamos em constante processo de envelhecimento e não nos podemos esquecer que seremos os idosos de amanhã.

1.3. Adversidades da velhice

Como é do conhecimento global, ao aumento da esperança média de vida associa-se o risco de adquirir mais doenças, o que implica necessariamente um maior recurso aos serviços de saúde (Paúl & Fonseca, 2005). Deste modo, torna-se pertinente abordar, ainda que de forma breve, alguns dos problemas que afectam os idosos dos nossos dias e que, directa ou indirectamente, acabam por influenciar o seu dia-a-dia. Segundo Silva,

Ter acesso a informação sobre o processo de envelhecimento, reconhecendo que nem tudo são perdas e que há capacidades que poderão manter ou melhorar o seu desempenho, torna-se relevante para que o indivíduo se sinta útil ao grupo em que está inserido, tenha prazer no

⁹ O autor, no texto original, utiliza “PI” para designar pessoas idosas.

exercício competente de actividades e procure situações em que possa ser estimulado. (2005, p. 152)

1.3.1. O idoso dependente

Apesar disso, Paúl refere que “se a saúde física não é, por si só, condição de felicidade, a sua ausência provoca sofrimento e quebra no bem-estar, através de interacções complexas, directas e indirectas com outros factores da qualidade de vida” (2005, p. 37). Como é do conhecimento geral, muitos dos nossos idosos vão ficando dependentes com o avançar da idade, uns de forma mais rápida, outros de forma mais lenta, dependendo de múltiplos factores que caracterizam os diferentes indivíduos. Por pessoa dependente, pode entender-se “a pessoa que por razões ligadas à perda de autonomia física, psíquica ou intelectual tem necessidade de uma ajuda importante a fim de realizar necessidades específicas resultantes da realização das actividades da vida diária” (Amaral & Vicente, 2000, citado em Imaginário, 2008, p. 43). Algumas doenças podem contribuir para que o idoso se isole e se distancie da sociedade na qual se encontra inserido, ficando, por vezes, à margem da mesma. Por outro lado, a perda progressiva de mobilidade e autonomia afecta os movimentos dos mais velhos, condicionando as suas actividades da vida diária, bem como a realização de outras actividades.

É lógico pensar que a dependência dos idosos se deve a um declínio físico, no entanto, factores psicológicos e socio-ambientais são responsáveis em alguns idosos pelo declínio da sua capacidade funcional. Concluimos que uma parte substancial das incapacidades estão associadas a doenças e outras a circunstâncias físicas e ainda às contextuais, quanto a estes últimos tem a ver com o ambiente físico, atitudes e condutas das pessoas próximas ao idoso. (Imaginário, 2008, pp. 44-45)

Assim, para além das doenças, existem também outras questões que têm bastante influência na vida do idoso.

“Ao longo do ciclo de vida, as redes sociais dos indivíduos mudam com os contextos familiares, de trabalho, de vizinhança, entre outros. Acontecimentos como a reforma ou a mudança de residência alteram profundamente esta rede” (Paúl, 2005, p.

37). O distanciamento por parte dos familiares que, infelizmente, muitas vezes, se verifica com o ingresso da pessoa idosa na instituição e o sentimento de perda associado ao facto de deixarem para trás as suas casas onde viveram toda uma vida, afecta bastante a adaptação do idoso ao lar e, conseqüentemente, o seu nível de participação nas diversas actividades que lhe são propostas.

Idoso não é necessariamente sinónimo de sedentário.

Redes sociais de apoio devem ser criadas no sentido de facilitar a integração do idoso. A educação para um novo período de vida e a aceitação da necessidade de assegurar novos estilos de vida face à nova situação, como alternativa ao trabalho e à participação em grupos sócio-recreativos (Carvalho & Mota, 2002, p. 16).

De acordo com Andrade (2002) “se o idoso conseguir manter a sua vitalidade, pode conseguir continuar envolvido na vida social, fazendo de si um exemplo de sabedoria e grandeza para os outros” (p. 26). Daí a necessidade de conhecer, um pouco mais de perto estes problemas, cada vez mais frequentes nos idosos dos nossos dias, para que melhor possamos caminhar tendo em vista um envelhecimento activo. A Organização Mundial de Saúde (2002) diz-nos que o envelhecimento activo

Consiste em viver e envelhecer com optimização de oportunidades que proporcionem saúde, participação e segurança, de modo a que se tenha qualidade de vida e bem-estar. Em termos de conduta isto representa a opção por estilos de vida saudáveis, incluindo a manutenção de actividade física, a participação em actividades de natureza social, económica, cultural, espiritual e/ou cívica, e, eventualmente, o prolongamento de actividade laboral de acordo com interesses e capacidades pessoais. (Botelho, 2005, p. 112)

1.3.2. A importância da actividade física / movimento na pessoa idosa

Tudo indica que a actividade física é benéfica para a manutenção ou obtenção de uma boa saúde.

. . . quando falamos da actividade/aptidão física no idoso, estamos a falar da sua funcionalidade e, por consequência, da sua autonomia e independência. O nível de independência ou de qualidade de vida dos idosos está dependente da sua capacidade de concretizar as suas tarefas quotidianas. (Cunningham & col., 1993, citado em Carvalho & Mota, 2002, p.12)

Na realidade, a prática da actividade física deve ser considerada com uma das melhores formas de prevenção das doenças típicas desta idade (problemas cardiovasculares, respiratórios, locomotores). Contudo, não deixa de possuir uma dimensão terapêutica nalguns casos. Barata (2003) refere que "com a actividade física, muitas vezes não é tanto a doença que melhora, mas sobretudo o doente, ou seja, as suas limitações funcionais devidas à doença de que padece. Numa palavra ganha melhor qualidade de vida" (p.169). Por outro lado, o mesmo autor afirma que o sedentarismo adoptado pelos indivíduos ao longo dos anos é um dos grandes responsáveis pelo declínio das capacidades físicas do idoso (Ibid). Segundo Abric e Dotte, "grande número de PI¹⁰ tornaram-se dependentes pela falta mas também pelo excesso de intervenções junto delas" (2002, p. 305). Esta ideia deixa clara a necessidade de promover e consciencializar para o movimento das pessoas, contrariando, assim, o sedentarismo não só dos mais jovens mas também da população idosa. "Não estamos a dizer que um idoso deve fazer os mesmos esforços dum jovem; estamos a afirmar é que ele necessita tanto ou mais do que o jovem numa actividade física adequada" (Barata, 2003, p. 39). Berger diz-nos, a respeito da importância do movimento na pessoa idosa, "mover-se é uma função essencial da vida, mesmo uma necessidade fundamental; o indivíduo que se move conserva não apenas uma melhor qualidade de vida, mas também a sua identidade social e a sua imagem corporal" (1997, p. 11).

¹⁰ Os autores, no texto original, utilizam "PI" para designar pessoas idosas.

Barata e Clara (s. d.) afirmam,

Todas as capacidades físicas são susceptíveis de melhorar nos idosos. A escolha de quais as capacidades a desenvolver deve privilegiar aquelas que estão mais associadas a ganhos de saúde, à capacidade de executar gestos do dia a dia, e de gerar bem-estar no idoso, quer orgânico, psicológico, quer mesmo de integração social. (p. 231)

Em resumo, “. . . a actividade física encerra vários objectivos ao nível físico, fisiológico, social e psicológico, que se resumem num objectivo principal que é a melhoria do bem-estar e da qualidade de vida da pessoa idosa” (Carvalho & Mota, 2002, p. 34).

1.3.3. As perdas de memória, de audição e percepção da linguagem

O processo de envelhecimento implica algumas perdas a diversos níveis, nomeadamente ao nível da memória, da audição e da percepção da linguagem. Ao nomear estas três, não quero dizer que as restantes perdas que se verificam no idoso, ao longo do seu processo de envelhecimento, tenham menos importância, muito pelo contrário. Contudo, parecem-me ser estas aquelas que sobressaem quando se trata de caracterizar os idosos implicados no projecto que deu origem a esta dissertação.

No que respeita às perdas de memória, estas não surgem apenas nos idosos, sendo frequente ouvir alguns adultos queixar-se de perdas de memória, designadas pelos especialistas por “queixas mnésicas” (Fontaine, 2000). De acordo com Fontaine a memória encontra-se ligada a todas as actividades que executamos no nosso dia-a-dia, daí a importância que esta assume na vida de cada um de nós, independentemente da idade que temos. “. . . Não existem provas de qualquer associação entre a extensão da queixa mnésica e um real défice de memória no idoso” (Ibid., p. 111). No entanto, o autor supracitado afirma que

. . . a estrutura mnésica se modifica permanentemente em função da idade e da experiência do indivíduo. Ela é uma construção permanente. A recordação é uma elaboração mental instável e não um depósito passivo. . . ela é falível, conforme testemunha o fenómeno do esquecimento . . . (Ibid., p. 112)

Assim, pode concluir-se que “certas actividades mnésicas são sensíveis à idade, ao passo que outras resistem ao envelhecimento” (Ibid., p. 129). Exemplo disso é o declínio da memória episódica “. . . comprovado pelo enfraquecimento da memória de trabalho e das actividades de recuperação na memória secundária” (Ibid., pp. 129-130). A este respeito, Spar e La Rue (2005) afirmam que “as diminuições da memória de trabalho, por sua vez, colocam limites a outras aptidões cognitivas complexas, incluindo o raciocínio e outros processos executivos, aprender e recordar informação nova” (p. 37).

Quanto às perdas de audição e de percepção da linguagem, pode dizer-se que estas se encontram interligadas uma vez que uma deficiente audição acaba por afectar, inevitavelmente, a percepção que o idoso terá da linguagem, o que por sua vez contribuirá para a “. . . diminuição da velocidade do processamento da informação e da resposta” (Ibid.).

De acordo com Salthouse (1996), “a lentificação da execução de componentes perceptuais e operações mentais pode afectar a atenção, a memória e a tomada de decisões, influenciando também o desempenho mesmo em tarefas que não têm requisitos de velocidade óbvios” (citado em Spar & La Rue, 2005, p. 37).

Segundo Fontaine,

. . . a audição é muito sensível ao efeito do envelhecimento. . . . O número de pessoas portadoras de próteses auditivas aumenta significativamente com a idade. Tal é provocado por uma degenerescência do aparelho auditivo e por dificuldades de audição chamadas *presbiacusia*¹¹. (2000, p. 68)

Por outro lado, a percepção da linguagem, nalguns idosos, pode começar por ter algumas falhas ligeiras que irão aumentando progressivamente com o avançar da idade e dos problemas auditivos que possam vir a surgir, podendo trazer consequências bastante negativas para a vida social da pessoa idosa. Sendo a percepção da linguagem

. . . uma necessidade social fundamental. O idoso, vítima de uma grave presbiacusia, tem tendência para viver num ambiente ruidoso. Ela

¹¹ Em itálico no original.

aumenta muito o som do aparelho de televisão ou de rádio, pede permanentemente às pessoas que a rodeiam que repitam o que dizem. Isto acaba por incomodar os que com ela convivem e é frequente observar nos idosos um fenómeno de retracção social. Eles não ouvem e não comunicam. (Fontaine, 2000, pp. 70-71)

Assim, podemos concluir que estas três perdas se encontram interligadas uma vez que se influenciam mutuamente, verificando-se um agravamento progressivo das mesmas com o avançar da idade dos indivíduos afectados.

1.4. Animação socio-educativa

A animação socio-educativa pode definir-se como uma forma de acção que implica o envolvimento dos indivíduos tendo em vista o seu próprio desenvolvimento e, conseqüentemente, a sua transformação pessoal e social, bem como a transformação da sociedade na qual se encontram inseridos. Esta acção visa sobretudo promover hábitos de participação, através da utilização de métodos e técnicas específicos, como são o caso das dinâmicas de grupo.

Segundo Lopes (2006),

Trata-se de um âmbito da Animação Sociocultural que possui uma grande tradição na história da Animação em Portugal. Surge no fim dos anos sessenta, num contexto de educação não formal e tende a uma educação global e permanente de carácter lúdico, criativo e participativo. (p. 384)

O autor supracitado diz-nos que “. . . as actividades assumem importância como processo de crescimento individual e grupal . . .” (Ibid., p. 387). A este respeito, parece-me pertinente citar Andrade – “Há um processo educativo que nos envolve a todos e que passa por uma revisão individual e social da forma de pensar o velho e a velhice” (2002, p. 28).

De acordo com Jacob (2007),

A animação representa um conjunto de passos com vista a facilitar o acesso a uma vida mais activa e mais criativa, à melhoria nas relações e na comunicação com os outros, para uma melhor participação na vida da comunidade de que se faz parte, desenvolvendo a personalidade do indivíduo e a sua autonomia. (p. 31)

No que respeita à animação de idosos, propriamente dita, o autor define-a como “. . . a maneira de actuar em todos os campos do desenvolvimento da qualidade de vida dos mais velhos, sendo um estímulo permanente da vida mental, física e afectiva da pessoa idosa (Ibid., p. 31). Ainda de acordo com o mesmo autor, “a animação incentiva os idosos a empreender certas actividades que contribuem para o seu desenvolvimento, dando-lhe o sentimento de pertencer a uma sociedade, para cuja evolução podem continuar a contribuir” (Ibid., p. 32). As actividades intergeracionais permitem aos idosos contribuir para a evolução da sociedade através dos valores e dos ensinamentos que são transmitidos às crianças, ainda que de forma indirecta. Ensinamentos estes que, de acordo com Lopes (2006), têm vindo a perder-se com o passar dos tempos. Segundo o autor, “. . . o facto de se ter dispensado o idoso do seu papel histórico de educador e de portador de várias sabedorias, a quem tudo era perguntado e de quem se esperava uma resposta vinda da aprendizagem da vida” (p. 335) tem contribuído bastante para a desvalorização e marginalização do idoso na sociedade dos nossos dias, bem como para a separação entre gerações. A animação pode perfeitamente ajudar a combater este fenómeno. Jacob diz-nos a este respeito que “. . . a animação em si deve ser intergeracional e não sectária” (2007, p. 31).

A terceira idade pode, de facto, assumir um elevado protagonismo, no contexto da Animação Sociocultural, sob a forma de:

- . animadores voluntários, junto de infantários e escolas do Ensino Básico, promovendo, junto das crianças, aprendizagens ligadas à vivência;
- . contadores de histórias provenientes da tradição oral popular;
-
- . preparadores das etapas vindouras da vida, junto da infância e da juventude. (Lopes, 2006, p. 337)

De acordo com Delorme,

A partir do momento em que as pessoas vivem em grupos, em bairros urbanos, em aldeias, em instituições diversas, produz-se animação no sentido em que se organizam e desenvolvem mecanismos de intercâmbio e de comunicação e em que alguns indivíduos se convertem especialmente em agentes facilitadores das manifestações sociais desta comunicação. (p. 27)

A animação desenvolve-se “. . . em dois tempos interdependentes e interactivos: reflexão-acção. No primeiro procura-se a compreensão da realidade; no segundo investe-se na sua transformação. . . . A reflexão ilumina e orienta a acção, a acção confirma e reforça a reflexão” (Trindade, 2001, p. 95).

Ainda relativamente ao facto da animação se desenvolver tendo em conta a reflexão-acção a ideia de Trindade é reforçada por Pérez Serrano (2001):

A investigação, numa perspectiva socioeducativa, é um processo sistemático de carácter social, no qual diversos grupos humanos transformam de maneira simultânea os conhecimentos que têm da realidade e as suas próprias formas de actuar relativamente à mesma. (p. 30)

Quando a autora se refere à investigação, refere-se certamente ao conceito de investigação-acção. Afinal, pode dizer-se que estas actividades de animação socioeducativa são desenvolvidas tendo em conta o processo de investigação-acção no qual se encontram inseridas. Este conceito será abordado na parte metodológica do presente estudo.

Cubero (1991) vem resumir a forma como deve ser encarada a actividade de animação para a pessoa idosa, segundo ele

A terceira idade procura na actividade de animação poder sentir-se útil, dar um novo sentido à sua vida. Digamo-lo em quatro palavras, o que o idoso necessita é de:

- participar;
- mover-se;
- actuar;
- sentir-se vivo.

Sobretudo o sentido último, por razões mais que evidentes para quem observa no horizonte o ocaso da sua vida. (citado em Lopes, 2006, p. 335)

1.5. Geração e relação intergeracional

Falemos agora do tema central deste projecto – as relações intergeracionais. De acordo com Pimentel (2001), “. . . as relações entre gerações serão potencialmente mais frequentes nos nossos dias, uma vez que o aumento da esperança de vida leva a que as famílias de quatro gerações se multipliquem . . .” (p. 93).

As relações intergeracionais estendem-se, actualmente, para fora do seio familiar não tendo por isso menos importância. “As Actividades Intergeracionais promovem a consciencialização e compreensão entre as gerações mais novas e as mais velhas, aumentando a auto-estima em ambas” (p. 1)¹².

À medida que a nossa sociedade se torna mais compartimentada, é importante que as pessoas mais velhas e mais novas tenham oportunidade de se encontrarem e de interagirem. Tudo isto facilita a transferência de competências, o intercâmbio de experiências e o enriquecimento mútuo dos mais velhos e dos mais novos. (Naves, 1998, p. 91)

De acordo com Andrade (2002)

Conhecendo as fases da vida posteriores àquela que se vive, preparamo-nos para elas e interagimos com elas de formas mais satisfatórias, não tendo ideias feitas, não reflectidas, não aprofundadas, que nos levam a afastar de nós aqueles que poderão ser, afinal, o espelho do que seremos. (p. 28)

¹² Site: <http://www.projectotio.net/site.php?Tipo=1&IDPag=6144>, da responsabilidade do Projecto Tio – Terceira Idade Online, acedido a 23 de Novembro de 2008, pelas 15h00.

Por outro lado, Fontaine (2000) diz-nos que “. . . os idosos e os jovens não pertencem à mesma geração (ou coorte) e nada prova que os jovens actuais venham a envelhecer da mesma forma que os idosos actuais” (p. 46). Jacob (2007), por sua vez, diz-nos a respeito das actividades intergeracionais,

Juntar crianças e idosos nem sempre é boa solução, correndo-se o risco de os resultados serem opostos aos esperados, dado que a mobilidade, os interesses, os ritmos e os objectivos são muito diferentes entre os mais e os menos jovens. Assim aconselhamos a fazer actividades pontuais, com grupos pequenos e de curta duração (uma hora), entre os diversos grupos etários, em detrimento de actividades longas. (p.40)

Isto não invalida a importância de promover a interacção entre novos e velhos, a qual deverá começar desde os nossos primeiros dias, de modo a que nos habituemos a conviver e a aprender com aqueles que muito têm para nos ensinar, os nossos antepassados – aqueles dos quais nós descendemos e que, tantas vezes, desvalorizamos.

“A interacção entre crianças e idosos é muitas vezes prazerosa e enriquecedora para ambos, e a compreensão do que está envolvido nesse processo é ainda pouco explorada na Psicologia” (Brandão, Smith, Sperb & Parente, 2006, p. 2).

“Dispomos, hoje, de uma grande riqueza de pessoas mais velhas com tempo e aptidões. Estas pessoas podem desempenhar um papel, cuja importância e amplitude urge descobrir (ou redescobrir) para benefício de todos” (Naves, 1998, p. 91).

Contudo, de acordo com Brandão et al. (2006)

Os estudos a respeito da interacção da criança com o idoso são ainda escassos na literatura. Com excepção de algumas pesquisas até agora conduzidas, ainda se investiga a relação entre esses grupos etários de forma unilateral, buscando compreender a percepção que um grupo tem sobre o outro, principalmente a percepção das crianças sobre os idosos. (p. 4)

Assim, torna-se necessário tentar perceber não só a percepção que os mais novos têm dos mais velhos e vice-versa, mas também os benefícios que a interacção entre ambos traz para estas duas gerações.

A bibliografia que refere as relações intergeracionais entre avós e netos pode adaptar-se, nalguns aspectos, à realidade em questão se encararmos os idosos da Aldeia de São José de Alcalar como potenciais avós e as crianças do jardim infantil como potenciais netos.

Para muitos avós . . . cuidar dos netos . . . pode preencher o vazio de um quotidiano menos activo e contribuir para a luta contra o declínio do envelhecimento.

O papel dos avós na infância dos netos manifesta-se muito para além de uma função de guarda . . . São educadores por prazer, não por dever ou por missão . . . (Sampaio, 2008, p. 85)

Diana (2003) refere “O avô é uma instituição” (p. 41), reforçando esta ideia inicial ao dizer que “as histórias que eles contam estão sempre cheias de informações interessantes e recomendações preciosas” (Ibid.). Os idosos acabam, indirectamente, por assumir o papel de educadores informais. Ensinando as gerações mais jovens sem disso se darem conta e sem estas se aperceberem desse facto. “A aprendizagem intergeracional pode favorecer a transmissão oral de histórias e de artes tradicionais que, de outra forma poderiam desaparecer” (Naves, 1998, p. 92).

Na idade escolar tudo se altera, mesmo quando a criança frequentou o jardim infantil. A sua curiosidade natural leva-a a colocar perguntas aos avós e a fazê-los participar das suas brincadeiras: é o tempo das leituras iniciais, dos jogos caseiros e da companhia para os primeiros feitos desportivos – os avós revivem a infância dos seus filhos, ensinam aos netos novas habilidades e mostram a sabedoria feita de experiência, que surpreende as crianças. (Sampaio, 2008, p. 92)

Os idosos “educam pelo afecto e pela experiência, sabem que têm a seu favor a continuidade através do tempo . . .” (Ibid., p. 87). Deste modo, as actividades intergeracionais podem, de certa forma, preencher um pouco do vazio do quotidiano dos idosos, bem como contribuir para que estes não encarem o seu processo de envelhecimento como um declínio.

Os psiquiatras têm de identificar fontes de apoio social para os idosos, facilitar contactos plenos de sentido para os que carecem de redes sociais e, sempre que possível, promover a reciprocidade na ajuda. A terapia familiar intergeracional pode ser útil, especialmente se reforçar a aptidão dos doentes idosos tanto para dar como para receber. (Spar & La Rue, 2005, p. 57)

No que respeita ao efeito de actividades intergeracionais entre crianças e idosos institucionalizados, um estudo feito por Saavedra, Ramirez e Contreras (1997) veio demonstrar que “. . . a interacção com crianças pode trazer benefícios afetivos aos idosos, que com frequência sofrem de depressão” (Brandão et al., 2006, p. 6).

. . . através da mensuração por uma escala de depressão. Os resultados demonstraram que idosos que participaram do PI¹³ e que fizeram uso de medicamento antidepressivo tiveram uma maior redução da depressão em comparação ao grupo controle que também estava medicado. (Ibid.)

Um outro estudo, bastante interessante e que não posso deixar de referir foi desenvolvido por Chamberlain, Fetterman e Maher. De acordo com Brandão et al. (2006),

Chamberlain, Fetterman, e Maher (1994) argumentaram que a educação sobre o envelhecimento deveria ser uma das maiores prioridades para os profissionais que trabalham com crianças, pois as atitudes dos adultos mais jovens com relação ao envelhecimento e à pessoa idosa são associadas positivamente com experiências intergeracionais. Os autores investigaram os efeitos da relação entre idosos que viviam em uma instituição residencial que servia de creche para crianças pré-escolares e escolares durante o dia. Interações entre crianças e idosos, classificadas como positivas e negativas, foram observadas durante atividades intergeracionais no início, meio e fim dos três meses de observações que

¹³ Entenda-se por PI, Programa Intergeracional.

se sucederam. Foi possível verificar a predominância de um padrão mais positivo de interação, à medida que o tempo avançava. (p. 5)

Os programas intergeracionais, que há muito têm vindo a ser realizados nos Estados Unidos

. . . objetivam construir uma ponte entre idosos e crianças, incorporando atividades delineadas para estimular interações entre os grupos etários. A ideia é de que crianças e adolescentes melhoram a qualidade de vida dos idosos, fornecendo entusiasmo, afeto e espontaneidade. Idosos, por sua vez, fornecem orientação, confiança e apoio, narrando suas experiências de vida. (Ibid., 2006, p. 5)

Por outro lado, ao colocar as crianças em contacto directo com os idosos e ao fazê-las perceber que os idosos são uns amigos mais velhos que ainda têm muito para lhes ensinar e que lhes podem vir a ser bastante úteis, é possível, de certa forma, influenciar o comportamento educativo familiar da própria criança. Isto porque, segundo Barros de Oliveira (1994)

. . . o comportamento educativo familiar é bem mais complexo do que pode parecer, tendo em conta não apenas o “microsistema” ou a família *ab intra*, mas também o “mesossistema” (todas as instâncias educativas, particularmente a escola), o “exossistema” ou o meio ambiente onde se insere a família, e ainda o “macrossistema” ou a sociedade em geral (p. 175).

Costa S.J. (2008) vem reforçar esta ideia quando afirma: “. . . nada melhor do que as crianças. Através delas chegamos – podemos chegar – à transformação das famílias e da sociedade” (p. 169).

Ao contrário do que habitualmente se pensa, de acordo com Naves (1998). “O fosso entre gerações não é uma barreira ao diálogo. Num ambiente de aprendizagem partilhada, velhos e novos podem chegar ao conhecimento mútuo” (p. 91). Assim, pode dizer-se que a aprendizagem entre gerações pode ter benefícios não só a nível pessoal, mas também a nível social.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

2. METODOLOGIA

Neste capítulo será, primeiramente, apresentado o contexto no qual decorreu a investigação/implementação do projecto. Assim como, o tipo de investigação realizado e o método previamente seleccionado para a prossecução do mesmo.

O ponto 2.4. desta metodologia incidirá sobre o projecto em si e, consequentemente, sobre as actividades realizadas.

Serão ainda apresentadas as técnicas utilizadas ao longo de todo o processo como fontes de recolha de informação.

Ao longo desta metodologia será também descrita a forma como decorreu o desenvolvimento do processo de investigação ao longo da implementação desta primeira fase do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”.

2.1. Contexto da investigação

O projecto, mais à frente apresentado neste capítulo, foi posto em prática no Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande, mais concretamente na Aldeia de São José de Alcalar. Como tal, parece-me pertinente caracterizar não só a instituição em si, mas também a freguesia onde a mesma se encontra integrada. Neste caso concreto, a freguesia da Mexilhoeira Grande, do concelho de Portimão. Num primeiro ponto será então caracterizada, de forma breve, a freguesia da Mexilhoeira Grande, seguindo-se um outro ponto no qual será feita a caracterização da instituição e, mais especificamente, da Aldeia de São José de Alcalar.

2.1.1. Breve caracterização da freguesia da Mexilhoeira Grande

Alcalar fica situado na freguesia da Mexilhoeira Grande, pertencente ao concelho de Portimão. De acordo com dados obtidos no INE¹⁴, em 2004 o concelho de Portimão tinha 47 189 habitantes, sendo o grupo etário dos 25-64 anos o mais numeroso, com 26 419 habitantes. Este concelho abrange a área total de 181,55 Km² e é constituído por 3 freguesias – Alvor, Portimão e Mexilhoeira Grande.

¹⁴ Ver anexo n.º 1: Dados estatísticos.



Ilustração 1
Mapa do concelho de Portimão

A freguesia da Mexilhoeira Grande abrange uma área total de 91,40 Km² e contava, segundo os censos de 2001, com 3 598 habitantes¹⁵.

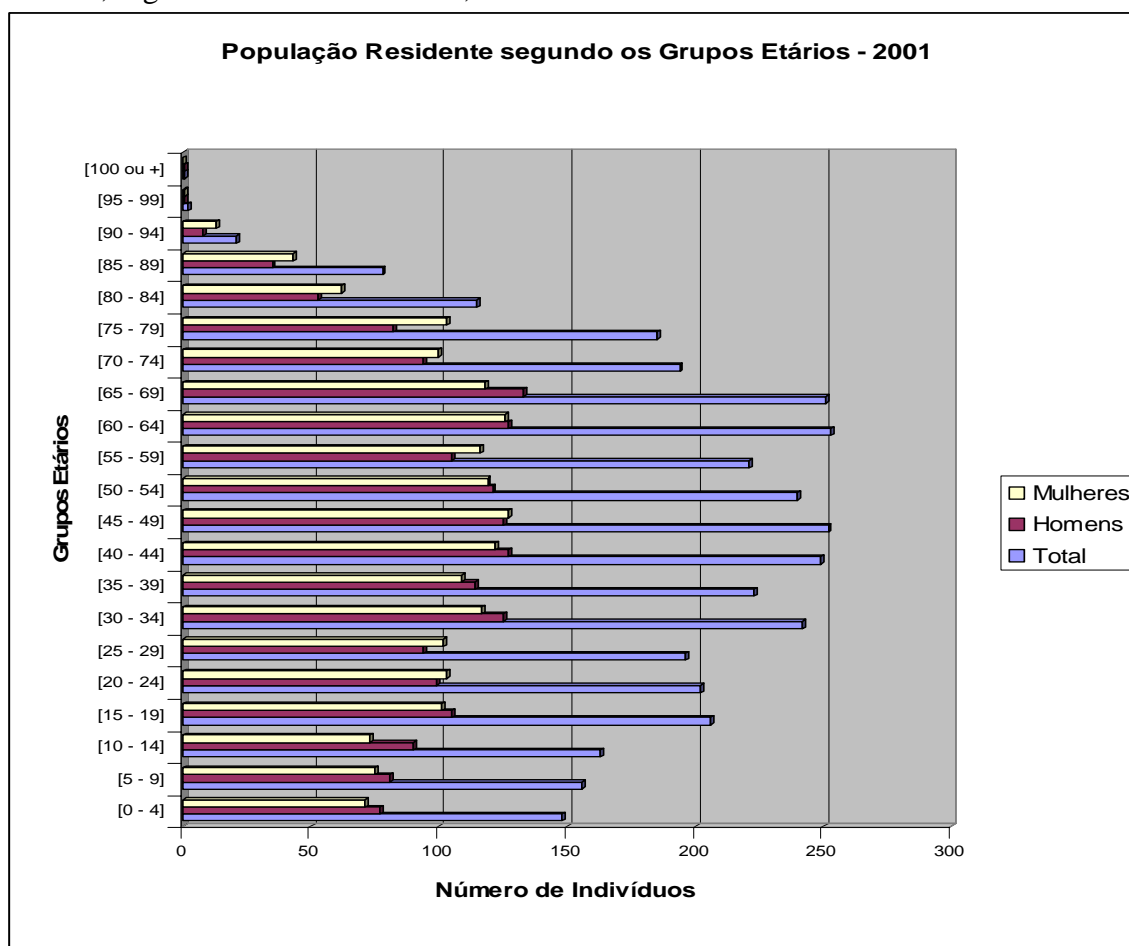


Gráfico 1 – População residente, na freguesia da Mexilhoeira Grande, segundo os grupos etários (2001)

¹⁵ Ver anexo n.º 1: Dados estatísticos.

O gráfico acima apresentado permite-nos analisar a população residente na Mexilhoeira Grande segundo os grupos etários¹⁶. Através do gráfico podemos verificar não só o gradual envelhecimento da população que a freguesia da Mexilhoeira Grande tem vindo a vivenciar, como também uma diminuição progressiva dos nascimentos. Aliás, é bastante visível que os grupos etários mais numerosos são os correspondentes aos indivíduos com idades compreendidas entre os 60 e 70 anos de idade respectivamente. Por outro lado, o número de nascimentos mostra-se bastante reduzido relativamente ao número total de indivíduos da freguesia.

2.1.2. Caracterização da instituição

O Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, e é constituída pelo Lar de Idosos da Mexilhoeira Grande (com capacidade para 34 utentes), pela Aldeia de São José de Alcalar (com capacidade para 105 utentes) e pelo Jardim Infantil e A.T.L. Para além da valência de lar de idosos, o Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande contempla ainda as valências de centro de dia (com capacidade para 12 utentes) e apoio domiciliário (com apoio a 10 utentes).

Esta instituição tem como presidente da direcção o Sr. Padre Domingos Monteiro da Costa, S.J., que conta com a colaboração de mais quatro elementos: Paulo Pedrosa (vice-presidente), Nuno Francisco (tesoureiro); Maria da Luz Penteado (1.ª secretária); Humberto Martins (2.º secretário).

Este Centro surge como resposta a alguns dos problemas sociais da freguesia, aquando da chegada Sr. Padre Domingos à Paróquia da Mexilhoeira Grande, no final da década de 70. Problemas estes que se evidenciavam sobretudo na falta de equipamentos de apoio à população idosa (bastante numerosa e com tendência a aumentar) e à primeira infância. Assim, surge primeiro o Lar de Idosos da Mexilhoeira Grande e só alguns anos mais tarde é dado o início da construção da Aldeia de São José de Alcalar.

Em Junho de 1983, começou a funcionar o pequeno Lar da Paróquia da Mexilhoeira Grande. Nos primeiros anos, houve um ou outro caso de pessoas que nunca tinham casado ou que tinham enviuvado muito cedo, que não aguentaram partilhar o mesmo quarto... Além disso, havia os casos de familiares obrigados a separar-se, como, por exemplo, irmãos

¹⁶ Ver anexo n.º 1: Dados estatísticos.

(irmão-irmã), Pai-filha, Mãe-filho, pais-filhos deficientes, que não encontravam nem encontram, de modo geral, solução nos Lares tradicionais... Foi isso que me levou ao sonho de uma aldeia para pessoas idosas. (Costa S.J., 2000, p. 11)

A Aldeia de São José de Alcalar, inaugurada em Maio de 2000, consiste num lar de idosos bastante fora do comum. Em vez dos idosos se concentrarem apenas num edifício, estes vivem numa pequena Aldeia, constituída por 52 moradias que incluem: quartos¹⁷, casa de banho¹⁸, sala e cozinha¹⁹ (onde podem preparar as suas refeições e os seus petiscos). Os quartos são geralmente duplos, havendo casos excepcionais de quartos individuais (no caso de divisões mais pequenas) ou de quartos triplos (nas enfermarias).

As 52 habitações estão divididas em dois blocos de moradias, sendo que estas estão dispostas de forma circular, de modo a promover o convívio e diálogo entre os idosos. No espaço circular que fica na parte interior dos blocos, encontram-se dois jardins relvados com algumas árvores e variadas flores (algumas delas plantadas e tratadas pelos próprios idosos da Aldeia)²⁰. Desta forma, os idosos podem passear e conviver, apreciando a beleza da natureza e a calma que os rodeia.

A aldeia-lar opõe-se aos lares tradicionais, na medida em que representa um projecto inovador direccionado para a arquitectura de novas formas de vida mais auto-realizadas e criativas. E ainda pela relação de confiança mútua, sem a qual não são possíveis as relações de vizinhança, que outrora caracterizaram as aldeias portuguesas, em que a maioria dos seus moradores deixava a chave na porta, durante todo o dia. (Rosa, 2001, p. 82)

Na realidade, também na Aldeia de São José de Alcalar os moradores se sentem à vontade para deixar as chaves na porta durante todo o dia. Muitos são aqueles que ao virem tomar as refeições ou ao se deslocarem de suas casas para os espaços comuns a fim de participarem nalgumas actividades, o fazem deixando a porta de suas casas

¹⁷ Ver anexo n.º 2: Planta e fotografias da Aldeia de São José de Alcalar.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

apenas encostada, ou deixando a chave na porta, como nos diz a autora supracitada. Também as relações de vizinhança se processam como se de uma aldeia tradicional se tratasse, uma vez que entre os utentes não só se verificam relações de amizade e de entreajuda, mas também são visíveis alguns conflitos e “mexericos” entre vizinhos.

Cada bloco tem duas moradias reservadas a pessoas que se encontram mais debilitadas ao nível da sua saúde, uma reservada a senhoras e outra a senhores respectivamente. Estas são moradias nas quais as nossas funcionárias passam mais tempo e onde os idosos podem receber uma maior assistência, tendo em conta o seu agravado estado de saúde.

No núcleo central encontram-se instalados os serviços comuns de apoio à Aldeia, nomeadamente “. . . salões de convívio²¹, capela²², serviços administrativos, refeitório²³ e cozinha²⁴ com dispensa geral e do dia, serviços de saúde . . . instalações sanitárias e vestiários para utentes e trabalhadores e ainda uma pequena biblioteca” (Costa S.J., 2000, p. 24), lavandaria²⁵, salão de cabeleireiro e sala para a realização de trabalhos manuais.

Existe ainda um centro juvenil²⁶, construído com o intuito da realização de alguns retiros e de apoiar possíveis visitantes ao local, o qual se encontra actualmente ocupado pelas crianças da creche e jardim-de-infância. Para além disto, a Aldeia dispõe ainda de um anfiteatro ao ar livre e de um pequeno bar²⁷.

“O grande «S» de Solidariedade para o núcleo central, o desenvolvimento circular para os núcleos habitacionais, criando grandes espaços livres e convenientemente ajardinados, permitiria uma convivência de grande qualidade de vida” (Ibid.)²⁸.

²¹ Ver anexo n.º 2: Planta e fotografias da Aldeia de São José de Alcalar.

²² Ibid.

²³ Ibid.

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.



Ilustração 2 - Fotografia aérea da Aldeia de São José de Alcalar

Actualmente, encontram-se a residir na Aldeia 105 idosos.

No que respeita à globalidade das funcionárias da Aldeia, estas perfazem um total de trinta e três pessoas. Destas trinta e três: uma técnica superior de educação e intervenção comunitária assume as funções de responsável geral; uma educadora social encontra-se responsável pelo sector da animação; existe uma enfermeira a tempo inteiro e uma enfermeira a part-time; uma funcionária encontra-se no escritório; dezasseis são trabalhadoras auxiliares ao serviço nas moradias; duas encontram-se na lavandaria e as nove restantes estão a desempenhar funções na cozinha da Aldeia. Para além destas funcionárias, parece-me importante referir que podemos ainda contar com um médico que vai dar consulta à Aldeia quinzenalmente, bem como com uma equipa de limpeza contratada especificamente para efectuar todas as limpezas mais profundas dos serviços e habitações, o que faz com que as nossas funcionárias se possam dedicar, quase única e exclusivamente, às higiènes e tarefas ligadas directamente com os idosos institucionalizados.

Uma vez que o presente projecto foi desenvolvido com os idosos da Aldeia de São José de Alcalar e as crianças do jardim infantil importa também caracterizar esta valência. Assim, o jardim infantil embora tenha começado a funcionar em 1976 “. . . na sacristia da igreja, a título experimental . . . com 18 crianças dos 3 aos 6 anos . . .” (Ibid., 2008, p. 170) funciona desde Novembro de 1980 em instalações próprias. “A inauguração oficial do Rés do Chão foi na tarde do dia 08 de Novembro de 1980 (Sábado) . . .” (Ibid., p. 173). Contudo, 14 anos depois, em Setembro de 2004, as crianças da creche e jardim-de-infância foram transferidas para as instalações do centro juvenil na Aldeia de São José de Alcalar.

. . . o antigo edifício não oferecia as melhores condições para o seu funcionamento: por falta de salas amplas e de espaço de recreio ao ar livre. Era claro que, por amor à segurança das crianças, não podíamos mantê-las no edifício, durante as obras de remodelação, que era essa a nossa intenção . . . (Ibid., p. 211)

Apenas o A.T.L. continuou e continua a funcionar nas mesmas instalações, uma vez que as crianças frequentam, simultaneamente, a escola na Mexilhoeira Grande. Como tal, e devido aos horários a cumprir e há necessidade de transporte das crianças da Aldeia de São José de Alcalar para a Mexilhoeira Grande não foi viável a sua transferência para as novas instalações.

Entretanto, surgiu a ideia de “. . . um projecto piloto, na área da infância: em vez de um ‘armazém’ de crianças, construiríamos uma aldeia, com capela e casinhas, onde não faltassem os animais, nem a horta – a ‘Aldeia dos Querubins’ . . .” (Costa, S.J., 2008, p. 215). A Câmara Municipal ofereceu o terreno ao Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande em 2005, mas “. . . a aprovação do Projecto continua dependente da revisão do P.D.M...” (Ibid., p. 216)

No ano lectivo de 2008/2009, encontravam-se divididas pelas diversas salas de creche, jardim-de-infância e A.T.L. cerca de 170 crianças. A creche tinha três salas (0; 1 e 2 anos) designadas por “as almofadinhas”; o jardim-de-infância era constituído pela sala dos sorrisos (3 anos), a sala dos doces (4 anos) e a sala dos corações (5 anos). O A.T.L. era também constituído por três salas, nomeadamente: a sala das joaninhas, a sala das formigas e a sala das amendoeiras. Importa também referir que a creche conta com uma educadora de infância e três auxiliares, as salas de jardim-de-infância têm uma educadora de infância e uma auxiliar por sala e o A.T.L. tem três auxiliares²⁹.

Como o projecto em causa foi desenvolvido com as crianças das salas dos 4 e 5 anos de idade importa referir que a sala dos 4 anos tinha 25 crianças (10 meninas e 15 meninos)³⁰ e a sala dos 5 anos era constituída por 17 miúdos (10 meninas e 7 meninos)³¹. Em ambas as salas existem crianças de várias nacionalidades (africanos, romenos, moldavos, brasileiros, ...) e, conseqüentemente, de diversas culturas.

²⁹ Ver anexo n.º 3: Entrevista informal n.º 5.

³⁰ Ibid.: Entrevista informal n.º 4.

³¹ Ibid.: Entrevista informal n.º 6.

Relativamente aos idosos, na Aldeia de São José de Alcalar encontram-se institucionalizados 105 idosos, dos quais 30 se encontram dependentes fisicamente, sendo a sua média de idades de 82 anos. Destes 105 idosos, 59 são mulheres e 46 são homens, sendo a média de idades dos homens de 81 anos e das mulheres de 83 anos. A sua grande maioria é analfabeta.

Uma vez caracterizada, de uma forma global, a população idosa da Aldeia de São José, importa também caracterizar, mais especificamente, a população idosa directamente envolvida no projecto³². Assim, participaram nesta primeira fase de implementação do projecto cerca de 49 idosos (29 mulheres e 20 homens).

Relativamente às idades destes idosos, importa salientar o facto da sua grande maioria se encontrar já acima dos 75 anos de idade, uma vez que apenas 7 dos 49 idosos têm menos de 75 anos de idade, enquanto que 16 deles têm mais de 85 anos. Sendo de realçar 8 idosos com idade superior a 90 anos. Assim, a média das idades dos idosos envolvidos directamente no projecto é de 81 anos, sendo que as mulheres apresentam uma média de idades (82 anos) superior à dos homens (79 anos).

No que respeita às habilitações literárias, 31 deles não possuem qualquer grau de escolaridade, enquanto que os restantes 18 têm um nível de escolaridade bastante baixo (10 têm a 4.ª classe; 5 a 3.ª classe; 1 a 2.ª classe e 2 a 1.ª classe). Apesar disto, dos idosos sem escolaridade, 3 deles sabem ler e escrever, outros 3 sabem ler e assinar e 7 sabem apenas assinar o seu nome.

Quanto ao estado civil, 24 dos idosos são viúvos, sendo entre as mulheres que se verifica um maior número de situações de viuvez (18 casos). Os restantes idosos envolvidos no projecto são casados (14 casos), solteiros (10 casos) ou divorciado (1 caso).

Relativamente aos restantes intervenientes no projecto desenvolvido, eu, enquanto técnica superior de educação e intervenção comunitária e estudante do mestrado de Gerontologia Social, fui a promotora das actividades e contei com a colaboração das duas educadoras de infância das salas envolvidas, bem como com a participação da educadora social (responsável pelo sector da animação da valência de lar de idosos). Importa referir ainda que sendo a monitora/coordenadora do projecto, sou também a responsável pela avaliação do mesmo. Esta avaliação foi realizada com o

³² Ver anexo n.º 4: Dados relativos aos idosos directamente envolvidos no projecto.

apoio de todos os intervenientes no processo e será apresentada no terceiro capítulo do presente trabalho.

2.2. A investigação qualitativa

No que respeita ao tipo de investigação desenvolvida ao longo da implementação do projecto, esta trata-se de uma investigação de carácter qualitativo.

Bogdan e Biklen (1994), inumeram cinco características da investigação qualitativa. Segundo os autores:

1. *Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. . . .*
 2. *A investigação qualitativa é descritiva. . . .*
 3. *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. . . .*
 4. *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. . . .*
 5. *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa*³³.
- (Ibid., pp. 47-50)

No caso concreto do projecto em questão, a observação foi feita no ambiente natural em que decorreram as actividades ao longo de todo o processo. Para além disto, este estudo descreve as actividades desenvolvidas bem como a forma como estas decorreram, tendo em conta o significado que estas tiveram para os intervenientes no processo.

Tudo isto vem comprovar a ideia defendida por Pérez Serrano (2000) de que “as abordagens de carácter qualitativo e interpretativo em investigação em Educação Social insistem em . . . interpretar a acção social e revelar o seu significado” (p. 28).

Tal como defendem Bogdan e Biklen (1994), nesta investigação

Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos

³³ Em itálico no original.

numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos. (p. 48)

Aliás, na perspectiva de Bogdan e Biklen (1994), toda a informação é de extrema importância, não existindo por isso uma informação mais ou menos importante que outra.

A abordagem de investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo. (Ibid., p. 49)

Ainda de acordo com os autores supracitados, importa salientar que

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias de procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflecte uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos . . . (Ibid., p. 51)

Em suma, “a metodologia qualitativa pretende captar a reflexão dos próprios *actores*³⁴, as suas motivações e interpretações” (Pérez Serrano, 2000, p. 25).

2.3. Método: a investigação-acção

A investigação-acção tem como finalidade “. . . modificar os comportamentos, os hábitos, as atitudes dos indivíduos ou populações, melhorar as relações sociais, ou ainda modificar as regras institucionais de uma organização” (Guerra, 2002, p. 56).

Guerra aponta as seguintes características da investigação-acção:

³⁴ Em itálico no original.

- É um processo continuado e não pontual, influenciando todo o percurso de investigação;
- Implica que os grupos “objectos” do conhecimento se constituam como “sujeitos” do conhecimento;
- O seu ponto de partida não é uma teoria e um quadro de hipóteses, mas uma situação, um problema, uma prática real e concreta;
- O objectivo não é fundamentalmente o aumento do conhecimento sobre a realidade, mas a resolução de problemas e, assim, interessa mais o processo de mudança social exigido pela investigação-acção do que o resultado desta;
- O investigador não é um mero observador, mas um apoiante dos sujeitos implicados na acção. (Ibid., pp. 53-54)

Kurt Lewin surge, após John Dewey, como pioneiro da investigação-acção – “A escola psicossocial de Kurt Lewin é a primeira a introduzir o conceito de investigação-acção durante os anos 40 nos Estados Unidos . . .” (Fals Borda, 2001, p. 71). Contudo, ao longo dos anos, vários foram os autores que se debruçaram sobre esta temática. Nos anos 70 temos Stenhouse da escola de Cambrigde, Stephen Kemmis da corrente australiana, entre outros. Charles Delorme – corrente francófona – e Orlando Fals-Borda, assim como Paulo Freire surgem também como defensores deste complexo processo que é a investigação-acção.

Dewey, por sua vez, dava grande importância ao ensino através da acção. Na realidade, para que tal aconteça faz todo o sentido partir de necessidades sentidas quer a nível individual, quer a nível social (Lucio-Villegas, 1993).

“As metodologias de investigação-acção permitem, em simultâneo, a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos intervenientes” (Guerra, 2002, p. 52). De acordo com Carr e Kemis (1988), os trabalhos de Kurt Lewin evidenciavam três grandes características da investigação-acção, nomeadamente o carácter participativo, o impulso democrático e “. . . o seu interesse simultâneo em consolidar um corpo de conhecimentos válido para as Ciências sociais, com actividades de transformação inerentes a tentativas de mudança social nas populações que participam nestes processos” (Lucio-Villegas, 1993, p. 32).

Lewin, apresenta-nos a investigação-acção associada a uma espiral autoreflexiva que acaba por ser seguida pela grande maioria dos precursores desta metodologia. Deste modo, a investigação-acção “. . . compreende ciclos de planificação, acção, observação, reflexão e logo replanificação, novo passo para a acção, novas observações e reflexões . . .” (López Górriz, 1998, p. 82). López Górriz diz-nos ainda que muitos dos modelos de investigação-acção, dos dias de hoje, se baseiam na espiral de Kurt Lewin.

De acordo com Lewin [1946/1992], “ tanto nas relações intergrupais, como noutros campos da prática social, o diagnóstico tem de ser complementado por estudo experimentais comparativos sobre a efectividade de diferentes mecanismos de mudança” (p. 17). Assim, segundo o autor, nem sempre basta partir de um bom diagnóstico, sendo muitas vezes necessário complementá-lo com estudos experimentais, diria mesmo com projectos experimentais. A este respeito, López Górriz (1998) diz-nos que

. . . o investigador/a ao longo do processo de investigação desempenha diferentes papéis que se vão alternando:

- Num primeiro momento, tem de fazer um rigoroso trabalho de diagnóstico para descobrir com precisão o problema e emitir algumas hipóteses.
- Em segundo lugar, tem de pôr em marcha um plano de acção, que ele/ela mesmo/a criará, para dar resposta ao problema que se coloca, e que o converte em formador e agente de mudança.
- Em terceiro lugar, tem de criar um dispositivo de recolha de informação sistemática que lhe permita: ter um seguimento da acção; validar ou invalidar as suas hipóteses, avaliar a acção e teorizar sobre os processos psicossociais gerados por esta intervenção, como as mudanças de atitudes,... (pp. 29-30)

De acordo com Gutiérrez [1984/1993], “a educação na praxis é, portanto, uma acção transformadora consciente que supõe dois momentos inseparáveis, o da acção e o da reflexão” (p. 28). Segundo Freire (1970), “a praxis . . . é reflexão e acção dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (p. 38).

O autor supracitado vai também ao encontro da espiral autoreflexiva apresentada por Kurt Lewin nos anos 40:

. . . a abordagem de consciencialização de Freire caracteriza-se por tentar intervir na realidade de uma forma rigorosa e sistemática; por um procedimento de espiral, no qual se está intervindo a partir do momento em que se inicia o diagnóstico, guardando claramente todos os passos da investigação-acção (diagnóstico, plano de acção, seguimento, avaliação e reajuste do plano de acção). (López Górriz, 1998, p. 33)

Rahman e Fals Borda [1989/1992], por sua vez, definem a investigação-acção como

. . . um processo de vida e de trabalho, uma vivencia, uma progressiva evolução para uma transformação total e estrutural da sociedade e da cultura com objectivos sucessivos e parcialmente coincidentes. É um processo que requer um compromisso, uma postura ética e persistência em todos os níveis. Enfim, é uma filosofia da vida na mesma medida em que é um método. (p. 213)

Este é um processo que se releva extremamente consistente na medida em que envolve não só o investigador mas também os próprios sujeitos da acção, bem como todos os elementos directa ou indirectamente envolvidos no processo. Importa salientar que, a partir de uma determinada altura, a investigação-acção passa a ser aplicada não só em contextos educativos, mas também nos mais diversos contextos sociais onde todos os indivíduos são encarados como possíveis produtores de conhecimento independentemente do seu grau académico ou do seu nível de ensino.

Esta é uma aposta importante. Trata-se de considerar que os podres, os imigrantes, as mulheres, os analfabetos, os jovens; todos aqueles e aquelas que uma determinada formação social considera excluídos têm capacidade para contribuir para a construção da cultura e do conhecimento. (Lucio-Villegas, 2001, p. 195)

A participação de todos os intervenientes no processo é fundamental para levar a cabo um qualquer projecto de investigação-acção (Lucio-Villegas, 1993). Há que concordar com Lucio-Villegas quando este afirma “. . . que todas as pessoas são produtoras de

conhecimentos . . . que se podem provocar transformações na realidade social, a um nível micro-social, que podem expandir-se até um nível macro-social” (2001, p. 195).

É partindo destes pressupostos que surge o conceito de investigação participativa, uma das abordagens da investigação-acção, segundo a qual os indivíduos se tornam, simultaneamente, objectos e sujeitos da investigação. López Górriz (1998) defende que a investigação participativa teve o seu início na América Latina, nos anos 70, estando ligada essencialmente ao desenvolvimento da educação de adultos.

De acordo com Lucio-Villegas, “a Investigação Participativa requer de nós grandes doses de humildade. . . . a humildade que nasce do convencimento de que só podemos mudar o mundo em colaboração com os outros” (2001, p. 218). Daí a importância da participação activa de todos os intervenientes no projecto na realização e avaliação do mesmo nas suas várias etapas. Segundo o autor, “. . . a Investigação Participativa permite-nos ir construindo saberes que nascem da reflexão sobre as práticas” (Ibid., p. 211). Esta investigação-acção participativa, segundo López Górriz (1998), “implica uma participação activa e total da comunidade e dos investigadores e técnicos. Estes têm de ajudar a consciencializar o povo das suas possibilidades e recursos e acompanhá-los na sua mobilização e organização” (p. 59). Ainda de acordo com a mesma autora,

- Entre os profissionais da investigação e os grupos implicados, existe uma situação de interacção activa, de diálogo e de negociação, em função de três objectivos: formação, acção transformadora, investigação.
- A utilização da linguagem científica deve fazer-se utilizando termos que sejam acessíveis à comunidade.
- A linguagem oral é utilizada como meio essencial de comunicação (Ibid.).

Também Fals Borda (2001) vem reforçar a ideia de que “a construção da consciência popular própria tem sido uma preocupação sempre presente entre os investigadores de a acção participativa . . .” (p. 57).

Em suma, “. . . a IAP é um meio para chegar a formas mais satisfatórias de sociedade e de acção empreendidas para transformar as realidades com que começamos o ciclo” (Rahman & Fals Borda [1989/1992], p. 218).

Importa ainda salientar que sendo a investigação-acção um método bastante complexo, de carácter qualitativo, esta implica necessariamente a utilização de várias técnicas metodológicas no decorrer de todo o seu processo. De acordo com Pérez Serrano (2001), “a investigação no campo da Educação Social, orienta-se prioritariamente de acordo com as metodologias de tipo qualitativo, por considerá-las mais adequadas para a compreensão da complexa realidade social” (pp. 34-35). Sobre este aspecto, Fals Borda afirma que

as técnicas de IAP não excluem o uso flexível de outras práticas que derivam da tradição sociológica e antropológica tais como entrevistas abertas (evitando as estruturas excessivamente rígidas), censos ou inquéritos simples, observação sistemática directa (com participação pessoal e experimentação selectiva), diários de campo, dados de arquivo, fotografia, cartografia, gravações de som e usos de arquivos regionais e nacionais. (2001, p. 81)

López Górriz (1998) reforça a ideia ao afirmar que “. . . a investigação-acção se caracteriza por uma ampla flexibilidade metodológica . . .” (p. 125).

2.4. “O projecto”

O projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas” consiste na realização de diversas actividades de carácter intergeracional entre os idosos institucionalizados na Aldeia de São José de Alcalar e as crianças das salas dos 4 e 5 anos do jardim infantil do Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande.

A presente dissertação trata da avaliação de uma primeira fase do projecto em questão, uma vez que se pretende dar continuidade à aplicação do mesmo no próximo ano lectivo, tendo em conta a avaliação apresentada neste trabalho. Esta primeira fase de aplicação das actividades durou cerca de 5 meses, tendo começado em Março e terminado no início do mês de Julho do presente ano.

Como actividades realizadas (mais à frente serão descritas de forma mais completa) podemos apontar: a hora do conto; sessões de trabalhos manuais, jogos tradicionais; ginástica, lanches, um desfile de moda e uma exposição com fotografias das actividades e alguns dos trabalhos feitos em conjunto. Embora a ideia inicial fosse

desenvolver as actividades quinzenalmente algumas sofreram alterações a nível de datas previstas, devido a alguns imprevistos que nos foram surgindo ao longo do percurso. Apesar disso, conseguimos realizar a sua grande maioria com um nível de participação bastante razoável da parte dos idosos.

No que respeita ao projecto em questão, e tendo em conta as características anteriormente apresentadas, este pode ser considerado um projecto de investigação-acção na medida em que:

- Se pretende que os idosos e crianças se tornem elementos activos durante o decorrer de todo o processo;
- Partiu-se de uma problemática que se quer ver resolvida;
- A coordenadora/monitora do projecto está implicada na acção apoiando os sujeitos da investigação.

Afinal, o que se pretende com a implementação de um projecto deste tipo é fundamentalmente provocar mudanças a um nível micro-social, ou seja na instituição onde se desenvolvem as actividades. Mudanças que poderão expandir-se eventualmente até um nível mais abrangente, na medida em que as crianças e os idosos estão inseridos numa comunidade mais ampla que a própria instituição. Assim, idosos e crianças partilharão com familiares e conhecidos as suas experiências o que, de certo modo, poderá contribuir para uma alteração das mentalidades relativamente à crescente importância que as relações intergeracionais têm nos dias de hoje.

2.4.1. Objectivos

Como todos os projectos sociais, este também implicou necessariamente a determinação prévia dos objectivos que se pretendem alcançar com a concretização das diversas actividades desenvolvidas. Deste modo, os objectivos do presente projecto encontram-se subdivididos em objectivos gerais e específicos.

Objectivos gerais

- Aumentar a interacção e o convívio entre os idosos da Aldeia de São José de Alcalar e as crianças do jardim infantil do Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande;
- Contribuir para uma melhoria da qualidade de vida dos idosos directamente implicados no projecto;
- Motivar as crianças a encarar os idosos como “velhos” amigos que têm muita coisa para ensinar;

→ Fomentar a união entre as duas valências (lar de idosos e jardim-de-infância).

Objectivos específicos

- Apresentar aos idosos e crianças uma variedade de actividades que impliquem necessariamente a participação activa das duas gerações;
- Dinamizar as actividades de forma a cativar e a fomentar o interesse dos idosos e das crianças;
- Criar um espírito de entajuda entre as crianças e os idosos não só no decorrer das actividades mas também no dia-a-dia;
- Valorizar a experiência de vida e conhecimento dos idosos;
- Promover o encontro e a troca de saberes entre as duas gerações;
- Fomentar a criação de laços de amizade e um sentimento de respeito entre os idosos e crianças directamente implicados no projecto;
- Estimular a criatividade dos idosos e das crianças.

2.4.2. Participantes

Os principais beneficiários da implementação deste projecto social são, sem dúvida alguma, as crianças e os idosos implicados directamente no projecto. Por outro lado, as educadoras de infância, a educadora social (responsável pelo sector da animação na Aldeia de São José de Alcalar) e eu, enquanto técnica superior de educação e intervenção comunitária e promotora do projecto, também acabamos por sair beneficiadas com esta interacção entre as diferentes gerações. Também os restantes idosos residentes na Aldeia de São José de Alcalar, as crianças não implicadas directamente no projecto, as funcionárias, a própria instituição e a comunidade na qual se encontra inserida a instituição acabarão por beneficiar, indirectamente, com a prossecução do presente projecto na medida em que se espera que o aumento do convívio entre idosos e crianças venha a ter alguma visibilidade.

2.4.3. Especificação operacional das actividades desenvolvidas e sua calendarização

O presente projecto é constituído por diversas actividades que serão apresentadas seguidamente. Antes de especificar as actividades que constituem o projecto importa referir que algumas delas foram sujeitas a alterações no início ou até mesmo no decorrer do projecto, consoante o seu desenvolvimento e a adesão ou não por parte dos idosos e das crianças.

Estas actividades foram desenvolvidas junto das crianças dos 4 e 5 anos, da valência de jardim-de-infância, uma vez, que ao falar com as educadoras de infância se chegou à conclusão que seria mais complicado dinamizar actividades conjuntas com as crianças mais pequenas.

Assim, as actividades realizadas foram as seguintes:

→ Hora do conto

Uma actividade tão simples como contar histórias pode ser feita por um idoso a crianças. Isto promove uma auto-estima a nível individual do idoso, mas permite também à criança um maior respeito e até admiração pelos idosos, o que os torna adultos mais solidários.

Assim, nesta actividade, pretendia-se que os idosos recordassem histórias da sua infância ou que contavam aos seus netos e as partilhassem com as crianças do jardim infantil. Estas histórias foram registadas através de vídeo, gravador ou registo escrito, de modo a preservar o património oral destes idosos³⁵. No caso dos idosos alfabetizados, estes tiveram a oportunidade de ler duas histórias para os miúdos³⁶.

→ Ginástica de manutenção para idosos com a participação das crianças

A ginástica de manutenção foi encarada, neste projecto como desporto-lazer. Assim, de acordo com Correia (2004) “o convívio, a comunicação e o divertimento, com as suas diversas manifestações, caracterizam esta utilização do desporto” (p. 39). Pretendia-se também com esta actividade promover o sentido de entreatajuda entre crianças e idosos.

→ Realização de Lanches mensais entre as diversas valências da Instituição

Os lanches mensais permitiriam, acima de tudo, um maior e mais frequente convívio entre as várias valências da instituição.

→ Trabalhos manuais

Esta actividade visava estimular a criatividade dos idosos e das crianças, proporcionando uma troca de saberes entre os mesmos, valorizando a sabedoria de todos os elementos do grupo e de cada um em particular. Pretendia-se, ao mesmo tempo, contribuir para que as crianças percebessem que os idosos ainda têm muito para lhes ensinar.

³⁵ Ver anexo n.º 5: Notas de campo relativas à actividade: Hora do conto.

³⁶ Ver anexo n.º 6: Histórias lidas pelos idosos na hora do conto.

→ Visita das crianças do A.T.L.

Na semana da Páscoa, os idosos da Aldeia de São José de Alcalar receberam a visita das crianças do A.T.L. Esta visita foi-nos proposta por uma das auxiliares de acção educativa e acabou por ser integrada no projecto. Apesar de não ter sido programada inicialmente, esta visita proporcionou aos idosos uma tarde de convívio bastante agradável na companhia das crianças mais velhas.

→ Jogos Tradicionais

A dinamização de jogos tradicionais é uma actividade lúdica que visava o convívio e entretenimento de idosos e crianças, bem como a partilha de saberes e a entreajuda entre estas duas gerações.

→ Desfile de moda – Duas Gerações

Este desfile teve lugar na festa de aniversário da Aldeia de São José de Alcalar e tinha como principal objectivo proporcionar a diversão e animação de todos os intervenientes no processo e dos restantes utentes e funcionárias do Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande que se encontravam presentes na respectiva festa.

→ Exposição de fotografias das actividades e trabalhos dos idosos

O objectivo desta exposição consistia em dar alguma visibilidade às actividades desenvolvidas durante esta primeira fase de implementação do projecto, aproveitando ao mesmo tempo para valorizar o empenho das crianças e idosos directamente envolvidos no projecto.

Inicialmente, estava previsto que todas as actividades decorressem quinzenalmente para as crianças das salas dos 4 e 5 anos. Uma vez que aconteceriam em ambas as salas as mesmas actividades, mas em semanas alternadas. Para os idosos estas seriam actividades semanais.

Apesar disso, durante o decorrer desta primeira fase do projecto verificaram-se algumas alterações relativamente às datas previstas. No cronograma abaixo apresentado podem ver-se realmente as semanas em que ocorreram as actividades, o que nos permite ficar com uma ideia global desta primeira fase do projecto e do tempo que levou a ser implementada.

Actividades	Meses						
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho
Elaboração / Planeamento do projecto	■	■	■	■	■		
Apresentação do projecto		■					
Apresentação do projecto na instituição		■					
Realização das actividades com a sala dos 4 anos			■	■	■	■	■
Realização das actividades com a sala dos 5 anos			■	■	■	■	■
Hora do conto			■	■			
Trabalhos manuais				■	■	■	■
Visita das crianças do A.T.L.				■			
Jogos tradicionais					■	■	■
Ginástica			■	■	■	■	■
Lanches				■		■	■
Desfile de moda – Duas Gerações						■	
Visita à exposição final do projecto							■
Avaliação das actividades			■	■	■	■	■
Avaliação final do projecto							■

Tabela 1 – Cronograma de actividades

2.4.4. Determinação dos recursos necessários

Uma vez apresentado o cronograma de actividades, importa agora falar dos recursos necessários para a aplicação do presente projecto. Assim, os recursos necessários para a prossecução deste projecto subdividem-se em quatro categorias distintas – recursos humanos, recursos materiais, recursos tecnológicos e recursos financeiros – e encontram-se discriminados na tabela abaixo apresentado.

Recursos			
Humanos	Materiais	Tecnológicos	Financeiros
→ Técnica Superior de Educação e Intervenção Comunitária; → Educadoras de Infância das salas dos 4 e 5 anos; → Educadora Social; → Idosos interessados em participar no Projecto; → Crianças das salas dos 4 e 5 anos; → Professora que dinamiza as aulas de ginástica de manutenção para idosos activos.	→ 1 Sala; → Mesas; → Cadeiras; → Molas de madeira; → Cola Branca; → Verniz; → Jornais; → Roupas velhas; → Tesouras; → Jogos de Petanca; → Dominós; → Jogo do burro; → Material de Ginástica (bolas); → Papel; → Canetas; → Sandes; → Bolos; → Sumos; → Água;	→ 1 Câmara de vídeo; → Cassetes de vídeo; → 1 Gravador; → Cassetes para o gravador; → 1 Máquina fotográfica.	→ Não são apresentados recursos financeiros uma vez que todo o material necessário à implementação do Projecto será disponibilizado pela própria Instituição.

Tabela 2 - Recursos

2.4.5. Factores externos condicionantes ou pré-requisitos para alcançar os efeitos e o impacto do projecto

Relativamente a factores externos condicionantes para o projecto, aquando da realização do mesmo foram previstas a ocorrência de várias situações, designadas como pontos fracos e constrangimentos ou como possíveis potencialidades para o desenvolvimento do projecto em questão.

No que respeita aos pontos fracos e constrangimentos existia a possibilidade dos idosos, inicialmente, não aderirem facilmente às actividades propostas. Outros idosos poderiam desistir ou ficar impossibilitados, por motivos de saúde, de participar nas diversas actividades antes do fim do projecto. Para além destes aspectos, o facto de ser eu a promotora do presente projecto e, simultaneamente, a responsável geral da Aldeia de São José de Alcalar poderia levar a que, caso ocorresse algum problema na Aldeia, durante a realização das actividades, me pudessem chamar para resolver o assunto. Isto impossibilitar-me-ia de assistir e participar na actividade em curso nesse momento concreto. Existia ainda a possibilidade de algum do dinheiro necessário para comprar alguns materiais não vir a ser facultado pela instituição, tudo dependeria do material disponível na altura e da quantia de dinheiro necessária.

Quanto às potencialidades, importa salientar, em primeiro lugar, o facto das duas valências se encontrarem num mesmo espaço físico o que facilita a realização de actividades conjuntas. O facto dos idosos e das crianças interagirem mais poder contribuir para uma melhor disposição dos idosos envolvidos no processo e as crianças poderem passar a encarar a velhice de uma forma mais positiva, vendo em cada idoso um amigo que tem muito para lhes ensinar. Importa ainda referir que a maioria das actividades foram programadas para a Sexta-feira de modo a coincidirem com a minha folga, o que faria com que eu tivesse maior disponibilidade para estar presente aquando a sua realização.

2.5. Técnicas de recolha de informação

Várias foram as técnicas de recolha de informação utilizadas não só na fase de diagnóstico, mas também durante a implementação desta primeira fase do projecto. Entre elas temos: a observação directa participante; as entrevistas e conversas informais; a pesquisa documental e bibliográfica; o diário de campo; os questionários; os registos fotográfico e em vídeo e as entrevistas semi-directivas.

Uma vez recolhida a informação, torna-se necessária a utilização de outra técnica metodológica bastante conhecida – a análise de conteúdo.

Todas estas técnicas passarão a ser descritas de forma breve, tendo em conta a bibliografia disponível. Para além disto, será ainda explicada a forma como as diferentes técnicas foram utilizadas ao longo de todo o processo de implementação do projecto.

2.5.1. Observação directa participante

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003) “a observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação” (p.164). Ghiglione e Matalon (1993) definem-na “como um olhar sobre uma situação . . . que tem por objectivos, a recolha de dados sobre a mesma” (p. 8). O mesmo será dizer que a observação directa é uma forma de obter respostas sem fazer perguntas. Peretz (2000) diz-nos que “a observação directa consiste em ser testemunha dos comportamentos sociais dos indivíduos ou grupos nos próprios locais das suas actividades sem lhes alterar o seu ritmo normal” (pp. 24-26).

Com este método é possível recolher dados importantes para a avaliação de forma naturalística e sem provocar grandes alterações no contexto de investigação, tal como estipulado pela investigação qualitativa. O autor supracitado afirma que “o objectivo da observação é encontrar um significado sociológico para os dados recolhidos, classificá-los e avaliar o seu grau de generalidade” (Ibid., p.15).

A observação directa está, geralmente, associada à observação participante. Digamos que estes dois tipos de observação se encontram interligados devido à semelhança das suas características. Tal como Costa refere, a observação participante “trata-se, evidentemente, duma observação directa, mas num sentido mais restrito . . .” (1986, p.137).

Peretz (2000), por sua vez, diz-nos que “a observação participante visa justamente penetrar num dado meio social para se aperceber dos seus diversos aspectos” (p. 77). Segundo o autor “. . . a observação recorta na história de um meio social um período de que nos dá conta: ela presencia acontecimentos que têm um princípio e um fim . . . (Ibid., p. 44).

Quanto à redacção das notas de observação, o autor supracitado diz-nos que

Na maior parte das vezes, o observador redige as suas notas ao fim do dia de trabalho, no domicílio ou no gabinete. Faz a redacção utilizando suportes variados: durante muito tempo, esta foi feita em papel, mas cada vez mais se transcrevem as notas directamente para o computador . . . (Peretz, 2000, p. 118)

Nalguns casos o observador regista as suas notas em diário de campo, técnica apresentada mais à frente nesta metodologia. Aliás, ainda de acordo com o autor supracitado, “acompanhar incessantemente as actividades dos outros, participar nelas sem as perturbar, não permite a tomada de notas durante o desenrolar da acção” (p. 101).

2.5.2. Entrevistas e conversas informais

Antes de mais, importa fazer a distinção entre conversas e entrevistas informais. As conversas informais desencadeiam-se ocasionalmente, de forma espontânea e natural, permitindo a total liberdade de expressão entre o investigador e o seu interlocutor. Surgem de acordo com o momento ou a situação. As entrevistas informais podem ocorrer ocasionalmente mas o investigador tem objectivos ao fazer as questões, ainda que de uma forma bastante informal.

As entrevistas e conversas informais são, ao fim e ao cabo, o ponto de partida para muitos estudos ou projectos a desenvolver. A troca de impressões de maneira espontânea e flexível permite uma maior proximidade com a comunidade em questão.

Para além disto, estas constituem um meio natural e espontâneo, de recolha de informação e de ideias que poderão ser fundamentais na avaliação de determinados critérios deste projecto. Segundo Costa (1986), as entrevistas informais podem revelar-se úteis “. . . no fornecimento de descrições de actividades e, especialmente, de depoimentos utilizáveis na caracterização das opiniões, expectativas, quadros de valores e visões do mundo dos sujeitos sociais” (p. 141). Não nos podemos esquecer que este tipo de entrevistas e conversas permite uma grande liberdade de expressão por parte dos intervenientes, permitindo, por vezes, ao investigador recolher dados e informações bastante importantes aos quais não conseguiria ter acesso utilizando outros métodos.

2.5.3. Pesquisa documental e bibliográfica

Para um melhor conhecimento da temática central de qualquer investigação e de forma a retirar ideias para a implementação de qualquer projecto, é bastante importante que, numa primeira fase, se recorra à pesquisa documental e bibliográfica. Como defendem Quivy e Campenhoudt (2003), “O principal objectivo da leitura é retirar dela ideias para o nosso trabalho” (p. 57).

Existe uma grande variedade de documentos que podem ser utilizados como fornecedores de informação ao pôr em marcha um Programa de Desenvolvimento Comunitário: fontes históricas, fontes estatísticas . . . relatórios, memórias e anuários, documentos oficiais, arquivos privados . . . documentos pessoais, imprensa . . . obras literárias ou ensaios que proporcionam informação acerca da comunidade objecto da investigação. (Mascareñas, 1996, p. 60)

Não faria qualquer sentido desenvolver um projecto sem antes pesquisar estudos anteriores que abordassem a problemática em questão ou que foquem temas que estejam relacionados com a mesma. De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), é

. . . indispensável tomar conhecimento de um mínimo de trabalhos de referência sobre o mesmo tema ou, de modo mais geral, sobre problemáticas que lhe estão ligadas. Seria ao mesmo tempo absurdo e presunçoso acreditar que podemos pura e simplesmente passar sem esses contributos, como se estivéssemos em condições de reinventar tudo por nós próprios. (p. 51)

Por outro lado, a tomada de conhecimento de estudos anteriores e a leitura dos mesmos visa “. . . assegurar a qualidade da problematização . . .” (Ibid., p. 49), na medida em que esses mesmos trabalhos acabam, muitas vezes, por sugerir pistas para novos estudos. Deste modo, a pesquisa documental e bibliográfica torna-se fundamental em qualquer tipo de estudo ou projecto que se pretenda realizar.

2.5.4. Diário de campo

Considero também importante a utilização do diário de campo, muito útil neste tipo de trabalho, uma vez que aborda dois pontos essenciais: " (...) a relação do investigador com o meio e o relato das jornadas de observação" (Peretz, 2000, p. 125). Através da análise do diário de campo é possível ver a evolução do relacionamento do observador com a comunidade/grupo em estudo, facilitando também a observação/avaliação do trabalho.

As notas de campo “ajudam o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projecto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afectado pelos dados recolhidos . . .” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 151).

Costa (1986) teoriza acerca do diário de campo dizendo que o investigador

Regista, diária e sistematicamente: (a) observações e informações, (b) reflexões teóricas e metodológicas, (c) impressões e estados de espírito. Neste “diário de campo . . . tem a preocupação de distinguir claramente cada um daqueles três tipos de registo. Na anotação da informação substantiva distingue ainda observações pessoalmente realizadas, informações prestadas por outras pessoas e enunciados verbais dos actores sociais em estudo, procurando transcrever estes últimos tão à letra quanto possível”. (p. 132)

2.5.5. Questionários

Relativamente à utilização de inquiridos por questionário como elementos de investigação, Quivy e Campenhoudt (2003) dizem-nos que a aplicação de questionários

Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores. (p. 188)

De acordo com Ghiglione e Matalon (1993) o questionário

. . . é um instrumento rigorosamente estandarizado, tanto no texto das questões como na sua ordem. No sentido de garantir a comparabilidade das respostas de todos os indivíduos, é absolutamente indispensável que cada questão seja colocada a cada pessoa da mesma forma, sem adaptações nem explicações suplementares resultantes da iniciativa do entrevistador. (p. 121)

Só desta forma se conseguem obter respostas objectivas sem que estas sejam influenciadas pelo investigador ou pela pessoa responsável pela elaboração dos questionários.

Ghiglione e Matalon falam-nos de dois tipos de questionários:

O *questionário aberto*³⁷: a formulação e a ordem das questões são fixas mas a pessoa pode dar uma resposta tão longa quanto desejar e pode ser incitada por insistência do entrevistador.

O *questionário fechado*³⁸: a formulação das questões, a sua ordem e a gama de respostas possíveis são previamente fixadas. (Ibid., p. 70)

No entanto estes referem que, muitas vezes, se recorre a métodos mistos, ou seja, “. . . um questionário alternando questões abertas e questões fechadas” (p. 70). A este respeito, Vala (1986) afirma:

Sempre que o investigador não se sente apto para antecipar todas as categorias ou formas de expressão que podem assumir as representações ou práticas dos sujeitos questionados, recorrerá a perguntas abertas sendo as respostas depois sujeitas à análise de conteúdo. (p. 107)

2.5.6. Registos fotográfico e em vídeo

Os registos fotográfico e em vídeo tornam-se bastante úteis na medida em que funcionam como suporte do projecto em questão, uma vez que permitem o registo das diversas actividades realizadas, tal como estas aconteceram.

³⁷ Em itálico no original.

³⁸ Ibid.

Assim, torna-se importante registrar em fotografia as diferentes actividades, à medida que estas vão acontecendo. Esta é uma boa forma de dar a conhecer as actividades desenvolvidas.

Freund (1995) encara a fotografia como uma reprodução fiel da vida social. “O seu poder de reproduzir exactamente a realidade exterior . . . empresta-lhe um carácter documental e fá-la aparecer como o processo de reprodução mais fiel, o mais imparcial, da vida social” (p. 20).

Por outro lado, a fotografia, para além de enriquecer o trabalho escrito acaba por ser acessível a todos. De acordo com o autor supracitado, “a imagem é fácil de compreender e acessível a toda a gente” (Ibid., p. 200). Não é por acaso que se costuma dizer que “uma imagem vale muito mais que mil palavras.”

Ainda acerca do registo fotográfico, Peretz (2000) afirma que “fazer com que as pessoas posem equivale a uma descrição minuciosa e também a uma intervenção muito visível na postura habitual dos participantes” (p. 117).

O filme tem ainda a vantagem de registrar sons e a imagem permite reter informações que o texto não capta.

2.5.7. Entrevistas semi-directivas

A definição de entrevista como uma conversa tendo em conta um objectivo apresenta a vantagem de ser suficientemente ampla para englobar uma grande variedade de entrevistas possíveis, mas, em contrapartida, é muito vaga para permitir distinguir os diferentes tipos de entrevista. (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 71)

Entre os vários tipos de entrevista temos as entrevistas não-directivas e as entrevistas semi-directivas.

A entrevista semidirectiva, ou semidirigida, é certamente a mais utilizada em investigação social. É semidirectiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará

necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, «deixará andar» o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 192)

De acordo com Ghiglione e Matalon (1993),

*A entrevista semi-directiva*³⁹ (por vezes chamada clínica ou estruturada): o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reacções por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixadas ao seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista. (p. 70)

Uma vez apresentadas as características das entrevistas semi-directivas, importa salientar a opinião de Costa (1986), quando este afirma que

Na recolha de informação pela via da entrevista ou do questionário tem de se ter sempre em conta que, mesmo nas questões ditas mais objectivas, tudo o que se obtém é uma declaração do sujeito sobre a observação que ele faz do seu próprio pensamento, comportamento ou situação. (p. 142)

2.6. Desenvolvimento do processo de investigação

Uma vez feita a apresentação das actividades desenvolvidas e antes de apresentar os resultados da aplicação do projecto parece-me importante descrever, ainda que de forma sucinta, a forma como se desenrolou não só a fase inicial de diagnóstico e planeamento do projecto, mas também todo o seu processo de desenvolvimento ao longo destes 5 meses em que foi posto em prática.

Primeiro que tudo, importa salientar que trabalho na instituição onde o projecto foi desenvolvido, há cerca de 4 anos. Primeiro fiz um estágio profissional e assumi as

³⁹ Em itálico no original.

funções de animadora e, neste momento, sou responsável geral da Aldeia de São José de Alcalar. Deste modo, conheço bem a realidade em questão e convivo diariamente com os idosos da Aldeia de São José de Alcalar. Isto veio, de certo modo, facilitar o meu trabalho de observação. Como nos dizia Peretz (2000) “um observador já instalado no meio, ou ligado de algum modo a esse meio, não encontrará os problemas de entrada que um observador estranho a ele conhecerá” (pp. 73-75).

Ao longo destes quatro anos tenho vindo a aperceber-me que idosos e crianças, apesar de se encontrarem num mesmo espaço físico, apenas convivem em ocasiões pontuais, não interagindo directamente. Também verifico que, sempre que as crianças passam pelos idosos, estes parecem ficar automaticamente mais felizes e encantados com todos os meninos e meninas. Estas observações têm vindo a ser feitas diariamente, no meu local de trabalho, pelo que, na fase inicial de diagnóstico e planeamento do projecto, não recorri à elaboração de notas de campo.

Assim, quando na unidade curricular de projecto nos foi pedido que elaborássemos um projecto social que teria de ser, numa fase posterior, aplicado e avaliado pareceu-me que seria interessante desenvolver um projecto na área das relações intergeracionais. Esta ideia ficou mais sólida após ter assistido a um seminário no Centro Paroquial de Paderne cujo tema era “Relações Intergeracionais – da Infância à Velhice”.

No final de Dezembro de 2008, falei informalmente com o director da instituição e expus-lhe a minha ideia pedindo autorização para avançar e falar com as educadoras de infância⁴⁰. Este concordou e deu-me ordem para avançar.

No início de Janeiro, falei com as educadoras das salas dos 4 e 5 anos, pois pareceu-me que a desenvolver um projecto deste tipo seria preferível trabalhar com os miúdos mais velhos em vez de trabalhar com os miúdos da creche ou dos 3 anos⁴¹. Foi também em Janeiro que iniciei a pesquisa documental e bibliográfica sobre a temática central do projecto – as relações intergeracionais –, bem como sobre alguns temas associados a esta temática.

Entretanto comecei a redigir o projecto, fazendo mais uma ou outra entrevista informal para clarificar algumas ideias e ver a possibilidade de realização de algumas das actividades anteriormente apresentadas.

⁴⁰ Ver anexo n.º 3: Entrevista informal n.º 1.

⁴¹ Ibid.: Entrevista informal n.º 2.

Estes foram os passos que dei na fase de diagnóstico e planeamento do projecto. Não reuni os idosos nesta fase de diagnóstico pois, na minha opinião, estes iriam ficar desmotivados até que o projecto tivesse início e isso podia pôr em causa a prossecução do mesmo.

Antes da implementação desta primeira fase do projecto, foi necessário falar (ainda que de forma bastante informal) com os idosos, a fim de os convidar e motivar a participar nas diversas actividades que constituem o projecto. Falei também informalmente, com a professora de ginástica (disponibilizada pela Câmara Municipal de Portimão) a fim de contar com o seu apoio na dinamização nas sessões de ginástica conjuntas entre idosos e crianças. Importa salientar que a professora se mostrou desde logo disponível para participar no projecto⁴².

Ao longo de todo o processo de implementação desta primeira fase do projecto, realizaram-se algumas entrevistas e conversas informais com os idosos de forma a perceber qual a sua opinião relativamente ao projecto em questão e às diferentes actividades que o constituem. “É evidente que o sucesso de um projecto está relacionado directamente com o nível de satisfação que as pessoas implicadas no mesmo possam obter” (Pérez Serrano, 2008, p. 87). Estas conversas informais foram também acontecendo entre mim e o restante pessoal técnico, envolvido no projecto, de modo a poder perceber qual a sua opinião relativamente ao desenvolvimento do projecto. Só assim, foi possível uma partilha de ideias de modo a ir melhorando alguns aspectos ao longo do desenvolvimento das diferentes actividades.

Importa referir que todas as conversas informais realizadas se encontram inseridas no diário de campo, o qual foi escrito ao longo do desenvolvimento de todo o projecto. Por outro lado, as entrevistas informais efectuadas numa fase inicial do projecto foram registadas e numeradas de acordo com a sua data de concretização. Apesar disso, é possível encontrar algumas delas inseridas no diário de campo, a partir do momento em que este começou a ser elaborado. Estas últimas foram efectuadas já durante o processo de desenvolvimento desta primeira fase do projecto em questão.

Ainda no que diz respeito às entrevistas informais interessa mencionar que, embora inicialmente tivesse pensado em realizar mais algumas entrevistas informais aos idosos no final da aplicação desta primeira fase do projecto, de modo a tentar compreender qual a sua opinião relativamente ao projecto na sua globalidade, tal não

⁴² Ver anexo n.º 3: Entrevista informal n.º 7.

aconteceu. Isto porque, comecei a aperceber-me, através do contacto e das conversas que tinha com eles diariamente, que não iria conseguir grande informação da sua parte. Nalgumas ocasiões tentei iniciar conversas nesse sentido e a grande maioria dos idosos fazia observações bastante vagas acabando por não expor a sua opinião. Várias vezes obtive respostas do género: “Então, foi uma manhã igual às outras!”, “A menina Sara pediu para a gente ir, a gente foi.”; “Sim, aquilo esteve engraçado.” – Deste modo, optei por não fazer mais entrevistas informais. Penso que o facto dos idosos me conhecerem há cerca de 4 anos e de, na sua maioria, gostarem muito de mim, vem afectar as suas respostas na medida em que estes não me querem desagradar. À partida eles evitariam dar uma resposta negativa se os começasse a questionar acerca do que tinham achado das actividades, nas quais haviam participado. Como tal, achei por bem basear-me apenas nas conversas e entrevistas informais feitas durante o desenvolvimento desta primeira fase do projecto. Na minha opinião, estas parecem-me ser bastante fiáveis na medida em que estes acabavam por expressar o que sentiam de modo espontâneo, sem se aperceberem, nalgumas vezes, que eu estava atenta às suas conversas. Ainda relativamente à opinião dos idosos e ao seu nível de participação, também me posso guiar pelo facto dos idosos envolvidos nas actividades serem quase sempre os mesmos e dos participantes se manterem assíduos ou não às actividades desenvolvidas ao longo destes 5 meses⁴³. À partida, se estes perdessem o interesse nas actividades deixariam de participar gradualmente, uma vez que ninguém os obrigou a participar em nada e o faziam de sua livre vontade.

Durante o decorrer das diversas actividades do projecto, foi feito também algum trabalho de observação, que se encontra registado em diário de campo. Este foi elaborado no decorrer de todo o projecto de forma a registar toda a informação possível acerca das diferentes actividades e da forma como estas se desenvolveram, assim como o grau de participação e interacção dos intervenientes no projecto. As notas de campo foram, muitas vezes, elaboradas não só a partir das minhas memórias de observação mas também com o apoio do registo em vídeo que ia fazendo, sempre que possível, durante o decorrer das diversas actividades. Assim, elaborei ao longo desta primeira fase de implementação do projecto 35 notas de campo. Numas descrevi mais aprofundadamente a actividade que teve lugar no dia a que a nota corresponde, noutras

⁴³ Ver anexo n.º 7: Mapas de presenças dos idosos nas várias actividades desenvolvidas.

registei e reflecti apenas sobre aspectos ou acontecimentos que me pareceram importantes para o desenvolvimento deste projecto.

Importa ainda salientar que, ao longo de toda a implementação desta primeira fase do projecto, foram tiradas fotografias durante a realização de cada uma das actividades, de modo a focar vários aspectos e a enriquecer, posteriormente, o trabalho escrito. Estas fotografias foram ainda utilizadas na elaboração de uma exposição, que teve lugar na entrada da Aldeia de São José de Alcalar de 8 de Julho a 6 de Agosto de 2009. Esta exposição ficou mais enriquecida com a mostra de alguns dos trabalhos manuais desenvolvidos, pelos idosos e crianças, durante os ateliês que foram decorrendo durante a implementação desta primeira fase do projecto.

Para além disto, foi entregue, às educadoras de infância, à educadora social, à professora de ginástica e às auxiliares de acção educativa um questionário⁴⁴ na última sessão de cada actividade, nas quais estiveram presentes. Assim, foram feitos, na totalidade, 25 questionários ao longo de todo o projecto.

Posteriormente, foram feitas 5 entrevistas semi-directivas, de modo a avaliar, de uma forma mais precisa, esta primeira fase do projecto no geral e cada actividade em particular. Estas entrevistas⁴⁵ foram feitas ao pessoal técnico envolvido directamente no projecto, nomeadamente: as educadoras de infância e auxiliares de acção educativa das salas dos 4 e 5 anos e a educadora social, responsável pelo sector da animação da valência de lar de idosos da Aldeia de São José de Alcalar. Interessa referir que estas entrevistas foram gravadas utilizando um gravador de micro cassete, sendo posteriormente transcritas. A utilização deste instrumento intimidou bastante as entrevistadas, sendo visível a sua falta de à vontade. O facto é perfeitamente compreensível. De acordo com Peretz (2000), qualquer indivíduo “. . . sabendo-se registado, pode acentuar ou atenuar esta ou aquela maneira de fazer ou dizer” (p. 116). Por outro lado, penso que o facto de trabalhar na instituição há já algum tempo e das entrevistadas me conhecerem pode, de certa forma, ter influenciado as respostas de algumas delas. A falta de à-vontade notou-se, especialmente, da parte das auxiliares de acção educativa que se mostravam bastante nervosas e com alguma dificuldade em responder às minhas questões. Estas não percebiam porque razão queria entrevistá-las, até que lhes expliquei que, para mim, a opinião delas também era importante, daí querer fazer a mesma entrevista a elas e às educadoras. Uma das educadoras e a educadora

⁴⁴ Ver anexo n.º 8: Exemplar do questionário de avaliação das actividades.

⁴⁵ Ver anexo n.º 9: Grelha da entrevista semi-directiva.

social também mostraram algumas reticências, mas não tão evidentes como as demonstradas pelas auxiliares de acção educativa.

Interessa referir que foram criados nomes fictícios para os intervenientes no projecto (idosos, crianças, educadoras de infância, auxiliares de acção educativa, educadora social, funcionárias), citados ao longo desta dissertação e dos seus anexos.

No final desta primeira fase de implementação do projecto falei ainda com as educadoras no sentido destas tentarem perceber quais as actividades favoritas das crianças. O que pretendia era que fosse feita uma espécie de avaliação geral com as crianças, uma vez que todas tinham participado nas diferentes actividades e assim poderiam compará-las, mostrando as suas preferências. As educadoras informaram-me que era possível, mas que teria sido mais fácil caso estas fossem dando a sua opinião logo a seguir a terem participado nas actividades. Segundo uma das educadoras, uma vez que já passara algum tempo desde que as primeiras actividades haviam sido desenvolvidas, as respostas das crianças poderiam não ser tão fiáveis. De qualquer modo, as educadoras de ambas as salas arranjam uma maneira de avaliar as actividades junto das crianças. Foi criada uma folha com 5 linhas de sorrisos (☺ - Bom; ☺ - Médio; ☹ - Mau), sendo que cada linha correspondia a uma actividade⁴⁶. Assim, as educadoras iam falando com as crianças acerca das actividades desenvolvidas e mostrando algumas fotografias para que estas as recordassem mais facilmente e fossem pintando o sorriso correspondente ao seu grau de satisfação perante a actividade apresentada. Importa salientar que tanto numa, como noutra sala faltaram crianças no dia em que foi feita esta avaliação. Como tal, na sala dos 4 anos foram feitas 20 avaliações e na sala dos 5 anos conseguiram-se 14 avaliações.

Todos estes aspectos e instrumentos avaliativos contribuíram, cada um à sua maneira, para a realização de uma avaliação final desta primeira fase do projecto. “A avaliação final é, geralmente, uma avaliação de objectivos ou de resultados que pretende verificar os efeitos do projecto no fenómeno social com que se pretendia lidar” (Peretz, 2000, p. 196).

⁴⁶ Ver anexo n.º 10: Avaliações feitas pelas crianças.

2.6.1. Desenvolvimento da análise de conteúdo

Um dos passos essenciais de qualquer trabalho de investigação ou da avaliação de qualquer projecto é a análise de conteúdo do material, previamente, recolhido. Só desta forma é possível interpretar e dar sentido à informação recolhida.

. . . o material sujeito à análise de conteúdo é concebido como o resultado de uma rede complexa de condições de produção, cabendo ao analista construir um modelo capaz de permitir inferências Trata-se da desmontagem de um discurso e da produção de um novo discurso através de um processo de localização-atribuição de traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção da análise (Vala, 1986, p. 104).

Peretz (2000), por sua vez, diz-nos que

. . . depois da observação terminada. O observador deverá reler a totalidade das suas notas de uma só vez, com um lápis à mão Não será eliminada nesta altura qualquer parte deste longo texto, tudo deverá ser catalogado . . . (p. 140).

Ruiz Olabuénaga (1999) vê a análise de conteúdo como “. . . uma técnica para ler e interpretar o *conteúdo de toda a classe de documentos*⁴⁷ e, mais concretamente . . . de *documentos escritos*⁴⁸” (p. 192). Também Shwandt (2001) defende que a análise de conteúdo “. . . é a actividade de dar sentido, interpretar ou teorizar dados” (p. 6).

Uma vez apontada a função principal da análise de conteúdo, e tendo em conta que existem vários tipos de análise, interessa agora explicar qual o tipo de análise utilizado neste estudo. Assim, será feita uma análise temática, que se complementa com uma análise de enunciação, uma vez que estes dois tipos de análise se encontram interligados. “A análise da enunciação é complementar de uma análise temática previamente efectuada” (Bardin, 2000, pp. 174-175).

⁴⁷ Em itálico no original.

⁴⁸ Ibid.

De acordo com Bardin (2000) “a análise temática . . . recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projectada sobre os conteúdos” (p. 175).

Segundo Vala (1986),

A análise de conteúdo tem a enorme vantagem de permitir trabalhar sobre a correspondência, entrevistas abertas, mensagens dos mass-media, etc., fontes de informação preciosas e que de outra forma não poderiam ser utilizadas de maneira consistente pela história, a psicologia ou a sociologia. (p. 107)

Neste caso concreto e de modo a melhor conseguir avaliar o projecto em questão, foi feita uma análise de conteúdo dos questionários e das entrevistas semi-directivas. Também o diário de campo foi alvo de análise, bem como as avaliações feitas pelas crianças das duas salas. Também as conversas informais tidas com alguns dos idosos ao longo de todo o projecto, foram tidas em conta aquando da avaliação global do mesmo.

Questionários

Relativamente aos questionários, visto serem apenas 25 e dizerem respeito às avaliações de actividades específicas, estes foram separados e analisados por actividade.

Entrevistas Semi-directivas

No que respeita às entrevistas semi-directivas esta foram analisadas tendo em conta os seguintes objectivos:

- Saber se as entrevistadas já haviam participado nalgum projecto que visasse as relações intergeracionais;
- Perceber qual a opinião das entrevistadas relativamente à primeira fase de implementação do projecto;
- Perceber a opinião das entrevistadas acerca da implementação de uma nova fase do projecto.

Diário de campo

O diário de campo, por sua vez, foi alvo de uma categorização temática⁴⁹ de modo a facilitar a interpretação dos dados, relativos às diferentes actividades desenvolvidas e aos resultados obtidos durante as mesmas. As categorias e subcategorias estabelecidas correspondem assim aos indicadores que me propus avaliar ao longo de todo o projecto, no decorrer do meu trabalho de observação. Deste modo, passo a apresentar as categorias e subcategorias criadas:

1. Interação entre idosos e crianças:
 - 1.1 Convívio/interacção entre as duas gerações.
 - 1.2. Atitudes dos idosos.
 - 1.3. Atitudes das crianças.
 - 1.4. Apoio dos idosos relativamente às crianças.
 - 1.5 Apoio das crianças relativamente aos idosos.
 - 1.6. Diferenças entre gerações.
 - 1.7. Problemas que afectam a geração mais velha e, conseqüentemente, o seu nível de participação nas actividades.
2. Postura dos diferentes intervenientes face ao projecto e às actividades:
 - 2.1. Sr. Padre.
 - 2.2. Educadoras de infância e auxiliares de acção educativa.
 - 2.3. Professora de ginástica.
 - 2.4. Educadora social.
3. Opiniões dos intervenientes no processo relativamente ao projecto no geral e a cada actividade em particular:
 - 3.1. Comentários dos idosos.
 - 3.2. Comentários das crianças.
 - 3.3. Comentários das educadoras de infância.
 - 3.4. Comentários da professora de ginástica.
 - 3.5. Comentários da educadora social.
 - 3.6. Os meus comentários.

⁴⁹ Ver anexo n.º 15: Categorização temática do diário de campo.

Avaliações das crianças

A partir das avaliações feitas pelas crianças das salas dos 4 e 5 anos de idade foi elaborada uma grelha geral⁵⁰ com os resultados obtidos nas duas salas. Para além disto, foi criado um gráfico, que possibilita comparar a opinião das crianças das 2 idades, relativamente a 1 mesma actividade⁵¹.

Entrevistas e conversas informais

Já no que diz respeito às entrevistas e conversas informais elaboradas durante esta primeira fase de implementação do projecto, importa salientar que algumas delas se encontram inseridas no diário de campo. Como tal acabaram por ser alvo da categorização temática aplicada aos mesmos. As restantes foram analisadas uma a uma tendo em conta a actividade, o acontecimento ou o assunto ao qual se referiam.

⁵⁰ Ver anexo n.º 10: Avaliações feitas pelas crianças.

⁵¹ Ibid.

CAPÍTULO III: RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO PROJECTO

3. AVALIAÇÃO

Antes de falar dos resultados da aplicação do projecto propriamente ditos importa falar, ainda que de forma um pouco sucinta, da avaliação. Na realidade, estes resultados constituem exactamente a avaliação desta primeira fase de implementação do projecto.

“A avaliação é um processo de reflexão que permite explicar e avaliar os resultados das acções realizadas. A avaliação permite-nos reconhecer os erros e os sucessos da nossa prática, a fim de corrigir aqueles no futuro” (Pérez Serrano, 2008, p. 81). Como todos os projectos sociais, também este foi sujeito a um processo de avaliação com o intuito de verificar o cumprimento ou não dos objectivos propostos numa fase inicial do mesmo.

A avaliação do projecto visa a modificação de aspectos que possam não ter corrido da melhor forma no desenvolvimento das diversas actividades, bem como perceber até que ponto os idosos e crianças se encontram satisfeitos com o decorrer do processo. Chama-se a isto uma avaliação com fins de acompanhamento, “. . . pretende-se saber se os projectos de intervenção estão a atingir os grupos-alvo e se estão a assegurar os recursos e serviços previstos” (Ibid., p. 196).

Assim, a avaliação deste projecto foi feita de forma contínua, de modo a que fosse possível melhorar alguns aspectos referentes à organização e decorrer das actividades, à medida que estas iam acontecendo. De acordo com Almeida (1998), “A avaliação é um processo contínuo de renovação que, dia a dia, vem sendo enriquecido com várias vivências e experiências” (p. 124).

Pérez Serrano (2008), por sua vez, diz-nos que

Através da avaliação progressiva do projecto vamos tomando consciência tanto dos progressos e avanços como dos desajustamentos e vicissitudes no processo de desenvolvimento do mesmo. Este caminho vai-nos indicando em que grau, de que forma e de que modo se vão alcançando os objectivos. A avaliação de qualquer projecto deve ser integrada nele próprio. Esta deve ser *contínua, sistemática e flexível*⁵². (p. 96)

A avaliação desta primeira fase do projecto foi feita a nível interno. Segundo Pérez Serrano, esta “é realizada por pessoas que procedem do interior da instituição

⁵² Em itálico no original.

executora do projecto. Ou seja, é levada a cabo por pessoas implicadas no programa que possam proporcionar um *feedback*⁵³ contínuo, de modo que possam integrar as adaptações necessárias” (Ibid., p. 89). Importa salientar o facto desta ser uma avaliação de carácter qualitativo que passa não só pela avaliação feita pela equipa técnica face ao projecto, como também pela avaliação feita pelos idosos e pelas crianças.

Deste modo, torna-se necessário fazer uma avaliação das diferentes componentes envolvidas no projecto, nomeadamente: de cada actividade em particular; da adequação dos materiais às diferentes actividades; da participação dos idosos e das crianças; da interacção entre idosos e crianças; bem como das repercussões que estas actividades de carácter intergeracional possam ter no dia-a-dia dos idosos e crianças directamente envolvidos no projecto.

Relativamente à avaliação final, esta é aplicada

. . . no fim do processo ou período de realização de um projecto. Esta fase final implica a elaboração de uma síntese que se atinge com a conjugação de todos os elementos proporcionados pela avaliação inicial e processual para chegar a uma formulação global na qual se ponha em relevo se os objectivos do projecto foram alcançados, ou não, e em que medida. É necessário analisar os resultados alcançados e os seus efeitos nos beneficiários. Convém explicá-los através de indicadores que forneçam informação relevante e objectiva. (Ibid., p. 96)

3.1. Resultados da aplicação do projecto

Neste ponto, passarei a apresentar os resultados da aplicação desta primeira fase do projecto, tendo em conta cada actividade em particular e as opiniões de idosos, crianças, educadoras de infância, auxiliares de acção educativa, educadora social, professora de ginástica e as minhas, enquanto promotora e coordenadora do projecto em questão.

⁵³ Em itálico no original.

3.1.1. Hora do conto

Esta actividade teve lugar em duas sextas-feiras. Na sexta-feira dia 06.03.2009 esta decorreu na sala dos 4 anos, enquanto que na semana seguinte foram as salas dos 3 e 5 anos que contaram com a presença dos contadores de histórias. Ambas as semanas me dirigi acompanhada pelos idosos contadores de histórias, para as salas das crianças, no jardim infantil. Estes ficaram sentados em cadeiras enquanto que as crianças se encontravam sentadas no chão, formando um semi-círculo em frente aos idosos⁵⁴. Uma vez feitas as apresentações os idosos contaram as suas histórias, sucessivamente, um após o outro, deixando um pequeno intervalo entre cada história que permitia a intervenção das educadoras ou até mesmo das próprias crianças. “. . . No final das histórias os miúdos batiam palmas e a educadora falava um pouco com eles”⁵⁵.

Importa salientar que esta actividade ocorreu excepcionalmente na sala dos 3 anos uma vez que como eram muitos os contadores de histórias perguntei à educadora se, de alguma forma, seria possível levar 2 ou 3 dos idosos a contar histórias à sua sala. Na semana anterior havia verificado que um grande número de histórias se tornava cansativo para as crianças. Apesar disso, não queria dispensar os idosos que tão prontamente se dispuseram a participar na actividade e, como tal, foi necessário arranjar uma solução. Deste modo, embora a sala dos 3 anos não estivesse inicialmente integrada no projecto, para esta actividade pude contar com a abertura e colaboração da educadora, que se dispôs desde logo a receber os contadores de histórias⁵⁶.

Relativamente a esta actividade posso começar por dizer que esta foi, na minha opinião, uma actividade mal idealizada. Com a preocupação de arranjar muitos contadores de histórias não me lembrei que muitas histórias poderiam acabar por cansar os miúdos, fazendo com que estes pudessem deixar de prestar atenção a meio da actividade. Como refere uma das educadoras no questionário, “depois de decorrida a actividade e avaliado o processo da mesma, diminuiria o número de histórias contadas. Desta forma, permitiria às crianças uma maior assimilação das histórias⁵⁷”. Esta actividade foi apontada por uma das auxiliares como sendo aquela que teve piores resultados, no entanto esta não se refere a resultados em termos de interacção refere sim o número elevado de histórias. Na opinião da entrevistada os miúdos “. . . ainda são tão pequenos que se torna muito saturante. . . . Depois de ouvir um, dois, depois já

⁵⁴ Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

⁵⁵ Ver anexo n.º 5: Nota de campo n.º 7.

⁵⁶ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

⁵⁷ Questionário de avaliação da actividade: Hora do conto.

começam a ficar assim um bocadinho dispersos . . . se fosse, por exemplo, um velhote só a contar uma história num dia, na outra semana outro, tinha tido mais sucesso”⁵⁸.

Quanto ao nível de interacção entre idosos e crianças enquanto que duas educadoras e uma auxiliar o classificam como bom, duas auxiliares classificam-no como tendo sido razoável e uma das educadoras como reduzido⁵⁹. No entanto, todas elas concordaram relativamente a terem sido os idosos quem teve uma participação mais activa, durante o decorrer da actividade em questão⁶⁰.

Tal aconteceu pois os idosos tinham um papel de “contadores de histórias” e conseqüentemente o seu tempo de comunicação prevaleceu. Por sua vez, as crianças apesar de participativas após cada história, permaneceram mais tempo caladas, pois estavam atentas e curiosas.⁶¹

Uma das educadoras referiu ainda que “. . . as crianças como ouvintes e espectadores, também participaram como receptoras de saberes”⁶².

No que respeita à avaliação das crianças esta parece-me ser positiva. Apesar de uma das crianças da sala dos 5 anos ter afirmado não ter gostado da actividade em questão e de algumas terem revelado um nível intermédio de satisfação relativamente à mesma (7 crianças na sala dos 4 anos e 4 na sala dos 5 anos), a sua maioria afirmou ter gostado da actividade aquando da avaliação final do projecto⁶³. Para além disto, tive conhecimento de que duas das crianças da sala dos 4 anos comentaram em casa, sem ninguém lhes perguntar, que os idosos tinham ido contar histórias à sua sala. Contudo, o facto destas duas crianças não se lembrarem de quais as histórias que tinham ouvido, pode evidenciar algum cansaço dos miúdos a partir da terceira ou quarta história. Uma das crianças disse mesmo: “hoje foram à minha sala três velhotes do teu trabalho contar histórias. Um chamava-se José mas já não sei quantos anos tinha e os outros não me lembro os nomes”⁶⁴. A realidade é que foram 7 os contadores de histórias naquela manhã e não 3 como a menina referiu.

⁵⁸ Ver anexo n.º 9: Transcrições das entrevistas realizadas.

⁵⁹ Questionários de avaliação da actividade: Hora do conto.

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Ibid.

⁶² Ibid.

⁶³ Ver anexo n.º 10: Avaliações feitas pelas crianças.

⁶⁴ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

Fiquei com a sensação que os miúdos tinham gostado da actividade assim como os próprios idosos. Comparativamente à hora do conto que decorrerá na sala dos 4 anos, pareceu-me que os miúdos da sala dos 5 anos estiveram mais atentos às histórias e verifiquei também que os idosos já se sentiam mais à vontade e contavam as histórias à medida que se iam lembrando, sem que fosse preciso mandá-los falar.⁶⁵

Os idosos mostraram uma evolução bastante notável de uma semana para a outra. Também, no caso das idosas que contaram as histórias na sala dos 3 anos se verificou esta mesma evolução. “Isto vê-se pelo facto destas acabarem por contar mais histórias do que havia sido estipulado inicialmente e de introduzirem também as orações, das quais nem sequer se tinha falado anteriormente”⁶⁶. Apesar dessa evolução os miúdos a partir de uma certa altura começaram a dispersar. “A D.^a Olinda teve alguma dificuldade para acabar de contar a história, fazendo algumas paragens. Nota-se que o barulho dos miúdos a estava a incomodar”⁶⁷. De acordo com a educadora da sala em questão,

. . . os idosos devem ter uma preparação prévia para contar as histórias a crianças desta faixa etária. Elas necessitam de se sentir “presas” à história, em interesse constante e isso não aconteceu, porque os idosos intervenientes na actividade não souberam captar esse interesse através de: questões, surpresas, vozes e criatividade.⁶⁸

Ainda relativamente ao nível de participação dos idosos, interessa referir que os idosos que participaram na primeira semana mostraram interesse em continuar a participar na semana seguinte. Não houve nenhum que me dissesse que não tinha gostado e que não queria voltar.

Importa salientar um episódio que aconteceu no dia em que os idosos foram contar histórias à sala dos 4 anos que vem comprovar o encanto que os idosos têm pelas crianças.

⁶⁵ Ver anexo n.º 5: Nota de campo n.º 10.

⁶⁶ Ibid.: Nota de campo n.º 11.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Questionário de avaliação da actividade: Hora do conto.

Ao sairmos do jardim infantil, os idosos entraram na sala das “Almofadinhas” (miúdos da creche). Quando descí as escadas estes já se encontravam lá dentro. A auxiliar, que acompanhava as crianças, disse-me que eles viram a porta aberta e entraram dizendo que tinham vindo visitar os meninos comigo, mas que aqueles ainda não tinham visto.⁶⁹

Quando cheguei à porta da sala os idosos rodeavam as crianças olhando para elas com um brilho no olhar.

Na semana seguinte, parece-me que o facto dos miúdos da sala dos 5 anos se mostrarem mais atentos também contribuiu para o à-vontade dos idosos. No final da actividade um dos contadores de histórias afirmou: “– Estes meninos eram mais simpáticos que os outros. Muito bem-educados”⁷⁰. Foi também nesta sala que se verificou um maior nível de interacção entre as duas gerações durante o decorrer de toda a sessão.

Quando a D.^a Mariana acabou de contar a história da menina com o “Chapelinho Vermelho” os miúdos tiveram a falar da história que conheciam do “Capuchinho Vermelho” apontando as diferenças entre a história que havia sido contada pela idosa e a que eles já conheciam.⁷¹

Outro momento de interacção, que não posso deixar de referir, ocorreu quando os miúdos cantaram uma canção como forma de agradecimento pelas histórias que haviam acabado de ouvir

Os miúdos . . . começaram a cantar. Os idosos ouviam e olhavam com um misto de ternura e encanto para os mais pequenos e alguns deles começaram a bater palmas ao mesmo tempo das crianças. No final da canção todos bateram palmas.⁷²

Há ainda que referir o facto de uma das idosas ter ensinado às crianças uma lengalenga. “Os miúdos repetiram a lengalenga a seguir à D.^a Otília contando, tal como ela fizera,

⁶⁹ Ver anexo n.º 5: Nota de campo n.º 7.

⁷⁰ Ibid.: Nota de campo n.º 10.

⁷¹ Ibid.

⁷² Ibid.

pelos dedos das mãos”⁷³. Para completar, no final da sessão “. . . foi uma maré de beijinhos e abraços entre as crianças e os idosos. Estas levantaram-se a correr e rodearam os idosos ainda sentados”⁷⁴. Penso que esta interacção se deve, em parte, às intervenções da educadora, ao longo de toda a sessão ela incentivou as crianças a interagirem com os idosos.

“Quando já íamos a sair da sala reparei que a Otília ainda se encontrava sentada e ensinava a última lengalenga ao bisneto, contando pelos dedos da mão dele. Este ouvia a bisavó e olhava com grande atenção”⁷⁵.

Não posso deixar de salientar o facto de, na primeira sessão, duas das histórias não terem sido adequadas à idade das crianças a quem se destinavam. Embora tenha tentado fazer com que os idosos me contassem, antecipadamente, quais as histórias que iriam contar às crianças não o consegui, deste modo foi-me impossível controlar este acontecimento. No entanto, penso que as idosas acabaram por se aperceber que as suas histórias não tinham sido as mais apropriadas. Até porque, em conversa, uma das idosas me disse: “– Você não gostou foi da minha história que ela não era capaz!”⁷⁶

Outro aspecto que não posso deixar de comentar é o facto dos idosos sofrerem algumas limitações a nível físico ou de saúde que condicionaram, de alguma forma, o seu nível de participação nas actividades. Neste caso concreto, a perda de memória e a falta de audição foram dois dos problemas verificados ao longo das sessões. “No caso da D.^a Francisca, como ela tem muita falta de ouvido, as idosas que estavam ao seu lado tinham de lhe dizer quando era para falar ou para contar a história”⁷⁷.

. . . a D.^a Alda atrapalhou-se um pouco. Mesmo ela disse: “– É uma coisa antiga mas é muito comprida que vai ali a bicharada toda. Meto os pés pelas mãos e as mãos pelos pés e já não dou conta.” A idosa explicou que tinha tido um AVC e que ficou muito afectada.⁷⁸

Em suma, parece-me que esta actividade teve um balanço positivo apesar de, apresentar algumas falhas e poder vir a sofrer algumas alterações numa nova fase de

⁷³ Ver anexo n.º 5: Nota de campo n.º 7.

Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

⁷⁴ Ver anexo n.º 5: Nota de campo n.º 7.

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

⁷⁷ Ver anexo n.º 5: Nota de campo n.º 7.

⁷⁸ Ibid.: Nota de campo n.º 11.

implementação do projecto: redução do número de contadores de histórias por sessão; o prévio conhecimento de todas as histórias que os idosos pensem contar às crianças.

3.1.2. Ginástica

Foram dinamizadas 6 aulas de ginástica conjunta com idosos e crianças (3 com a participação das crianças da sala dos 4 anos e as restantes com a participação das crianças da sala dos 5 anos).

As aulas foram todas dinamizadas pela professora que nos é cedida, anualmente, pela Câmara Municipal de Portimão para dinamizar o programa “Exercício e Saúde” junto da população sénior do concelho. A professora mostrou-se, desde logo, disponível para integrar o projecto (“Sim, pode ser. Os idosos são muito paradinhos, fazem dois ou três exercícios e querem logo sentar-se. Pode ser que com as crianças sempre façam mais qualquer coisa⁷⁹”). Oferecendo-se também para trazer alguns materiais para a dinamização das aulas⁸⁰. Após a realização da primeira aula a professora confessou-me que, para ela, integrar este projecto era um desafio.

. . . a professora confessou que nunca tinha trabalhado com aquelas idades (referindo-se às crianças) o que acabava por ser um desafio para ela, uma vez que era como se tivesse a explicar as coisas a duas crianças ao mesmo tempo. As crianças podiam não perceber bem o que ela pretendia e os idosos, por vezes, também não compreendiam imediatamente devido à sua idade avançada (caso da gincana).⁸¹

Quanto ao formato das aulas, estas eram, de um modo geral, iniciadas com alguns exercícios de aquecimento⁸², seguidas de exercícios em que eram utilizados os materiais trazidos pela professora. Nestes exercícios, geralmente, os idosos e crianças encontravam-se em grupos de dois (um idoso para uma criança)⁸³, o que só por si obrigava a que se desse uma maior interacção entre ambas as gerações.

⁷⁹ Ver anexo n.º 3: Entrevista informal n.º 7.

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

⁸² Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

⁸³ Ibid.

Como os idosos têm mais dificuldade em estar de pé durante longos períodos fizeram grande parte dos exercícios sentados, mas cada um interagiu mais directamente com um miúdo pois foi colocado um miúdo em frente de cada idoso para fazer os exercícios.⁸⁴

Seguiam-se exercícios com o grande grupo e para finalizar eram feitos alguns alongamentos⁸⁵.

Na minha perspectiva as aulas, de um modo geral, correram muito bem, verificando-se um nível de interacção bastante elevado entre idosos e crianças uma vez que o tipo de exercícios visava também esse objectivo. Também as educadoras de infância, auxiliares de acção educativa e a professora de ginástica consideram bom o nível de interacção que se verificou entre idosos e crianças ao longo das aulas de ginástica conjuntas. Apenas a professora considerou que a participação das crianças havia sido mais activa do que a dos idosos. Isto porque, segundo ela “. . . os idosos se cansavam mais rapidamente, tendo que fazer a maioria dos exercícios sentados. No entanto, os idosos também participaram bastante e sempre activamente em todos os exercícios”⁸⁶.

Concordo inteiramente com a opinião da professora quando esta refere que

a actividade em si é bem pensada, no entanto, poderiam correr ainda melhor os exercícios e haveria um maior leque de exercícios, se as crianças tivessem um pouco mais de idade ou os idosos um pouco menos, pois haveria uma maior ajuda na percepção e realização dos exercícios por parte ou das crianças ou dos idosos . . .⁸⁷

Uma das educadoras diz, ao responder a uma das questões do questionário, que “estavam ambos os grupos (idosos/crianças) motivados para as actividades, o facto das crianças estarem intercaladas com os idosos facilitou a interacção. A professora de Ginástica teve um papel fundamental pois organizou e desenvolveu a actividade muito bem”⁸⁸. Relativamente ao facto de idosos e crianças se encontrarem sentados de forma

⁸⁴ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

⁸⁵ Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

⁸⁶ Questionários de avaliação da actividade: Ginástica.

⁸⁷ Questionários de avaliação da actividade: Ginástica.

⁸⁸ Ibid.

intercalada ao longo das aulas, interessa referir que tal só começou a acontecer a partir da segunda aula, por sugestão da educadora da sala dos 5 anos. De facto este aspecto acabou também por facilitar bastante o contacto entre ambas as gerações.

Apesar deste contacto mais próximo e do elevado nível de interacção entre idosos e crianças, notaram-se claramente, na realização de alguns exercícios, as diferenças existentes entre estas duas gerações em termos de ritmo e mobilidade. “. . . Os miúdos eram muito rápidos em relação a alguns idosos e chegavam mesmo a tirar-lhes os saquinhos da mão e a atirar-lhos novamente sem que estes praticamente se mexessem”⁸⁹. Em relação a este aspecto, a própria professora de ginástica referiu várias vezes, ao longo desta primeira fase de implementação do projecto, que se a diferença de idades não fosse tão elevada seria mais fácil programar e realizar os diferentes exercícios.

A Marisa referiu que os exercícios que as crianças conseguiam fazer não eram adequados para os idosos pois estes não tinham mobilidade para tal, por outro lado tanto os idosos como as próprias crianças mostravam alguma dificuldade em perceber exactamente como realizar os diferentes exercícios. A professora revelou ainda que ao planear as aulas tinha sempre receio que eles não compreendessem o que realmente era para fazer.⁹⁰

No entanto, e apesar das dificuldades apontadas pela professora responsável pela dinamização das aulas de ginástica, esta actividade foi apontada pelas 2 educadoras e pelas 2 auxiliares de acção educativa como sendo aquela que teve melhores resultados de interacção entre os idosos e as crianças⁹¹. Não só porque “estavam todos a pares e ... e eram várias actividades . . .”⁹², mas também

. . . porque tinha uma... uma professora diferente, que eles não conhecem, que não estão habituados a ver. Logo o respeito que eles têm, isto da parte das crianças. A... e depois é uma actividade, como eles não têm professor de educação física nós, às vezes, é que fazemos as

⁸⁹ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

⁹⁰ Ibid.

⁹¹ Ver anexo n.º 9: Transcrições das entrevistas realizadas.

⁹² Ibid.

actividades a... com eles é diferente. E implica movimento, que é uma coisa que eles gostam, não é. Podem andar aos saltos e fazer essas brincadeiras todas... E da maneira como a professora organizou aquilo. Estava tudo muito bem organizadinho, eles chegavam lá já sabiam onde é que se tinham de sentar e ouviam, e depois também materiais novos (as bolas, os arcos, as almofadinhas).⁹³

Um dos idosos também referiu a professora como uma mais valia para o desenvolvimento da actividade em questão. Quando, numa entrevista informal questioneei o Sr. Mário acerca das actividades desenvolvidas, este respondeu-me prontamente “a ginástica aquilo teve bem, eles parece que tinham mais respeito à professora e tavam mais sossegados”⁹⁴.

Relativamente à avaliação feita pelas crianças, esta foi bastante positiva na medida em que, na sala dos 5 anos, apenas uma criança disse não ter gostado da actividade e outra referiu ter gostado mais ou menos. Na sala dos 4 anos, 13 crianças afirmaram ter gostado muito da actividade contra 7 que afirmaram ter gostado mais ou menos⁹⁵. As crianças mostraram um maior à vontade à medida que as aulas foram decorrendo, estas no final das sessões mostravam-se mais faladoras e mais confiantes na presença dos idosos, da própria professora e de mim do que nas sessões iniciais⁹⁶. Tendo em conta a atitude das crianças da sala dos 5 anos, na última aula de ginástica parece-me que a avaliação que estes fizeram da professora também se revelou positiva. “. . . No final da sessão as crianças correram para a professora de ginástica e abraçaram-se todas a ela, ou melhor, às pernas dela”⁹⁷.

No que respeita aos idosos, estes mostraram-se sempre bastante satisfeitos ao longo das diferentes aulas. «Os idosos estavam felizes. Alguns mostravam um sorriso de orelha a orelha e davam gargalhadas enquanto “brincavam” com as crianças, falando com elas simultaneamente»⁹⁸. Para além disso, através de algumas conversas que foram surgindo informalmente, foi possível perceber o quanto os idosos gostaram desta actividade, especialmente devido à presença das crianças. Alguns deles só faltavam à

⁹³ Ver anexo n.º 9: Transcrições das entrevistas realizadas.

⁹⁴ Ver anexo n.º 3: Entrevista informal n.º 9.

⁹⁵ Ver anexo n.º 10: Avaliações feitas pelas crianças.

⁹⁶ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

⁹⁷ Ibid..

⁹⁸ Ibid.

actividade quando precisavam de ir ao médico. Exemplo disso é a conversa que tive com o Sr. Amílcar, o irmão e a esposa.

O Sr. Amílcar disse-me:

“– Ó menina Sara, então ontem houve ginástica e eu não fui! E você esteve lá em cima à hora do pequeno-almoço, não avisou e eu não soube.

– Então mas a professora não avisou na Sexta-feira que era ontem? Deve ter avisado... – respondi-lhe eu.

– Pois avisou, mas eu na Sexta-feira não fui porque tinha ido ao médico por isso depois esqueci-me.

Diz logo o Sr. Vítor:

– E olha que a ginástica ontem aquilo teve bom. Eram os idosos com os mais pequenos, com a malta mais miúda.

– E eu que gosto tanto de ir à ginástica com os meninos, menina Sara. Eu gosto muito daquilo. – respondeu o Sr. Amílcar, entre risos.

. . . Entretanto, para ver o que eles diziam mais acerca da actividade, acrescentei:

– Os miúdos são engraçados, vocês gostam é?

Responde logo a esposa do Sr. Arlindo (D.^a Olga) muito rápido:

– O meu marido veio-me gabando um pretinho que estava sentado ao lado dele.

– Pois foi. Ficaram dois pretos ao pé de mim. Mas os moços eram engraçados e eram muito remexidos. Havia um que fazia umas tropelias, quando estávamos em frente um do outro para mandar as bolas, um ao outro, e de vez em quando ia com o cu ao chão. Houve uma vez que deu um salto e me deu uma pisadela e tudo, tinha muita energia.”⁹⁹

Interessa referir que a ginástica sempre foi uma das actividades a reunir um maior número de idosos, mesmo antes da existência destas aulas com a participação das crianças. No entanto, o número de idosos a participar manteve-se e verificou-se a presença de alguns idosos que, por norma, não costumavam ter uma presença tão assídua neste tipo de actividade.

⁹⁹ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

Não posso deixar passar em branco o facto da D.^a Clotilde, mesmo de bengala, se ter enchido de força de vontade e ter participado activamente neste jogo. Parece-me a mim que os miúdos lhe transmitem uma alegria tão grande que ela se entusiasma e cria força para participar nas actividades, ainda que de forma mais lenta que os restantes idosos. Apesar disso o seu ritmo foi devidamente respeitado e a senhora passava o arco e ia para trás da sua fila aguardando novamente pela sua vez.¹⁰⁰

Nesta actividade verificaram-se também alguns momentos de entreaajuda entre idosos e crianças. “Alguns miúdos olhavam para os idosos para ver como estes faziam os exercícios e até o Sr. Mário explicou ao seu parceiro do lado como havia de fazer um dos exercícios”¹⁰¹. Isto mostra como “. . . alguns idosos . . . ajudavam as crianças que se encontravam ao seu lado para que estas melhor conseguissem realizar a tarefa que lhes fora pedida”¹⁰².

3.1.3. Lanche

Ao longo desta primeira fase de implementação do projecto foram realizados 3 lanches que contaram sempre com a presença de alguns idosos e das crianças das salas dos 4 e 5 anos. Dois deles tiveram lugar no nosso refeitório enquanto que o outro se realizou no salão polivalente do jardim infantil no dia da festa de aniversário da Aldeia de São José de Alcalar.

Contudo, penso que esta não foi uma actividade com grande sucesso uma vez que o barulho que as crianças faziam umas com as outras, enquanto brincavam e lanchavam, incomodava bastante os idosos, fazendo com que alguns deles se ausentassem mesmo da sala durante alguns períodos de tempo. Prova disso foi a conversa que tive com um dos idosos na tarde em que decorreu o primeiro lanche, o qual coincidiu com a festa de aniversário dos idosos que fizeram anos durante o mês de Março.

¹⁰⁰ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.
Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

¹⁰¹ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹⁰² Ibid.

– Eu não aguentava estar ali com o barulho! É que uma confusão destas ainda não tinha acontecido! Fazem um grande barulho, uma grande confusão. A minha cabeça não aguenta tar ali, por isso vim aqui um bocado e daqui a pouco já lá vou comer um bocadinho de bolo.¹⁰³

De facto, o barulho era tanto que ao entrar no refeitório “. . . via-se, através da sua expressão facial, que alguns idosos estavam incomodados com a barulheira que se fazia sentir. Até a música do rádio se custava a ouvir com o ruído das crianças”¹⁰⁴.

A avaliação das crianças também não foi muito positiva relativamente aos lanches. Na sala dos 4 anos 10 crianças afirmaram ter gostado dos lanches, enquanto outras 10 disseram ter gostado mais ou menos. Na sala dos 5 anos, por sua vez, as opiniões encontravam-se mais divididas: 3 crianças não gostaram da actividade, 5 gostaram mais ou menos e 6 afirmaram ter gostado dos lanches.

Por outro lado, tanto as educadoras como as auxiliares de acção educativa apontaram o lanche como tendo um nível de interacção muito baixo, uma vez que crianças e idosos acabaram por ficar em mesas separadas¹⁰⁵ o que, só por si, constituía um entrave ao convívio entre as gerações. “Não houve grande ou nenhuma participação de ambas as partes. Estavam totalmente afastados uns dos outros”¹⁰⁶. Inicialmente, após a realização do primeiro lanche, pensei que seria “. . . preferível fazer o lanche com apenas uma das salas ou então num espaço em que o barulho não se propague tanto”¹⁰⁷. No entanto, a maioria das questionadas acerca do assunto referiu a necessidade de intercalar crianças e idosos como forma de promover o convívio entre ambos e, ao mesmo tempo, de controlar o barulho feito pelas crianças.

Relativamente a este pormenor tal já havia sido pensado após a realização do primeiro lanche. Contudo, nos 2 lanches seguintes crianças e idosos continuaram a ficar em mesas separadas. Na festa de aniversário da Aldeia tal sucedeu porque as crianças foram lanchar para as suas mesas enquanto os idosos acabavam de apresentar a sua peça de teatro e a marcha. Como o salão onde se encontravam idosos e crianças era o mesmo, mais uma vez, o barulho dos miúdos fez-se sentir incomodando bastante não só os actores, mas também os idosos que se encontravam a assistir à festa. No último lanche,

¹⁰³ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹⁰⁴ Ibid.

¹⁰⁵ Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

¹⁰⁶ Questionário de avaliação da actividade: Lanche.

¹⁰⁷ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

não me foi possível assistir mas pedi à educadora social que dissesse aos idosos para que deixassem uma cadeira de intervalo entre eles para que as crianças se pudessem sentar quando chegassem. Apesar dos meus avisos tal não se verificou e idosos e crianças acabaram por ficar novamente distanciados¹⁰⁸.

. . . Os idosos ficaram de um lado e os miúdos ficaram de outro, a uma distância assim um bocadinho considerável . . . Depois do lanche também os velhotes saíam logo, se ficassem lá um bocadinho... Mas eles também se cansam do barulho que os miúdos fazem.¹⁰⁹

Apenas a educadora social avaliou a actividade de forma positiva, tendo em conta o número de idosos que participou nos lanches realizados. Há, no entanto, que salientar que o número de participantes idosos nos lanches só foi maior devido ao facto destes coincidirem com as festas de aniversário dos idosos (Março e Junho) e com a festa de aniversário da Aldeia de São José de Alcalar.

Uma das educadoras deu uma sugestão bastante interessante, que será tida em conta numa nova fase de implementação do presente projecto. Segundo a educadora, se fosse ela a coordenadora de um projecto deste tipo

planificaria . . . a confecção, por parte das crianças com a ajuda de alguns idosos, de algo especial para partilhar no dia do lanche, como por ex. um bolo ou biscoitos. Desta forma tanto crianças como idosos se sentiriam mais envolvidos na festa.¹¹⁰

3.1.4. Trabalhos manuais

Realizaram-se cinco ateliês de trabalhos manuais durante esta primeira fase de implementação do projecto. Destes cinco, quatro dos ateliês tiveram lugar no espaço da biblioteca da Aldeia de São José de Alcalar sendo, por isso, dinamizados pelos idosos, enquanto que o último teve lugar nas salas das crianças dos 4 e 5 anos respectivamente, o que levou a que fossem as próprias crianças, com a ajuda das educadoras, a dinamizar a actividade.

¹⁰⁸ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹⁰⁹ Ver anexo n.º 9: Transcrições das entrevistas realizadas.

¹¹⁰ Questionário de avaliação da actividade: Lanche.

Nas sessões dinamizadas pelos idosos os trabalhos efectuados passaram por: fazer bolinhas em papel crepe (com a finalidade de servirem para enfeitar os ovos ou as borboletas que as crianças picotavam ou cortavam)¹¹¹; fazer trabalhos com jornal¹¹² e fazer cadeirinhas com molas de madeira¹¹³. Já no último ateliê, que foi dinamizado pelas crianças, na sala dos 5 anos, foram feitos trabalhos em digitinta enquanto que na sala dos 4 anos foram feitas molduras em folhas A₃, colando bocados de papel colorido em torno das mesmas, que serviram depois para que cada idoso acompanhado por uma criança pintasse um desenho à sua escolha, utilizando guaches.

Os ateliês de trabalhos manuais contaram com a presença de um número mais restrito de idosos e de crianças. Em média, participaram nos ateliês cerca de 10 idosos por sessão. “Não foram muitos os idosos a participar na actividade mas, mesmo assim, tendo em conta os idosos que costumam aderir a este tipo de actividades penso que se conseguiu um grupo razoável”¹¹⁴. Em primeiro lugar, o número de idosos que costumam aderir a este tipo de actividades sempre foi bastante reduzido. Por outro lado, e tendo em conta o reduzido número de idosos que iriam participar e o espaço disponível para a realização da actividade, falei com as educadoras no sentido de não levarem as crianças todas. Importa salientar que este número restrito de idosos e crianças se mostrou constante ao longo de todas as sessões.

No que respeita à avaliação das crianças relativamente à actividade esta revelou-se positiva. Na sala dos 4 anos, apenas uma criança disse não ter gostado da actividade e outra afirmou ter gostado mais ou menos, as restantes dezoito afirmaram ter gostado da actividade. Na sala dos 5 anos, por sua vez, dez foram as crianças que afirmaram ter gostado da actividade, contra três que dizem ter gostado mais ou menos e uma que afirma não ter gostado. Isto também se nota através do comportamento adoptado pelas crianças durante a actividade. Por exemplo, o trabalho do Sr. José foi seguido com bastante atenção por parte dos mais novos.

As crianças ajudaram-no a desmontar as molas e depois observaram como o Sr. José ia colocando as partes das molas de modo a ir formando

¹¹¹ Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

¹¹² Ibid.

¹¹³ Ibid.

¹¹⁴ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

as diferentes partes da cadeira. O Edgar olhava com entusiasmo e foi o miúdo que mais atenção prestou ao trabalho do Sr. José.¹¹⁵

Na terceira sessão dos trabalhos manuais o à vontade das crianças era já bastante notável, na medida em que, “os 2 miúdos que ficaram na mesa com o Sr. José . . . após terem separado as molas começaram também eles a colar as diversas partes das molas . . .”¹¹⁶.

Na minha opinião, alguns comentários feitos pelos próprios idosos acabaram por contribuir não só para o à vontade que as crianças iam adquirindo, mas também demonstravam que os idosos se encontravam bastante empenhados nas actividades, percebendo efectivamente o que se pretendia.

O Sr. Miguel e a D.^a Maria incentivavam os meninos a colar as bolinhas e chegaram também a colocar a cola nas borboletas para ajudar uma ou outra criança que se mostrava mais atrapalhada. O Sr. Miguel, a uma determinada altura, comentou: “– Esta é habilidosa! . . . Pôs as bolinhas salteadas. Aquele escolheu todas da mesma cor. Cada um faz à sua maneira, mas estão todas bonitas.”¹¹⁷

Relativamente à avaliação feita pelas educadoras, de um modo geral, tanto estas como a educadora social consideraram que a actividade teve um grau de interacção elevado, em parte, devido ao semelhante número de idosos e crianças. Segundo as educadoras, “. . . os idosos tinham o papel de ensinar as crianças a fazer a actividade adequadamente, sendo assim, as crianças primeiro ouviam e viam como fazer e só depois executavam”¹¹⁸. No que respeita ao último ateliê, de acordo com uma das educadoras “. . . eram menos meninos. Era uma criança para cada idoso e então foi tudo muito calminho, ao som da música . . .”¹¹⁹.

Desta vez, foram as crianças que orientaram os idosos dando-lhes as indicações do que tinham de fazer e ajudando-os com os materiais. Os

¹¹⁵ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹¹⁶ Ibid.

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ Ver anexo n.º 9: Transcrições das entrevistas realizadas.

¹¹⁹ Ibid.

trabalhos foram realizados pelos idosos, mas o grau de interacção foi óptimo porque cada criança era responsável por um idoso.¹²⁰

Quanto aos idosos estes também se mostraram satisfeitos com a actividade em questão, prova disso são alguns dos comentários feitos por eles, bem como as suas reacções durante o decorrer dos diversos ateliês.

A D.^a Isabel disse-me com as lágrimas nos olhos: “– Não foi a última vez que vim aqui, não!” perguntei-lhe se tinha gostado e ela respondeu-me que sim . . . Para além da D.^a Isabel, também os olhos do Sr. José brilhavam enquanto se encontrava em contacto com as crianças.¹²¹

Notou-se também alguma evolução da parte dos idosos no decorrer dos vários ateliês, nomeadamente em relação a apoiar as crianças na realização dos trabalhos. “Os idosos estavam mais empenhados em ensinar as crianças . . .”¹²². Ao contrário do que se tinha vindo a verificar nas primeiras sessões, no último ateliê dinamizado pelos idosos “ . . . a D.^a Teresa, com toda a paciência e calma, ensinava e ajudava os meninos a fazer os rolinhos/tubinhos com as folhas do jornal . . .”¹²³.

Também nesta actividade as limitações ao nível da saúde acabam por influenciar o seu nível de participação dos idosos. Exemplo disso é o caso da

D.^a Ana, com 96 anos, muito surda e com bastante falta de vista acabou por não fazer nada mas esteve na nossa companhia e viu os meninos, voltando à sua casinha muito contente e agradecida mas, ao mesmo tempo, com pena de não conseguir participar mais activamente na actividade . . .¹²⁴

Outro aspecto que me parece importante referir é o facto do Américo, um adulto na casa dos 50 anos com alguma deficiência, se ter integrado bastante bem na actividade

¹²⁰ Questionário de avaliação da actividade: Trabalhos manuais.

¹²¹ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹²² Ibid.

¹²³ Ibid.

¹²⁴ Ibid.

em questão, começando por fazer bolinhas em papel crepe tal como os outros idosos e acabando por decorar uma borboleta à semelhança das que as crianças estavam a fazer.

. . . o Américo . . . todo satisfeito por estar ali junto dos miúdos o que se via, nitidamente, na sua expressão facial . . . acabou por pegar na cartolina já recortada e começou a decorá-la. Foi muito interessante e gratificante ver como ele colava as bolinhas na borboleta, escolhendo as diferentes cores e colando-as cuidadosamente ao longo de toda a borboleta.¹²⁵

Interessa salientar que o Américo, tal como mais alguns idosos, adquiriu o hábito de ir para a porta do jardim infantil ver as crianças sair do autocarro quando estas chegam pela manhã ou entrar no autocarro quando chega a hora de regressarem a suas casas. Outros idosos há, que passeiam perto do jardim infantil aproveitando para ver os miúdos enquanto estes brincam no parque infantil.

Interessa também falar um pouco da forma como decorreu a última sessão de trabalhos manuais, que teve lugar nas salas dos 4 e 5 anos no jardim infantil. Desta vez foram as educadoras quem organizaram as actividades e as crianças quem apoiaram os idosos na execução das mesmas. Esta tornou-se uma experiência bastante inovadora, uma vez que os idosos nunca tinham feito nada do género.

. . . na sala dos 4 anos, os idosos não se achavam capazes de desenhar com o pincel e os guaches na folha que se encontrava exposta no cavalete. Alguns diziam mesmo: “– Eu nunca tinha feito isto antes! Acha que está a ficar alguma coisa de jeito, menina Sara?”¹²⁶

Quer na actividade desenvolvida na sala dos 4 anos, quer na actividade desenvolvida na sala dos 5 anos foi possível observar um apoio das crianças relativamente aos mais velhos, o que ao longo da implementação desta primeira fase do projecto não foi muito visível. Na sala dos 4 anos,

¹²⁵ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹²⁶ Ibid.

enquanto que na fase da pintura os miúdos se limitavam a observar as pinturas feitas pelos idosos e a facultar-lhes as tintas que eles iam pedindo, na primeira fase em que era feita a moldura, eram os miúdos quem iam entregando os diferentes quadrados coloridos aos idosos para que eles os colassem em torno de toda a folha.¹²⁷

Já na sala dos 5 anos e uma vez que alguns idosos se mostravam reticentes em iniciar as pinturas “um dos miúdos chegou mesmo apegar na mão da D.^a Rita para que ela desenhasse . . .”¹²⁸.

3.1.5. Visita das crianças do A.T.L.

No início de Abril, a Margarida (auxiliar de acção educativa no A.T.L.) contactou-me a mim e à Sofia a fim de saber qual a possibilidade de levar as crianças a passar uma tarde à Aldeia. Estávamos na altura da Páscoa e as crianças tinham ensaiado uma pequena encenação¹²⁹ para apresentar aos idosos. Para além disto, após apresentada a encenação a Margarida pretendia que as crianças lanchassem juntamente com os idosos no nosso refeitório.

Apesar desta actividade não ter sido, inicialmente, programada aquando da planificação do projecto achei por bem integrá-la, na mesma, junto das actividades efectuadas. Esta, para além de se tratar de uma actividade intergeracional tal como as restantes actividades aqui apresentadas, permitiu aos idosos conviver com crianças um pouco mais velhas o que, na minha opinião se revelou bastante positivo.

As crianças antes da encenação entregaram-mo um pequeno cesto, feito por eles, com amêndoas para que depois repartisse pelos idosos. A esta encenação assistiram 30 idosos – “Uns foram lá ter pelos seus próprios pés, outros vieram trazidos pela educadora social ou com a ajuda de outras funcionárias . . .”¹³⁰. Os idosos assistiram em silêncio e com atenção à representação dos miúdos, “. . . batendo palmas nos momentos de pausa, especialmente após as canções cantadas pelas crianças ao longo da peça”¹³¹. No final, para grande alegria dos idosos, as crianças

¹²⁷ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹²⁸ Ibid.

¹²⁹ Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

¹³⁰ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹³¹ Ibid.

. . . passaram por todos os idosos, que se encontravam sentados nas cadeiras em torno do salão, apertando-lhes as mãos e dando beijinhos. Alguns miúdos, especialmente algumas meninas, demoravam-se mais junto de algumas idosas que conversavam meigamente com elas. A felicidade dos idosos ao serem cumprimentados pelos miúdos era visível nos seus rostos. Não há a menor dúvida que as crianças espalham alegria por onde passam.¹³²

Seguiu-se o lanche e, por sugestão da educadora social, “. . . cada criança seguiu o caminho do refeitório acompanhada por um idoso. Iam de mãos dadas para o refeitório muito calmamente e, nalguns casos, conversando uns com os outros”¹³³. O lanche decorreu calmamente e sem grande algazarra, uma vez que as crianças se encontravam sentadas junto do idoso que haviam acompanhado¹³⁴. No final foi partido um bolo que as crianças tinham feito com o intuito de partilhar com os idosos.

De uma maneira geral, a actividade correu bastante bem visto que a Margarida tinha tudo muito bem organizado. Para além disso, como os miúdos eram um pouco mais velhos eram também mais sossegados, respeitando sempre os idosos presentes na sala. Até o lanche, ao contrário do que acontecera nas vezes em que os idosos lancharam acompanhados pelas crianças das salas dos 4 e 5 anos, correu de forma calma e sem grande barulho. Os idosos conversavam com as crianças que tinham ao seu lado, cheios de satisfação. Esta tarde, acaba por ser um bom exemplo de que caso o projecto viesse a ser desenvolvido com as crianças do A.T.L. os resultados da aplicação do mesmo seriam muito diferentes dos conseguidos com as crianças do jardim-de-infância. Possivelmente, estes, revelar-se-iam um pouco mais positivos.

3.1.6. Jogos tradicionais

Durante esta primeira fase de implementação do projecto tiveram lugar, na Aldeia de São José de Alcalar, três manhãs de jogos tradicionais (uma com a presença das crianças da sala dos 4 anos, outra com as crianças da sala dos 5 anos e a terceira com a presença das crianças de ambas as salas). Em todas elas pude contar com a colaboração da educadora social, sendo importante salientar que nas primeiras duas

¹³² Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

sessões a professora de ginástica também esteve presente. Apesar disso o número de crianças foi sempre bastante elevado, não permitindo que os jogos decorressem com alguma ordem.

Embora na primeira sessão tenham havido 6 estações com jogos diferentes (latas, dominó, pinos, macaca, lencinho da botica, saltar à corda)¹³⁵, tal não se verificou na segunda e terceira sessões. Isto porque foram sendo eliminados aqueles jogos que não captaram o interesse dos participantes. Deste modo, uma vez que o lencinho da botica não prendeu as crianças na primeira sessão, na segunda optou-se por substituí-lo por mais uma estação com o jogo das latas que tinha sido um dos mais apreciados por todos.

O jogo das latas foi sem dúvida o mais apreciado pelos miúdos que deliravam quando as conseguiam mandar a baixo e depois as voltavam a empilhar todos satisfeitos. Os idosos também gostaram do jogo e participaram, mas como o entusiasmo e a rapidez dos miúdos era muito grande em comparação com os movimentos dos idosos, estes acabaram por sentar-se deixando as crianças jogar à vontade.¹³⁶

Por outro lado, na segunda manhã em que se realizaram os jogos tradicionais, a macaca acabou por ficar esquecida e não houve adeptos idosos para jogar ao dominó, logo não iríamos colocar as crianças a jogar sozinhas a um jogo para o qual necessitavam do apoio dos mais velhos.

Nas primeiras duas sessões, os jogos foram antecidos por alguns exercícios de aquecimento, dados pela professora de ginástica, que se encontrava presente na actividade. Seguidamente, formaram-se pequenos grupos junto das várias estações a fim de dar início aos jogos.

Na minha opinião, a última manhã de jogos tradicionais foi aquela que apresentou melhores resultados em termos de organização, uma vez que éramos seis (eu, as 2 educadoras, a Sofia e as 2 auxiliares de acção educativa) e, dessa forma, foi possível ficar uma de nós em cada estação, de modo a melhor conseguir orientar crianças e idosos. Nas diferentes estações tínhamos: o jogo dos pinos, o jogo da macaca o saltar à corda e três estações com o jogo das latas. Apesar de cada uma de nós ser

¹³⁵ Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

¹³⁶ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

responsável por uma estação, o facto do número de miúdos a participar ser maior (2 salas) acabou por condicionar, à semelhança do que havia acontecido nas sessões anteriores, a participação dos idosos nos jogos. Estes acabavam por sentar-se e deixar as crianças jogar à sua vontade e ao seu ritmo. “Embora tanto eu como as restantes colegas os chamássemos para jogar mesmo depois de estarem sentados, apenas alguns se levantavam para jogar uma vez e logo se tornavam a sentar, dando lugar às crianças”¹³⁷.

Relativamente à avaliação que as crianças fizeram desta actividade, há que salientar que a avaliação feita pelas crianças da sala dos 5 anos foi mais positiva que a avaliação feita pelos colegas da sala dos 4 anos. Assim, enquanto que na sala dos 5 anos apenas um miúdo diz não ter gostado da actividade contra treze que afirmam ter gostado, na sala dos 4 anos nove afirmam ter gostado da actividade contra onze que dizem ter gostado mais ou menos. Apesar disso, importa salientar que uma funcionária me disse que a filha (sala dos 4 anos) tinha ido a falar nos jogos para casa. O que vem comprovar que a actividade teve algum impacto para aquela criança, caso contrário ela não iria comentar com a mãe o que se passara durante o dia no infantário.

A Vanessa tinha dito à mãe que tinha gostado muito dos jogos que tinha feito na escola e que queria que ela lhe comprasse umas latas e umas bolas para ela jogar em casa. A miúda disse à mãe que os jogos tinham sido com os velhotes, com a Sara e com a professora de ginástica.¹³⁸

Para a professora de ginástica os jogos tradicionais tiveram um grau de interacção razoável, sendo as crianças quem teve uma participação mais activa no decorrer da actividade. Segundo a professora

As crianças gostam de jogos, gostam de brincar, só por si, já são mais activas. Enquanto que os idosos, apesar de gostarem deste tipo de jogos, cansam-se muito facilmente e daí tirarem mais tempo para descansar e um pouco menos para jogar.¹³⁹

¹³⁷ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹³⁸ Ibid.

¹³⁹ Questionários de avaliação da actividade: Jogos tradicionais.

Também as educadoras de infância apontaram o nível de interacção desta actividade como razoável, enquanto que uma das auxiliares o apontou como reduzido e a sua colega como razoável. Mais uma vez, apenas a educadora social considerou que o nível de interacção tivesse sido elevado e que tanto os idosos, como as crianças tinham tido uma participação activa. Já as educadoras e as auxiliares apontam as crianças como tendo assumido um papel mais activo durante o decorrer da actividade¹⁴⁰. Concorro, quando uma delas diz no questionário que “. . . isso aconteceu, pois as crianças estavam em maior quantidade e os idosos acabaram por ficar um pouco retraídos com o seu barulho e energia”¹⁴¹. Na entrevista semi-directiva que foi feita no final desta primeira fase da implementação do projecto uma das educadoras voltou a frisar o ritmo dos miúdos como condicionante à interacção com os idosos.

. . . os jogos tradicionais eles adoraram. Os miúdos adoraram Só que... não obtiveram muita interacção com os idosos a fazer a actividade . . . Eu acho que se calhar os idosos tiveram um bocadinho mais receio, até porque eles são muito enérgicos, muito eléctricos e então não param.¹⁴²

Realmente, como já referi anteriormente, os idosos a certa altura pararam mesmo de jogar, sentando-se a ver os miúdos brincar, talvez intimidados pela sua energia a qual não eram capazes de acompanhar. Afinal, não nos podemos esquecer que alguns dos idosos se encontram fisicamente condicionados. Deste modo, não diria que estes tiveram uma fraca interacção com as crianças, mas sim que tiveram uma participação menos activa nos jogos propriamente ditos. Assim, as alterações sugeridas pelas educadoras e pelas auxiliares para esta actividade passam não só por reduzir o número de crianças equiparando-o ao número de idosos que participam na actividade de modo a melhor conseguirmos controlar as crianças e integrar, mais activamente, os idosos nos jogos, mas também pela utilização do espaço exterior.

Quanto aos idosos, embora a sua maioria tenha iniciado as sessões de jogos tradicionais a jogar com as crianças, passado pouco tempo estes optaram por sentar-se a conversar com os colegas e a ver as crianças brincar. Estes mostraram algum interesse pelos jogos quando chegaram ao local na primeira manhã, embora um deles tenha

¹⁴⁰ Questionários de avaliação da actividade: Jogos tradicionais.

¹⁴¹ Ibid.

¹⁴² Ver anexo n.º 9: Transcrições das entrevistas realizadas.

frisado logo que os jogos já não eram para a sua idade, isto referindo-se ao jogo da macaca – “. . . isso era no outro tempo menina Sara. Agora já não tenho pernas para isso e já não me lembro bem. Isso é bom é para os meninos não é para a gente”¹⁴³. Deste modo, importa salientar que embora o jogo da macaca não tenha tido adeptos da parte dos idosos, outros jogos como o jogo das latas ou o jogo dos pinos já o tiveram. “O jogo dos pinos teve também uma forte adesão tanto das crianças como dos idosos que conseguiam jogar mais facilmente a este jogo visto que a maioria das crianças se encontrava entretida com as latas.¹⁴⁴” Embora tal não se tenha verificado na primeira manhã, na segunda sessão de jogos tradicionais alguns idosos mostraram-se disponíveis para ajudar os meninos a jogar em algumas das estações.

O Sr. Hélder mostrou-se bastante prestável a ajudar e ensinar os miúdos a jogar as latas e aos pinos, tal como o Sr. José que deu uma boa ajuda no jogo do pino não só a jogar, mas também a colocar os pinos direitos para que os miúdos pudessem voltar a jogar.¹⁴⁵

Importa salientar que apesar da maioria dos idosos não ter tido uma participação tão activa nesta actividade, estes mostravam-se satisfeitos por poderem estar ali a assistir à alegria e às brincadeiras das crianças. Uma das idosas respondeu-me com os olhos brilhantes, quando insisti com ela para que jogasse a um dos jogos:

– Eu não tou capaz p’ra jogar a isso! Isso é bom é para os meninos. Eu vim, não foi por fazer alguma coisa, que eu não posso. Foi mais para ver os meninos brincar. Eu gosto muito de ver os meninos.¹⁴⁶

Outros haviam, porém, que ficavam bastante incomodados pelo barulho feito pelas crianças. Barulho este que era semelhante ou superior ao que estas fizeram durante os lanches. Um dos idosos acabou por confessar-me

. . . nos jogos tiveram mais sossegados no princípio mas depois começaram logo a variar.

¹⁴³ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹⁴⁴ Ibid.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Ibid.

Eu tenho netos e gosto muito deles e de brincar com eles, mas quando começam a variar aquilo não serve p'ra mim. Que minha cabeça não tá capaz p'ra esses extraviamentos.¹⁴⁷

Ainda relativamente ao barulho feito pelas crianças, penso que este se fez sentir com mais intensidade na sessão de jogos tradicionais em que participaram as 2 salas. Razão pela qual, os idosos “. . . começaram a abandonar o local e regressaram a suas casas, deixando os miúdos a jogar sozinhos por um curto período de tempo”¹⁴⁸, já no final da sessão.

3.1.7. Desfile de moda – duas gerações – festa de aniversário da Aldeia de São José de Alcalar

Em conversa com as educadoras, foi pensado fazer qualquer coisa de modo a dar visibilidade ao projecto em questão. Inicialmente, tivemos a ideia de, na festa de aniversário da Aldeia, fazer um pequeno desfile com algumas das crianças e alguns dos idosos envolvidos no projecto¹⁴⁹ e de ensaiarmos um pequeno grupo para cantar uma canção. Contudo, devido à falta de tempo, acabámos por achar que seria melhor serem as crianças a cantar sozinhas a canção e optámos por fazer apenas o desfile em conjunto.

Como pensei que os idosos não adeririam facilmente à ideia pedi-lhes que nos reuníssemos no salão do Jardim para ensaiarmos para a festa de aniversário da Aldeia.

. . . Só depois deles chegarem ao jardim infantil para o ensaio é que lhes explicámos qual era a nossa ideia (vestir os meninos e meninas de velhinhos e velhinhas, e vesti-los a eles de meninos e meninas). Eles acharam a ideia engraçada, alguns até começaram a rir quando lhe explicávamos o que pretendíamos, e anuíram em participar no desfile.¹⁵⁰

Embora durante os 2 ensaios realizados tenham estado presentes cerca de 15/16 idosos, tal não se verificou no dia da festa, em que apareceram apenas 11 idosos para participar no desfile o que tornou “. . . necessário fazer 2 pares de crianças que

¹⁴⁷ Ver anexo n.º 3: Entrevista informal n.º 9.

¹⁴⁸ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹⁴⁹ Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

¹⁵⁰ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

iniciaram o desfile e a M.^a Heitor fez-se acompanhar de 2 crianças em vez de 1”¹⁵¹. Importa salientar que o desfile, apesar de ter sido combinado com as educadoras das duas salas e com a educadora social esteve em riscos de não se realizar, por falta de organização da última. Felizmente, tudo se conseguiu orientar e o desfile decorreu com normalidade apesar de alguns enganos da parte dos idosos.

Alguns dos idosos (M.^a Heitor, Zulmira, Adélia, Alda e Graça) entraram no espírito e desfilaram ao som da música o que fez com que os miúdos também se sentissem mais à vontade e confiantes no que estavam a fazer. Estes pares receberam também mais palmas do público presente na sala, constituído na sua maioria por idosos e pelas restantes crianças que frequentam o jardim infantil . . .¹⁵²

Quanto às crianças que participaram no desfile estas encontravam-se um pouco envergonhadas, visto a sala estar cheia de outros idosos e das restantes crianças. Relativamente à canção que estes cantaram acompanhados pelos colegas das suas salas, que entretanto subiram a palco, e pelos idosos que haviam participado no desfile as crianças mostraram-se bastante confiantes e divertidas. “Os miúdos cantaram a canção alegremente batendo palmas, as quais contagiaram de imediato não só os idosos que se encontravam ainda em palco, mas também os idosos e crianças da plateia”¹⁵³.

De um modo geral, a actividade correu bem conseguindo-se proporcionar um momento de boa disposição para os presentes na sala. Até o director da instituição se mostrou agrado com o facto de estarem a ser realizadas actividades intergeracionais com os idosos da Aldeia e as crianças do jardim infantil.

3.1.8. Exposição final

No final da implementação desta primeira fase do projecto, propus-me a realizar uma exposição com fotografias das diferentes actividades realizadas, bem como com alguns dos trabalhos feitos pelos idosos e pelas crianças durante os ateliês de trabalhos manuais. Esta foi a forma mais prática que arranjei de dar conhecimento do projecto desenvolvido à comunidade na qual se insere a Aldeia de São José de Alcalar, bem

¹⁵¹ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹⁵² Ibid.

¹⁵³ Ibid.

como aos familiares e amigos dos idosos directamente envolvidos no projecto. Por outro lado, os idosos queixam-se sempre que nós tiramos fotografias e não lhes mostramos, assim, com esta exposição, tiveram hipótese de ver as fotografias das diferentes actividades do projecto, nas quais tiveram oportunidade de participar.

No dia em que montei a exposição a curiosidade foi muita da parte dos idosos, sendo que esta não diminuiu nos primeiros dias depois de finalizada a montagem da mesma. Os idosos tentavam localizar-se nas fotografias¹⁵⁴ tendo, no entanto, alguma dificuldade em se reconhecerem.

. . . a D.^a Francisca teimava com outra idosa:

“– Alguma vez essa sou eu!?! Não sou não senhora, não se vê logo que é aquela mulherzinha que mora ali com a dona... Ai! Agora não me lembro o nome dela...” – Entretanto, apercebi-me da conversa e resolvi ir ter com elas e mostrar à D.^a Francisca que realmente era ela, só que tinha o lenço na cabeça. Foi então que ela se reconheceu e acabou por afirmar que era ela só que na altura estava meio adoentada. “– Por causa do lenço é que eu não me tava a conhecer... era naquela altura em que estive doente. Não vê que até tinha as pantufas calçadas e tudo!” Também o Sr. Amílcar comentou: “– Ai que velho que eu estou, menina Sara!”¹⁵⁵

Na tarde do dia seguinte à montagem da exposição, tivemos a visita das duas salas das crianças envolvidas no projecto. “Vieram as duas salas juntas e os meninos apontavam para as fotografias animados. Identificando-se a eles próprios e aos colegas, mostrando algum interesse pelas fotografias das diferentes actividades e dando a vez aos colegas para que todos conseguissem ver”¹⁵⁶.

Esta exposição esteve patente junto ao escritório, na entrada do edifício central da Aldeia de São José de Alcalar, cerca de um mês, de modo a possibilitar a visita de familiares não só dos idosos, mas também das crianças envolvidas no projecto, assim como de toda a comunidade envolvente à instituição. Curiosamente, no dia em que a desmontei uma idosa ia a passar dizendo-me: “– Então menina Sara, já está a desmontar a exposição? Não ficou aí tempo quase nenhum.” Isto vem demonstrar como os idosos

¹⁵⁴ Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

¹⁵⁵ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

¹⁵⁶ Ibid.

Ver anexo n.º 12: Fotografias das actividades realizadas.

gostam de apreciar este tipo de coisas, especialmente se as exposições forem relacionadas com actividades nas quais eles participaram.

CAPÍTULO IV: CONCLUSÕES E REFLEXÕES CRÍTICAS

4. CONCLUSÕES E REFLEXÕES CRÍTICAS

Uma vez apresentados os resultados relativos à aplicação desta primeira fase de implementação do projecto, torna-se pertinente verificar em que medida os objectivos gerais e específicos do projecto foram, ou não, atingidos, fazendo algumas reflexões críticas sobre a forma como as actividades decorreram e tirando algumas conclusões do trabalho desenvolvido ao longo destes últimos meses.

Os objectivos gerais do projecto eram os seguintes:

- Aumentar a interacção e o convívio entre os idosos da Aldeia de São José de Alcalar e as crianças do Jardim Infantil do Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande;
- Contribuir para uma melhoria da qualidade de vida dos idosos directamente implicados no projecto;
- Motivar as crianças a encarar os idosos como “velhos” amigos que têm muita coisa para ensinar;
- Fomentar a união entre as duas valências (lar de idosos e jardim-de-infância).

Assim, com a prossecução destas actividades conseguiu-se aumentar a interacção e o convívio entre os idosos da Aldeia e as crianças do jardim infantil, uma vez que foi dinamizado todo um conjunto de actividades que implicavam necessariamente a interacção e o convívio entre ambas as gerações. Como disse a educadora social, na entrevista que lhe foi feita, “. . . havendo um projecto há algo concreto para o qual são chamados a interagir”¹⁵⁷. Contudo, neste convívio e interacção só estiveram envolvidas duas das salas do jardim infantil (a dos 4 a dos 5 anos de idades). Por outro lado, pode dizer-se que estas actividades acabaram por contribuir para uma melhoria do bem-estar dos idosos directamente implicados no projecto, em especial, durante o período em que estes se encontravam envolvidos nas diferentes actividades, usufruindo da companhia das crianças. De acordo com Jacob “. . . uma das funções do animador . . . passa pela elaboração e realização de programas de intervenção com o objectivo de melhorar a qualidade de vida dos idosos institucionalizados” (2008, p. 36). Não foi por acaso que alguns idosos, mesmo não conseguindo fazer as actividades que lhe eram propostas, compareciam e permaneciam no local das actividades só pelo simples facto de estarem junto das crianças – “Eu vim,

¹⁵⁷ Ver anexo n.º 9: Transcrições das entrevistas realizadas.

não foi por fazer alguma coisa que eu não posso. Foi mais para ver os meninos brincar. Eu gosto muito de ver os meninos”¹⁵⁸.

Relativamente ao objectivo que visava motivar as crianças a passarem a encarar os idosos como “velhos” amigos com muito para lhes ensinar, penso que este não foi atingido. Embora as actividades hora do conto e trabalhos manuais tenham contribuído para este fim, na minha opinião, se o projecto tivesse sido desenvolvido com crianças mais velhas talvez os resultados a este nível fossem mais visíveis. Não quero com isto dizer que os idosos não passaram conhecimento para os mais novos, muito pelo contrário. Contudo, devido ao facto das crianças serem demasiado jovens, estas habituaram-se à presença dos idosos no seu espaço físico mas o tipo de actividades desenvolvidas e a forma como estas decorreram não lhes permitiram encarar os idosos como fontes de saber.

O último dos objectivos gerais deste projecto consistia em fomentar a união entre as duas valências do Centro paroquial da Mexilhoeira Grande (lar de idosos da Aldeia de São José de Alcalar e jardim infantil.) Na minha opinião, este objectivo foi em parte alcançado. Apesar de idosos e crianças se encontrarem agora mais próximos, relativamente ao pessoal técnico o distanciamento continua idêntico. Isto porque não houve grande envolvimento das restantes funcionárias da valência de lar de idosos a não ser o meu, enquanto promotora e coordenadora do projecto, e o da responsável pelo sector da animação. Como tal, embora considere que os meus laços com as colegas do jardim infantil se estreitaram, parece-me que estas continuam bastante distantes das restantes funcionárias e dos idosos que não participaram directamente no projecto. Importa salientar que, infelizmente, não existiu iniciativa da parte das educadoras por levar as crianças a visitar os idosos doentes, ou até mesmo aqueles que estão mais autónomos e por uma ou outra razão não estiveram directamente implicados nas actividades desenvolvidas. Aliás os idosos mais dependentes, que praticamente não saem de suas casas, acabam por ter um contacto quase nulo com as crianças. Embora, felizmente, alguns deles sejam visitados por familiares que se fazem acompanhar dos filhos ou dos netos para que estes mantenham contacto com os seus avós ou bisavós, como todos sabemos, há sempre aqueles idosos que praticamente não têm visitas e para os quais me parece que seria bastante positivo estabelecer algum contacto com as crianças.

¹⁵⁸ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

Esta falta de iniciativa da parte das educadoras é visível na medida em que, durante o desenvolvimento destas actividades, estas se limitaram a participar nas actividades propostas não havendo iniciativa, da sua parte, por fazer mais qualquer coisa com os miúdos junto dos idosos, envolvidos ou não no projecto. Já antes da implementação do projecto propriamente dita este fenómeno era evidente. As palavras da educadora social evidenciam isso mesmo – “o Sr. Padre sempre insistiu que houvesse esse relacionamento entre idosos e crianças. Mas, se tu reparares, elas vêm, muitas vezes, com os miúdos aqui aos jardins ver a natureza mas nunca entram nas casinhas a ver os idosos”¹⁵⁹. Também quando falei com o director acerca do projecto e ele me perguntou se as educadoras haviam concordado, penso, tal como a educadora social, que “. . . aquela pergunta mostrava como ele tinha consciência que as educadoras nunca estiveram muito viradas para actividades conjuntas entre as crianças e os idosos.¹⁶⁰ Por outro lado, as entrevistas semi-directivas efectuadas no final desta primeira fase de implementação do projecto vêm comprovar que nunca havia sido desenvolvido nada do género na instituição, apenas se realizavam actividades bastante pontuais – “. . . os aniversários de ambas as valências, aquelas festas religiosas que o Sr. Padre promove . . . quando estavam no jardim infantil antigo vinham-nos visitar”¹⁶¹. Uma das educadoras fez referência a terem tentado fazer um projecto pedagógico neste sentido, há cerca de 3 anos aproximadamente, o qual não se chegou a concretizar e do qual nunca chegámos a ter conhecimento nem eu, nem a educadora social¹⁶². Embora as duas educadoras tenham afirmado visitar os idosos casualmente, as auxiliares não o referiram. Uma delas referiu,

. . . normalmente os velhotes tão sempre muito distanciados dos miúdos. Por acaso aqui até têm o benefício deles estarem juntos e poderem fazer estas coisas juntas, não é? Porque também é só vê-los na rua, e eles assim tiveram mais esta possibilidade de estar em contacto com eles.¹⁶³

No entanto, todas concordamos que este tipo de projecto já deveria ter surgido há mais tempo, e que deverá continuar futuramente.

¹⁵⁹ Ver anexo n.º 3: Entrevista informal n.º 3.

¹⁶⁰ Ver anexo n.º 11: Categorização temática o diário de campo.

¹⁶¹ Ver anexo n.º 9: Transcrições das entrevistas realizadas.

¹⁶² Ibid.

¹⁶³ Ibid.

Importa então referir que os objectivos gerais, anteriormente apresentados, se revelaram difíceis de avaliar devido à sua complexidade. No entanto, de uma maneira geral, estes acabaram por ser atingidos, apesar de se terem verificado algumas falhas relativamente a alguns aspectos que acabaram de ser referidos nos parágrafos anteriores.

Por conseguinte, no que respeita aos objectivos específicos do projecto, penso que, de um modo geral estes foram atingidos, embora numa ou noutra actividade as coisas não tenham corrido exactamente da forma como imaginava que acontecessem. Antes de mais passo a lembrar quais os objectivos específicos deste projecto. Estes passavam por:

- Apresentar aos idosos e crianças uma variedade de actividades que implicassem necessariamente a participação activa das duas gerações;
- Dinamizar as actividades de forma a cativar e a fomentar o interesse dos idosos e das crianças;
- Criar um espírito de entreajuda entre as crianças e os idosos não só no decorrer das actividades mas também no dia-a-dia;
- Valorizar a experiência de vida e conhecimento dos idosos; promover o encontro e a troca de saberes entre as duas gerações;
- Fomentar a criação de laços de amizade e um sentimento de respeito entre os idosos e crianças directamente implicados no projecto;
- Estimular a criatividade dos idosos e das crianças.

No caso do lanche, parece-me que esta foi uma actividade que acabou por não cativar por não fomentar o interesse nem dos idosos, nem das próprias crianças implicadas no projecto. Como já foi referido anteriormente, crianças e idosos acabaram por ficar distanciados uns dos outros e, para além disso, o barulho feito pelas crianças incomodou de tal forma os idosos que estes se mostraram descontentes com a presença das mesmas. Quanto aos miúdos, uma vez que ficaram distantes dos idosos, acabaram por conviver mais uns com os outros do que, propriamente, com a geração dos mais velhos, não mostrando grande interesse pela actividade em si.

No que respeita à criação de um espírito de entreajuda entre crianças e idosos este verificou-se mas apenas no decorrer das actividades, embora fossem os idosos que demonstravam maior tendência para ajudar as crianças, sobretudo durante as aulas de ginástica e nos ateliês de trabalhos manuais. As crianças só evidenciaram mais o seu espírito de entreajuda para com os idosos nos ateliês de trabalhos manuais desenvolvido

nas suas salas. No dia-a-dia, tal não se verificou uma vez que idosos e crianças raramente se juntaram para além das actividades desenvolvidas.

Os objectivos referentes à valorização da experiência de vida e conhecimento dos idosos e ao estímulo da criatividade dos idosos e das crianças evidenciaram-se, sobretudo, na hora do conto (quando os idosos contaram as histórias aos meninos), bem como nos ateliês de trabalhos manuais por eles dinamizados. Estes ateliês serviram também para estimular a criatividade não só dos idosos mas também das próprias crianças. Quanto ao encontro e troca de saberes entre as duas gerações penso que foi uma constante ao longo das diferentes actividades, embora nas actividades hora do conto e trabalhos manuais tenha sido mais evidente. No que respeita à criação de laços de amizade e de um sentimento de respeito entre os idosos e crianças directamente implicados no projecto, penso que isto também se conseguiu alcançar. Prova disso é o facto de, por exemplo, nas aulas de ginástica algumas crianças procurarem sentar-se junto dos idosos que já conheciam ou junto daqueles com os quais tinham interagido mais directamente nas sessões anteriores. Quanto aos idosos, estes sempre se mostraram bastante carinhosos e amigos das crianças.

Após ter apresentado de que forma os objectivos do projecto foram, ou não, alcançados, torna-se pertinente partilhar algumas conclusões gerais às quais cheguei durante e após a implementação desta primeira fase do projecto. Conclusões estas que poderão vir a servir de pistas para a elaboração de novos estudos ou projectos na área da intergeracionalidade.

Um aspecto bastante importante a ter em conta quando trabalhamos com a população idosa é o facto da sua memória poder ter algumas falhas. Durante o decorrer do projecto apercebi-me da necessidade que havia de relembrar os idosos das actividades planeadas no próprio dia em que estas teriam lugar, uma vez que estes se esqueciam com frequência do que havia sido combinado um ou dois dias antes. Isto vem comprovar a teoria de Fontaine (2000) quando este refere que “a recordação é uma elaboração mental instável e não um depósito passivo . . . ela é falível, conforme testemunha o fenómeno do esquecimento . . .” (p. 112). Estas falhas de memória são perfeitamente compreensíveis se tivermos em consideração que estamos a falar de uma população bastante envelhecida, uma vez que a grande maioria dos idosos envolvidos no projecto se encontram já na designada “quarta idade”. Para além do esquecimento, os problemas de audição e de percepção da linguagem também foram bastante evidentes durante as actividades. Nas aulas de ginástica a professora afirmava constantemente que

os idosos não conseguiam perceber exactamente o que esta pretendia. Na hora do conto uma das idosas que foi contar as histórias apesar de ter muito jeito para contá-las aos mais pequenos e de saber um grande número de histórias infantis e não só, devido à falta de ouvido não conseguia responder de imediato às questões que lhe eram colocadas e não percebia quando chegava a sua vez de falar. Estes são 2 bons exemplos de que, como referia Salthouse (1996), “a lentificação da execução de componentes perceptuais e operações mentais pode afectar a atenção, a memória e a tomada de decisões, influenciando também o desempenho . . .” (citado em Spar & La Rue, 2005, p. 37).

Apesar do que acabou de ser referido, penso que as actividades desenvolvidas e a desenvolver constituem “. . . um processo educativo que nos envolve a todos e que passa por uma revisão individual e social da forma de pensar o velho e a velhice” (Andrade, 2002, p. 28). Estas actividades de animação socioeducativa acabam por contribuir para que tanto as crianças, como o pessoal técnico e os próprios idosos passem a encarar a velhice com outros olhos.

No que respeita aos efeitos do projecto no quotidiano dos idosos e das crianças estes não são muito evidentes, embora haja um ou outro aspecto que evidenciam alguma mudança. Relativamente às crianças, o que se verificou foi que ao longo do projecto estas foram ganhando mais confiança junto dos idosos, assim como os idosos foram, progressivamente, ganhando um maior à-vontade perto dos mais pequenos. Quanto a iniciativas da parte das crianças para com os idosos, estas são um pouco difíceis de se verificar, uma vez que as crianças só saem das salas com as educadoras e aí a iniciativa teria de ser das educadoras e não das crianças. Já os idosos mostram algum interesse por estar mais perto dos mais pequenos. Alguns rumam ao jardim infantil a fim de verem as crianças a brincar no parque ou a embarcar no autocarro rumo às suas casas. Num dos dias em que foram contar histórias às crianças, os idosos acabaram por entrar num sala que tinha a porta aberta só pelo prazer de verem as crianças, embora soubessem que a actividade já tinha acabado e que não iam contar histórias aos bebés da creche. O Sr. José numa manhã ficou radiante ao pegar num bebé que a responsável do jardim infantil levava quando foi tirar umas fotocópias ao escritório. A miúda

. . . acabou por ir para o colo do Sr. José que se mostrava radiante com a crianças nos braços:

– Não vê menina Sara! – Dizia-me ele todo sorridente. – A netinha que eu arranjei agora!

Entretanto apareceu o Sr. Padre que lhe perguntou se a menina era neta dele. E o Sr. José ainda mais contente ficou, mas disse-lhe que não, que era uma menina do jardim infantil que tinha vindo com a Encarnação. A miúda estava toda satisfeita ao colo do Sr. José e ele . . . encantado com o facto dela não ter vindo para o meu colo e ter ido logo para o dele.¹⁶⁴

Apesar dos efeitos do projecto não serem muito visíveis no dia-a-dia dos idosos e das crianças, para além dos episódios que acabei de referir, penso que este foi bastante útil e continua sendo válido uma vez que, mesmo não tendo grandes repercussões, faz com que crianças e idosos possam partilhar bons momentos em conjunto. Para além disto, este contribui também para a ocupação do tempo dos idosos, o que é bastante importante para que estes tenham alguma actividade e se sintam úteis e felizes, pelo menos enquanto se encontram nas actividades.

Em suma, apesar dos objectivos do projecto terem sido, em parte, atingidos, daqui para a frente, há que ter em conta 3 aspectos fundamentais: a mobilidade, os interesses e os ritmos de ambas as gerações para as quais se destinem as actividades.

Juntar crianças e idosos nem sempre é boa solução, correndo-se o risco de os resultados serem opostos aos esperados, dado que a mobilidade, os interesses, os ritmos e os objectivos são muito diferentes entre os mais e os menos jovens. Assim aconselhamos a fazer actividades pontuais, com grupos pequenos e de curta duração (uma hora), entre os diversos grupos etários, em detrimento das actividades longas. (Jacob, 2008, p. 40)

Isto vem explicar as razões pelas quais os jogos tradicionais e a hora do conto não correram da forma inicialmente prevista. O ritmo enérgico das crianças e a falta de mobilidade de alguns idosos, bem como o ritmo mais lento da sua grande maioria, comparativamente aos mais pequenos, fez com que os idosos acabassem por não ter uma participação tão activa nos jogos como se previra, ao invés das crianças que não pararam tempo nenhum. Para além disso, os idosos no início da actividade deram logo a

¹⁶⁴ Ver anexo n.º 11: Categorização temática do diário de campo.

entender que os jogos eram para as crianças e não para eles o que demonstra logo alguma falta de interesse da sua parte relativamente à actividade em questão. Na hora do conto as crianças acabaram por perder o interesse nas histórias contadas pelos idosos, devido ao facto de serem muitas histórias para uma só manhã.

Por outro lado, tendo em conta a tarde que os idosos passaram na companhia das crianças do A.T.L., atrevo-me a dizer que caso as actividades fossem desenvolvidas com crianças mais velhas, os resultados já se revelariam bastante diferentes, sendo que a disparidade de interesses de ambas as gerações poderia também revelar-se um pouco menor, dependendo de cada criança e de cada idoso. Caso os idosos fossem um pouco mais novos, isso também se verificaria.

Uma vez que o método de investigação utilizado durante a prossecução desta primeira fase do projecto foi a investigação-acção, não faria qualquer sentido terminar este capítulo sem apresentar novas pistas com vista a uma nova fase de implementação do presente projecto (correspondente, afinal, a um 2.º ciclo de investigação-acção).

Há que ter em conta, primeiro que tudo, o tempo de duração das actividades, o ritmo e a mobilidade dos participantes. Para uma nova fase de implementação do projecto na Aldeia de São José de Alcalar penso falar com a responsável do sector da animação no sentido de ser ela a ficar como promotora do projecto e, desta forma, se responsabilizar pelo desenvolvimento do mesmo. Com isto pretendo motivá-la um pouco mais, contribuindo assim para que a animação na Aldeia de São José seja um pouco mais dinâmica. Não quero com isto dizer que me desligarei por completo do projecto, apenas deixarei de ter um papel tão activo como aconteceu nesta primeira fase, dando oportunidade ao restante pessoal técnico de decidir qual o melhor caminho a seguir no decorrer deste novo ciclo de investigação-acção. No entanto, darei todo o apoio necessário para a prossecução do mesmo. Pretende-se também que as educadoras de infância assumam um papel mais activo não só durante o decorrer das actividades do projecto, mas também ao seleccionar e planear as actividades a desenvolver. Por isso, para uma nova fase de implementação do projecto teremos em conta as sugestões dadas por elas, bem como as sugestões dadas pelas auxiliares de acção educativa e pela própria educadora social, nas entrevistas semi-directivas que foram efectuadas no final da implementação destas actividades, bem como novas sugestões que possam ter surgido ou vir a surgir futuramente. Tanto eu como a educadora social esperamos sinceramente que após esta primeira fase, haja alguma iniciativa da parte das

educadoras de infância no sentido de serem elas a organizar algumas das futuras actividades a desenvolver.

Por outro lado, embora tal não se tenha vindo a verificar nesta primeira fase de implementação do projecto, antes de dar início ao 2.º ciclo, torna-se importante falar com os idosos no sentido de perceber se estes continuam interessados em participar neste tipo de actividades conjuntas. Para além disto, com estas conversas espero também conseguir perceber quais as actividades com maior interesse para os mais velhos, bem como saber se estes têm alguma sugestão que queiram partilhar connosco no sentido de colaborarem mais activamente no planeamento desta nova fase do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”. Confesso que os idosos não foram consultados, como o deveriam ser, antes da prossecução desta primeira fase de implementação do projecto. Por um lado, como não havia sido desenvolvido nada do género na instituição, parti do princípio que os idosos não apresentariam grandes sugestões uma vez que estes, geralmente, se mostram um pouco reticentes no que respeita à participação em novas actividades. Desta forma, também não iriam sugeri-las. Por outro lado, pensei que falar com eles acerca das actividades muito antes destas terem início poderia levar à desmotivação dos mesmos. Isto porque, em tempos, a educadora social começou a planear um pequeno projecto nesta área, chegando mesmo a consultar alguns idosos os quais já se encontravam motivados para participar nas actividades. No entanto, este nunca se chegou a concretizar. É obvio que estes episódios acabam por contribuir, de certa forma, para a desmotivação dos idosos e, conseqüentemente, para a sua perda de interesse por novas actividades. Apesar de tudo isto, e tendo em conta que esta primeira fase de implementação do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas” acabou por ser uma espécie de projecto “experimental”, agora faz para mim todo o sentido que os idosos dêem o seu contributo para este novo ciclo que se avizinha. Afinal, neste momento, os idosos já tiveram a oportunidade de experienciar o que são actividades intergeracionais e, como tal, já têm um ponto de partida para poder expressar a sua opinião dando novas ideias.

Outro dos meus objectivos para esta nova fase passa por tentar envolver os idosos mais dependentes no projecto, inclusivamente os que não conseguem participar nas actividades devido a problemas de saúde. Assim, surgiu a ideia de organizar 1 visita mensal das crianças às moradias a fim de terem contacto com os idosos mais dependentes e destes também usufruírem do convívio com os mais pequenos.

Seria também interessante, caso conseguíssemos, fazer uma ou outra actividade com as crianças do A.T.L. a fim de verificar os resultados e de colocar os idosos em contacto com crianças um pouco mais velhas do que as do jardim infantil. Contudo, sei que não será um objectivo fácil de concretizar uma vez que as crianças do A.T.L. se encontram na Mexilhoeira Grande e não em Alcalar, estando por isso limitadas devido ao horário escolar e aos transportes.

Quanto às actividades a desenvolver poderíamos manter as mesmas, adoptando algumas modificações resultantes desta avaliação e acrescentar mais algumas de novo. Caso algumas das actividades já postas em prática este ano continuassem a não dar os resultados esperados poderíamos optar por substituí-las por outras que estivessem a funcionar de melhor forma. Não nos podemos esquecer que não convém sobrecarregar muito nem os idosos nem as crianças para que estes não se fartem do projecto.

A hora do conto poderia continuar mas apenas com 1 idoso por sessão de modo a que as crianças tirem maior partido da/s história/s por ele contada/s e que possam mesmo vir a trabalhá-las em conjunto com o idoso e as educadoras. Já os lanches teriam de ser feitos noutra formato e com muito menos crianças, para que estas estivessem em número mais ou menos igual ao número de idosos. Para os futuros lanches tanto as educadoras como as auxiliares haviam sugerido que crianças e idosos ficassem intercalados. Para além disto, houve ainda a ideia de que idosos e crianças preparassem qualquer coisa em conjunto (bolo ou biscoitos) para partilharem nesse dia. Isto acabaria por implicar uma nova actividade, sessões de culinária.

No que respeita à ginástica, embora esta tenha tido bons resultados e possa vir a continuar, há que falar com o professor(a) que vier dinamizar as aulas dos idosos no próximo ano lectivo, a fim de verificar se este(a) se encontra disposto a integrar as suas aulas no projecto em questão. Os jogos tradicionais, por sua vez, teriam de ser feitos com um numero mais reduzido de crianças, comparativamente às sessões anteriores, e mantendo uma de nós responsável por cada estação de modo a melhor conseguir coordenar e apoiar crianças e idosos. Em ambas as actividades, poderia aproveitar-se mais o espaço exterior o que não aconteceu nesta primeira fase.

Relativamente aos ateliês de trabalhos manuais há que tentar envolver mais as crianças na realização de alguns trabalhos, bem como os próprios idosos. Uma das auxiliares sugeriu que se fizesse um ateliê de costura.

Na festa de aniversário da Aldeia, em vez de fazermos novamente um desfile, concordo com uma das auxiliares quando esta referiu que seria interessante fazermos

uma peça de teatro em conjunto. Poderíamos também tentar arranjar um grupinho de idosos e crianças para cantar, uma vez que esta actividade não chegou a ser posta em prática, por falta de tempo e por julgar não conseguiria participantes à última da hora.

Para além destas actividades, houve mais algumas sugestões que passarei a apresentar, nomeadamente: a criação de uma marcha em conjunto, em que as crianças seriam as mascotes; expor mais vezes os trabalhos realizados em conjunto; organizar uma saída colectiva e um almoço.

Todas estas ideias e sugestões serão novamente discutidas, entre todos os participantes no projecto, antes de pôr em prática o novo ciclo de acção do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, M. & Dotte, P. (2002). *Ergomotricidade e Cuidado Gerontológico, Parte II – Aplicações Clínicas*. Loures: Lusociência.
- Andrade, F. J. (2002). *Uma experiência de solidariedade entre gerações: contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Barata, J. L. T. (2003). *Mexa-se ... pela sua saúde*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Barata, T. & Clara, H. S. (s. d.). Actividade física nos Idosos. In Themudo Barata e Colaboradores, *Actividade Física e Medicina Moderna* (pp. 223-233). Europress.
- Bardin, L. (2000). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros de Oliveira, J. H. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Berger, L. (1997). Prefácio. In M. Abric & P. Dotte (2002). *Ergomotricidade e Cuidado Gerontológico, Parte I – Generalidades e Educação Gestual Específica* (p. 11). Loures: Lusociência.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Botelho, A. (2005). A Funcionalidade dos Idosos. In Constança Paúl & António M. Fonseca (coords.), *Envelhecer em Portugal* (pp. 137-156). Lisboa: Climepsi Editores.
- Brandão, L. Smith, V., Sperb, T. M. & Parente, M. A. M. (2006). Narrativas intergeracionais. *Psicologia: Reflexão Crítica*, 19(1). Porto Alegre (acessível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-79722006000100014&lang=pt).
- Carvalho, J. & Mota, J. (2002). *A Actividade Física na Terceira Idade*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras / Divisão do Desporto.
- Correia, A. (2004). A prática desportiva e as pessoas. Contributo para a identificação, a sistematização e a classificação dos desportos. *Revista portuguesa de gestão de desporto*, 1(1), 36-42.
- Costa, A. F. (1986). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 129-148). Porto: Edições Afrontamento.

- Costa S. J., D. M. (2000). *Aldeia de S. José de Alcalar. Uma Bem-Aventurança Viva*. Braga: Editorial A. O.
- Costa S. J., D. M. (2008). *A Paróquia Da Mexilhoeira Grande Na Viragem Do Século E Do Milénio*. Braga: Edição Aldeia de S. José de Alcalar.
- Delorme, C. (1985). *De la Animacion Pedagogica a la Investigacion-Accion*. Madrid: Narcea.
- Departamento de Estatísticas Censitárias e da População do INE (2002). O Envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas. *Revista de Estudos Demográficos* (pp. 185-208). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Diana, R. (2003). *Para envelhecer feliz. Propostas da medicina e da psicologia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Fals Borda, O. Investigación-acción Participativa. In Glória Pérez Serrano (coord.) (2001). *Modelos de Investigación Cualitativa en Educación Social y Animación Sociocultural. Aplicaciones Prácticas* (pp. 57-81). Madrid: Narcea.
- Fernandes, P. (2000). *A depressão no idoso*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freund, G. (1995). *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Veja.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gonçalves, C. (2003). As pessoas idosas nas famílias institucionais segundo os Censos. In Ferando Casimiro (ed.), *Revista de Estudos Demográficos n.º 34* (pp. 41-60). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social & CID – Crianças, Idosos e Deficientes – Cidadania, Instituições e Direitos (2005). *Manual de Boas Práticas. Um guia para o acolhimento residencial das pessoas mais velhas. Para dirigentes, profissionais, residentes e familiares*. Lisboa: Instituto da Segurança Social.
- Guerra, I. C. (2002). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia.
- Gutiérrez, F.. Educação Comunitária e Desenvolvimento Sócio-Político (1993.[1984]). In Moacir Gadotti & Francisco Gutiérrez (orgs.). *Educação Comunitária e Economia Popular* (pp. 23-33). São Paulo: Cortez Editora.

- Imaginário, C. (2003). *O Idoso Dependente em Contexto Familiar. Uma Análise da Visão da Família e do Cuidador Principal*. Coimbra: FORMASAU.
- Jacob, L. (2007). *Animação de Idosos*. Porto: Âmbar.
- Lewin, K. La investigación-acción y los problemas de las minorías (1992.[1946]). In María Cristina Salazar (ed.). *La Investigación. Acción Participativa. Inicios y desarrollos*. Madrid: Editorial Popular.
- Lopes, M. S. (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- López Górriz, I. (1998). *Metodología de Investigación-Acción. Trayectoria histórica y encuadres epistemológicos y metodológicos de la investigación-acción*. Sevilla: Grupo de Investigación M.I.D.O. Universidad de Sevilla.
- Lucio-Villegas Ramos, E. (1993). *La investigación participativa en educación de personas adultas. La construcción de un saber colectivo*. Sevilla: SPS-CAPP-KRONOS.
- Lucio-Villegas Ramos, E. Investigación Participativa. In Glória Pérez Serrano (coord.) (2001). *Modelos de Investigación Cualitativa en Educación Social y Animación Sociocultural. Aplicaciones Prácticas* (pp. 193- 219). Madrid: Narcea.
- Mascareñas, L. (1996). *La Práctica e la Teoria del Desarrollo Comunitário. Description de un Modelo*. Madrid: Narcea Ediciones.
- Naves, M. C. (1998). Porquê a Aprendizagem Intergeracional – Auto-avaliação do projecto interbaccional «Transferência de Boas Práticas» em que se integrou o grupo da escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho. In Neves, G. C. (coord.). *Vida com Projecto ao longo de toda a Vida* (pp. 91-92). Lisboa: Câmara municipal de Lisboa.
- Trindade, P. Animação. In Núcleo de Educação Pré-Escolar (coord.) (2001). *Projecto de Formação de Animadores. Componente de apoio à família / animação socio educativa*. Lisboa: Ministério da Educação / Departamento da Educação Básica.
- Paúl, C. & Fonseca, A. M. (2005) (coords.). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Paúl, M. C. (1997). *Lá Para O Fim Da Vida. Idosos, Família e Meio Ambiente*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Paúl, C. (2005). A Construção de um Modelo de Envelhecimento Humano. In Constança Paúl & António M. Fonseca (coords.), *Envelhecer em Portugal* (pp. 21-41). Lisboa: Climepsi Editores.

- Pérez Serrano, G. (2001). Presupuesto Metodológicos. Perspectiva Crítico-reflexiva. In Glória Pérez Serrano (coord.). *Modelos de Investigación Cualitativa en Educación Social y Animación Sociocultural. Aplicaciones Prácticas* (pp. 21-56). Madrid: Narcea.
- Peretz, H. (2000). *Métodos em Sociologia para começar*. Lisboa: Temas e Debates.
- Pimentel, L. M. G. (2001). *O Lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajectórias*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Pol, E., Valera, S. & Vidal, T. (1999). Psicología ambiental y procesos psicosociales. In J. Francisco Morales (coord.), *Psicología Social* (pp. 317-334). Madrid: McGRAW-HILL.
- Portugal, Direcção-Geral de Saúde: Divisão de Doenças Genéticas, Crónicas e Geriátricas (2006). *Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas*. Lisboa: DGS.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rahman, M. A. & Fals-Borda, O. (1992). La situación actual y las perspectivas de la IAP en el mundo. In María C. Salazar (ed.), *La investigación-acción participativa. Inícios y desarrollos* (pp. 205-223). Madrid: Editorial Popular.
- Rosa, H. M. L. (2001). *Mexilhoeira Grande – Ensaio Monográfico*. Edições Colibri/Câmara Municipal de Portimão.
- Ruiz Olabuénaga, J. L. (1999). *Metodología de La Investigación Cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Sampaio, D. (2008). *A Razão dos Avós*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Shwandt, T. A. (2001). *Dictionary of Qualitative Inquiry*. United States of America: Sage Publications.
- Silva, M. E. D. (2005). Saúde Mental e Idade Avançada. Uma perspectiva abrangente. In Constança Paúl & António M. Fonseca (coords.), *Envelhecer em Portugal* (pp. 137-156). Lisboa: Climepsi Editores.
- Spar, J. & La Rue, A. (2005). *Guia Prático Climepsi de Psiquiatria Geriátrica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 102-128). Porto: Edições Afrontamento.

<http://www.socialgest.pt/gerontologia.htm>, da responsabilidade de Luís Jacob, acedido a 05 de Abril de 2006, 20h00.

<http://www.projectotio.net/site.php?Tipo=1&IDPag=6144>, da responsabilidade do Projecto Tio – Terceira Idade Online, acedido a 23 de Novembro de 2008, 15h00.

<http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/artigo2775.html>, da responsabilidade do Portal do Envelhecimento, acedido a

ANEXOS

ANEXO N.º 1:
DADOS ESTATÍSTICOS

Quadro para impressão

População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Grupo etário (Por ciclos de vida)

Período de referência dos dados
2008

Sexo	Grupo etário (Por ciclos de vida)	Local de residência			
		Portugal	Continente	Região Autónoma dos Açores	Região Autónoma da Madeira
		N.º	N.º	N.º	N.º
	Total	10 627 250	10 135 309	244 780	247 161
	0 - 14 anos	1 622 991	1 533 362	45 934	43 695
HM	15 - 24 anos	1 207 060	1 135 989	36 701	34 370
	25 - 64 anos	5 922 990	5 654 307	131 759	136 924
	65 e mais anos	1 874 209	1 811 651	30 386	32 172
	Total	5 142 566	4 904 381	121 409	116 776
	0 - 14 anos	832 488	786 345	23 660	22 483
H	15 - 24 anos	615 532	579 098	18 816	17 618
	25 - 64 anos	2 912 025	2 779 868	66 598	65 559
	65 e mais anos	782 521	759 070	12 335	11 116
	Total	5 484 684	5 230 928	123 371	130 385
	0 - 14 anos	790 503	747 017	22 274	21 212
M	15 - 24 anos	591 528	556 891	17 885	16 752
	25 - 64 anos	3 010 965	2 874 439	65 161	71 365
	65 e mais anos	1 091 688	1 052 581	18 051	21 056

População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Grupo etário (Por ciclos de vida) - Anual; INE, Estimativas Anuais da População Residente

Última actualização destes dados: 23 de Junho de 2009

[imprimir | fechar]

Quadro para impressão

Local de residência	Taxa bruta de natalidade (‰) por Local de residência	
	Período de referência dos dados	
	2008	
	‰	
Portugal		9,8
Continente		9,8
Região Autónoma dos Açores		11,6
Região Autónoma da Madeira		10,9

Taxa bruta de natalidade (‰) por Local de residência - Anual; INE, Indicadores Demográficos

Última actualização destes dados: 19 de Junho de 2009

[imprimir | fechar]

Quadro para impressão

Local de residência	Taxa bruta de mortalidade (‰) por Local de residência	
	Período de referência dos dados	
	2008	
	‰	
Portugal		9,8
Continente		9,8
Região Autónoma dos Açores		9,3
Região Autónoma da Madeira		10,5

Taxa bruta de mortalidade (‰) por Local de residência - Anual; INE, Indicadores Demográficos

Última actualização destes dados: 19 de Junho de 2009

[imprimir | fechar]

II.1.2 – População residente por concelho, segundo os grandes grupos etários e o sexo, 31/12/2004 (continua)

II.1.2 – Resident population by municipality and according to age groups and sex, 31/12/2004 (to be continued)

Unidade: N.º Unit: No.

	Total			Grupos etários					
	HM	H	M	0 a 14 anos			15 a 24 anos		
				HM	H	M	HM	H	M
Portugal	10 529 255	5 094 339	5 434 916	1 647 437	844 647	802 790	1 327 586	675 888	651 698
Continente	10 043 763	4 859 708	5 184 055	1 554 444	796 959	757 485	1 251 140	636 613	614 527
Algarve	411 468	205 378	206 090	60 499	31 181	29 318	47 638	24 444	23 194
Albufeira	35 281	17 833	17 448	6 212	3 234	2 978	4 159	2 132	2 027
Alcoutim	3 411	1 748	1 663	258	133	125	301	153	148
Aljezur	5 322	2 681	2 641	572	283	289	526	263	263
Castro Marim	6 495	3 306	3 189	749	381	368	690	381	309
Faro	58 305	28 193	30 112	8 601	4 436	4 165	6 975	3 462	3 513
Lagoa	22 658	11 553	11 105	3 474	1 814	1 660	2 768	1 460	1 308
Lagos	27 041	13 327	13 714	4 253	2 125	2 128	2 975	1 502	1 473
Loulé	62 295	31 103	31 192	9 474	4 886	4 588	7 199	3 608	3 591
Monchique	6 441	3 289	3 152	612	307	305	680	344	336
Olhão	42 272	21 001	21 271	6 582	3 384	3 198	5 324	2 752	2 572
Portimão	47 189	23 252	23 937	7 369	3 807	3 562	5 387	2 787	2 600
São Brás de Alportel	11 205	5 646	5 559	1 555	835	720	1 171	607	564
Silves	34 909	18 101	16 808	4 402	2 327	2 075	3 871	2 071	1 800
Tavira	25 105	12 647	12 458	3 005	1 535	1 470	2 847	1 500	1 347
Vila do Bispo	5 381	2 766	2 615	631	312	319	560	299	261
Vila Real de Santo António	18 158	8 932	9 226	2 750	1 382	1 368	2 205	1 123	1 082

	Total			Age groups					
	All	Male	Female	0 - 14 years			15 - 24 years		
				All	Male	Female	All	Male	Female

Fonte: INE, Estimativas Provisórias da População Residente para 2001, 2002, 2003 e 2004; INE, Estimativas Definitivas da População Residente para o período 1990-2000.

Sources: INE, Provisional Estimates of Resident Population for 2001, 2002, 2003 and 2004; INE, Definitive Estimates of Resident Population for 1990-2000

Nota: No cálculo das estimativas da população a 31/12/2004 foi incorporada a informação demográfica (nados-vivos e óbitos) referente a 2004 disponível em 24 de Junho de 2005. A inexistência de registos directos sobre os fluxos migratórios determina a aplicação de estruturas com posteriores arredondamentos à unidade, procedimento que, conjuntamente com a multiplicidade dos níveis de desagregação das variáveis, pode determinar que, nesta informação, a soma das parcelas não coincida com o total.

Note: In the calculation of population estimates as 31/12/2004 was included the demographic information (live births and deaths) for 2004, available at 24th June 2005

The non-existence of direct records on migratory flows led to adopt frames which implied afterwards an unit rounding; this procedure, in combination with the level multiplicity of variable breakdown, determined that, in some cases, the sum of separate parts do not correspond to the total.

II.1.2 – População residente por concelho, segundo os grandes grupos etários e o sexo, 31/12/2004
(continuação)

II.1.2 – Resident population by municipality and according to age groups and sex, 31/12/2004 (continued)

	Unit: N.º									Unit: No.
	Grupos etários									
	25-64 anos			65 e mais anos			75 e mais anos			
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	
Portugal	5 763 693	2 824 880	2 938 813	1 790 539	748 924	1 041 615	771 911	293 842	478 069	
Continente	5 509 958	2 701 033	2 808 925	1 728 221	725 103	1 003 118	745 875	284 810	461 065	
Algarve	226 273	115 199	111 074	77 058	34 554	42 504	34 392	14 439	19 953	
Albufeira	20 120	10 285	9 835	4 790	2 182	2 608	2 031	863	1 168	
Alcoutim	1 497	813	684	1 355	649	706	708	317	391	
Aljezur	2 542	1 347	1 195	1 682	788	894	807	365	442	
Castro Marim	3 339	1 760	1 579	1 717	784	933	805	363	442	
Faro	33 455	16 335	17 120	9 274	3 960	5 314	3 841	1 499	2 342	
Lagoa	12 650	6 579	6 071	3 766	1 700	2 066	1 636	683	953	
Lagos	14 696	7 418	7 278	5 117	2 282	2 835	2 152	901	1 251	
Loulé	33 714	17 133	16 581	11 908	5 476	6 432	5 320	2 295	3 025	
Monchique	3 253	1 736	1 517	1 896	902	994	897	413	484	
Olhão	23 401	11 890	11 511	6 965	2 975	3 990	3 063	1 180	1 883	
Portimão	26 419	13 170	13 249	8 014	3 488	4 526	3 478	1 400	2 078	
São Brás de Alportel	5 985	3 094	2 891	2 494	1 110	1 384	1 178	469	709	
Silves	18 726	10 001	8 725	7 910	3 702	4 208	3 795	1 695	2 100	
Tavira	13 428	6 941	6 487	5 825	2 671	3 154	2 699	1 198	1 501	
Vila do Bispo	2 925	1 551	1 374	1 265	604	661	620	287	333	
Vila Real de Santo António	10 123	5 146	4 977	3 080	1 281	1 799	1 362	511	851	

	Age groups								
	25 - 64 years			65 and over			75 and over		
	All	Male	Female	All	Male	Female	All	Male	Female

Fuentes: INE, Estimativas Provisórias da População Residente para 2001, 2002, 2003 e 2004; INE, Estimativas Definitivas da População Residente para o período 1990-2000.

Sources: INE, Provisional Estimates of Resident Population for 2001, 2002, 2003 and 2004; INE, Definitive Estimates of Resident Population for 1990-2000.

Nota: No cálculo das estimativas da população a 31/12/2004 foi incorporada a informação demográfica (nados-vivos e óbitos) referente a 2004 disponível em 24 de Junho de 2005. A inexistência de registos directos sobre os fluxos migratórios determina a aplicação de estruturas com posteriores arredondamentos à unidade, procedimento que, conjuntamente com a multiplicidade dos níveis de desagregação das variáveis, pode determinar que, nesta informação, a soma das parcelas não coincida com o total.

Note: In the calculation of population estimates as 31/12/2004 was included the demographic information (live births and deaths) for 2004, available at 24th June 2005

The non-existence of direct records on migratory flows led to adopt frames which implied afterwards a unit rounding; this procedure, in combination with the level multiplicity of variable breakdown, determined that, in some cases, the sum of separate parts do not correspond to the total.

Total da população residente

Unidade Geográfica	Total	2001	
		Homens	Mulheres
CC - Portimão	44818	21898	22920
FG - Alvor	4977	2409	2568
FG - Mexilhoeira Grande	3598	1797	1801
FG - Portimão	36243	17692	18551

Fonte: INE

População Residente segundo os Grupos Etários

Pop. res. seg. o grupo etário - De 0 a 4 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	2213	1122	1091
FG - Alvor	226	104	122
FG - Mexilhoeira Grande	148	77	71
FG - Portimão	1839	941	898

Pop. res. seg. o grupo etário - De 5 a 9 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	2108	1100	1008
FG - Alvor	235	123	112
FG - Mexilhoeira Grande	156	81	75
FG - Portimão	1717	896	821

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	2345	1194	1151
FG - Alvor	257	117	140
FG - Mexilhoeira Grande	163	90	73
FG - Portimão	1925	987	938

Pop. res. seg. o grupo etário - De 15 a 19 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	2685	1380	1305
FG - Alvor	294	149	145
FG - Mexilhoeira Grande	206	105	101
FG - Portimão	2185	1126	1059

Pop. res. seg. o grupo etário - De 20 a 24 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	3259	1620	1639
FG - Alvor	354	172	182
FG - Mexilhoeira Grande	202	99	103
FG - Portimão	2703	1349	1354

Pop. res. seg. o grupo etário - De 25 a 29 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	3540	1734	1806
FG - Alvor	361	169	192
FG - Mexilhoeira Grande	196	94	102
FG - Portimão	2983	1471	1512

Pop. res. seg. o grupo etário - De 30 a 34 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	3229	1669	1560
FG - Alvor	325	163	162
FG - Mexilhoeira Grande	242	125	117
FG - Portimão	2662	1381	1281

Pop. res. seg. o grupo etário - De 35 a 39 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	3156	1599	1557
FG - Alvor	357	186	171
FG - Mexilhoeira Grande	223	114	109
FG - Portimão	2576	1299	1277

Pop. res. seg. o grupo etário - De 40 a 44 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	3176	1530	1646
FG - Alvor	337	155	182
FG - Mexilhoeira Grande	249	127	122
FG - Portimão	2590	1248	1342

Pop. res. seg. o grupo etário - De 45 a 49 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	3230	1554	1676
FG - Alvor	370	178	192
FG - Mexilhoeira Grande	252	125	127
FG - Portimão	2608	1251	1357

Pop. res. seg. o grupo etário - De 50 a 54 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	3104	1514	1590
FG - Alvor	392	205	187
FG - Mexilhoeira Grande	240	121	119
FG - Portimão	2472	1188	1284

Pop. res. seg. o grupo etário - De 55 a 59 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	2611	1342	1269
FG - Alvor	311	167	144
FG - Mexilhoeira Grande	221	105	116
FG - Portimão	2079	1070	1009

Pop. res. seg. o grupo etário - De 60 a 64 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	2410	1164	1246
FG - Alvor	273	139	134
FG - Mexilhoeira Grande	253	127	126
FG - Portimão	1884	898	986

Pop. res. seg. o grupo etário - De 65 a 69 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	2346	1070	1276
FG - Alvor	266	135	131

FG - Mexilhoeira Grande	251	133	118
FG - Portimão	1829	802	1027

Pop. res. seg. o grupo etário - De 70 a 74 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	2002	896	1106
FG - Alvor	221	96	125
FG - Mexilhoeira Grande	194	94	100
FG - Portimão	1587	706	881

Pop. res. seg. o grupo etário - De 75 a 79 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	1644	714	930
FG - Alvor	191	78	113
FG - Mexilhoeira Grande	185	82	103
FG - Portimão	1268	554	714

Pop. res. seg. o grupo etário - De 80 a 84 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	960	409	551
FG - Alvor	106	42	64
FG - Mexilhoeira Grande	115	53	62
FG - Portimão	739	314	425

Pop. res. seg. o grupo etário - De 85 a 89 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	567	206	361
FG - Alvor	72	21	51
FG - Mexilhoeira Grande	78	35	43
FG - Portimão	417	150	267

Pop. res. seg. o grupo etário - De 90 a 94 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	201	67	134
FG - Alvor	25	9	16
FG - Mexilhoeira Grande	21	8	13
FG - Portimão	155	50	105

Pop. res. seg. o grupo etário - De 95 a 99 anos

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	30	12	18
FG - Alvor	4	1	3
FG - Mexilhoeira Grande	2	1	1
FG - Portimão	24	10	14

Pop. res. seg. o grupo etário - 100 anos ou mais

Unidade Geográfica	2001		
	Total	Homens	Mulheres
CC - Portimão	2	2	0

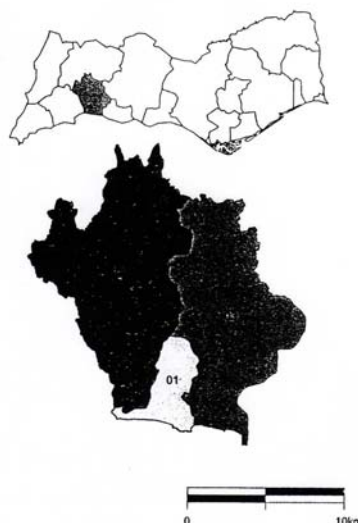
FG - Mexilhoeira Grande	1	1	0
FG - Portimão	1	1	0

Fonte: INE

Concelho: Portimão

I - População e Território

	Concelho	Algarve
População residente - 2001	44 818	395 218
Varição (%) 1991-2001	15,41	15,76
População residente em área urbana - 2001	41 220	284 082
Varição (%) 1991-2001	16,25	19,76
Área (km ²)	181,55	4 995,20
Proporção de área urbana (%)	49,66	30,25
Freguesias (Nº)	3	84



O concelho de Portimão apresentava, em 2001, 44 818 habitantes, mais 5 985 do que 1991. Com base no último recenseamento verificava-se que 91,97% dos habitantes do concelho residiam na área urbana, sendo que esta abrangia duas das três freguesias existentes.

II - Caracterização Geral do Parque Habitacional - 2001

Indicador	Ranking	Varição face ao valor médio da região (%)
Densidade de alojamentos (alojamentos/km ²)	4	202,67
Densidade de edifícios (edifícios/km ²)	5	103,91
Idade média dos edifícios (anos)	9	-6,91
Número médio de divisões por alojamento	13	-1,73
Número médio de alojamentos por edifício	1	48,43
Número médio de pavimentos por edifício	1	25,99
Proporção de alojamentos precários	4	-0,33
Proporção de alojamentos colectivos	7	-0,23
Número médio de pessoas por alojamento	7	0,05
Proporção de alojamentos sobrelotados	5	-0,06
Proporção de alojamentos vagos e disponíveis no mercado	5	15,04
Encargos médios com habitação (preços correntes - €)	9	-4,93
Renda média com habitação (preços correntes - €)	7	3,77
Indicador de conforto	1	2,69
Proporção de edifícios com necessidades de reparação	9	-2,98

Neste concelho situavam-se os edifícios com o maior número médio de pavimentos (2,13) e de alojamentos (2,55) por edifício da região algarvia. O concelho em análise ocupava ainda o primeiro lugar do ranking no indicador de conforto dos alojamentos (98,67), possuindo um valor que era 2,69% superior à média regional.

Comparativamente com os demais concelhos do Algarve,

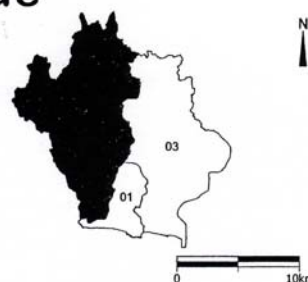
Portimão registava uma densidade de edifícios e alojamentos relativamente elevada, para além de que era o quarto município com a maior proporção de alojamentos precários.

Um dos indicadores onde Portimão estava pior posicionado no ranking era no número médio de divisões por alojamento.

Freguesia: Mexilhoeira Grande

I - População e Território

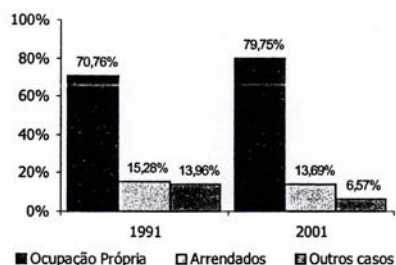
	Freguesia	Concelho
População residente - 2001	3 598	44 818
Varição (%) 1991-2001	6,64	15,41
Área (km ²)	91,40	181,55
Tipologia de área urbana	APR	-



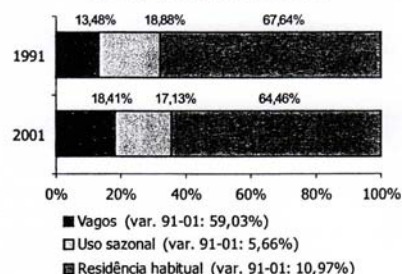
II - Caracterização Geral e Dinâmica do Parque Habitacional

Indicador	Ranking	Varição face ao valor médio do concelho (%)	2001	Varição 91-01 (%)
Densidade de alojamentos (alojamentos/km ²)	3	-87,16	21,65	17,17
Densidade de edifícios (edifícios/km ²)	3	-70,48	19,34	13,26
Idade média dos edifícios (anos)	2	2,48	31,62	n.d.
Número médio de divisões por alojamento	3	-3,67	4,08	1,30
Número médio de alojamentos por edifício	3	-56,55	1,11	2,81
Número médio de pavimentos por edifício	3	-36,27	1,35	19,00
Proporção de alojamentos precários	1	42,08	0,81	355,10
Proporção de alojamentos colectivos	3	-61,79	0,10	-14,65
Número médio de pessoas por alojamento	2	0,32	2,69	-7,91
Proporção de alojamentos sobrelotados	3	-11,09	14,79	-31,22
Proporção de alojamentos vagos e disponíveis no mercado	3	-51,10	22,99	-27,51
Encargos médios com habitação (preços correntes - €)	3	-6,54	235,33	169,04
Renda média com habitação (preços correntes - €)	3	-9,07	154,97	157,32
Indicador de conforto	3	-3,56	95,16	19,24
Proporção de edifícios com necessidades de reparação	1	17,16	37,33	n.d.

Regime de Ocupação dos Alojamentos Familiares Clássicos de Residência Habitual



Forma de Ocupação dos Alojamentos Familiares Clássicos



À data do último recenseamento registavam-se 1 979 alojamentos, mais 290 comparativamente ao valor de 1991. Em 2001 existiam, em média, 21,65 alojamentos por km², valor manifestamente reduzido quando comparado com o nível concelhio (168,70 alojamentos por km²). Ao longo dos anos 90, o número de edifícios na freguesia

aumentou 13,26%, evoluindo de 1 561 em 1991 para 1768 em 2001.

Das várias freguesias do concelho de Portimão, Mexilhoeira Grande possuía a mais elevada proporção de alojamentos precários (0,81%), bem como a maior proporção de edifícios que careciam de reparação (37,33%).

ANEXO N.º 2:
PLANTA E FOTOGRAFIAS DA ALDEIA DE SÃO JOSÉ DE ALCALAR



Fotografia 1 - 1.º bloco de moradias



Fotografia 2 - Quarto duplo



Fotografia 3 - Casa de banho de uma moradia



Fotografia 4 - Sala e cozinha de uma moradia



Fotografia 5 - Vista do jardim do 2.º bloco de moradias



Fotografia 6 - Idosa a regar as suas plantas à porta de casa



Fotografia 7 - Salão de convívio



Fotografia 8 - Capela



Fotografia 9 - Refeitório à hora de almoço



Fotografia 10 - Cozinha



Fotografia 11 - Lavandaria (secção das máquinas)



Fotografia 12 - Lavandaria



Fotografia 13 - Edifício do centro juvenil



Fotografia 14 - Salão polivalente no centro juvenil



Fotografia 16 - Anfiteatro ao ar livre



Fotografia 15 - Bar



Fotografia 18 - Bar



Fotografia 17 - Bar (exterior)

ANEXO N.º 3:
ENTREVISTAS INFORMAIS

Entrevistas informais

Entrevista informal n.º 1

→ Sr. Padre Domingos → Jantar de Natal da instituição – Dezembro/2008

Entrevistadora: Sr. Padre, como sabe estou a tirar o mestrado e tenho de fazer e aplicar um projecto. Estava a pensar fazer um projecto com actividades entre os idosos e as crianças do jardim infantil. Tenho de fazer o projecto e tenho mesmo de aplicá-lo. O que acha?

Entrevistado: Sim, podes escrever sobre isso.

Entrevistadora: Eu depois digo-lhe quando começa e como vai ser, também estou a pensar fazer as actividades nas minhas folgas para não prejudicar o serviço. E entretanto vou ter de falar com as educadoras para combinar as coisas com elas.

Entrevistado: Está bem, faz isso então! Fala com elas.

Entrevista informal n.º 2

→ Educadoras de infância das salas dos 4 e 5 anos – Inícios de Janeiro

Entrevistadora: Como sabem estou a fazer o mestrado e tenho de fazer um projecto, aplicá-lo e avaliá-lo. Estava a pensar fazer um projecto de relações intergeracionais, mas queria saber se podia contar com vocês e com a vossa colaboração.

Entrevistada: Podes sim, por nós podes avançar.

Entrevistada: Acho bem, é giro sim.

Entrevistadora: Tinham pensado nalgumas actividades... Os idosos podiam contar histórias aos miúdos, podiam ensinar-lhes a fazer alguns trabalhos manuais. O Sr. José, por exemplo, podia ensiná-los a fazer aquelas cadeirinhas com molas de madeira...

Entrevistada: Por nós pode ser. E assim aproveitávamos o facto dos idosos estarem aqui tão próximo.

Entrevistadora: Eu entretanto vou planeando as coisas e vou-vos mostrando para ver se concordam. Já falei com o Sr. Padre e ele autorizou, depois eu ponho-o a par quando for para começar as actividades.

Entrevistada: Está bem, vai fazendo. Nós se tivermos ideias também te dizemos e vamos combinando isso.

Entrevistadora: O projecto depois até pode continuar, não tem de acabar obrigatoriamente com o final do meu mestrado.

Entrevistada: Sim, é boa ideia. Vê-se como vai funcionando e depois podemos continuar...

Entrevistadora: Eu pensei nas crianças dos 4 e 5 anos pois acho que os outros miúdos são pequenos de mais e não vão conseguir participar tão bem nas actividades, mas não sei o que vocês acham...?

Entrevistada: Sim, estes já são maiorzinhos já compreendem melhor as coisas e já é diferente... os outros ainda são muito pequeninos.

Entrevista informal n.º 3

→ Educadora social – responsável pelo sector da animação da valência de lar de idosos – 27.01.2009

Entrevistadora: Diz-me uma coisa, quando o jardim infantil passou aqui para a Aldeia começaram logo a fazer estas actividades, que se têm feito pontualmente, com os idosos e as crianças?

Entrevistada: Sempre se fizeram algumas actividades, mas uma vez ou outra só... Os miúdos do A.T.L. é que iam mais vezes ao Lar de Idosos da Mexilhoeira, mais que o jardim infantil.

O Sr. Padre sempre insistiu que houvesse esse relacionamento entre idosos e crianças. Mas, se tu reparares, elas vêm, muitas vezes, com os miúdos aqui ao jardins ver a natureza mas nunca entram nas casinhas a ver os idosos.

Entrevista informal n.º 4

→ Educadora (sala dos 4 anos) – 28.01.2009

Entrevistadora: Olá! A tua sala é a dos 4 anos, certo? Qual é o nome da tua sala e o nome da sala dos 5 anos?

Entrevistada: Sim, é a sala dos 4 anos e chama-se sala dos doces. A sala dos 5 anos é a sala dos corações.

Entrevistadora: Tinhas-me dito que a tua sala tem 25 crianças. Quantos meninos e quantas meninas são?

Entrevistada: São 25 ao todo, 10 meninas e 15 meninos. Os da sala dos 5 anos não sei bem quantos são...

Entrevistadora: E tens meninos de várias nacionalidades, certo?

Entrevistada: Sim, tenho 1 brasileiro, moldavos, romenos e africanos. Tenho de vários sítios.

Entrevistadora: Obrigada então pelas informações. Eu depois falo com a Joana acerca da sala dela.

(Nota: Entreguei um esboço do plano de actividades com datas à educadora, para que ela e a colega da sala dos 5 anos dessem uma vista de olhos e vissem se concordavam ou se tinham alguma sugestão a fazer. A educadora ficou de ver com a Joana e de dizer-me alguma coisa no dia seguinte ou no início da semana.)

Entrevista informal n.º 5

→ Responsável pelo jardim infantil – 02.02.2009

Entrevistadora: Sabes dizer-me quantas crianças frequentam o jardim infantil na totalidade?

Entrevistada: Ao todo são 170, se não estou em erro.

Entrevistadora: Quantas salas têm?

Entrevistada: A creche tem três salas (0; 1 e 2 anos), depois o Jardim tem as salas dos 3; 4 e 5 anos; e o A.T.L. também tem 3 salas.

Entrevistadora: Podes dizer-me o nome das várias salas?

Entrevistada: Na creche são as almofadinhas; a sala dos 3 anos é a dos sorrisos, a dos 4 anos é a dos doces e a dos 5 anos é a dos corações. No A.T.L. existe a sala das amendoeiras, a das joaninhas e a das formigas.

Entrevistadora: Cada sala tem uma educadora e uma auxiliar, não é?

Entrevistada: Sim, mas na creche só a dos 2 anos é que tem educadora.

Entrevistador: Vocês aqui têm miúdos de várias nacionalidades. Sempre foi assim?

Entrevistada: Sim, sempre foi assim. Sempre tivemos muitos meninos de origem africana, mas de há uns anos para cá temos também muitos meninos de leste.

Entrevistadora: Achas que um projecto de relações intergeracionais tem alguma utilidade neste contexto?

Entrevistada: Claro que sim!

Entrevistadora: Diz-me só mais uma coisa. Sabes quantos meninos e quantas meninas existem ao certo na sala da Joana?

Entrevistada: Isso é melhor confirmares com a educadora. Sobe que ela deve estar lá na sala.

Entrevistadora: Obrigada pela colaboração.

Entrevista informal n.º 6

→ Educadora (Sala dos 5 anos) – 02.02.2009

Entrevistadora: Olá Joana! Precisava que me disseses quantos meninos e quantas meninas tens na tua sala.

Entrevistada: Olha são 10 meninas e 7 meninos. Está para entrar mais um menino mas entretanto são só dezassete.

Entrevistadora: Obrigada.

Entrevista informal n.º 7

→ Professora de ginástica – 09.02.2009

Entrevistadora: Eu estou a fazer um mestrado em Gerontologia Social e estou a planear um projecto com actividades intergeracionais a desenvolver com os idosos e as crianças do jardim infantil. Estava a pensar programar umas aulas de ginástica conjuntas... Mas queria saber se posso contar com a sua colaboração!

Entrevistada: Sim, por mim não há problema.

Entrevistadora: Estava a pensar agendar duas aulas de mês a mês, uma para a sala dos 4 e outra para a sala dos 5 anos.

Entrevistada: Sim, pode ser. Os idosos são muito paradinhos, fazem dois ou três exercícios e querem logo sentar-se. Pode ser que com as crianças sempre façam mais qualquer coisa.

E o objectivo era mesmo a interacção entre eles?

Entrevistadora: Sim, é.

Entrevistada: Eu, há dois anos que costumo organizar o “Intergerações” na Alameda em Portimão, com os miúdos das escolas primárias e os idosos do concelho. Para si pode ser interessante ir assistir. Costuma ser em Março e este ano vai haver também.

Entrevistadora: Sim, parece-me uma boa ideia.

Entrevistada: Eu vou ver o que posso fazer então e depois trago materiais diversos para as actividades com os miúdos – bolas, bastões,

Até para a semana então.

Entrevistadora: Obrigada e até para a semana.

Entrevista Informal n.º 8

→ Sr. Miguel, D.^a Maria e D.^a Andreza – 15.02.2009 (11h15m.)

A D.^a Andreza estava em casa do Sr. Miguel e da D.^a Maria quando eu entrei para falar um bocadinho com eles e ver como tinham corrido as coisas durante as minhas folgas – a minha ronda habitual aos Domingos de manhã.

Estávamos a falar de outras questões mas resolvi introduzir um assunto que me interessava.

Entrevistadora: Vocês é que eram umas pessoas boas para contar umas histórias aos meninos do jardim infantil...

D.^a Maria: Eu não sei essas coisas.

Sr. Miguel: Eu sei mas é para maiores. Sei muitas anedotas mas é para maiorzinhos. À vista dos pequenos não se podem dizer (risos).

D.^a Andreza: Eu também não sei nada disso.

Entrevistadora: Mas a D.^a Andreza depois faz outras coisas. Pode ir fazer trabalhos manuais com os meninos, por exemplo.

D.^a Maria: Vai ensiná-los a fazer canastras.

Entrevistadora: Sabem, é que eu fiz um trabalho para a escola que tem várias actividades e agora tenho de fazer essas actividades com vocês e com os meninos das salas dos 4 e 5 anos. Umás vezes iremos nós lá às salas deles, outras vezes vêm eles cá. Depois os meninos vêm fazer ginástica também.

Sr. Miguel: E isso é quando? É ainda este mês?

Entrevistadora: Não! Só começa para Março por isso é que ainda não lhes tinha dito nada. Mas eu depois aviso mais próximo da altura.

Sr. Miguel: Pois, eu sei, mas são picantes. Isto que é anedotas em 2 ou 3 palavrinhas. E há algumas que não se podem dizer.

Sabe, quem é capaz de saber umas coisas é além a Mariana.

D.^a Maria: A Mariana sabe muita coisa.

Sr. Miguel: E a Francisca também é capaz de saber.

Entrevista informal n.º 9

→ Sr. Mário – 24.06.2009 (09h25m.)

Estava na praia com os idosos e, enquanto a maioria do grupo foi dar um passeio à beira-mar com a voluntária, fiquei junto aos toldos com dois idosos que tinham mais dificuldade em andar na areia e preferiram ficar a descansar. Entretanto, começaram a chegar à praia os meninos de um infantário acompanhados pelas suas educadoras. O Sr. Mário que estava deitado num toldo perto de onde me encontrava disse-me:

Sr. Mário: Não vê menina Sara aqueles meninos também vêm à praia. São, mais ou menos, do tamanho lá dos nossos, não são?

(Aproveitei a ocasião para puxar conversa acerca do projecto)

Entrevistadora: Pois é verdade que sim! Os nossos também vão à praia, mas não vêm para aqui. Então e diga-me lá, tem gostado daquelas actividades que se têm feito lá com os meninos?

Sr. Mário: Tenho! Esta mocidade é sempre uma alegria. Só quando começam a extraviar é que não acho assim muita graça.

Entrevistadora: Mas está a dizer isso porquê? Por causa do barulho?

Sr. Mário: Sim, fazem uma grande barulheira às vezes. Naquele dia que eu me fui embora eu até não me importava de ficar lá com vocês. Mas a minha cabeça não tá capaz p'ra aguentar aquele barulho todo.

Entrevistadora: Está a falar do dia do ensaio para o desfile. Então e da ginástica e dos jogos não gostou?

Sr. Mário: A ginástica aquilo teve bem, eles parece que tinham mais respeito à professora e tavam mais sossegados. Agora nos jogos tiveram sossegados no princípio mas depois começaram logo a variar.

Eu tenho netos e gosto muito deles e de brincar com eles, mas quando começam a variar aquilo não serve p'ra mim. Que a minha cabeça não tá capaz p'ra esses extraviamentos.

Entrevistadora: Pois, acredito. Mas tirando o barulho, gostou? Acha boa ideia continuar com actividades daquelas a partir de Setembro, quando os meninos voltarem p'ro infantário outra vez?

Sr. Mário: Sim, aquilo tem a sua graça, pôr a gente miúda cá com os velhos (risos).

ANEXO N.º 4:
DADOS RELATIVOS AOS IDOSOS DIRECTAMENTE ENVOLVIDOS NO
PROJECTO

Nome	Ano Nascimento/Idade	Estado Civil	Hab. Literárias
Mariana	1921 (88 anos)	viúva	sabe ler e escrever
Adélia	1925 (84 anos)	viúva	4.ª classe
Ana	1913 (96 anos)	viúva	sabe assinar

Otília	1936 (73 anos)	casada	_____
Afonso	1947 (62 anos)	solteiro	sabe assinar
Manuel	1918 (91 anos)	viúvo	_____
José	1931 (78 anos)	viúvo	3.ª classe
Matilde	1932 (77 anos)	viúva	_____
Pedro	1918 (91 anos)	casado	sabe assinar
Gabriel	1926 (83 anos)	solteiro	_____
Miguel	1916 (93 anos)	casado	_____
Maria	1923 (86 anos)	casada	_____
Álvaro	1934 (75 anos)	solteiro	_____
Helder	1944 (65 anos)	divorciado	4.ª classe
Lurdes	1934 (75 anos)	viúva	_____
Deolinda	1920 (89 anos)	viúva	4.ª classe
Alda	1925 (84 anos)	casada	sabe ler e assinar
Ivone	1922 (87 anos)	viúva	3.ª classe
Graça	1930 (79 anos)	casada	2.ª classe
Madalena	1927 (82 anos)	viúva	_____
Bárbara	1933 (76 anos)	viúva	1.ª classe
Amílcar	1919 (90 anos)	viúvo	_____
Mário	1928 (81 anos)	viúvo	3.ª classe
Otávio	1930 (79 anos)	casado	_____
António	1921 (88 anos)	viúvo	_____
Vítor	1935 (74 anos)	solteiro	_____
Américo	1955 (54 anos)	solteiro	_____
Isabel	1918 (91 anos)	viúva	1.ª classe
Clotilde	1920 (89 anos)	viúva	4.ª classe
Patrício	1926 (83 anos)	casado	4.ª classe
João	1923 (86 anos)	viúvo	_____
Amélia	1932 (77 anos)	solteira	3.ª classe
Paula	1925 (84 anos)	viúva	sabe assinar
Olinda	1928 (81 anos)	casada	4.ª classe
Rita	1921 (88 anos)	viúva	4.ª classe
Josefina	1932 (77 anos)	casada	3.ª classe
Andreza	1924 (85 anos)	solteira	_____
Virgínia	1930 (79 anos)	casada	sabe ler e escrever
Arlinda	1954 (55 anos)	solteira	4.ª classe
Teresa	1921 (88 anos)	viúva	sabe ler e escrever
Francisca	1926 (83 anos)	viúva	4.ª classe
Fernanda	1929 (80 anos)	viúva	sabe assinar
Catarina	1925 (84 anos)	casada	sabe assinar
Zulmira	1926 (83 anos)	viúva	_____
Roberto	1949 (60 anos)	solteiro	4.ª classe
Inácio	1953 (56 anos)	solteiro	_____
Fernando	1917 (92 anos)	casado	sabe ler e assinar
Narcisa	1932 (77 anos)	viúva	sabe assinar
Arlindo	1913 (96 anos)	casado	sabe ler e assinar

Anexo n.º 5:
Notas de campo relativas à actividade: Hora do conto

Nota de campo n.º 7: Sexta-feira, 06.03.2009 – Hora do conto (sala dos 4 anos)

Cheguei à Aldeia às 9h para pôr a câmara a carregar durante um bocado, antes de seguirmos para a actividade.

Às 9h30 apenas se encontravam à minha espera, tal como havia sido combinado, o Sr. José (ao qual entreguei a cópia da história do “Príncipe com orelhas de burro”), a D.^a Olinda e a D.^a Teresa. A D.^a Alda disse-me que ia só a casa e voltava logo mas, no entanto, não voltou e optei por passar pela sua porta quando ia buscar a D.^a Francisca.

Ao chegar à casa 16, para além da D.^a Francisca também lá se encontrava a D.^a Rita que se esquecera do dia e da hora combinados e que acabou por nos acompanhar. Lembrei-me, entretanto, que a D.^a Otilia tinha passado por nós e dito que ia só a casa e voltava logo para o sítio do encontro. Por isso, liguei para o escritório a pedir à Marlene que avisasse a D.^a Otilia que estávamos perto da casa 16 para que ela viesse ter connosco. E assim, poucos minutos depois, estávamos todos juntos e rumámos ao jardim infantil.

Quando chegámos à porta os miúdos a quem iriam contar as histórias tinham estado a brincar na rua (nos baloiços) e agrupavam-se para subir as escadas rumo à sua sala. Segundo a educadora Andreia, os miúdos tinham estado a brincar um pouco para estarem mais cansados e, conseqüentemente, mais sossegados. Ao ver-nos, a Andreia disse aos miúdos que éramos os contadores de histórias e que teriam de se portar bem para ouvir as histórias todas.

Ao entrarmos na sala a seguir aos miúdos, que se dispuseram sentados no chão em volta das cadeiras em que os idosos se iriam sentar, os idosos sentaram-se. Como tive logo de início um “problema técnico” com a câmara de vídeo, pedi aos idosos que se fossem apresentando aos meninos, enquanto tentava remediar a situação. O que pretendia era que estes dissessem apenas o seu nome e a idade, mas estes aproveitaram para dizer também há quantos anos viviam na Aldeia e algumas idosas referiram as suas doenças e as doenças dos maridos.

Feito isto, e solucionado o problema da câmara de filmar, começaram a contar-se as histórias. Notei que os idosos estavam um pouco apreensivos e não faziam nada sem que eu lhes dissesse para começar. No caso da D.^a Francisca, como ela tem muita falta de ouvido, as idosas que estavam ao seu lado tinham de lhe dizer quando era para falar ou para contar a história.

Os miúdos, inicialmente, estavam muito atentos mas a partir da quarta história, apesar de não fazerem muito barulho, já se notava alguma inquietação da sua parte. Na minha opinião, a maioria dos miúdos acabou por “não ouvir” as últimas histórias uma

vez que já estavam fartos de ouvir os idosos a falar. Por um lado até foi bom, uma vez que as duas últimas histórias não eram adequadas para miúdos daquela idade.

Assim, em primeiro lugar o Sr. José leu a história do “Príncipe com orelhas de burro”. Importa salientar que, no final das histórias os miúdos batiam palmas e a educadora falava um pouco com eles.

Seguiu-se a D.^a Otília que contou assim:

“Era uma vez um casal que tinha três filhos. Depois morreu a mãe e o pai ficou com os três filhos.

O pai arranjou uma senhora (uma companheira) que não queria os filhos dele, não queria tratar dos filhos. E disse-lhe:

– Ou tu vais abandonar os teus filhos ou eu vou-me embora!

E o pai acabou por ir pôr os três filhos numa floresta muito longe... Foi pôr os filhos numa floresta muito longe para eles ficarem lá para sempre. E depois o pai veio para casa para viver com uma senhora que não era a mãe.

E depois eles ficaram lá sozinhos. Eles não conheciam nada, não sabiam para onde é que haviam de ir... Choravam, não viam ninguém, não tinham nada... Mas havia um que sempre era mais velhinho, sempre tinha mais ideia... Começou a olhar por todos os lados e foram assim para um serro para terem mais vista. E depois lá desse serro viram uma casinha muito longe e a casinha estava a deitar fumo.

O mais velho disse:

– Olhem, vamos embora! Vamos... então vamos ver se aquilo é uma casinha que está além.

Foram andando, andando, andando... chegaram lá mesmo já à noitinha, ao sol-posto. Depois tava tudo fechado.

– Só a porta!

A porta estava fechada, depois eles andaram à roda da casa, não sabiam o que haviam de fazer. Bateram à porta, mas ninguém ia abrir a porta. Era uma velhinha que vivia lá sozinha e não abria a porta porque tinha medo, tava lá sozinha em casa.

Depois eles foram... arranjam ideias de ir p’ra cima do telhado. Assubiram e forem p’ra cima do telhado. Naquele tempo as casas eram tudo com telhas, agora já não há casas com telhas. Há, mas é poucas.

Foram lá p’ra cima, destelharam duas telhas e olharam para baixo. Olharam p’ra baixo e viram a velhinha lá em baixo a fazer filhós com um lindo gato ao pé dela. Um

gato grande ao pé dela – que isto é muito antigo. O gatinho ali assentado no... no... ali ao pé do fogo e ela a fazer aquelas lindas filhoses.

O gato estava aqui, o fogo era ali e as filhósinhas que estavam feitas estavam mais ali para aquele lado (fez gestos). E eles lá, com muita fome, a ver as filhósinhas cá em baixo:

– Ai, mas como é que a gente vai tirar de lá uma filhósinha?

Anderam a pensar, anderam a pensar... e foram arranjar uma vara muito comprida, muito comprida (fez gestos) para ver se chegava lá às filhósinhas, Ora, e chegava.

– Olha, então temos este indereço! Está feito!

– Quando ela indo buscar lá a massinha lá ao alguidar, a gente mete lá a assuvina e tira as filhósinhas!

Ela foi lá buscar um bocadinho da massa e vá de estender para pôr ali a cozer ... e vá das filhósinhas por aí a cima. Ninguém viu, eles ficaram muito contentes, e ela a fazer. Mas vai, vai ela olha ali para o alguidar e diz assim:

– Então o que é isto?! – Pensou que era o gato.

– Psssta gato maltês, ainda agora tavam cinco e não tão se não três!

O gato ficou por comer as filhoses mas eles é que estavam a comer nelas lá em cima. Depois acharam muita graça e começaram a rir e ela apercebeu-se e disse:

– Mas atão o que é isto?

Olha p'ra cima e vê-os lá em cima. Vê-os lá em cima do telhado e diz:

– Ai meus queridos meninos! Eu tou aqui sozinha, eu vou-me abrir a porta e vocês vêm cá para baixo. Queram vir?

Eles disseram:

– Sim!

Eles estavam desejando de abrir uma porta para eles irem para dentro de casa.

Ela abriu a porta, eles foram para casa, ela tratou muito bem deles. Deu-lhe comerzinho, deu-lhe caminha para eles dormirem e eles ficaram lá, todos muito contentes. Eles perderam a mãe e perderam o pai. Pronto, ficaram lá.

Ela tinha fazenda e tinha coisas. – Isto dá para contar de muitas maneiras, mas eu sei assim. – Vai ela, pensou e depois pôs-os a trabalhar, a cavar, os maiores a cavar. Porque aquilo, há muitos anos os meninos quando tinham 5 anos já cavavam com uma enxada, panhavam batatas, trabalhavam, guardavam ... guardavam gado, guardavam gadinho e andava tudo a trabalhar com 5 anos.

Ela tava ... ela ... aaa... era uma pessoa rica com muitas fazendas e os meninos tavam já crescidinhos e ela pensou em abandoná-los também. Pensou em abandonar os meninos outra vez. Coitadinhos dos meninos.

Vai ela, disse assim:

– Bem, agora vou-lhes dar aqui um castigo, eles não sabem o que isto é e depois no fim já vejo o que é que lhe faço.

E disse assim para eles:

– Olhem, vocês agora vão fazer um trabalho para mim que ainda nunca fizeram mas têm de ir fazer.

Ela era má e eles tinham assim medo dela. E ela disse assim:

– Um vai buscar água que não é água, o outro vai buscar pão que não é pão e o outro vai buscar lenha que não é lenha.

Ora eles não sabiam o que aquilo era. Água que não é água, água sabe-se o que é agora água que não é água...

Eles já eram grandes mas iam chorando p're baixo:

– O que é que a gente faz? A gente queria tar com ela. A gente não tem ninguém e ela agora deu este castigo à gente e a gente não sabe fazer nada...

Apareceu o Deus Nosso Senhor. Deus Nosso Senhor teve muita pena deles e disse assim:

– Pronto, não choram que eu vou-lhe acudir. Água que não é água vocês fazem xixi tudo dentro dessa enfusa e é a água. E o pão, vão comprar pão – ele disse onde é que iam comprar o pão – e comem o miolo todo, deixam só a coidinha. Fazem um buraco, vão tirando só miolinho, miolinhos e fica só a coidinha. E a lenha é gamanjo, é uma coisa que há no campo. Agora tá tudo em flor, naquele tempo tava seco. Levem, façam um feixo daquilo e vão para casa. E ela ... eu vou-lhes dizer já o que é que ela lhes quer fazer. Ela vai aquecer o forno com a lenha e depois vai metê-los lá dentro do forno. E depois, mas vocês não vão para dentro do forno. Ela põe ali uma pá muito grande para vocês se assentarem na pá. Mas vai um só de cada vez, quando tendo um lá assentado em cima da pá ela põe p'ra dentro do forno. Mas vocês dizem assim: _ Ai eu não sei como é que isso se faz, ponha-se a senhora em cima da pá que é para a gente ver e depois a gente vai fazer como a senhora quer.

Vai a velhinha assentou-se ali em cima da pá espernegada. Vem de lá o Senhor e meteu-a p'ra dentro do forno. Ela é que ficou lá queimada e os meninos ficou tudo rico com a fazenda dela.”

A D.^a Oflia, após contar a história, referiu que esta tinha sido contada pela sua bisavó, pela sua avó e pela sua mãe e que também estava nos livros, embora de maneira um pouco diferente pois as filhas já tinham lido e ela tinha ouvido.

A D.^a Olinda disse que também conhecia a história com poucas diferenças.

Seguiu-se a D.^a Francisca com a história da “Cabacinha”:

“Era uma vez uma senhora que tinha uma filha. E a filha foi-se criando, foi-se criando, fez-se uma rapariga e casou. Teve outra filha mas morava muito longe – aqui era um serro e a filha morava além do outro lado do serro. A neta foi-se criando, foi-se criando e tava uma rapariga. Terminou a casar e convidarem a avó.

E a avó disse assim:

– Ai filha mas atão eu não vou-me. Eu não tenho roupa, não tenho calças.

– Deixe estar minha mãe que vocemecê não há-de ir à vergonha. – E comprou sapatos, comprou tudo para a velhota.

A velhota foi subir o serro. Ia assubindo, assubindo, assubindo, ia lá quase ao canto de cima, um grande lobo lhe saindo o caminho.

E ela disse assim:

– Bom dia Sr. lobo!

E ele respondeu assim:

– Bom dia velhinha! Atão onde vás?

– Pôs vou-me ao casamento da minha neta.

– Não, não vais que a gente agora vai-te comer.

– Ai sr. lobo, p’la sua saúde não me coma que eu vou-me ao casamento da minha neta e venho de lá mais gordinha! Venho de lá mais gordinha.

Mas a velhota chegou lá a casa da filha num choro.

E diz a filha assim:

– Atão porque é que chora minha mãe?

– Pôs tá além um sr. lobo e ele diz que quando indo daqui, que me come.

– Não tenha cuidados com isso que ele não a come não senhora.

Ora a velhota, passou-se o casamento e teve lá mais de oito dias que era para estar mais gordinha e mais bonita. E a filha assubiu com ela o serro e trouxe uma cabaça muito grande e uma rolha. E assim que assubiu o serro meteu a velhota dentro da cabaça e tapou a rolha e disse assim para a velhota:

– Vocemecê agora quando indo começar a arrabolar se lhe disserem alguma coisa você diz assim: – Curre, curre cabacinha. Não vi velha nem velhinha!

Ora o lobo, assim que viu vir a cabaça, foi-se logo pôr à rés do caminho. O lobo com a pata (gestos):

– Onde é que vás cabacinha?

– Curre, curre cabacinha. Não vi velha nem velhinha.

E vá de correr p’ra baixo e o lobo sempre atrás com as patas assim sempre, sempre, sempre (gestos):

– Onde é que vás cabacinha?

– Curre, curre cabacinha. Não vi velha nem velhinha.

Mas a velhinha, desarradou do caminho e bateu numa pedra. Bateu numa pedra muito grande e saltou a velhinha. Ora, saltou a velhinha muito gordinha e muito bonita e o lobo jogou-lhe logo as patas em cima e fez uma função maior que a do casamento.”

A D.^a Olinda contou uma poesia que aprendeu, quando tinha apenas sete anos, quando foi à escola:

“A minha boneca é linda,
Tão linda como os amores.
Tem o nome de Benvinda
E é mais fina que os doutores.

Mal vem o romper da manhã,
Numa vizinha afinada,
Chama, a sorrir, a mamã
Que lhe traga a marmelada.
É das bonecas rainha,
A minha linda boneca.
Trabalha, canta, cozinha
E dorme a sua soneca.”

Seguiu-se a D.^a Alda:

“Era um galo e uma galinha. E diz o galo para a galinha:

– Quando é que casamos a nossa filhinha?

Sai o pinto do ovo:

– Aqui estou eu para ser o noivo.

Sai a cobra de uma latinha:

– Aqui estou eu para ser a madrinha.

Sai a formiga da eira:

– Aqui estou eu p’ra cozinheira.

Sai o lagarto do calor:

– Aqui estou eu p’ra tocador.

Sai as moscas do ar:

– Aqui estou eu p’ra dançar.”

Seguiu-se a D.^a Teresa:

“Era uma vez um Sr. que tinha um rebanho de cabras e tinha duas filhas p’ra cuidarem nas cabras. E um dia ... Isto agora é na Quaresma e aquilo também, pois aconteceu na altura da Quaresma.

Diz uma filha ao pai:

– Oh pai, eu quero-me ir confessar.

– Então vás!

– Mas tenho de cuidar nas cabras...

– Olha, cuida a tua irmã e tu vás.

Assim foi. Ela era assim ignorante ... assim como eu (risos) e foi tar com o Sr. Padre.

– Sr. Padre eu vinha p’ra me confessar.

– Está bem. A menina vá ali p’ra dentro que eu já venho confessar.

O Sr. Padre lá aviou uns senhores que tavam lá na missa e veio p’ra cá.

– Pôs Sr. Padre eu quero me confessar.

– Está bem, venha cá.

Lá foi, leva-a ali p’ro pé de uma caixa e diz assim:

–_Pois eu ... a menina tem que se confessar mas tem que olhar ali p’ra dentro daquela caixa p’ra ver o que está ali dentro.

A moça como era simples olhou p’ra dentro da caixa. O Padre o que fez? Caçou-lhe a cabeça. Ora a moça vá de gritar, vá de gritar, vá de gritar, ninguém lhe acudia. Ora ficou mal, mal tratada, mal. Não ficou bem não.

Vem p'ra casa, diz a outra irmã assim:

– Atão, o que te aconteceu?

– Ó mulher, atão o Padre fechou-me a porta lá... com a porta da caixa. Olha tou muito doente.

– Deixa lá que amanhã vou-me eu. Logo que isso é assim, amanhã vou-me eu.

– Olha vê lá, olha que ele é malandro.

Bem! E foi ela. Foi ela, mas como tinha o rebanho das cabras e depois como tinha andado cuidando das cabras no outro dia, pensou assim. Tinha nascido um chibo e tinha chibinhos pequenos e ela vestiu-se e preparou-se e pega num chibo enrolado debaixo do braço... e foi lá ao Sr. Padre.

– Sr. Padre eu vinha p'ra me confessar, isto é Quaresma...

– Pois está bem, a menina vá ali para dentro que eu já a confesso.

Foi. Ela foi p'ra dentro e o Padre ficou ali com umas pessoas que estavam depois de acabar a missa e disse:

– Os senhores deixem-se estar com preceito e se ouvirem barulho não se levantem daí.

– Está bem.

Lá foi tudo muito bem. Ele vai também ver se ainda estava a moça.

– Ora venha para aqui que é p'ra se confessar.

E ele diz assim:

– Mas tem que olhar aqui p'ra dentro desta caixa.

– Olhe lá o Sr. Padre primeiro que eu venho assim encandeada e não vejo bem o que tá aí dentro. E então o Sr. Padre olhe lá que é p'ra eu ver o que é que tá também.

Ora, o Padre enganou-se. Ela caça-lhe a cabeça. E vá, ali bem acaladinho e toca a pôr as calças a baixo.

– Ai Meu Deus da minha vida! – Vá de gritar, vá de chamar, ninguém lhe acudia.

Até que ela vai e... vai ela disse assim, batendo palmas:

– É povo! Venham cá! Venham cá que o Sr. Padre teve um chibo e tá tendo outro.

Ela tinha levado um chibo enrolado num xaile e tinha tirado as patas do outro que tinha morrido no outro dia...

O Padre vá de gritar, vá de gritar e ninguém lhe acudia. O povo vem de lá todo aflito e tinha o Sr. Padre, realmente, as patas do chibo nos entestinos.”

Esta história não foi adequada para a idade das crianças, mas não me foi possível controlar este aspecto, uma vez que não conhecia a história e que a idosa me contara uns versos totalmente diferentes quando falara comigo.

A última idosa a contar a sua história foi a D.^a Rita, história esta que as crianças, na minha opinião, também acabaram por não entender:

“Era uma vez um casal que tinha uma filha. A filha já namorava, mas havia um baile lá num sítio e ela queria ir, porque sabia que o namorado estava lá. De maneiras que depois brigava com o pai p’ra ir ao baile:

– Olha, não vês que tá de chuva? Não se pode lá ir, está a chover. A gente agora não vai lá ao baile.

– Mas eu queria ir, queria ir ao baile.

– Mas não vás que está há tantos dias de chuva e faz umas ribeiras cheias. A gente não dá lá passado.

– Atão não vê que vem além uma abertazinha?

– Isso a aberta não tem nada com o baile, que tu não vás lá p’ro baile.

– Ai Meu Deus, mas atão e agora não vou ao baile por causa do quê?

– Atão não vês que está as ribeiras cheias?

– Vem além uma abertazinha tão boa.

Diz o pai assim p’ra ela:

– Pôs olha, por causa da aberta não vás lá.”

No final, os miúdos afirmaram ter gostado de ouvir as histórias e um ou outro disse querer ouvir mais. A educadora disse que os meninos iriam pensar numa história para contar aos idosos noutro dia.

Os miúdos quiseram apresentar-se. Foram eles próprios que perguntaram se podiam dizer o nome. Assim, acabaram todos por dizer o nome e a idade, ainda que um pouco envergonhados. Ficou combinado que as crianças fariam alguns desenhos sobre as histórias que se lembrassem e terminou assim a nossa “Hora do Conto”.

Ainda no final, entreguei os questionários à educadora Andreia e á Daniela para que estas os preenchessem e troquei algumas impressões com a educadora. Nomeadamente, o facto de terem sido muitas histórias para uma só ocasião e o facto das histórias da D.^a Teresa e da D.^a Rita não serem próprias para as idades em questão. A

Andreia disse que os miúdos, apesar de serem muitas histórias, se portaram bem, mas aconselhou-me a levar menos idosos para a sala dos 5 anos pois tornava-se muito cansativo/maçador para os miúdos ouvir tantas histórias em tão pouco tempo.

Ao sairmos do jardim infantil, os idosos entraram na sala das “Almofadinhas” (miúdos da creche). Quando descí as escadas estes já se encontravam lá dentro. A auxiliar, que acompanhava as crianças, disse-me que eles viram a porta aberta e entraram dizendo que tinham vindo visitar os meninos comigo, mas que aqueles ainda não tinham visto.

Sáímos então do Jardim e regressaram todos a suas casas. Perguntei àqueles que ainda se encontravam por ali o que tinham achado da manhã. Disseram-me que tinham gostado. O Sr. José disse: “– O convívio com as crianças é sempre uma coisa interessante e bonita.”

Como na sala dos 4 anos se encontravam 3 crianças cujas mães trabalham na instituição, na valência de lar de idosos na Aldeia de S. José de Alcalar, fui ter com as funcionárias e pedi-lhes que caso os filhos falassem em casa da actividade com os idosos me contassem o que eles tinham dito. Este seria assim, mais um elemento de avaliação desta actividade e, conseqüentemente, contribuiria para a avaliação de todo o projecto. Estas perceberam o que eu pretendia e ficaram de me contar o que os filhos dissessem.

Nota de campo n.º 10: Sexta-feira, 13.03.2009 – Hora do conto (sala dos 5 anos)

Quando de manhã cheguei à Aldeia, a D.^a Francisca e a D.^a Mariana iam andando a caminho de casa. Como não me tinham visto logo, pensavam que já não havia nada. Chamei por elas e aguardámos que os restantes idosos se juntassem a nós a fim de irmos todos juntos para o jardim infantil.

No caminho, expliquei-lhes que três deles ficariam na sala dos 3 anos, enquanto os outros quatro iriam comigo para a sala dos 5 anos. Relembrei-os também de se apresentarem aos meninos e dizerem a sua idade antes de começarem a contar as histórias.

Assim, a D.^a Alda, a D.^a Olinda e a D.^a Adélia ficaram na sala dos 3 anos, enquanto encaminhei os restantes idosos para irem andando para a sala dos 5 anos. Seleccionei estas 3 idosas para ficarem na sala dos mais pequeninos, uma vez que iriam contar histórias curtas que me pareciam ser de fácil compreensão para as crianças. Como fiquei a explicar o funcionamento da câmara de vídeo à Laura e à Luísa, quando

cheguei à sala dos 5 anos idosos e crianças já se tinham apresentado uns aos outros. Tendo em conta que deixei a câmara na sala dos 3 anos apenas consegui gravar, com o gravador, algumas das lengalengas e histórias contadas pela D.^a Mariana que era a idosa que se encontrava mais próxima de mim. Não consegui gravar as dos restantes idosos pois estes encontravam-se mais afastados do sítio onde me encontrava e também não quis estar a deslocar-me para perto de cada um deles para que não se sentissem pressionados/incomodados pelo gravador e contassem as suas histórias de forma natural e espontânea.

A D.^a Mariana começou por contar uma lengalenga com uma mosca:

“Estava a moça a namorar,

Lá foi a mosca atentar.

A mosca na moça:

– E a moça namora,

Só eu não posso namorar.

Estava a mosca no seu lugar,

Lá foi a aranha atentar.

A aranha na mosca

E a mosca na moça:

– E a moça namora,

Só eu não posso namorar.

Estava a aranha no seu lugar,

Lá foi a barata atentar.

A barata na aranha,

A aranha na mosca

E a mosca na moça:

– E a moça namora,

Só eu não posso namorar.

Estava a barata no seu lugar,

Lá foi o rato atentar.

O rato na barata,

A barata na aranha,
A aranha na mosca
E a mosca na moça:
– E a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Estava o rato no seu lugar,
Lá foi o gato atentar.
O gato no rato,
O rato na barata,
A barata na aranha,
A aranha na mosca
E a mosca na moça:
– E a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Estava o gato no seu lugar,
Lá foi o cão atentar.
O cão no gato,
O gato no rato,
O rato na barata,
A barata na aranha,
A aranha na mosca
E a mosca na moça:
– E a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Estava o cão no seu lugar,
Lá foi o homem atentar.
O homem no cão,
O cão no gato,
O gato no rato,
O rato na barata,
A barata na aranha,

A aranha na mosca
E a mosca na moça:
– E a moça namora,
Só eu não posso namorar.”

Seguiram-se os outros idosos a contar as suas histórias sempre havendo uma interacção entre estes e as crianças no final de cada história. Como os miúdos estavam a gostar e os idosos estavam muito mais à vontade do que na semana anterior, histórias e lengalengas foram surgindo naturalmente umas atrás das outras sendo seguidas com bastante interesse por parte das crianças. Ao contrário do que se tinha previsto, todos acabaram por contar mais do que uma história.

A D.^a Otília contou uma história de 3 porquinhas a qual tenho de pedir-lhe que a conte para o gravador pois, pelos motivos já apresentados anteriormente, não me foi possível registá-la no gravador no momento em que esta a contou para as crianças. A D.^a Francisca contou a história de um passarinho, a qual tenho de lhe pedir que a diga para o gravador e, na segunda volta, disse uma adivinha que já me tinha contado, anteriormente, numa conversa em sua casa.

“Era uma vez um passarinho
Que andava a pular em cima de uma nora.
Olhou para baixo, viu muita água,
Teve medo deu um peidinho e foi-se embora.
(...)”

“Compadre olico, olico
Não tem pé, nem cu, nem bico.
E o filho que ele tem,
Pé e cu e bico tem.
Agora diz lá tu também.
O que é que vem a ser?”

(Resp.: É o pinto. Nasce do ovo. O ovo não tem pé, nem cu, nem bico e salta de lá um passarinho que tem pé e cu e bico.)

O Sr. José, por sua vez, contou uma lengalenga sobre uma zorrinha (raposa) que passarei a transcrever:

“Um dia, tinha nevado muito e passou uma zorrinha. E a zorrinha ficou presa com a patinha na neve:

- Ó neve que és tão forte que prendes o pé à zorrinha.
- Ainda mais forte é o sol que me derrega.
- Ó sol que és tão forte que derregas a neve.
- Ainda mais forte é a nuvem que me empara.
- Ó nuvem que és tão forte que emparas o sol.
- Ainda mais forte é o vento que me leva.
- Ó vento que és tão forte que levas a nuvem.
- Ainda mais forte é a parede que me empara.
- Ó parede que és tão forte que emparas o vento.
- Ainda mais forte é o rato que me fura.
- Ó rato que és tão forte que furas a parede.
- Ainda mais forte é o gato que me come.
- Ó gato que és tão forte que comes o rato.
- Ainda mais forte é o pau que me bate.
- Ó pau que és tão forte que bates no gato.
- Ainda mais forte é o fogo que me queima.
- Ó fogo que és tão forte que queimas o pau.
- Ainda mais forte é a água que me apaga.
- Ó água que és tão forte que apagas o fogo.
- Ainda mais forte é o boi que me bebe.
- Ó boi que és tão forte que bebes a água.
- Ainda mais forte é o homem que me mata.
- Ó homem que és tão forte que matas o boi.
- Ainda mais forte é a morte que mata tudo.

Mais forte é a neve que prende o pé à zorrinha;

O sol que derrega a neve;

A nuvem que empara o sol;

O vento que leva a nuvem;

A parede que empara o vento;
O rato que fura a parede;
O gato que come o rato;
O pau que bate no gato;
O fogo que queima o pau;
A água que apaga o fogo;
O boi que bebe a água;
O homem que mata o boi;
A morte que mata tudo.”

Mais tarde, o Sr. José contou outra lengalenga:

“Domingo,
Pão com pingo.
Galo francês,
Pica na rês.
A rês é mansa,
Vai para a França.
Quando ela voltar,
Torna a picar.
O burro é de barro,
Pica no jarro.
O jarro é fino,
Pica no sino.
O sino é de ouro,
Pica no touro.
O touro é bravo,
Pica no fidalgo.
O fidalgo é valente,
Metem 3 homens
na cova de um dente.”

Depois do Sr. José foi a vez da D.^a Mariana retomar a palavra contando mais uma lengalenga seguindo-se a história do “Chapelinho Vermelho”:

“A mulher do monte,
Quando vai à vila,
Leva cestos de ovos
E a galinha em cima.

Ao passar da ponte
Caiu-lhe a cestinha.
Quebraram-se os ovos,
Fugiu a galinha.

– Anda cá galinha.
– Anda cá pipi.
– Anda cá pipi,
P’ro pé de mim.

Maldito galo,
Os porões que tem.
Galou a galinha
E a dona também.

Ó Mari’ Vinagre,
Ó Sebastiana.
Ó batata doce,
Ó feijão basbana.

Volta a porca aqui,
Volta a porca além.
– Ela aqui não está.
– Ela aqui não veio.

– Tá nos malhadinhos.
– Tá nos malhadais.
Meninos bonitos,

Cada vez há mais.

“Era uma vez uma menina ... era a menina do chapelinho vermelho. Tinha um chapelinho vermelho e tinha uma avozinha lá ... no canto do bosque. E a mãe fez-lhe uns bolinhos com um pouco de manteiga p’ra ir levar à avozinha.

E ela lá foi levar à avozinha. Encontrou o lobo e o lobo disse-lhe assim:

– Ó menina do chapelinho vermelho, onde vás?

– Vou levar uns bolinhos com um pouco de manteiga à minha avozinha, que tá lá ao canto do bosque.

– Ah... Tá bem, sim! Tá bem, tá muito bem.

Mas o lobo, como queria era comer talvez a menina e a avó e isso tudo. Disse assim:

– Ah tá bem, vai sim, vai. Ah ... atão e a tua avozinha tá na cama?

– Tá! Mas eu bato à porta e ela diz: – Netinha abre a porta e anda ver a avozinha!

– E trago uns bolinhos com um pouco de manteiga avozinha!

E o lobo aprendeu e foi lá à porta. Foi logo a fugir adiante da menina e foi lá à porta. Bateu à porta ...

– Quem é?

– Pois é a sua netinha que vem levar uns bolinhos com um pouco de manteiga!

– Olha filha, abre a porta e entra. Anda cá à avozinha.

Mas era o lobo! O lobo foi lá ... lá teve a conversar com a velhota ...

– Isto não é a minha netinha ...!!

– Pois não é. Mas a sua netinha vem ali. – Jogou-se à velha e comeu a velha.

E d’i vestiu-se com o fato da velha e deitou-se na cama e chega a netinha à porta:

– Avozinha, venho trazer uns bolinhos com um pouco de manteiga!

– Ó filha abre a porta e anda aqui à avozinha.

Foi lá ...

– Ai ... mas isto não é a minha avozinha! Ai ... Mas que grandes olhos que tu tens avozinha!?

– É p’ra te ver bem minha filha.

– Que grandes braços que tu tens!?

– É p’ra te abraçar bem minha filha. – Abraçou-a e comeu-a.
Pronto, acabou-se a história.”

Quando a D.^a Mariana acabou de contar a história da menina com o “Chapelinho Vermelho” os miúdos tiveram a falar da história que conheciam do “Capuchinho Vermelho” apontando as diferenças entre a história que havia sido contada pela idosa e a que eles já conheciam.

Depois a Educadora Patrícia disse aos miúdos que agradecessem aos idosos. Estes agradeceram e disseram que podiam desenhar sobre as histórias e que depois mostrariam aos idosos.

Entretanto, a D.^a Mariana começou a elogiar os meninos: “– Eles são tão lindos!” Começando também a falar da netinha que era pequenina e sabia cantar. Então a Patrícia propôs aos miúdos que cantassem uma canção para os idosos em troca das histórias que tinham ouvido. Os miúdos escolheram a canção da “Borboleta Henriqueta” e começaram a cantar. Os idosos ouviam e olhavam com um misto de ternura e encanto para os mais pequenos e alguns deles começaram a bater palmas ao mesmo tempo das crianças. No final da canção todos bateram palmas.

Já quase no final, a D.^a Otilia lembrou-se de outra lengalenga que ensinou aos meninos:

“Boi branco,
Lavra no campo.
Boi preto,
Lavra no cepo.
Perdiz,
Come lis.
Perdigão,
Come melão.
Conta bem,
Que dez serão.”

Os miúdos repetiram a lengalenga a seguir à D.^a Otilia contando, tal como ela fizera, pelos dedos das mãos.

Antes de irmos embora a Patrícia disse aos meninos para se irem despedir dos amigos que tinham vindo contar histórias e foi uma maré de beijinhos e abraços entre as crianças e os idosos. Estas levantaram-se a correr e rodearam os idosos ainda sentados.

Quando já íamos a sair da sala reparei que a Oflia ainda se encontrava sentada e ensinava a última lengalenga ao bisneto, contando pelos dedos da mão dele. Este ouvia a bisavó e olhava com grande atenção.

Fiquei com a sensação que os miúdos tinham gostado da actividade assim como os próprios idosos. Comparativamente à hora do conto que decorrera na sala dos 4 anos, pareceu-me que os miúdos da sala dos 5 anos estiveram mais atentos às histórias e verifiquei também que os idosos já se sentiam mais à vontade e contavam as histórias à medida que se iam lembrando, sem que fosse preciso mandá-los falar. A educadora Patrícia também ajudou bastante uma vez que ia intervindo no meio de cada história, fazendo com que as crianças tivessem uma participação mais activa.

Ao sair da sala ainda troquei umas palavrinhas com a Patrícia. Entreguei-lhe os questionários para que ela e a Antonieta os preenchessem e falei-lhe que tinha pensado em trocar a actividade cantigas por mais histórias pois parecia-me um pouco complicado convencer os idosos a cantar. No entanto, a educadora Patrícia sugeriu que fizéssemos uma espécie de desgarrada em que os idosos cantavam uma canção e as crianças responderiam com outra e assim sucessivamente. Gostei da ideia e disse-lhe que deveria ser engraçado e que experimentaríamos para ver como resultava.

Mais tarde, ao falar com o Sr. José, ele comentou: “– Estes meninos eram mais simpáticos que os outros. Muito bem-educados.” Na minha opinião, o facto das crianças se mostrarem mais atentas e interagirem com os idosos deixou-os mais à vontade e mais confiantes enquanto contavam as histórias.

Nota de campo n.º 11: Sexta-feira, 13.03.2009 – Hora do conto (sala dos 3 anos)

Esta nota de campo é feita, tendo como base a visualização das filmagens feitas pela educadora da sala dos 3 anos.

Segundo a educadora Laura, as idosas esqueceram-se de se apresentar e quando ela as lembrou começaram a dizer que estavam na Aldeia porque tinham os maridos doentes e começaram a falar das doenças. A educadora disse-me que a D.^a Alda se esquecera de uma parte de uma lengalenga, já não sabendo a ordem das coisas. E referiu também que a D.^a Olinda tinha contado a história muito depressa não se percebendo muito bem. Por isso, pediu-me que depois lhe desse as histórias que as senhoras

contaram, em papel. Fui ainda informada pela educadora que as idosas, após contarem as suas histórias, começaram a falar de orações que conheciam e a contar aos miúdos. Alguns deles até acabaram por contar uma ou outra que também eles conheciam.

Na sala dos 3 anos quem começou a hora do conto foi a D.^a Adélia. Eu tinha-lhe entregado uma história para ela ler para os meninos uma vez que a idosa dizia não se conseguir lembrar de nenhuma e mostrava interesse em participar na actividade. No entanto, como a história era curta e de fácil interpretação a D.^a Adélia (84 anos) acabou por contar a história “A Raposa e o Lobo” aos meninos praticamente sem olhar para o papel e explicando tudo muito bem.

A D.^a Olinda contou a poesia da “Boneca” que havia contado na semana anterior, fazendo novamente uma introdução que explicava como tinha aprendido aquela poesia.

Seguiu-se a D.^a Alda que contou a história do “Galo e da Galinha”, que também havia contado na semana anterior. Acabando esta história a idosa pediu licença e pediu para contar outra que passo a transcrever.

“Havia uma velhinha, muito velhinha, muito velhinha que tinha: galinhas, porquinhos, vaquinhas, burrinhos, borreguinhos, tudo. Aquela bicharia toda e cuidava naquilo tudo, tinha aquilo tudo. E d’i, já se via muito cansadinha, muito cansadinha. Os anos a passar e ela já muito velhinha. E então pensou assim:

– Mas atão como é que eu consigo lidar com isto tudo se eu não posso, se eu não posso?

E então e ela mai’ do tempo tava deitada e os bichinhos a andar por aí em roda da casa. Ela tava deitada na caminha e a caminha dela chamava-se, naquele tempo, no tempo dos antigos, era uma barra. E então o que faz ela? Colheu uns baracinhos / uns cordãozinhos e atar cada animalzinho ao cordel.

Depois veio de lá com a vaquinha presa num cordel, prendeu à barra. A vaquinha berrava, a barra rangia, a velha dizia:

– Ai que lindo amor que eu tenho. Ficam aqui que eu vou e já venho.

Foi buscar uma cabrinha. A cabrinha berrava, a vaquinha berrava, a barra rangia e a velha dizia:

– Ai que lindos amores que eu tenho. Ficam aqui que eu vou e já venho.

Foi buscar um cãozinho, prendeu-o também à barra. O cãozinho ladrava, a cabrinha berrava, a vaquinha berrava, a barra rangia e a velha dizia:

– Ai que lindos amores que eu tenho. Ficam aqui que eu vou e já venho.

Depois ia buscar o porquinho e atava à barra. O porquinho gurnia, o cãozinho ladrava, a cabrinha berrava, a vaquinha berrava, a barra rangia e a velha dizia:

– Que lindos amores que eu tenho. Ficam aqui que eu vou e já venho.

Depois ia buscar o gatinho. O gatinho miava, o porquinho gurnia, o cãozinho ladrava, a cabrinha berrava, a vaquinha berrava, a barra rangia e a velha dizia:

– Que lindos amores que eu tenho. Ficam aqui que eu vou e já venho.

Depois por fim foi buscar um grou e a minha história acabou.”

No final da história, a D.^a Alda atrapalhou-se um pouco. Mesmo ela disse: “– É uma coisa antiga mas é muito comprida que vai ali a bicharada toda. Meto os pés pelas mãos e as mãos pelos pés e já não dou conta.” A idosa explicou que tinha tido um AVC e que ficou muito afectada. Nota-se que houve uma paragem na filmagem e que esta recomeça com a D.^a Alda a contar uma oração: “(...) Nem de noite, nem de dia, nem às horas do meio-dia. Quando os anjinhos se alevantam (...)” Infelizmente, a D.^a Alda disse a oração muito depressa e não consegui perceber as últimas frases. Tenho de perguntar-lhe depois e pedir-lhe que a diga, mais pausadamente, para o gravador.

A D.^a Olinda ensina aos meninos a oração do “Anjinho da Guarda”, dizendo-lhes que esta se deve dizer quando se vão deitar:

“Anjinho da Guarda,
Minha companhia.
Guardai a minha alma
De noite e de dia.”

Alguns dos meninos já conheciam a oração, um deles disse que tinha sido a avó quem lhe tinha ensinado.

A D.^a Adélia, por sua vez, contou aos meninos o que costumava dizer aos filhos quando os ia deitar:

“O sono chegou-me aos olhos,
Mandei-o entrar p’ra dentro.
E ele disse-me assim baixinho:
– Vai dormir que já é tempo.”

A D.^a Alda contou outra oração mas também a disse muito depressa. Nota-se mais uma paragem na gravação que é retomada quando a D.^a Olinda começa a contar a “Lenda da Ana das 20 sabidas”.

“Era uma vez um rei que tinha um jardim muito lindo. Muito grande, muito lindo com flores de todas as cores e de todas as qualidades. E havia uma princesa que ia lá panhar flores e ia vender para a cidade. E apregoava:

– Quem quer comprar flores do jardim do rei que está mal de amores?

E vá outra vez a apregoar:

– Quem quer comprar flores do jardim do rei que está mal de amores?

O rei ouvia e ia lá pôr-se a espiar, esperando que ela chegasse. Ela acabava de vender aquelas e ia panhar mais. E o rei ia atrás:

– Atão que jeito vires roubar as minhas flores?

– Ah ... pois ... vim panhar as flores p’ra vender. Mas olha já não venho panhar mais nenhuma, já não apanho mais nenhuma.

– Atão vê lá... Se tu vens aqui apanhar flores eu mato-te.

– Tá bem , tá. Olha deita a cabeça aqui no meu colo que eu cato-te.

Ele deitou a cabeça no colo dela, ela começou a catá-lo. Noutra tempo havia piolhos e agora se calhar também há (risos). Ele com o gosto de ela o catar deixou-se dormir. Ela pôs a cabeça dele, com muito jeitinho, ali num lugarinho.

– E agora vou panhar flores e vou vender.

– Quem quer comprar flores do jardim do rei que está mal de amores? Quem quer comprar flores do jardim do rei que está mal de amores?

Ele acordou e ouviu ela andar a apregoar as flores. Pôs-se na espia dela. Ela lá vem outra vez:

– Atão que não vinhas roubar mais flores!?

– Olha, agora já não venho roubar mais. Não me mates.

E então ela disse assim:

– Olha, logo me vais matar lá à minha casa. Aqui não, vai-me matar lá à minha casa.

Ela foi, fez uma boneca de açúcar, sentou-a em cima da cama dela e pôs-se debaixo da cama.

O rei foi lá para ir matá-la, deu um tiro na boneca. Saltou um torrão de açúcar e foi ficar na boca do rei. O rei disse assim:

– Ai, minha bela Ana das 20 sabidas, quando tu me sabes tão bem em morte o que faria se fosses viva!

– Ai, minha bela Ana das 20 sabidas quando tu sabes tão bem em morte o que faria se fosses viva!

Ela saltou debaixo da cama, abraçou-se ao rei. Se calhar ainda hoje lá estarão abraçados.”

A D.^a Olinda teve alguma dificuldade para acabar de contar a história, fazendo algumas paragens. Nota-se que o barulho dos miúdos a estava a incomodar.

De seguida a D.^a Alda começou a contar a história de dois velhinhos e da morte:

“Numa aldeia habitavam dois velhinhos, muito velhinhos, com noventa anos de idade e esperavam breve a morte.

Certa noite de Inverno, assentados à lareira, falava o velho mais a velhinha assim desta maneira:

– Já pouco podemos viver – dizia o bom do velhinho – Deus queira que eu morra em diante p’ra não sentir tristemente a falta do teu carinho.

Ao ouvir isto a velhota responde ao marido assim:

– Se a morte em breve vier, se consciência tiver, leva-me primeiro a mim.

Terminada esta conversa, alta noite à hora morta, quando se iam p’ra deitar, começaram a escutar, ouviram bater à porta. Bateram vezes sem conta. Pergunta o velho em voz forte:

– Quem é que está aí a bater?

Então ouviram dizer:

– Venha abrir que é a morte.

Ir abrir a porta nenhum quer.

– Tenho aqui um pé dorido, vai lá tu abrir mulher.

A mulher cheia de medo respondia ao marido assim:

– (...) Diz baixinho ao ouvido... (já me perdi).”

Quando ia quase no final da história a idosa perdeu-se pois os miúdos já se encontravam bastante inquietos. Ao ver a gravação percebe-se que estes andavam de um lado para o outro e ouve-se, constantemente, alguém (educadora e/ou auxiliar) a mandar calá-los.

De qualquer modo, com a visualização desta gravação fiquei com a ideia de que estas 2 idosas se sentiam mais à vontade e mais confiantes do que na semana anterior. Isto vê-se pelo facto destas acabarem por contar mais histórias do que havia sido estipulado inicialmente e de introduzirem também as orações, das quais nem sequer se tinha falado anteriormente.

Quanto à D.^a Adélia não posso fazer comparações uma vez que, na semana anterior, a idosa não tinha participado na actividade.

Anexo n.º 6:
Histórias lidas pelos idosos na hora do conto

P RÍNCIPE COM ORELHAS DE BURRO

Era uma vez um rei que vivia muito triste por não ter filhos e mandou chamar três fadas para que fizessem com que a rainha lhe desse um filho. As fadas prometeram-lhe que lhe fariam a vontade e que elas viriam assistir ao nascimento do príncipe.

Ao fim de nove meses nasceu-lhes um filho e as três fadas fadaram o menino. A primeira fada disse:

– Eu te fado para que sejas o príncipe mais belo do mundo.

A segunda fada disse: – Eu te fado para que sejas muito virtuoso e inteligente.

A terceira fada, que não gostava do rei, disse:

– Eu te fado para que te nasçam umas orelhas de burro.

Foram-se as três fadas e logo apareceram ao príncipe as orelhas de burro. O rei mandou sem demora fazer um barrete que o príncipe devia sempre usar para lhe encobrir as orelhas.

O príncipe foi crescendo sem que ninguém na corte soubesse que ele tinha orelhas de burro. Chegou a idade em que precisava de fazer a barba; e então o rei mandou chamar o seu barbeiro e disse-lhe:

Farás a barba ao príncipe, mas, se disseres a alguém que ele tem orelhas de burro, morrerás.

Andava o barbeiro com grande vontade de contar o que vira, mas, com medo de que o rei o mandasse matar, calava consigo o segredo. Um dia foi-se confessar e disse ao padre:



- Eu tenho um segredo que me mandaram guardar, mas eu, se não digo a alguém, morro, e, se o digo, o rei manda-me matar; diga, padre, o que eu hei-de fazer.

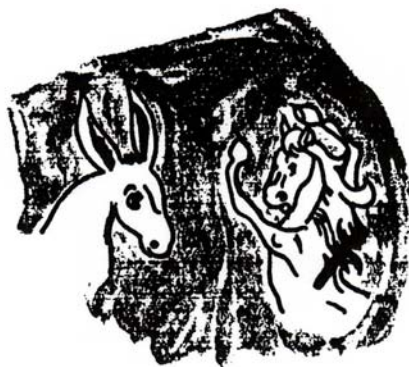
O padre aconselhou-o a que fosse a um vale, que fizesse uma cova na terra e que dissesse o segredo tantas vezes até ficar aliviado desse peso, e que depois tapasse a cova com terra. O barbeiro assim fez; e, depois de ter tapado a cova, voltou para casa muito descansado.

Passado algum tempo nasceu um canavial onde o barbeiro tinha feito a cova. Os pastores, quando ali passavam com os seus rebanhos, cortavam canas para fazer gaitas, mas, quando tocavam nelas saíam umas vozes que diziam: "O Príncipe tem orelhas de burro".

Começou a espalhar-se esta notícia por toda a cidade e o rei mandou vir à sua presença um dos pastores para que tocasse na gaita; e saíam sempre as mesmas vozes que diziam: "O Príncipe tem orelhas de burro". O próprio rei também tocou e sempre ouvia as vozes.

Então o rei mandou chamar as fadas e pediu-lhes que tirassem as orelhas de burro ao príncipe. Vieram elas e mandaram reunir a corte toda e ordenaram ao príncipe que tirasse o barrete; mas qual não foi o contentamento do rei, da rainha e do príncipe ao verem que já lá não estavam as tais orelhas de burro!

Desde esse dia as gaitas, que os pastores faziam das canas do tal canavial, deixaram de dizer: "O Príncipe tem orelhas de burro".





LOBO E A RAPOSA

Uma raposa esfomeada viu, na água parada no fundo de um poço, a imagem da lua. Julgando que era um queijo, deu pulos de contente.

O poço tinha dois baldes; enquanto um descia, o outro subia. Então meteu-se no balde que estava em cima e desceu até ao fundo mas, ao chegar lá, verificou que tinha sido enganada. Não havia queijo nenhum. E não sabia então como sair do poço.

Nisto, apareceu ali um lobo para beber água. Ao vê-lo, a raposa disse-lhe num tom muito amável:

- Desça até cá, compadre! Vou oferecer-lhe este queijo com muito prazer.

O pobre lobo caiu na armadilha e, metendo-se no outro balde, começou a descer. E, enquanto ele descia, o balde em que estava a raposa, subia, trazendo-a para cima.



ANEXO N.º 7:
MAPAS DE PRESENCAS DOS IDOSOS NAS VÁRIAS ACTIVIDADES
DESENVOLVIDAS

Hora do conto

	Datas	06.03.2009	13.03.2009
Idosos			
Otília		P	P
Francisca		P	P
Olinda		P	P
Alda		P	P
Teresa		P	-
Rita		P	-
José		P	P
Adélia		-	P
Mariana		-	P

Ginástica							
Datas	16.03.2009	23.03.2009	27.04.2009	06.05.2009	03.06.2009	08.06.2009	
Idosos							
João	P	P	-	P	P	-	
Fernando	P	P	P	-	-	-	
Deolinda	P	-	-	P	-	-	
Helder	P	-	-	-	-	-	
Vítor	P	-	P	P	P	P	
Tiago	P	P	P	P	P	P	
Américo	P	P	-	P	P	-	
Zulmira	P	P	-	P	-	-	
M ^a Heitor	P	-	-	P	P	P	
Amílcar	P	P	-	P	-	-	
Otília	P	P	P	P	-	P	
Lurdes	P	-	-	P	P	P	
Mário	P	P	P	P	P	P	
Narcisa	P	-	-	-	-	-	
Albertina	P	P	-	-	-	-	
Adélia	P	P	P	P	P	P	
Olinda	P	P	P	-	P	P	
José	P	P	P	P	P	P	
Fernanda	P	-	-	-	-	-	
Matilde	-	P	P	P	P	P	
Rita	-	P	-	-	P	P	
Graça	-	P	P	P	-	-	
Otávio	-	P	P	P	-	-	
Álvaro	-	P	-	P	P	-	
Arlindo	-	-	P	P	-	-	
Helder	-	-	P	-	-	-	
Madalena	-	-	-	P	-	-	
Virgínia	-	-	-	P	-	-	
Andreza	-	-	-	-	P	-	
Clotilde	-	-	-	-	-	P	

Trabalhos manuais					
Datas	03.04.2009	06.04.2009	17.04.2009	14.05.2009	29.06.2009
Idosos					
José	P	P	P	P	P
Isabel	P	—	—	—	—
Andreza	P	P	—	P	P
Miguel	P	P	P	P	P
Maria	P	P	P	—	P
Olinda	P	—	—	—	—
Rita	P	P	P	—	P
Teresa	P	P	P	P	P
Roberto	P	—	—	—	—
Ana	—	P	—	—	—
Paula	—	P	—	P	—
Adélia	—	P	P	P	—
Zulmira	—	—	P	P	—
Bárbara	—	—	P	—	P
Matilde	—	—	P	P	P
Américo	—	—	—	P	—
Graça	—	—	—	P	—
Otávio	—	—	—	P	—
Tiago	—	—	—	P	—
Fernando	—	—	—	—	P
Mara José Vicente	—	—	—	—	P

Tarde com as crianças do A.T.L.
07.04.2009
Afonso
António
Manuel
Tiago
Mário
Álvaro
Teresa
Roberto
Otávio
Graça
Mariana
Matilde
Albertina
Ivone
Américo
Clotilde
Vítor
Gabriel
M. ^a Heitor
Adélia
Zulmira
Isabel
Paula
Francisca
Amílcar
Fernanda
Rita
Josefina
Inácio
Deolinda
José

Jogos Tradicionais				
	Datas	15.05.2009	22.05.2009	15.06.2009
Idosos				
Luís		P	—	—
Adélia		P	P	P
Amílcar		P	—	P
Graça		P	P	P
Otávio		P	P	P
Fernando		P	—	P
Américo		P	—	P
Rita		P	P	—
Arlindo		P	—	P
Vítor		P	P	P
Mário		P	P	P
Matilde		P	P	P
José		P	P	P
João		P	P	P
Catarina		P	—	—
Deolinda		P	P	—
M.ª Albertina		P	—	—
Alda		P	—	P
Álvaro		P	—	P
Andreza		P	—	P
Daniel		P	P	P
Zulmira		P	—	—
Lurdes		P	—	—
Olinda		—	P	P
Helder		—	P	P
Madalena		—	P	—
Virgínia		—	P	—
Tiago		—	P	P
Clotilde		—	—	P

Desfile - festa de aniversário da Aldeia
05.06.2009
Josefina
M.ª Heitor
Luís
Zulmira
Otávio
Daniel
Adélia
Alda
Graça
Matilde
Teresa

ANEXO N.º 8:
EXEMPLAR DO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Questionário de avaliação da actividade:

Este questionário servirá como elemento de avaliação da actividade intergeracional _____, do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”. Este projecto surge no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social, da Universidade do Algarve.

A sua colaboração é fundamental, pelo que solicito que responda a todas as questões. As suas respostas serão anónimas e confidenciais.

Responda às questões colocando um **X** na resposta que considera a mais adequada.

1. Acha que esta é uma actividade adequada para desenvolver com estas idades?

Sim

Não

(Se respondeu Sim passe directamente à questão n.º 2.)

1.1. Porquê?

2. Na sua opinião, qual o grau de interacção entre os idosos e as crianças durante o decorrer desta actividade?

Elevado

Bom

Razoável

Reduzido

Muito Reduzido

3. Quem teve uma participação mais activa, no decorrer da actividade?

Idosos

Crianças

3.1. O que levou, na sua opinião, a que isso acontecesse?

4. Se fosse coordenadora de um projecto deste tipo o que alteraria nesta actividade?

5. Qual a função que desempenha na instituição:

Educadora de infância

Educadora social

Auxiliar da acção educativa

Professora de ginástica (C.M.P.¹⁶⁵)

Obrigada pela sua colaboração!

¹⁶⁵ A professora de ginástica é paga pela Câmara Municipal de Portimão.

ANEXO N.º 9:
GRELHA DE ENTREVISTA SEMI-DIRECTIVA
TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Grelha de entrevista semi-directiva

Tema	Objectivos	Questões
→ Identificação e legitimação.	→ Identificar e legitimar o tema.	→ Bom(a) tarde / dia! Esta entrevista servirá como elemento de avaliação desta primeira fase do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”. Como sabe, este projecto surge no âmbito do mestrado em Gerontologia Social, da Universidade do Algarve. Assim, gostaria de fazer-lhe algumas questões de modo a melhor compreender a sua opinião relativamente à implementação desta primeira fase do projecto.
→ Caracterização pessoal.		→ Há quanto tempo trabalha na instituição? → Idade → Formação
→ Histórico de projectos, nos quais possa ter participado.	→ Perceber se já participou em projectos que visassem o convívio entre gerações, nesta ou noutras instituições onde tenha trabalhado.	→ Já alguma vez tinha participado num projecto deste tipo? → Fale-me um pouco sobre essa(s) experiência(s). → Nesta instituição, alguma vez foi desenvolvido um projecto deste tipo?
→ Avaliação do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”.	→ Perceber qual a opinião da entrevistada relativamente à primeira fase de implementação do projecto.	→ De acordo com a sua perspectiva, diga-me o que achou desta primeira fase do projecto. → De todas as actividades realizadas, qual aquela que teve, na sua opinião, melhores resultados em termos de interacção entre os idosos e as crianças? → Explique porque escolheu esta actividade e não outra. → De todas as actividades realizadas, qual aquela que teve, na sua opinião, piores resultados em termos de interacção entre os idosos e as crianças? → Acha que esta primeira fase do projecto contribuiu para aproximar estas duas gerações? De que forma?

<p>→ Pistas para uma nova fase de implementação do projecto.</p>	<p>→ Perceber a opinião da entrevistada acerca da implementação de uma nova fase do projecto.</p>	<p>→ Acha que seria útil continuar com actividades deste género no próximo ano? → Para uma segunda fase de implementação deste projecto o que mudaria? → Sugestão de novas actividades.</p>
--	---	---

**Entrevista semi-directiva – Educadora da sala dos 5 anos (29 anos; Licenciada pela
Escola Superior de Educação de Beja)**

Entrevistadora: Boa tarde! Esta entrevista servirá como elemento de avaliação desta primeira fase do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”. Como sabe este projecto surgiu no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social, da Universidade do Algarve. Assim, gostaria de fazer-lhe algumas questões de modo a melhor compreender a sua opinião relativamente à implementação dest...desta primeira fase do projecto.

Há quanto tempo é que trabalha aqui na instituição?

Entrevistada: Há... seis anos.

Entrevistadora: E já alguma vez tinha participado num projecto destes?

Entrevistada: Não! Nós já tínhamos tentado fazer, num ano, um projecto relacionado com... mas depois não conseguimos.

Entrevistadora: Mas aqui nesta instituição ou noutra?

Entrevistada: Nesta.

Entrevistadora: E não conseguiram porquê?

Entrevistada: O projecto da instituição mesmo, o projecto pedagógico. Porque depois não conseguimos concretizar, pôr... pôr mesmo em acção.

Entrevistadora: Mas chegaram a falar com... com a outra parte... com a parte dos idosos?

Entrevistada: Chegámos a fazer coisas na... no dia dos avós, no... nas festividades! Ir ter com eles às casinhas, ir cantar... ir...

Entrevistadora: Não tinha conhecimento disso...

Entrevistada: Ah, fazemos isso tudo vocês nem sabem... porque vamos com eles e vamos fazendo...

Entrevistadora: Pois é isso...

Entrevistada: Já fizemos bolachinhas no Natal, fizemos p'ra eles...

Entrevistadora: Mas isso já foi há um tempinho!?

Entrevistada: Sim, se calhar há uns três anos... Três, três, uns três se calhar.

Entrevistadora: Eu digo isto porque disso eu não me lembro...

Entrevistada: Quatro no máximo.

Entrevistadora: Pois, eu estou cá há três anos...

Entrevistada: É. Deve ser...

Entrevistadora: Deve ter sido nessa volta. Ora, aqui nesta instituição só isso é que foi...

Entrevistada: Sim, coisas simples. Não foi nada assim tão... aprofundado como agora.

Entrevistadora: E o que é que achou desta primeira fase do projecto?

Entrevistada: Eu gostei! Eu gostei! Acho que é muito importante, tanto para os idosos como para as crianças terem este tipo de contacto. Muitas das crianças nem têm contacto com os avós, hoje em dia.

Entrevistadora: Pois.

Entrevistada: É a forma que eles têm de contactar com pessoas mais velhas. É verdade, são muito poucas. E os idosos a... é assim uma lufada de ar fresco que vem assim... e os miúdos, eles gostam, ficam todos contentes.

Entrevistadora: Eles falavam das actividades? De alguma coisa, ou...

Entrevistada: Não falavam muito. Falavam só na altura e depois eles acabam por esquecer... por esquecer de falar. Não é como nós que falamos das coisas assim passado tempo... Eles falam na altura e depois...

Entrevistadora: E depois passa.

Entrevistada: Passa, mas gostam. Gostam de vivenciar. Gostam.

Entrevistadora: Pois, mesmo os idosos é assim. Se eu lhes perguntar, a resposta não muito... Mas vê-se pelos sorrisos, pela cara deles...

Entrevistada: É isso! Gostam de vivenciar...

Entrevistadora: De todas as actividades realizadas, qual foi aquela que teve, na sua opinião, melhores resultados em termos de interacção entre os idosos e as crianças?

Entrevistada: P'ra mim foi a ginástica. As aulas de ginástica. Acho que foram assim... não sei, a organização. Estavam todos a pares e... e eram várias actividades e eles... Não sei pareceu-me que foi assim...

Entrevistadora: Por acaso a mim também me pareceu.

Entrevistada: (Risos)

Entrevistadora: E das outras actividades qual foi aquela que teve piores resultados? Qual foi aquela que não correu assim da melhor forma?

Entrevistada: Deixa lá ver quais é que foram as actividades todas...ah... a pior?

Entrevistadora: Aquela em que houve menos interacção. Ou seja, fez-se a actividade mas acabou por haver se calhar uma...

Entrevistada: É assim... Dependendo das activi... Houve actividades que foi mais numa coisa, mais noutra... Por exemplo, os jogos tradicionais eles adoraram. Os miúdos

adoraram. Só que... não obtiveram muita interacção com os idosos a fazer a actividade. Tive pena porque... Eu acho que se calhar os idosos tiveram um bocadinho mais receio, até porque eles são muito enérgicos, muito eléctricos e então não param. E eles ficaram assim um bocadinho talvez mais... retraídos de fazer a actividade, porque...

Entrevistadora: Às tantas eles paravam para os miúdos fazerem, foi o que eu...

Entrevistada: Pararam. Pararam completamente.

Entrevistadora: Eu ainda insisti...

Entrevistada: Pararam e então acho que se calhar... de todas... Apesar de ter sido um actividade que os miúdos adoraram. Porque eles adoraram fazer aquilo. Mas não houve, não conseguiu haver essa...

Entrevistadora: Porque os próprios idosos, eles até estavam a gostar de ver os miúdos a brincar...

Entrevistada: Sim, é isso.

Entrevistadora: Mas preferiam estar ali parados a vê-los, do que ...

Entrevistada: Exacto. Não é não ter havido, porque os idosos gostaram muito de ver, gostaram de estar ali e os miúdos também, mas em termos de interacção uns com os outros... Talvez também por eles serem muitos... Se fossem menos, a confusão se calhar seria menor e conseguiam encaixar-se.

Entrevistadora: A minha opinião, foi que, da última vez, quando foram as duas salas juntas. Acho que ficou melhor...

Entrevistada: A organização ficou melhor. Mas como a quantidade de miúdos era muito grande não se conseguiu. Em termos de organização melhorou, se já fizessemos outra terceira vez, já, se calhar... organizar-se-ia dessa forma e a quantidade de miúdos reduzindo conseguia-se fazer a...

Entrevistadora: O facto de a gente estar, cada uma numa estação facilitou a coisa, o que da primeira vez não aconteceu.

Entrevistada: Mas, por exemplo, se conseguires ter a mesma quantidade, mais ou menos, de idosos e de crianças, seria muito melhor. Mesmo que não se consiga colocar, de uma só vez, a sala toda divide-se os miúdos e uns fazem numa altura e outros noutra. Acaba-se por conseguir. Porque os idosos ficam retraídos. Vêm a confusão porque eles saltam e fazem muito barulho e... eles faz-lhes aquilo confusão, apesar de gostarem. É a ideia que eu tenho.

Entrevistadora: Não, eles gostam muito dos miúdos! Mas, mesmo nos lanches, ou quando foi aquele ensaio do desfile, houve um, por exemplo que acabou por ir embora.

Não porque ele não quisesse participar. Mas disse-me que o barulho estava-lhe a fazer confusão à cabeça. Não porque ele não gostasse dos miúdos e não quisesse participar. O barulho é Um bocadinho complicado p'ra eles.

Entrevistada: Mas agora que falaste no lanche, de todas as actividades, se calhar, foi a pior em termos de interacção. (risos) Não me estava a lembrar (risos). Mas acho que foi mesmo, que não...

Entrevistadora: (risos) Também acho. E este último, como correu? Foi igual...

Entrevistada: Foi, foi... Porque eles já estavam sentados e então não deu para...

Entrevistadora: Pois, eu tinha dito à Sofia, mas ela depois esqueceu-se.

Entrevistada: Pois ela disse-me que não... mas pronto. Para as próximas vezes já é diferente. A gente vai vendo o que é que pode melhorar e altera-se.

Entrevistadora: Acha que esta primeira fase do projecto contribuiu para aproximar, de alguma forma, estas duas gerações?

Entrevistada: Acho, acho. Contribuiu para aproximar porque apesar deles terem um contacto muito próximo, porque estão aqui a viver mesmo ao lado. Assim convivem directamente, pronto têm um convívio diferente. Actividades que eles, se fazem juntos as mesmas actividades é claro que se aproximam mais do que ao vê-los passar, ou ao irem visitá-los às casinhas. É completamente diferente.

Entrevistadora: Achas que seria útil continuar com as actividades no próximo ano?

Entrevistada: Sem dúvida! Melhorar algumas... colocar novas. A... pronto, fazer os ajustes e continuar. Acho que sim.

Entrevistadora: E, assim de repente, para uma segunda fase de implementação do projecto, o que mudarias?

Entrevistada: O que é que mudaria? Actividades diferentes... só.

Entrevistadora: Como por exemplo...?

Entrevistada: A... (risos) Assim, assim... olha, podíamos fazer, por exemplo, uma saída colectiva. (risos) Iremos a qualquer sítio, como por exemplo, à praia. Ou fazer-mos um almoço convívio, ou uma coisa assim... sei lá. Continuar com...fazer modelagens, trabalhos com massas, ou fazer até alguns doces. Há velhotes que devem saber fazer alguns doces, alguns biscoitos, umas coisas assim. Se calhar era giro.

Entrevistadora: Então muito obrigada pela entrevista e até uma próxima.

Entrevistada: De nada.

Nota da Entrevistadora: A educadora Patrícia mostrou-se sempre bastante descontrainda enquanto decorreu a entrevista.

Entrevista semi-directiva – Educadora da sala dos 4 anos (34 anos; Licenciada pela Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve; Especialização em Ensino Especial)

Entrevistadora: Boa tarde! Esta entrevista servirá como elemento de avaliação desta primeira fase do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”. Como sabe este projecto surgiu no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social, da Universidade do Algarve. Assim, gostaria de lhe fazer algumas questões de modo a melhor compreender a sua opinião relativamente à implementação desta primeira fase do projecto.

Há quanto tempo é que trabalhas aqui na instituição?

Entrevistada: Há...11 anos.

Entrevistadora: E já alguma vez tinhas participado nalgum projecto deste tipo?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: E noutra Instituição? Ou nunca trabalhaste noutra? (risos)

Entrevistada: (risos) Não. Eu, de vez em quando, ia ali uma vez por semana. Normalmente, fazer uma visitinha aos velhotes com os miúdos. Uma visita, falava conversas assim casuais, ocasionais. Nada de... mais desenvolvido.

Entrevistadora: E, o que é que achaste desta primeira fase do projecto?

Entrevistada: Achei bem. (risos) Achei bem, acho que já devíamos ter começado há mais tempo porque... porque se propicia. Porque somos vizinhos, vão às festas juntos, os idosos e as crianças. E acho que já devíamos ter pensado num projecto destes há mais tempo.

Entrevistadora: A... de todas as actividades realizadas, qual foi aquela que teve melhores resultados em termos de interacção entre os idosos e as crianças? Na tua opinião.

Entrevistada: Eu acho que foi a de educação física.

Entrevistadora: Porque...

Entrevistada: Porque... Olha, primeiro porque tinha uma... uma professora diferente, que eles não conhecem, que não estão habituados a ver. Logo o respeito que eles têm, isto da parte das crianças. A... e depois é uma actividade, como eles não têm professor de educação física nós, às vezes, é que fazemos as actividades a... com eles é diferente. E implica movimento, que é uma coisa que eles gostam, não é. Podem andar aos saltos e fazer essas brincadeiras todas... E da maneira como a professora organizou aquilo. Estava tudo muito bem organizadinho, eles chegavam lá já sabiam onde é que se tinham

de sentar e ouviam, e depois também materiais novos (as bolas, os arcos, as almofadinhas).

Entrevistadora: E das restantes, qual foi a que teve piores resultados, também em termos da interacção entre eles?

Entrevistada: De interacção? Os lanches contam?

Entrevistadora: Contam (risos).

Entrevistada: Aquilo das actividades dos jogos tradicionais...

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada: Mas isso a nível de interacção acho que foi razoável. Era sim mais, mais confusão. Mas acho que a que eles interagiram menos foi a dos lanches.

Entrevistadora: E... achas que interagiram menos porquê?

Entrevistada: Oh... pela localização deles os deixarem a conversar.

Entrevistadora: Pois.

Entrevistada: Ficaram, os idosos ficaram de um lado e os miúdos ficaram de outro, a uma distância assim um bocadinho considerável. Só mais por causa disso.

Entrevistadora: E este último agora, que eu não... não assisti como é que...? Também acabou por acontecer a mesma coisa?

Entrevistada: Foi, foi mais ou menos como o outro. Depois do lanche também os velhotes saíam logo, se ficassem lá um bocadinho... mas eles também se cansam do barulho que os miúdos fazem. É isso.

Entrevistadora: Achas que esta primeira fase do projecto contribuiu para aproximar estas duas gerações, de alguma forma?

Entrevistada: Acho que sim. Acho que a última aqui na minha sala foi assim um culminar em beleza. Também eram menos meninos. Era uma criança para cada idoso e então foi tudo muito calminho, ao som da música, foi assim mais... O próximo projecto já vai ser... um espectáculo (risos).

Entrevistadora: (risos) Achas que seria útil continuar as actividades no próximo ano?

Entrevistada: Acho.

Entrevistadora: E assim... para uma segunda fase do projecto o que é que mudarias?

Entrevistada: o que é que eu mudaria? O pá... mudaria... Acho que não mudaria nada. Podemos melhorar algumas coisas.

Entrevistadora: Como por exemplo?

Entrevistada: O pá... Como por exemplo: os jogos tradicionais podiam ser feitos alguns lá fora, aproveitar mais o exterior que nós temos cá que é muito bom. Mais... sei

lá, podíamos juntar outras actividades – culinária, por exemplo. A... as velhotas gostam de fazer uns bolinhos e nós também (risos) gostamos de os comer. Sei lá, tentar assim outros tipos de actividades diferentes que é p'ra não cairmos na rotina de serem sempre as mesmas. Pontos a mudar, são essas pequenas coisas. Os lanches, se calhar, juntávamos mais os dois grupos. De resto acho que... via só essas coisinhas. Depois inovava noutras actividades diferentes.

Entrevistadora: E o que é que inovavas? Para além da culinária...

Entrevistada: Queres ideias? (risos)

Entrevistadora: Quero.

Entrevistada: A... sei lá. Culinária, podíamos fazer passeios juntos também era giro... e ... agora não me ocorre mais nada...

Entrevistadora: Ok. Sendo assim obrigada pela entrevista.

Entrevistada: De nada.

Nota da Entrevistadora: A educadora Andreia passou, todo o tempo da entrevista a brincar com um pouco de bostik, partindo-o aos bocados e passando-o de uma mão para a outra. Na minha opinião, esta sentiu-se um pouco intimidade pelo gravador, não estando muito à vontade enquanto a entrevista decorria.

Entrevista semi-directiva – Auxiliar de acção educativa da sala dos 4 anos (43 anos; 9.º ano de escolaridade)

Entrevistadora: Boa tarde! Esta entrevista servirá como elemento de avaliação desta primeira fase do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”. Como sabe este projecto surgiu no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social, da Universidade do Algarve. Assim, gostaria de lhe fazer algumas questões de modo a melhor compreender a sua opinião relativamente à implementação desta primeira fase do projecto.

Há quanto tempo trabalha na instituição?

Entrevistada: 13 anos.

Entrevistadora: Trabalhou sempre aqui com os miúdos?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Já alguma vez tinha participado num projecto deste tipo?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Aqui nesta instituição nunca foi desenvolvido assim nenhum projecto?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: O que é que achou desta primeira fase do projecto, destas primeiras actividades?

Entrevistada: As primeiras foi... os contos e a ginástica, não foi?

Entrevistadora: Sim, mas de todas. De uma maneira geral.

Entrevistada: Os contos, achei que foram muitos para... p'ros miúdos, todos assim na mesma altura. Acho que só um ou dois tinha sido muito melhor. Entretanto, a ginástica achei bem, podíamos ter feito na rua, se calhar tínhamos mais espaço porque, por exemplo, o nosso grupo é muito grande. A... e os jogos tradicionais também achei bem, se calhar também podíamos ter optado por termos feito na rua.

Entrevistadora: Pois, a Patrícia, por acaso, também disse isso.

Entrevistada: Porque eles são muitos. Se calhar na rua tínhamos mais espaço.

Entrevistadora: E da... de todas as actividades realizadas qual é que acha que teve maior interacção entre os idosos e as crianças?

Entrevistada: Se calhar a ginástica.

Entrevistadora: Então e porquê a ginástica?

Entrevistada: Porque achei que eles na ginástica havia mais a... contacto do idoso com a criança. Havia mais a...

Entrevistadora: O facto de estarem a pares...

Entrevistada: É.

Entrevistadora: Então e qual foi a que teve piores resultados?

Entrevistada: Os contos. Mas acho que foi só por essa razão, por serem muitos contos p'ra eles. Porque eles ainda são tão pequenos que se torna muito saturante. Não é? Depois de ouvir um/dois, depois já começam a ficar assim um bocadinho dispersos.

Entrevistadora: E, às tantas, já não se lembravam do que tinham ouvido no início.

Entrevistada: Por esse motivo mesmo. Acho que se fosse, por exemplo, um velhote só a contar uma história num dia, na outra semana outro, tinha tido mais sucesso.

Entrevistadora: Então e acha que esta primeira fase contribuiu para aproximar estas duas gerações?

Entrevistada: Acho que sim.

Entrevistadora: De que forma?

Entrevistada: É pá, porque normalmente os velhotes são sempre muito distanciados dos miúdos. Por acaso aqui até têm o benefício deles estarem juntos e poderem fazer estas coisas juntas, não é? Porque também é só vê-los na rua, e eles assim tiveram mais esta possibilidade de estar em contacto com eles.

Entrevistadora: Acha que seria útil continuar com estas actividades no próximo ano?

Entrevistada: Acho.

Entrevistadora: Então e para uma segunda fase de implementação deste projecto o que mudaria?

Entrevistada: Olha, começávamos a fazer na rua (risos). Por exemplo, na altura do lanche podíamos planificar fazer com os velhotes e as crianças, podíamos se calhar planificar o lanche, não é? Uns bolinhos e umas coisas para depois a gente comer juntos. É pá... Sei lá.

Entrevistadora: Os contos punha um por semana. Não era?

Entrevistada: Pois era isso, um de cada vez porque entretanto eles podiam ir trabalhar também... o conto que contavam podia ser trabalhado de outra maneira.

Entrevistadora: Então e sugira lá novas actividades.

Entrevistada: Olha, temos aí velhotas tão jeitosinhas podíamos fazer, por exemplo, um atelier de costura, para ensinar as criancinhas a costurar. A... culinária, podiam fazer juntos também. Pronto podia-se fazer esse género de coisas.

Entrevistadora: Já está. Obrigada.

Entrevistada: Obrigada eu.

Nota da Entrevistadora: A Daniela logo de início estava um pouco reticente por causa do gravador, mas há medida que o tempo foi passando e que lhe fui fazendo as perguntas notei que ia ficando mais à vontade, acabando a entrevista de forma bastante descontraída.

Entrevista semi-directiva – Auxiliar de acção educativa da sala dos 5 anos (33 anos; 9.º ano de escolaridade)

Entrevistadora: Boa tarde! Esta entrevista servirá como elemento de avaliação desta primeira fase do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”. Como sabe este projecto surgiu no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social, da Universidade do Algarve. Assim, gostaria de lhe fazer algumas questões de modo a melhor compreender a sua opinião relativamente à implementação desta primeira fase do projecto.

Há quanto tempo trabalha na instituição?

Entrevistada: Na instituição faz seis, no Jardim há... quatro.

Entrevistadora: Então e onde é que trabalhava antes? Com os idosos?

Entrevistada: Sim, no lar, na Mexilhoeira.

Entrevistadora: Já alguma vez tinha participado num projecto deste tipo?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: A... mesmo noutra Instituição? Ou sempre trabalhou aqui?

Entrevistada: Não, nem sempre. Trabalhei numa IPSS também mas nunca participei...

Entrevistadora: E trabalhou com crianças ou com idosos?

Entrevistada: Trabalhei com crianças.

Entrevistadora: A... De acordo com a sua perspectiva o que é que achou desta primeira fase do projecto? Das actividades que foram desenvolvidas, de uma maneira geral?

Entrevistada: Achei bom. É muito bom a interacção das crianças com os idosos.

Entrevistadora: A... de todas as actividades realizadas qual foi aquela que teve, na sua opinião, melhores resultados de interacção entre os idosos e as crianças?

Entrevistada: A ginástica.

Entrevistadora: Porquê?

Entrevistada: Porque estava melhor organizado, quer dizer tava um idoso uma criança, tava... E os jogos estava mais complicado, se calhar, por a euforia dos miúdos e...

Entrevistadora: E de todas as actividades realizadas qual foi aquela que teve piores resultados?

Entrevistada: Acho que não tiveram nenhuma. Acho que estavam todas bem.

Entrevistadora: Há sempre aquelas que correm menos bem.

Entrevistada: Não, correram bem. Os jogos é que no início foi um bocado... a primeira fase foi... um bocado atrapalhada. Os idosos ficaram retraídos.

Entrevistadora: Acha que esta primeira fase do projecto contribuiu, de alguma forma, para aproximar estas duas gerações?

Entrevistada: Sim, acho que sim.

Entrevistadora: Como?

Entrevistada: Isto devia ser por escrito, que eu no papel expresse-me muito melhor do que assim a falar...

Entrevistadora: Mas contribui porquê? Porque é que acha que contribuiu para aproximar? Não sabe explicar? Sabe! Agora é que não sai...

Entrevistada: Estou bloqueada. (risos nervosos)

Entrevistadora: (risos) Acha que seria útil continuar com actividades deste género no próximo ano?

Entrevistada: Sim. (risos)

Entrevistadora: (risos) E para uma segunda fase de implementação deste projecto o que é que mudaria? Aspectos que ache que possam ser alterados...

Entrevistada: Se calhar, como todas disseram, o exterior, não é. Usar o espaço que temos no exterior.

Entrevistadora: E mais?

Entrevistada: Mas acho que estava bom.

Entrevistadora: Só mudava isso?

Entrevistada: Sim... Aproveitar mais o espaço.

Entrevistadora: E assim... novas actividades? Sugestões.

Entrevistada: Sei lá...

Entrevistadora: Para além daquelas que a gente fez, outras...

Entrevistada: Não, não. Isso é muito cansativo.

Entrevistadora: (risos) Não vem assim nenhuma...

Entrevistada: Fazer uma pecinha de teatro, vá lá...isto não é actividade nenhuma, não é?

Entrevistadora: É.

Entrevistada: Actuarem um com o outro como fizeram na... naquela passagem de modelos.

Entrevistadora: Podia-se, podia-se fazer.

Entrevistada: Acho que estava... engraçado.

Entrevistadora: Podia-se fazer um... teatrozinho em que houvesse ali uns avós e uns netos, ou... umas coisas assim. Não, era possível. Ou mesmo... por exemplo, estava-me a lembrar do “Capuchinho Vermelho”.

Entrevistada: Também era giro.

Entrevistadora: Dava p’ra fazer com uma avó velha e com...

Entrevistada: E com a criança mesmo.

Entrevistadora: E com a criança.

Entrevistada: Era giro. E agora temos um fato de capuchinho e tudo, que deram p’ra lá.

Entrevistadora: Ah, então temos de fazer isso!

Entrevistada: (risos)

Entrevistadora: Então pronto. E mais coisas? ... Mais nada?

Entrevistada: Mais nada.

Entrevistadora: Então, muito obrigada.

Entrevistada: De nada.

Nota da Entrevistadora: A Antonieta esteve sempre muito pouco à vontade durante o decorrer da entrevista. Mostrava algum nervosismo e respondia sempre de forma bastante sucinta às questões que lhe eram colocadas, não entrando em grandes explicações.

Entrevista semi-directiva – Educadora social (39 anos; 12.º ano de escolaridade)

Entrevistadora: Boa tarde! Esta entrevista servirá como elemento de avaliação desta primeira fase do projecto “Avós e Netos – Duas Gerações Unidas”. Como sabe este projecto surgiu no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social, da Universidade do Algarve. Assim, gostaria de lhe fazer algumas questões de modo a melhor compreender a sua opinião relativamente à implementação desta primeira fase do projecto.

Há quanto tempo trabalhas na instituição?

Entrevistada: Precisamente... doze anos... e sete meses.

Entrevistadora: Doze anos e sete meses. E trabalhaste com as crianças quanto tempo, antes de vires trabalhar com os idosos?

Entrevistada: Tenho a impressão que foram cinco anos...

Entrevistadora: Já alguma vez tinhas participado num projecto deste tipo?

Entrevistada: Não senhor.

Entrevistadora: Nem nesta instituição, nem noutra?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: E nesta instituição também não foi desenvolvido nada assim do género? Nunca se fizeram actividades entre os idosos e as crianças?

Entrevistada: Aquelas sim...

Entrevistadora: Como assim?

Entrevistada: Ai tenho que dizer?

Entrevistadora: Pois.

Entrevistada: Sim, as festas de aniversário de ambas as... os aniversários de ambas as valências, aquelas festas religiosas que o Sr. Padre promove, a gente fazia. Vinham-nos visitar, quando estavam no jardim infantil antigo vinham-nos visitar.

Entrevistadora: Mas estas assim mais pequenas, ou as do A.T.L.?

Entrevistada: Também vinham. Quando era nos aniversários também vinham, vinham todos. E de vez em quando vinham aí lanchar, mas era uma coisa assim, uma coisa tipo... uma vez por ano, nada de especial.

Entrevistadora: Hum, hum. Nada de especial.

De acordo com a sua perspectiva, o que achou desta primeira fase do projecto?

Entrevistada: Ainda é a primeira fase!?

Entrevistadora: Sim, então a segunda fase é para o ano.

Entrevistada: Achei muito bem.

Entrevistadora: E achou muito bem porquê?

Entrevistada: Porque sim. Serviu para estreitar ainda mais os laços. Pois se não houvesse uma actividade realmente programada as crianças não viriam fazer nada, não é? Havendo actividade programada, sempre é mais fácil, ambas as partes se integrem num projectozito e fazerem qualquer coisinha.

Entrevistadora: De todas as actividades realizadas e àquelas a que assististe – porque houve umas a que não assististe – qual foi a que teve, na tua opinião, melhores resultados de interacção entre os idosos e as crianças?

Entrevistada: Eu penso que as duas. Nunca tinha havido jogos, portanto acho que os idosos gostaram só que eles...

Entrevistadora: Pois só assististe aos jogos e aos lanches e aos trabalhos manuais aqui.

Entrevistada: Os lanches, eu estava a pensar continuar, não é? Visto haver uma segunda parte não sei o que estás a pensar fazer. (risos)

Entrevistadora: Não. A segunda parte no sentido de continuar as actividades, não deixar morrer aqui, percebes? Continuar a fazer qualquer coisa.

Entrevistada: As actividades... pois eu acho que a gente podia fazer um ateliêzito, de vez em quando, com algumas coisinhas.

Entrevistadora: Mas... achaste... qual é que tinha mais interacção?

Entrevistada: Mais interacção. É assim, com maior parte, maior grupo de idosos o lanche e os jogos. Por menor grupo de idosos, não é? Aqui os trabalhos era só meia dúzia de idosos. E a ginástica também metia mais gente. Só por isso, porque é assim, as crianças aqui estiveram bem, os idosos estiveram muito bem com elas nestes trabalhinhos, só que...pronto...

Entrevistadora: Eram menos.

Entrevistada: Eram menos, é isso. Pronto.

Entrevistadora: E de todas as actividades realizadas qual foi aquela que teve piores resultados?

Entrevistada: A meu ver, nenhuma.

Entrevistadora: Mas há sempre uma melhor que a outra.

Entrevistada: É assim... só nos jogos, é assim, o espaço era pequeno, não dava p'ra se alargarem todos.

Entrevistadora: Hum, hum.

Entrevistada: Portanto, acho que houve ali... Os idosos ficaram um bocadinho mais a deixar as crianças descobrirem, desfrutarem mais daquilo. Porque os idosos também

queriam participar, acho que o espaço... Pronto, nós não temos, não temos um ginásio...

Entrevistadora: Mas podíamos ter feito na rua e não fizemos, por exemplo.

Entrevistada: Mas, se calhar, não era tão agradável também, p'ros idosos também. Estás a ver? Eles preferem estar dentro de casa. Estou a dizer no sentido de espaço de ginásio, de alargamento. A meu ver, certamente, iria haver mais espaço para que ambos andassem ali cada um à sua vontade.

Entrevistadora: Acha que esta primeira fase do projecto contribuiu para aproximar estas duas gerações?

Entrevistada: Claro.

Entrevistadora: De que forma?

Entrevistada: Isso, eu já disse.

Entrevistadora: Dizes outra vez. (risos)

Entrevistada: (risos) Então, havendo um projecto há algo concreto para a qual são chamados a interagir. Se não houver nada pois...

Entrevistadora: Fica mais difícil.

Entrevistada: Não há. (risos)

Entrevistadora: Acha que seria útil continuar com as actividades no próximo ano?

Entrevistada: Sim, estava a pensar.

Entrevistadora: E para uma segunda fase de implementação deste projecto o que é que mudarias?

Entrevistada: Nada. A falta de espaço.

Entrevistadora: A falta de espaço. (risos)

Entrevistada: Não, não... é assim. Tu estás a perceber o que eu estou a dizer. Nos jogos tradicionais havia espaço, mas se fosse maior tipo ginásio, sem mesas e sem nada, só um espaço só p'ra isso acho que era muito melhor. Percebes o que eu estou a dizer. Aquele lá era óptimo se não tivesse as mesas do refeitório.

(Um idoso bateu à porta do gabinete, interrompendo a entrevista a uma pergunta do final. Vi o que era preciso e continuei com a entrevista.)

Entrevistadora: Sugestões para novas actividades.

Entrevistada: Sugestões para novas actividades. Por exemplo: fazer-mos uma marcha em conjunto com as crianças, serem elas as mascotes e nós irmos atrás. Por exemplo:

elas convidarem-nos mais vezes também para interagir com elas, não sermos sempre nós a dar-o... Um ateliêzinho tipo aqueles trabalhos que nós fazíamos, mas com outros trabalhos ainda mais alargados. Do género, trabalho por exemplo consoante a estação do ano, fazer um ateliêzinho entre eles. E expor-se mais vezes também os trabalhos em conjunto... Assim de repente, não me lembro de mais.

Entrevistadora: Ok. Obrigada.

Entrevistada: De nada.

ANEXO N.º 10:
AVALIAÇÕES FEITAS PELAS CRIANÇAS



Trabalhos Raveais



bande



Ginástica



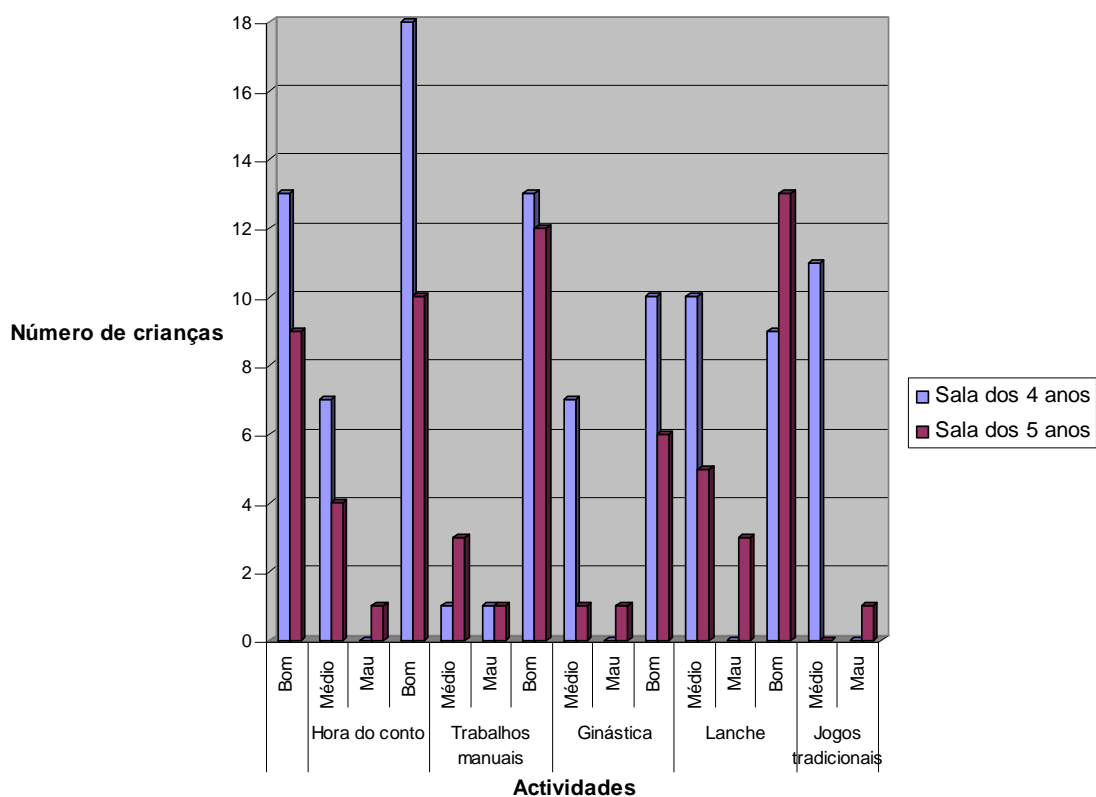
Hora do conto



Jogos Tradicionais

Actividades	Níveis de satisfação	Sala dos 4 anos	Sala dos 5 anos
Hora do conto	Bom	13	9
	Médio	7	4
	Mau	0	1
Trabalhos manuais	Bom	18	10
	Médio	1	3
	Mau	1	1
Ginástica	Bom	13	12
	Médio	7	1
	Mau	0	1
Lanche	Bom	10	6
	Médio	10	5
	Mau	0	3
Jogos tradicionais	Bom	9	13
	Médio	11	0
	Mau	0	1

Avaliação das actividades, segundo as crianças directamente envolvidas no projecto



ANEXO N.º 11:
CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA DO DIÁRIO DE CAMPO

Categorias	Subcategorias	Transcrições
1. Interação entre idosos e crianças:	1.1. Convívio/interacção entre as duas gerações.	<p>“(…) quando cheguei à sala dos 5 anos idosos e crianças já se tinham apresentado uns aos outros.” (Nota de campo n.º 10, p. 22)</p> <p>“Seguiram-se os outros idosos a contar as suas histórias sempre havendo uma interacção entre estes e as crianças no final de cada história. Como os miúdos estavam a gostar e os idosos estavam muito mais à vontade do que na semana anterior, histórias e lengalengas foram surgindo naturalmente umas atrás das outras sendo seguidas com bastante interesse por parte das crianças.” (Nota de campo n.º 10, p. 24)</p> <p>«Então a Patrícia propôs aos miúdos que cantassem uma canção para os idosos em troca das histórias que tinham ouvido. Os miúdos escolheram a canção da “Borboleta Henriqueta” e começaram a cantar. Os idosos ouviam e olhavam com um misto de ternura e encanto para os mais pequenos e alguns deles começaram a bater palmas ao mesmo tempo das crianças. No final da canção todos bateram palmas.» (Nota de campo n.º 10, p. 29)</p> <p>“Antes de irmos embora a Patrícia disse aos meninos para se irem despedir dos amigos que tinham vindo contar histórias e foi uma maré de beijinhos e abraços entre as crianças e os idosos. Estas levantaram-se a correr e rodearam os idosos ainda sentados.” (Ibid., p. 30)</p> <p>“(…) as idosas, após contarem as suas histórias, começaram a falar de orações que conheciam e a contar aos miúdos. Alguns deles até acabaram por contar uma ou outra que também eles conheciam.” (Nota de campo n.º 11, p. 31)</p> <p>“(…) cada um interagiu mais directamente com um miúdo pois foi colocado um miúdo em frente de cada idoso para fazer os exercícios. Como o número de crianças era superior ao de idosos, o Sr. José acabou por interagir com duas crianças.” (Nota de campo n.º 12, p. 35)</p> <p>“Os idosos (…) mostravam um sorriso de orelha a orelha e davam gargalhadas enquanto “brincavam” com as crianças, falando com elas simultaneamente.” (Ibid.: p. 36)</p>

		<p>“Seguidamente foi feita uma gincana em que cada idoso tinha de pegar numa bola ao mesmo tempo que cada criança (fazendo grupos de dois), cada grupo tinha de fazer o percurso sem largar a bola até chegar perto de dois arcos. Chegando aos arcos, era necessário saltar para dentro e para fora dos mesmos. Idosos e crianças estavam dispostos em duas filas para que a gincana fosse uma espécie de competição entre uma e outra fila. Os miúdos não podiam correr por causa dos idosos que acompanhavam e alguns idosos, influenciados pelos miúdos, acabavam também eles por saltar para dentro dos arcos.” (Ibid.)</p> <p>“Desta vez, houve o cuidado de sentar idosos e crianças intercaladamente de modo a proporcionar um contacto mais directo entre os mesmos. Por isso, e tendo em conta a sugestão da educadora Patrícia, ao entrar no salão pedi aos idosos que deixassem uma cadeira de intervalo entre si para que os meninos se pudessem sentar.” (Nota de campo n.º 13, p. 37)</p> <p>“O dia do lanche coincidiu com a festa de aniversário dos idosos que fizeram anos ao longo do mês de Março, o que fez com que os miúdos, para além de lanchar com os idosos, acabassem também por cantar os Parabéns aos aniversariantes.” (Nota de campo n.º 14, p. 39)</p> <p>“Outros 4 olhavam atenciosamente para o Sr. José enquanto este ia fazendo uma cadeirinha com molas. As crianças ajudaram-no a desmontar as molas e depois observaram como o Sr. José ia colocando as partes das molas de modo a ir formando as diferentes partes da cadeira. O Edgar olhava com entusiasmo e foi o miúdo que mais atenção prestou ao trabalho do Sr. José.” (Nota de campo n.º 16, p. 42)</p> <p>“(…) quando falavam com os idosos também o faziam com algumas reticências. Apesar de tudo, de vez em quando, idosos e crianças acabavam por trocar algumas palavras entre eles.” (Ibid., pp. 42-43)</p> <p>“Na mesa das bolinhas e dos ovinhos tanto os idosos como as crianças se mantiveram sempre mais calados.” (Nota de campo n.º 17, p. 45)</p>
--	--	--

		<p>«Algum tempo depois, quando o Sr. José se despachou a menina que, entretanto, já tinha andado a caminhar lá pelo escritório, encontrava-se novamente no colo da Encarnação e acabou por ir para o colo do Sr. José que se mostrava radiante com a criança nos braços:</p> <p>– Não vê menina Sara! – Dizia-me ele todo sorridente. – A netinha que eu arranjei agora!</p> <p>Entretanto apareceu o Sr. Padre que lhe perguntou se a menina era neta dele. E o Sr. José ainda mais contente ficou, mas disse-lhe que não, que era uma menina do jardim infantil que tinha vindo com a Encarnação. A miúda estava toda satisfeita no colo do Sr. José e ele “todo babado” com a situação e encantado com o facto dela não ter vindo para o meu colo e ter ido logo para o dele.» (Nota de campo n.º 18, p. 45-46)</p> <p>“No final da encenação a Margarida disse aos meninos para cumprimentarem os idosos e rapidamente estes passaram por todos os idosos, que se encontravam sentados nas cadeiras em torno do salão, apertando-lhes as mãos e dando beijinhos. Alguns miúdos, especialmente algumas meninas, demoravam-se mais junto de algumas idosas que conversavam meigamente com elas. A felicidade dos idosos ao serem cumprimentados pelos miúdos era visível nos seus rostos. Não há a menor dúvida que as crianças espalham alegria por onde passam.</p> <p>Enquanto as crianças acabavam de cumprimentar os idosos a Margarida disse aos miúdos a sugestão da Sofia. Cada miúdo teria de escolher um(a) “avô/avó” que acompanharia até ao refeitório, lanchando ao lado do mesmo. Assim, ficariam intercalados idosos e crianças o que proporcionaria uma maior interacção entre as duas gerações, bem como mais silêncio da parte das crianças, uma vez que o facto de estarem todas juntas poderia contribuir para que houvesse mais confusão/reboleço e, conseqüentemente, uma maior propagação do ruído. Como os miúdos hesitaram um pouco a ir ter com os idosos a Margarida assim como as restantes colegas foram também buscar um idosos que acompanharam até ao refeitório, dando assim o exemplo às crianças que depressa se organizaram junto dos restantes idosos.</p> <p>Deste modo, cada criança seguiu o caminho do refeitório acompanhado por um idoso. Iam de mãos dadas para o refeitório muito calmamente e, nalguns casos, conversando uns com os outros.</p> <p>O lanche decorreu de forma normal e no final foi partido e distribuído por todos um bolo que as crianças do A.T.L. tinham trazido para dividir com os idosos.” (Nota de campo n.º 18, pp. 46-47)</p>
--	--	--

		<p>«Os 2 miúdos que ficaram na mesa com o Sr. José – que fazia as cadeiras com molas de madeira – após terem separado as molas começaram também eles a colar as diversas partes das molas. O que ainda não havia acontecido em nenhuma outra sessão de trabalhos manuais. O Sr. José foi obrigado a explicar-lhes que não podiam colocar o pincel muito dentro do frasco pois ficava com imensa cola e assim ficava cola por todo o lado e não conseguiam fazer bem as colagens. Penso que ele se divertiu mais desta vez, sobretudo a partir do momento em que as crianças começaram também elas a colar as molas e a perguntar-lhe: “– É assim? Já coleí estas todas!” Enquanto tirava algumas fotografias disse ao Sr. José, em tom de brincadeira: “– Hoje tem aí uns grande ajudantes!” Este respondeu-me, com um grande sorriso: “– É verdade menina Sara. E são despachados, já têm uma porção de trabalho feito!”» (Nota de campo n.º 19, pp. 48-49)</p> <p>O Sr. Miguel e a D.^a Maria incentivavam os meninos a colar as bolinhas e chegaram também a colocar a cola nas borboletas para ajudar uma ou outra criança que se mostrava mais atrapalhada. O Sr. Miguel, a uma determinada altura, comentou: “– Esta é habilidosa! . . . Pôs as bolinhas salteadas. Aquele escolheu todas da mesma cor. Cada um faz à sua maneira, mas estão todas bonitas.” A D.^a Zulmira ria satisfeita enquanto fazia as bolinhas e a D.^a Adélia ia fazendo as bolinhas e conversando com um menino que se encontrava ao seu lado a colar as molas de madeira.</p> <p>Nos trabalhos com jornal encontravam-se a D.^a Rita, a D.^a Matilde e a D.^a Teresa que levou o tempo inteiro a ensinar os meninos a enrolar os tubinhos de papel e até ajudou uma menina a recortar uma borboleta e a fazer algumas bolinhas. A D.^a Rita, como já é habitual, não teve grande interacção com os miúdos uma vez que esteve a fazer as cestinhas com o jornal. No entanto, nesta sessão houve um menino que a meio da sessão quis sentar-se ao pé da idosa para ver como é que ela fazia as cestinhas embora ele não as conseguisse fazer. A D.^a Matilde também teve um papel mais passivo na sessão, ainda ajudou uns meninos a fazer um ou outro tubinho mas depressa parou de insistir com eles, fazendo ela própria os tubinhos.» (Nota de campo n.º 19, p. 49)</p> <p>“Na segunda actividade, e visto o número de crianças ser superior ao número de idosos, cada idoso ficou com duas crianças à sua frente. Estas tinham de passar a bola ao idoso por cima da cabeça que lha voltaria a entregar por baixo das pernas, este processo ia sendo alternado de uma criança para a outra. Feito isto, chegou a terceira e última actividade da manhã. Foram distribuídos arcos e</p>
--	--	---

		<p>saquinhos de pano cheios de milho pelos idosos alternadamente e os miúdos fizeram uma fila para passar por todos os idosos que se encontravam sentados. A actividade consistia em atirar os arcos e os saquinhos: os idosos atiravam para as crianças e estas para os idosos.” (Nota de campo n.º 21, pp. 52-53)</p> <p>«Nessa mesma manhã, quando me encontrava no gabinete entrou no escritório uma senhora que veio fazer uma inscrição para a mãe e que pediu à Marlene (empregada de escritório) se podia dar uma vista de olhos pela Aldeia encaminhando-se para a porta. Esta senhora trazia com ela a sua neta que devia ter cerca de uns 2 ou 3 anos de idade. De mão dada com a avó e de chupeta na boca a criança, rapidamente, chamou a atenção do Sr. Amílcar que passava para ir almoçar. O idoso começou logo, todo divertido, a brincar com a miúda e a tentar com que esta falasse com ele o que não conseguiu por esta se encontrar bastante envergonhada. Para além do Sr. Amílcar mais alguns idosos passaram e tentaram interagir com a criança. Todos diziam:</p> <p>“– Mas que menina tão bonita...! Quantos aninhos tem? (...) Tem a chupeta na boca por isso não responde...”</p> <p>Assim se vê como as crianças são de facto importantes na vida dos idosos e os animam de imediato, deixando-os bem dispostos.» (Nota de campo n.º 24, pp. 58-59)</p> <p>“O Sr. José, mais uma vez, explicou às crianças como fazer cadeiras com molas de madeira. Desta vez, teve a ajuda da educadora de intervenção precoce de um miúdo (o Manuel) que ia explicando ao miúdo como fazer e incentivava-o a fazer ele próprio a sua cadeira. Nesta fase o outro miúdo que se encontrava, inicialmente, ao lado do Sr. José ficou um pouco “abandonado” uma vez que as atenções do Sr. José recaíam também sobre o Manuel.” (Nota de campo n.º 25, p. 61)</p> <p>“(...) a D.^a Teresa, com toda a paciência e calma, ensinava e ajudava os meninos a fazer os rolinhos/tubinhos com as folhas do jornal (...)” (Ibid., p. 62)</p> <p>“Os miúdos e idosos foram divididos pelas várias estações e foi feita uma roda, com aqueles idosos que se haviam sentado, para jogar ao lencinho da botica com os meninos.” (Nota de campo n.º 26, p. 64)</p>
--	--	--

		<p>“O jogo dos pinos teve também uma forte adesão tanto das crianças como dos idosos que conseguiam jogar mais facilmente a este jogo visto que a maioria das crianças se encontrava entretida com as latas. Apesar disso, foi necessário chamar a atenção de dois miúdos mais rebeldes que se divertiam a deitar os pinos abaixo de modo a impedir que os colegas e os idosos pudessem jogar.” (Ibid., p. 66)</p> <p>“No jogo das latas, como os miúdos acabaram por tomar conta dos sacos todos e por jogar sozinhos, optei por ficar a colocar as latas de novo em posição e cada vez que apanhava um saco mandado por um miúdo entregava-o a um idoso ou a uma idosa para que estes também jogassem. No jogo dos pinos também adoptei a mesma estratégia, endireitava os pinos e cada vez que apanhava as chapinhas de metal entregava-as a um idoso diferente para que estes jogassem.” (Nota de campo n.º 27, p. 68)</p> <p>“No entanto após algum incentivo da parte da educadora e da minha parte estes começaram a desenhar sem se preocuparem se iriam ou não ficar sujus. Estes iam desenhando e ao mesmo tempo dando espaço às crianças para irem dando as suas opiniões e desenhando também elas alguns pormenores.” (Nota de campo n.º 33, p. 80)</p> <p>“Uma vez que eram menos miúdos a participar, sendo um miúdo para cada idoso, foi mais fácil a interacção entre as duas gerações e os miúdos respeitavam melhor o tempo dos idosos o que me pareceu bastante positivo.” (Ibid.)</p>
	<p>1.2. Atitudes dos idosos.</p>	<p>“Notei que os idosos estavam um pouco apreensivos e não faziam nada sem que eu lhes dissesse para começar.” (Nota de campo n.º 7, p. 10)</p> <p>«Ao sairmos do jardim infantil, os idosos entraram na sala das “Almofadinhas” (miúdos da creche). Quando descí as escadas estes já se encontravam lá dentro. A auxiliar, que acompanhava as crianças, disse-me que eles viram a porta aberta e entraram dizendo que tinham vindo visitar os meninos comigo, mas que aqueles ainda não tinham visto.» (Nota de campo n.º 7, p. 19)</p>

		<p>“Ao contrário do que se tinha previsto, todos acabaram por contar mais do que uma história.” (Nota de campo n.º 10, p. 24)</p> <p>“Entretanto, a D.^a Mariana começou a elogiar os meninos: “_ Eles são tão lindos!” Começando também a falar da netinha que era pequenina e sabia cantar.” (Nota de campo n.º 10, p. 29)</p> <p>“As crianças sentaram-se nas cadeiras e a professora deu início aos exercícios de aquecimento que tanto os idosos como os miúdos seguiam e faziam com atenção.” (Nota de campo n.º 12, p. 35)</p> <p>“Os idosos estavam felizes. Alguns mostravam um sorriso de orelha a orelha e davam gargalhadas enquanto “brincavam” com as crianças, falando com elas simultaneamente.” (Ibid., p. 36)</p> <p>“Os sorrisos estampados na cara dos idosos foram uma constante ao longo de toda a actividade.” (Ibid.)</p> <p>“(…) o Américo participou em todas as actividades com as crianças, tal como os restantes idosos, e também ele se encontrava radiante com os miúdos. Não é por acaso que todas as tardes e nalgumas manhãs o Américo vai para a porta do jardim infantil ver os miúdos a entrar ou sair do autocarro.” (Ibid., p. 37)</p> <p>“Seguiu-se a gincana que foi feita de forma um pouco mais rápida do que na semana anterior. Tudo corria bem até o Sr. Tiago, ao saltar para dentro do arco, escorregar e cair de costas. Isto porque colocou o pé em cima do arco após ter dado o salto. A professora ajudou-o a levantar-se rapidamente e ele disse que não lhe doía nada, continuando a fazer o resto da aula normalmente.” (Nota de campo n.º 13, p. 38)</p> <p>“(…) assim que acabou a aula, pedi que avisassem a responsável do jardim infantil que eu depois voltaria para arrumar as cadeiras. Contudo, houve um idoso que ouviu a conversa e se ofereceu para as arrumar o que acabou por me facilitar o trabalho.” (Ibid., p. 39)</p>
--	--	---

		<p>“(…) quando lá entrei via-se, através da sua expressão facial, que alguns idosos estavam incomodados com a barulheira que se fazia sentir. Até a música do rádio se custava a ouvir com o ruído das crianças.” (Nota de campo n.º 14, p. 39)</p> <p>“Entretanto, começaram a chegar os idosos que foram ocupando os seus lugares e, alguns deles (Rita e Andreza) retomando os trabalhos em jornal que já haviam iniciado anteriormente.” (Nota de campo n.º 16, p. 41)</p> <p>“A D.^a Isabel apareceu já a actividade havia começado mas sentou-se e ficou, toda satisfeita, a fazer bolinhas de papel com os miúdos.” (Ibid., p. 42)</p> <p>“A D.^a Matilde, por sua vez, apareceu já no final, penso que veio mais cedo para o almoço e como nos viu ali acabou por entrar e ficar o resto da actividade a fazer bolinhas com as crianças.” (Ibid., p. 42)</p> <p>“Na mesa dos trabalhos em jornal as coisas não correram assim tão bem. As idosas estavam mais preocupadas em acabar os trabalhos delas do que propriamente em ensinar os meninos. Apenas a D.^a Teresa ajudou os miúdos a fazerem um ou dois tubinhos de jornal, cada um.” (Ibid., p. 42)</p> <p>“Para além da D.^a Isabel, também os olhos do Sr. José brilhavam enquanto se encontrava em contacto com as crianças. O Sr. Roberto, no pouco tempo que estive na biblioteca, reconheceu logo a filha da Julieta (funcionária da lavandaria).” (Ibid., p. 43)</p> <p>“(…) começou a peça à qual os idosos assistiram em silêncio batendo palmas nos momentos de pausa, especialmente após as canções cantadas pelas crianças.” (Nota de campo n.º 18, p. 46)</p> <p>“Até o Américo acabou por fazer uma borboleta, todo satisfeito por estar ali junto dos miúdos o que se via, nitidamente, na sua expressão facial. A educadora social perguntou-lhe se ele também queria fazer uma borboleta como os meninos e ele acabou por pegar na cartolina já recortada e começou a decorá-la. Foi muito interessante e gratificante ver como ele colava as bolinhas na borboleta,</p>
--	--	---

		<p>escolhendo as diferentes cores e colando-as cuidadosamente ao longo de toda a borboleta.” (Nota de campo n.º 25, p. 62)</p> <p>“(…) os pinos (que o Sr. José tinha feito a partir do cabo de uma vassoura) (…)” (Nota de campo n.º 26, p. 63)</p> <p>“O jogo do lencinho da botica não foi muito apreciado pelos miúdos que, após duas ou três jogadas, depressa se fartaram e se dirigiram para o jogo das latas e para as restante estações deixando os idosos que acabaram por sentar-se a conversar uns com os outros e a ver os meninos a brincar.” (Ibid., pp. 64-65)</p> <p>“De início os idosos não percebiam bem como tinham de rodar a corda para que as crianças pudessem saltar, estes trocaram várias vezes uns com os outros até que se conseguissem coordenar para rodar a corda ao mesmo tempo e para o mesmo lado.” (Ibid., p. 65)</p> <p>“Os idosos, apesar de alguns deles não terem uma participação tão activa, mostraram-se bastante satisfeitos, ao longo da sessão, por estar ali a ver as crianças brincar com toda a sua alegria.” (Ibid., p. 66)</p> <p>“Houve, logo de início, uma maior participação da parte dos idosos. Ao contrário do que acontecera na semana anterior, os idosos ficaram de pé, junto dos miúdos, jogando nas diferentes estações. Só depois se foram sentando à medida que iam ficando cansados.” (Nota de campo n.º 27, p. 67)</p> <p>“No ensaio para o desfile estiveram presentes cerca de 15 idosos . . . só depois deles chegarem ao jardim infantil para o ensaio é que lhes explicámos qual era a nossa ideia (vestir os meninos e meninas de velhinhos e velhinhas, e vesti-los a eles de meninos e meninas). Eles acharam a ideia engraçada, alguns até começaram a rir quando lhe explicávamos o que pretendíamos, e anuíram em participar no desfile.” (Nota de campo n.º 28, pp. 69-70)</p> <p>“Não posso deixar passar em branco o facto da D.^a Clotilde, mesmo de bengala, se ter enchido de</p>
--	--	--

		<p>força de vontade e ter participado activamente neste jogo. Parece-me a mim que os miúdos lhe transmitem uma alegria tão grande que ela se entusiasma e cria força para participar nas actividades ainda que de forma mais lenta que os restantes idosos. Apesar disso o seu ritmo foi devidamente respeitado e a senhora passava o arco e ia para trás da sua fila aguardando novamente pela sua vez.” (Nota de campo n.º 29, p. 71)</p> <p>“Os idosos alinharam muito bem na ideia e não se importaram absolutamente nada de “regressar à infância” por um bocado. Alguns dos idosos levavam também adereços como mochilas, bonecas ou peluches para melhor compôr as personagens.” (Nota de campo n.º 30, p. 72)</p> <p>“Desta vez, eram menos os idosos que os miúdos pois houve algumas desistências daqueles que tinham ensaiado anteriormente. No total desfilaram 11 idosos (...) e 16 crianças (...)” (Nota de campo n.º 30, p. 73)</p> <p>“Alguns dos idosos (M.^a Heitor, Zulmira, Adélia, Alda e Graça) entraram no espírito e desfilaram ao som da música o que fez com que os miúdos também se sentissem mais à vontade e confiantes no que estavam a fazer. Estes pares receberam também mais palmas do público presente na sala, constituído na sua maioria por idosos e pelas restantes crianças que frequentam o jardim infantil, com excepção dos bebés do berçário.” (Ibid.)</p> <p>“O sorriso na cara dos idosos enquanto faziam os exercícios, mais uma vez, era evidente.” (Nota de campo n.º 31, p. 75)</p> <p>“(...) os idosos após jogarem duas ou três vezes acabaram por sentar-se dando espaço para que os miúdos jogassem à vontade.” (Nota de campo n.º 32, p. 76)</p> <p>“Embora tanto eu como as restantes colegas os chamássemos para jogar mesmo depois de estarem sentados, apenas alguns se levantavam para jogar uma vez e logo se tornavam a sentar, dando lugar às crianças. O Sr. Otávio, encontrava-se na fila com os miúdos mas quando estes acabavam de jogar deixava-os sempre passar à sua frente, ficando, deste modo, sempre no final da fila. Apesar disso, a</p>
--	--	--

		<p>alegria era visível na sua expressão facial, ao deixar as crianças passarem à sua frente. Por sua vez, a D.^a Clotilde e a D.^a Alda admitiram que tinham ido lá não para jogar, uma vez que uma tinha dificuldades de visão e ambas tinham alguma dificuldade em deslocar-se, mas sim para estar ali com as crianças pois gostavam muito delas. Só o facto de estarem ali presentes no mesmo espaço que os miúdos a vê-los brincar alegremente já era mais que suficiente e fazia com que regressassem mais animadas a suas casas.” (Ibid., p. 76-77)</p> <p>“Apesar da baixa participação dos idosos a partir de uma determinada altura, estes mantiveram-se na sala durante toda a sessão, só perto do final é que começaram a abandonar o local e regressaram a suas casas, deixando os miúdos a jogar sozinhos por um curto período de tempo.” (Ibid., p. 77)</p> <p>«Pelo que me pude aperceber, tanto numa sala como na outra os idosos passaram por experiências novas, pelas quais na sua infância e mesmo enquanto adultos não tinham tido oportunidade de passar. Foi curioso verificar que, na sala dos 4 anos, os idosos não se achavam capazes de desenhar com o pincel e os guaches na folha que se encontrava exposta no cavalete. Alguns diziam mesmo: “_ Eu nunca tinha feito isto antes! Acha que está a ficar alguma coisa de jeito, menina Sara?”» (Nota de campo n.º 33, p. 79)</p> <p>“Na outra sala (5 anos) os idosos mostraram-se um pouco reticentes em começar a actividade uma vez que teriam de fazer os desenhos com o dedo e, conseqüentemente, sujar as mãos.” (Nota de campo n.º 33, p. 80)</p> <p>“Estes, antes de se dirigirem para o refeitório aperceberam-se que a exposição estava finalmente montada e ficaram todos um bocado a apreciar as fotografias e a tentar ver onde estariam eles.” (Nota de campo n.º 35, p. 82)</p> <p>“Ao longo da manhã de Quinta-feira muitos foram os idosos que iam passando e vendo a exposição . . .” (Ibid.)</p>
	1.3. Atitudes das crianças.	“Os miúdos, inicialmente, estavam muito atentos mas a partir da quarta história, apesar de não fazerem muito barulho, já se notava alguma inquietação da sua parte.” (Nota de campo n.º 7, p. 11)

		<p>“Importa salientar que, no final das histórias os miúdos batiam palmas e a educadora falava um pouco com eles.” (Ibid.)</p> <p>“Os miúdos quiseram apresentar-se. Foram eles próprios que perguntaram se podiam dizer o nome. Assim, acabaram todos por dizer o nome e a idade, ainda que um pouco envergonhados.” (Nota de campo n.º 7, pp. 18-19)</p> <p>«Quando a D.^a Mariana acabou de contar a história da menina com o “Chapelinho Vermelho” os miúdos tiveram a falar da história que conheciam do “Capuchinho Vermelho” apontando as diferenças entre a história que havia sido contada pela idosa e a que eles já conheciam. Depois a educadora Patrícia disse aos miúdos que agradecessem aos idosos. Estes agradeceram e disseram que podiam desenhar sobre as histórias e que depois mostrariam aos idosos.» (Nota de campo n.º 10, p. 29)</p> <p>“Os miúdos repetiram a lengalenga a seguir à D.^a Otilia contando, tal como ela fizera, pelos dedos das mãos.” (Nota de campo n.º 10, p. 30)</p> <p>“A D.^a Olinda teve alguma dificuldade para acabar de contar a história, fazendo algumas paragens. Nota-se que o barulho dos miúdos a estava a incomodar.” (Nota de campo n.º 11, p. 34)</p> <p>“Quando ia quase no final da história a idosa perdeu-se pois os miúdos já se encontravam bastante inquietos. Ao ver a gravação percebe-se que estes andavam de um lado para o outro e ouve-se, constantemente, alguém (educadora e/ou auxiliar) a mandar calá-los.” (Ibid., p. 35)</p> <p>“As crianças sentaram-se nas cadeiras e a professora deu início aos exercícios de aquecimento que tanto os idosos como os miúdos seguiam e faziam com atenção.” (Nota de campo n.º 12, p. 35)</p> <p>“(…) as crianças faziam bastante barulho o que incomodava bastante os idosos.” (Nota de campo n.º 14, p. 39)</p>
--	--	---

	<p>“De facto, mesmo com a porta fechada, o barulho que os miúdos faziam ouvia-se ao pé do escritório (...)” (Ibid.)</p> <p>“O Sr. Roberto apareceu a meio da actividade, esteve um bocadinho na biblioteca mas acabou por ir embora. Quando ia a sair da sala apercebi-me que o Mateus (um dos meninos) lhe estava a segurar na cadeira de rodas como se o tivesse a empurrar.” (Nota de campo n.º 16, p. 42)</p> <p>“Realmente, os miúdos estavam um pouco irrequietos, em especial o Mateus. Os outros dois estavam mais calminhos. Estes acabaram por passar para as outras mesas. O Mateus esteve a fazer bolinhas enquanto que os outros dois estiveram a recortar e enfeitar um ovo da Páscoa, cada um. Várias vezes tentei fazer com que as crianças e os idosos começassem a conversar mas os miúdos respondiam às minhas perguntas muito envergonhados (...)” (Ibid.)</p> <p>«O Sr. José montou duas cadeirinhas feitas de molas de madeira para que os miúdos aprendessem como se fazia. Estes estavam, de início, bastante atentos e entusiasmados a desmontar as molas para que o Sr. José fizesse as cadeirinhas. No entanto, começaram a dizer que não estavam a fazer nada e a Marta chegou a perguntar à Educadora, quase no final: “_ O Sr. já acabou! Agora podemos fazer o desenho da Páscoa?” Isto porque ela via na mesa ao lado os colegas a picotar e enfeitar os ovos.» (Nota de campo n.º 17, p. 44)</p> <p>“Entretanto chegaram os miúdos, que nos ofereceram um cestinho feito por eles com amêndoas lá dentro (...)” (Nota de campo n.º 18, p. 46)</p> <p>“Nesta manhã, apenas um miúdo se mostrou mais irrequieto e mais desinteressado nos trabalhos acabando, mais tarde, por desinquietar uma das suas colegas de sala, os restantes miúdos estiveram sempre atentos e a trabalhar junto dos idosos.” (Nota de campo n.º 19, p. 49)</p> <p>“Pareceu-me, porém, que os miúdos da sala dos 5 anos foram mais lentos na realização do exercício do que os miúdos da sala dos 4 anos que fizeram tudo com um maior dinamismo.” (Nota de campo n.º 23, pp. 56-57)</p>
--	--

		<p>“Os miúdos tinham então de passar por todos os idosos atirando os arcos e os saquinhos para os idosos e assim sucessivamente. Neste exercício, os miúdos revelaram-se mais lentos e desorganizados do que os colegas da sala dos 4 anos, que haviam participado na sessão anterior.” (Ibid., p. 57)</p> <p>“Com a confusão que se gerou fui obrigada a deixar de filmar e tentei voltar a organizar o grupo o que se revelou uma tarefa quase impossível, uma vez que, entretanto, os miúdos também ficaram mais irrequietos e começaram a atirar os sacos ao ar para ver qual chegava mais alto.” (Ibid.)</p> <p>“O jogo do lencinho da botica não foi muito apreciado pelos miúdos que, após duas ou três jogadas, depressa se fartaram e se dirigiram para o jogo das latas e para as restante estações deixando os idosos que acabaram por sentar-se a conversar uns com os outros e a ver os meninos a brincar.” (Nota de campo n.º 26, pp. 64-65)</p> <p>“Numa fase posterior alguns meninos pegaram numas cordas mais pequenas e tentaram saltar individualmente, mais uma vez, com a ajuda da professora. Poucos foram, no entanto, os que conseguiam saltar mesmo individualmente o que só vem mostrar que estes miúdos de 4 anos não estão habituados a saltar à corda e por isso, ao contrário do que se esperava, não o conseguem fazer facilmente.” (Ibid., pp. 65-66)</p> <p>“Como não eramos muitas (5) não foi possível ficar uma em cada estação para conseguir orientar melhor as coisas, o que fez com que os miúdos acabassem por tomar conta da situação, nalguns casos não dando grande hipótese aos idosos de participar nos jogos, a não ser quando uma de nós intervinha pondo um pouco de ordem no grupo e chamando pelos idosos incentivando-os a participar.” (Ibid., p. 66)</p> <p>“Apesar de tudo, parece-me que a actividade teve sucesso, sobretudo para as crianças que se divertiram imenso com os jogos e faziam uma barulheira enorme no final da sessão.” (Ibid.)</p>
--	--	---

	<p>“Notei que havia uma maior organização da parte dos miúdos relativamente às filas que formaram para os jogos, embora alguns deles fossem mais inquietos a maioria respeitava a vez do colega.” (Nota de campo n.º 27, p. 67)</p> <p>“(…) alguns miúdos brincavam um pouco com os arcos antes de os passar (colocando-os ao pescoço), levando assim mais tempo a passá-los e contribuindo também para uma maior confusão.” (Nota de campo n.º 29, p. 71)</p> <p>“(…) as crianças estavam mais faladoras que o habitual, talvez por terem ganho, ao longo das sessões anteriores, mais confiança junto da professora e até mesmo dos próprios idosos. Também noto essa confiança e simpatia comigo, uma vez que antes do início do projecto era quase indiferente para os miúdos, enquanto que agora quando me vêem, correm para mim e abraçam-se às minhas pernas dizendo o meu nome e fazendo-me perguntas.” (Ibid., p. 72)</p> <p>“O primeiro par de crianças que iniciou o desfile caminhava um pouco hesitante e a menina começou a choramingar, acabando por ficar junto da educadora Andreia até ao final do desfile.” (Nota de campo n.º 30, p. 73)</p> <p>“No final do desfile, os idosos e crianças mantiveram-se no palco enquanto as restantes crianças das salas dos 4 e 5 anos subiram para junto dos colegas a fim de cantarem uma canção – “A Borboleta”. Os miúdos cantaram a canção alegremente batendo palmas, as quais contagiaram de imediato não só os idosos que se encontravam ainda em palco, mas também os idosos e crianças da plateia.” (Ibid.)</p> <p>“(…) as crianças faziam muito barulho não deixando ouvir bem os artistas mais velhos. Quando estas se sentaram nas mesas a fim de lancharem (pois o autocarro para levá-las de regresso a casa partiria em breve) o ruído na sala aumentou drasticamente, também devido à acústica da mesma. Apesar das educadoras e auxiliares estarem constantemente a mandar calar as crianças, confesso que eu própria não conseguia perceber praticamente nada do que os idosos diziam em palco, por isso para os idosos a tarefa tornava-se bem mais complicada (para alguns devido a graves problemas auditivos).” (Ibid., pp. 73-74)</p>
--	--

		<p>“As crianças conversavam um pouco mais que o habitual entre elas e até mesmo com alguns dos idosos mas não causaram tanto reboiço como os colegas dos 4 anos na semana anterior.” (Nota de campo n.º 31, p. 75)</p> <p>“(…) no final da sessão as crianças correram para a professora de ginástica e abraçaram-se todas a ela, ou melhor, às pernas dela. O que, na minha maneira de ver, vem mostrar que as crianças gostaram da actividade em si e da maneira como a professora lhes dava as indicações nas diferentes aulas em que tiveram oportunidade de participar.” (Ibid.)</p> <p>“Na parte da tarde, foi a vez das crianças virem visitar a exposição (...). Vieram as duas salas juntas e os meninos apontavam para as fotografias animados. Identificando-se a eles próprios e aos colegas, mostrando algum interesse pelas fotografias das diferentes actividades e dando a vez aos colegas para que todos conseguissem ver.” (Nota de campo n.º 35, pp. 82-83)</p>
	<p>1.4. Apoio dos idosos relativamente às crianças.</p>	<p>“Quando já íamos a sair da sala reparei que a Otilia ainda se encontrava sentada e ensinava a última lengalenga ao bisneto, contando pelos dedos da mão dele. Este ouvia a bisavó e olhava com grande atenção.” (Nota de campo n.º 10, p. 30)</p> <p>“Alguns miúdos olhavam para os idosos para ver como estes faziam os exercícios e até o Sr. Mário explicou ao seu parceiro do lado como havia de fazer um dos exercícios.” (Nota de campo n.º 13, p. 38)</p> <p>“(…) o Sr. Miguel, a D.ª Maria e a D.ª Olinda (ajudaram as crianças a fazer bolinhas em papel crepe para enfeitar os ovos da Páscoa que os miúdos estavam a picotar e/ou recortar das cartolinas).” (Nota de campo n.º 16, p. 41)</p> <p>“Desta vez, as crianças ainda fizeram alguns rolinhos com o apoio não só dos idosos mas também da educadora Patrícia, sempre muito atenta a ver se os miúdos precisavam de alguma ajuda.” (Nota de campo n.º 17, p. 44)</p> <p>“Os idosos estavam mais empenhados em ensinar as crianças, especialmente na mesa dos trabalhos</p>

		<p>com jornal. Importa salientar, que antes da sessão começar, lhes tinha dito que ajudassem os meninos e que não havia problema caso os rolinhos não ficassem perfeitos. Isto porque, na sessão anterior, a D.^a Teresa acabou por desmanchar vários rolinhos feitos pelos miúdos, muito preocupada com o papel, pois não queria que eles o estragassem.” (Ibid.)</p> <p>“Também foi interessante verificar como alguns idosos (nomeadamente o Sr. Mário e a D.^a Otília) ajudavam as crianças que se encontravam ao seu lado para que estas melhor conseguissem realizar a tarefa que lhes fora pedida.” (Nota de campo n.º 21, p. 52)</p> <p>“Nesta parte, foi interessante ver o Sr. José, com um grande sorriso, a ajudar uma menina que se encontrava sentada ao seu lado a fazer um dos alongamentos.” (Nota de campo n.º 21, p. 53)</p> <p>“Os miúdos passavam o arco pelo corpo e passavam-no ao idoso que se encontrava sentado ao seu lado que, por sua vez, o enfiava pela cabeça até à zona da cintura e o voltava a passar ao colega do lado. Também desta vez se viu alguma ajuda dos idosos para com as crianças que tinham mais dificuldade em ver-se livres do arco.” (Nota de campo n.º 23, p. 56)</p> <p>“(…) juntaram-se a eles o Sr. Mário e o Sr. Amílcar que ficaram junto das meninas ensinando-as como jogar contra os adversários. No final da sessão cada idoso estava acompanhado de uma criança muito atenta às peças do dominó.” (Nota de campo n.º 26, p. 65)</p> <p>“O Sr. Helder mostrou-se bastante prestável a ajudar e ensinar os miúdos a jogar às latas e aos pinos, tal como o Sr. José que também deu uma boa ajuda no jogo do pino não só a jogar, mas também a colocar os pinos direitos para que os miúdos pudessem voltar a jogar.” (Nota de campo n.º 27, p. 67)</p>
	<p>1.5. Apoio das crianças relativamente aos idosos.</p>	<p>“Os miúdos observavam-nos com muita atenção. Enquanto que na fase da pintura os miúdos se limitavam a observar as pinturas feitas pelos idosos e a facultar-lhes as tintas que eles iam pedindo, na primeira fase em qua era feita a moldura, eram os miúdos quem iam entregando os diferentes quadrados coloridos aos idosos para que eles os colassem em torno de toda a folha.” (Nota de campo n.º 33, pp. 79-80)</p> <p>“Um dos miúdos chegou mesmo a pegar na mão da D.^a Rita para que ela desenhasse (…).” (Nota de</p>

	1.6. Diferenças entre gerações.	<p>campo n.º 33, p. 80)</p> <p>“Mas eu não sei histórias nenhuma! No outro tempo, não era tempo de histórias.” (Nota de campo n.º 2, p. 2)</p> <p>“Achei engraçado o facto da D.^a Otília estar muito preocupada pois achava que os miúdos não sabiam o que eram porcos ou “bacorinhos”, pois a maioria vivia na cidade e com certeza que não conheciam o que era um porquinho.” (Nota de campo n.º 6, p. 9)</p> <p>“No entanto, os miúdos eram muito rápidos em relação a alguns idosos e chegavam mesmo a tirar-lhes os saquinhos da mão e a atirar-lhos novamente sem que estes praticamente se mexessem. Isto deve-se ao facto dos idosos terem, todos eles, uma idade bastante avançada e levarem mais tempo a entender o que realmente se pretendia e a reagir de uma forma mais dinâmica que o habitual pois os miúdos passavam rapidamente de um idoso para o outro. Aliás, perto do Sr. Otávio e do Sr. Tiago as crianças chegaram mesmo a formar fila, pois estes ao invés de lhe atirarem os saquinhos ficavam parados com os saquinhos na mão a olhar para os miúdos.” (Nota de campo n.º 21, p. 53)</p> <p>“A Marisa referiu que os exercícios que as crianças conseguiam fazer não eram adequados para os idosos pois estes não tinham mobilidade para tal, por outro lado tanto os idosos como as próprias crianças mostravam alguma dificuldade em perceber exactamente como realizar os diferentes exercícios.” (Ibid.)</p> <p>“O jogo das latas foi sem dúvida o mais apreciado pelos miúdos que deliravam quando as conseguiam mandar a baixo e depois as voltavam a empilhar todos satisfeitos. Os idosos também gostaram do jogo e participaram, mas como o entusiasmo e a rapidez dos miúdos era muito grande em comparação com os movimentos dos idosos, estes acabaram por sentar-se deixando as crianças jogar à vontade. Para tentar controlar um pouco a situação e incentivar os idosos a jogar acabei por deixar de filmar e por ficar a empilhar as latas enquanto as crianças e alguns idosos as deitavam a baixo. Mas não havia dúvida que as crianças eram demasiado rápidas e antes que o idoso tivesse tempo de mandar o seu saco já uma ou outra criança se atravessavam à sua frente e deitavam as latas por terra.” (Nota de campo n.º 26, p. 65)</p>
--	---------------------------------	---

		<p>“Penso que o facto dos miúdos serem bastante mais rápidos e estarem bastante entusiasmados com os jogos fez com que a maioria dos idosos os deixasse brincar uns com os outros.” (Nota de campo n.º 32, p. 76)</p>
	<p>1.7. Problemas que afectam a geração mais velha e, conseqüentemente, o seu nível de participação nas actividades.</p>	<p>“Mais a baixo encontrei a D^a Otlia que aproveitei também para a questionar acerca do assunto e para a convidar a participar nas actividades. Esta afirmou que antigamente sabia muita coisa, mas que andava um pouco desorientada por causa da doença do marido.” (Nota de campo n.º 2, p. 3)</p> <p>“(…) a D^a Francisca (…) diz que a cabeça dela já não é o que era. Mas que sabia umas coisas mas se calhar já não se conseguia lembrar bem.” (Ibid., pp. 3-4)</p> <p>“Sei que a D^a Mariana também sabe algumas coisas que poderia contar às crianças, contudo a idosa tem a sua saúde um pouco debilitada (falta de ar) o que a impede de participar mais activamente no projecto.” (Ibid., p. 4)</p> <p>“_ Ler ainda leio alguma coisinha mesmo mal. Agora escrever já não consigo. Já não tenho força e firmeza nas mãos.” (Nota de campo n.º 4, p. 6)</p> <p>“_ Eu sabia muita coisa, mas a minha cabeça está muito esquecida.” (Nota de campo n.º 6, p. 7)</p> <p>“(…) também lá se encontrava a D.^a Rita que se esquecera do dia e da hora combinados (…)” (Nota de campo n.º 7, p. 10)</p> <p>“No caso da D.^a Francisca, como ela tem muita falta de ouvido, as idosas que estavam ao seu lado tinham de lhe dizer quando era para falar ou para contar a história.” (Ibid.)</p> <p>«No final da história, a D.^a Alda atrapalhou-se um pouco. Mesmo ela disse: “– É uma coisa antiga mas é muito comprida que vai ali a bicharada toda. Meto os pés pelas mãos e as mãos pelos pés e já não dou conta.” A idosa explicou que tinha tido um AVC e que ficou muito afectada.» (Nota de campo n.º 11, p. 32)</p> <p>“Como os idosos têm mais dificuldade em estar de pé durante longos períodos fizeram grande parte</p>

		<p>dos exercícios sentados (...)” (Nota de campo n.º 12, p. 35)</p> <p>“(…) teríamos de seleccionar um número bastante restrito de entre os nossos idosos uma vez que a sua maioria não teria capacidades físicas para aguentar as actividades propostas durante uma manhã inteira.” (Nota de campo n.º 15, p. 40)</p> <p>«A D.^a Ana, com 96 anos, muito surda e com bastante falta de vista acabou por não fazer nada mas estive na nossa companhia e viu os meninos, voltando à sua casinha muito contente e agradecida mas, ao mesmo tempo, com pena de não conseguir participar mais activamente na actividade: “– Fico muito agradecida por a Sarinha se lembrar de mim. Mas para estas coisas assim não vale a pena me vir buscar. Não vê? Eu não vejo nada ... Eu gostava muito de fazer tudo, mas agora não vejo e não sou capaz.”» (Nota de campo n.º 17, pp. 43-44)</p> <p>“Desta vez, estavam na sala muito poucos idosos relativamente ao número de crianças e ao número de idosos que costuma participar nas aulas de ginástica. Por isso um número razoável de crianças acabou por ficar junto, uma vez que não havia idosos suficientes para que estes se sentassem junto dos mesmos. Na minha opinião, isto deu-se sobretudo devido ao facto dos dias da aula terem sido alterados. A aula que costumava ser dada às Segundas havia passado para as Sextas a pedido da própria professora. No entanto, como seria feriado na Sexta-feira da presente semana a aula teve lugar na Segunda-feira. Todas estas mudanças deixaram os idosos bastante baralhados o que fez com que não soubessem, ao certo, qual o dia em que a actividade (ginástica) teria lugar. Com tantos afazeres que tive nesta manhã também me esqueci de relembra-los da actividade à hora do pequeno-almoço o que também contribuiu para que comparecessem menos idosos.” (Nota de campo n.º 21, p. 52)</p> <p>“Neste exercício, notou-se alguma incompreensão relativamente ao que fora pedido uma vez que alguns idosos, ao verem as crianças passar o arco pelo corpo todo, acabavam por enfiá-lo na cabeça e depois nas pernas.” (Ibid., p. 52)</p> <p>“Sei que o facto das aulas terem mudado constantemente de dias de semana deixou os idosos um</p>
--	--	---

		<p>pouco baralhados.” (Nota de campo n.º 22, p. 55)</p> <p>“Desta vez, eram mais os idosos que as crianças o que só vem provar que é importante lembrá-los, no próprio dia, das actividades para que estes possam participar.” (Nota de campo n.º 23, p. 56)</p> <p>“Verifiquei também que um dos idosos (já com alguns problemas de foro psiquiátrico) não percebeu logo o que se pretendia com este exercício, ficando de braços cruzados nas primeiras vezes que o arco passou por ele. Só passado algum tempo é que começou a tomar parte da actividade.” (Ibid.)</p> <p>“Entretanto a D.ª Adélia, quando finalizei o desenho, veio exemplificar como se saltava mas começou pelo lado contrário e, de seguida, fui eu quem exemplificou mas desta vez correctamente, começando do sítio certo.</p> <p>Foram então chegando os restantes idosos e mais do que um não viram os pinos e passaram-lhes por cima deitando-os a baixo. Aqui são bem notáveis os problemas de visão que atingem os idosos dos nossos dias.” (Nota de campo n.º 26, p. 64)</p> <p>“Ao Sr. Álvaro e ao Sr. Vítor, como tinham mais dificuldade em movimentar-se sugeri que, uma vez que sabiam jogar dominó, fossem jogar com 2 meninas.” (Ibid., p. 65)</p> <p>“No jogo da macaca, tanto a educadora Andreia como a Daniela ensinaram os meninos como haveriam de saltar. Sendo importante salientar que os idosos tiveram uma participação nula nesta estação, facto que já esperava que acontecesse desde início devido aos problemas de mobilidade próprios da idade avançada desta faixa etária.” (Ibid., p. 66)</p> <p>“(…) acabei por levar 3 cadeiras para cima, para o caso de realmente alguns dos idosos não conseguirem ou se recusarem a sentar nas cadeiras mais baixas, devido a problemas nas articulações.” (Nota de campo n.º 33, p. 78)</p>
2. Postura dos diferentes	2.1. Sr. Padre.	“O Sr. Padre não demonstrou muito interesse. Perguntou-me para que é que aquilo servia para o meu estudo (...) Perguntou-me se as educadoras tinham concordado.” (Nota de campo n.º 1, p. 1)

<p>intervenientes face ao projecto e às actividades que o constituem:</p>		<p>“(…) perguntou-me se a professora de ginástica também participaria nas restantes actividades, como o caso dos trabalhos manuais. Obvio que lhe respondi que não (embora ele tenha feito esta questão em tom de confirmação a ver o que lhe responderia). Acabou por não levantar entraves à aplicação do projecto e quando o questionei acerca da possível vinda do meu orientador à Aldeia de S. José de Alcalar (a fim de conhecer a realidade onde será aplicado o projecto) não levantou qualquer problema.” (Ibid.)</p> <p>“(…) o Sr. Padre pediu que cantássemos antes os Parabéns à Aldeia uma vez que teria de ausentar-se e assim o fizemos. Aproveitou antes disso, para dizer algumas palavras aos idosos e às crianças acerca do aniversário da Aldeia e da festa em sim. Mostrando-se também feliz com o facto de estarem a ser desenvolvidas na Aldeia actividades conjuntas entre os idosos e as crianças do jardim infantil. Apenas fiquei desapontada quando este disse que o projecto das educadoras era o relacionamento entre os mais velhos e os mais novos.” (Nota de campo n.º 30, p. 74)</p>
	<p>2.2. Educadoras de infância e auxiliares de acção educativa.</p>	<p>“A educadora perguntou-me se eu queria que os miúdos também contassem alguma história e eu disse-lhe que achava que não seria necessário, mas que seria interessante se eles fizessem algumas questões aos idosos.” (Nota de campo n.º 1, p. 2)</p> <p>“A educadora Patrícia também ajudou bastante uma vez que ia intervindo no meio de cada história, fazendo com que as crianças tivessem uma participação mais activa. . . . falei-lhe que tinha pensado em trocar a actividade cantigas por mais histórias pois parecia-me um pouco complicado convencer os idosos a cantar. No entanto, a educadora Patrícia sugeriu que fizéssemos uma espécie de desgarrada em que os idosos cantavam uma canção e as crianças responderiam com outra e assim sucessivamente.” (Nota de campo n.º 10, p. 30)</p> <p>“A educadora Andreia ia simplesmente acalmando os miúdos quando estes iam ficando mais agitados, fazendo mais barulho. . . . O que me desiludiu ainda mais foi o facto da Sofia e da Andreia terem levado grande parte da actividade na conversa uma com a outra, sobre assuntos que nada tinham a ver para o caso.” (Nota de campo n.º 16, p. 43)</p>

		<p>“Desta vez, as crianças ainda fizeram alguns rolinhos com o apoio não só dos idosos mas também da educadora Patrícia, sempre muito atenta a ver se os miúdos precisavam de alguma ajuda.” (Nota de campo n.º 17, p. 44)</p> <p>“Como os miúdos hesitaram um pouco a ir ter com os idosos a Margarida assim como as restantes colegas foram também buscar um idosos que acompanharam até ao refeitório, dando assim o exemplo às crianças que depressa se organizaram junto dos restantes idosos.” (Nota de campo n.º 18, p. 47)</p> <p>“A actividade decorreu calmamente e a educadora Andreia também acabou por ter uma colaboração mais activa nesta sessão, ajudando os miúdos nalgumas tarefas e conversando com os idosos.” (Nota de campo n.º 19, p. 48)</p> <p>“Ao fim da tarde, fui contactada pela educadora Patrícia que me falou na possibilidade de adiar a actividade do dia seguinte para outra data, a combinar posteriormente. Segundo a educadora estavam a preparar uma exposição em Portimão e seria complicado estar a dividir o grupo.” (Nota de campo n.º 20, p. 51)</p> <p>“Também a educadora Patrícia interveio avisando os miúdos que se tal comportamento voltasse a repetir-se estes ficariam de castigo.” (Nota de campo n.º 23, p. 57)</p> <p>“(…) a educadora esqueceu-se da actividade e só quando lhe liguei (às 10h40) a perguntar o que se passava esta se apercebeu que se havia esquecido completamente dos trabalhos manuais.” (Nota de campo n.º 25, p. 61)</p> <p>“A Daniela e a Sofia deram uma grande ajuda aos miúdos nesta actividade.” (Nota de campo n.º 26, p. 65)</p> <p>“No jogo da macaca, tanto a educadora Andreia como a Daniela ensinaram os meninos como haveriam de saltar.” (Ibid., p. 66)</p>
--	--	--

		<p>“Na Segunda-feira fiquei a saber que, mais uma vez, as aulas de ginástica teriam de ser alteradas, uma vez que os miúdos não estariam presentes na Quarta-feira de manhã pois iam ver o André Sardet ao Portimão Arena. As educadoras só haviam recebido a confirmação na Sexta-feira anterior na parte da tarde e quando comentei que na Quarta haveria ginástica novamente é que se lembraram de me informar que não seria possível realizar a actividade nesse dia.” (Nota de campo n.º 28, p. 69)</p> <p>“(…) a educadora e a Daniela deram o exemplo aos miúdos ao fazerem os diferentes exercícios de aquecimento.” (Nota de campo n.º 29, p. 70)</p> <p>“(…) tanto a educadora como a Daniela ajudaram bastante não só na fase de distribuição do material para a realização da actividade, mas também em termos de orientação dos miúdos para se concentrarem no jogo, uma vez que estes começavam a distrair-se facilmente com os colegas do lado.” (Ibid., p. 71)</p> <p>“Várias vezes foi necessário interferir junto de alguns miúdos para que eles passassem os arcos em vez de brincarem com eles. Estas intervenções foram feitas maioritariamente pela própria professora ou também pela educadora ou pela auxiliar que entretanto se haviam apercebido da situação.” (Ibid., pp. 71-72)</p> <p>“Para finalizar foram feitos os alongamentos, os quais também foram feitos pela educadora Andreia e pela Daniela.” (Ibid., p. 72)</p> <p>“O empenho tanto das educadoras como das auxiliares e da educadora social foi bastante positivo e a actividade decorreu de forma relativamente organizada.” (Nota de campo n.º 32, p. 77)</p> <p>“De forma a perceber melhor o empenho e criatividade das educadoras relativamente a este projecto e a proporcionar-lhes um papel mais activo nas actividades havia-lhes sugerido que, nas últimas sessões de trabalhos manuais, fossem elas a preparar a actividade e deste modo seriam as crianças que ensinariam os idosos, ao contrário do que tinha vindo a acontecer nas sessões anteriores. As educadoras concordaram com a minha sugestão mas muito próximo das datas previstas, e tendo em</p>
--	--	---

		<p>conta que a actividade teria de realizar-se muito próximo da festa de fim de ano do jardim infantil, pediram-me para adiar a actividade e posteriormente combinaram comigo que a actividade das 2 salas seria feita no mesmo dia, há mesma hora, só que com tarefas diferentes.” (Nota de campo n.º 33, p. 77)</p> <p>“Reparei no pormenor de que os idosos se teriam de sentar nas cadeiras dos miúdos e de trabalhar nas mesas baixinhas o que não seria de toda tarefa fácil. Ainda comentei com a educadora Patrícia que não seria fácil para alguns idosos trabalhar assim e que possivelmente teria de levar uma ou duas cadeiras mais altas. Esta disse logo que em cadeiras mais altas eles não conseguiriam fazer bem o trabalho, mostrando-se um pouco reticente à mudança que propus.” (Ibid., p. 78)</p> <p>“Tanto numa como na outra sala, as educadoras tiveram um papel bastante activo e importante na actividade incentivando os idosos e crianças a irem prosseguindo com as suas tarefas. Por outro lado, ao falarem com os idosos enquanto ia decorrendo a actividade estes iam sentindo o seu trabalho valorizado embora dissessem sempre que não estava nada de jeito.” (Nota de campo n.º 33, p. 80)</p> <p>“Não tive qualquer apoio . . . das educadoras que não mostraram qualquer interesse em ajudar.” (Nota de campo n.º 35, pp. 81-82)</p> <p>“(…) tanto as educadoras como as auxiliares se mostravam bastante incomodadas com o facto da entrevista ter de ser gravada, recorrendo à utilização do gravador. Só a educadora Patrícia se mostrou mais à vontade a esse nível.” (Ibid., p. 83)</p>
	2.3. Professora de ginástica.	<p>“(…) perguntei-lhe se poderia anotar quais os idosos que tinham estado presentes na actividade, uma vez que a professora fazia sempre a chamada, tomando nota. Esta não levantou qualquer problema disponibilizando-se, desde logo, a mostrar-me o seu mapa de presenças.” (Nota de campo n.º 15, p. 40)</p> <p>“A professora concordou desde logo em participar e integrar estas sessões de jogos tradicionais nas suas aulas uma vez que os idosos estariam na mesma a praticar actividade física e isso é que</p>

		<p>interessava.” (Nota de campo n.º 20, p. 50)</p> <p>“Para finalizar a sessão, e como já vem sendo habitual, foram feitos alguns alongamentos que iam sendo executados pela professora, sempre preocupada se toda a gente (idosos e miúdos) estava a fazer.” (Nota de campo n.º 21, p. 53)</p> <p>“A professora deu então por encerrada a actividade, repreendendo os miúdos que haviam acabado por destabilizar os restantes colegas.” (Nota de campo n.º 23, p. 57)</p> <p>“Uma vez conseguida a coordenação, os miúdos mostraram alguma dificuldade em saltar. Por isso, a professora começou por exemplificar como fazer e de seguida, do lado de fora da corda, explicava aos meninos quando deviam saltar.” (Nota de campo n.º 26, p. 65)</p> <p>“A Sofia e a professora chegaram mesmo a pegar nos miúdos por baixo dos braços e a saltar juntamente com eles para que estes percebessem como tinham de fazer.” (Nota de campo n.º 26, p. 65)</p> <p>“A professora tem sido impecável no sentido de ter aceite integrar o projecto nas suas aulas e de trocar as datas das aulas sempre que se tem revelado necessário.” (Nota de campo n.º 28, p. 69)</p> <p>“Várias vezes foi necessário interferir junto de alguns miúdos para que eles passassem os arcos em vez de brincarem com eles. Estas intervenções foram feitas maioritariamente pela própria professora (...)” (Nota de campo n.º 29, pp. 71-72)</p>
	2.4. Educadora social.	<p>“A Sofia esteve todo o início da actividade a falar com uma voluntária sobre outros assuntos que nada tinham a ver com a situação.” (Nota de campo n.º 16, p. 43)</p> <p>“O que me desiludiu ainda mais foi o facto da Sofia e da Andreia terem levado grande parte da actividade na conversa uma com a outra, sobre assuntos que nada tinham a ver para o caso.” (Ibid.)</p>

		<p>“A Daniela e a Sofia deram uma grande ajuda aos miúdos nesta actividade. A Sofia e a professora chegaram mesmo a pegar nos miúdos por baixo dos braços e a saltar juntamente com eles para que estes percebessem como tinham de fazer.” (Nota de campo n.º 26, p. 65)</p> <p>“(…) a minha colega (Sofia) esqueceu-se de avisar os idosos à hora do pequeno-almoço que era dia de ginástica, como tal mesmo alguns dos que já sabiam atempadamente acabaram por esquecer-se uma vez que não foram lembrados.” (Nota de campo n.º 29, p. 70)</p> <p>“Como era o meu dia de folga tinha programado que só iria para a Aldeia na hora da festa, visto ter combinado previamente com a Sofia que ela e a uma das funcionárias da lavandaria preparariam os idosos para o desfile. Apesar disso, nessa mesma manhã falei com a Sofia pelo telefone e fiquei um pouco desiludida quando esta me disse que se calhar não seria possível realizar o desfile que tínhamos programado pois não teria tempo de preparar os idosos para tal.” (Nota de campo n.º 30, p. 72)</p> <p>“O empenho tanto das educadoras como das auxiliares e da educadora social foi bastante positivo e a actividade decorreu de forma relativamente organizada.” (Nota de campo n.º 32, p. 77)</p> <p>“Apesar de todas as recomendações o lanche não correu como havia sido planeado. A Sofia esqueceu-se de pedir aos idosos que deixassem uma cadeira de vago entre cada um deles o que fez com que as crianças, quando chegaram, se sentassem nas mesas do lado oposto do refeitório.” (Nota de campo n.º 34, p. 81)</p> <p>“Não tive qualquer apoio . . . da educadora social que faltou da parte da tarde ao serviço, por motivos de saúde . . .” (Nota de campo n.º 35, p. 81)</p>
3. Opiniões dos intervenientes no processo relativamente ao projecto no	3.1. Comentários dos idosos.	<p>“Eles demonstraram-se agradados com a ideia, mas disseram: D^a Fernanda: “– Sim, é bonito! Mas eu não sei histórias nenhuma! No outro tempo, não era tempo de histórias. (...) A gente pode participar mesmo que não vá contar histórias.” (Nota de campo n.º 2, pp. 2-3)</p>

<p>geral e a cada actividade em particular:</p>	<p>“A D^a Adélia pareceu interessada mas disse que já não se lembrava de nada e que ia ver se tinha alguma coisa escrita que pudesse aproveitar. Foi a casa e depois chamou-me. Estava sentada no sofá com uma capa com umas folhas abertas e lia uns poemas que tinha guardado, ainda no tempo em que o marido era vivo. Disse-me que não tinha nada que pudesse aproveitar. Sugeriu-me que tentasse lembrar-se de alguma história antiga e perguntei-me se se importava de ler para os meninos, caso lhe arranjasse umas histórias, Ao ouvir isto, a D^a Adélia prontificou-se logo a ler para os meninos mas disse-me que, entretanto, ia ver se se lembrava de alguma coisa. (Nota de campo n.º 3, p. 3)</p> <p>“A D^a Rita também disse que não se lembrava de nada, mas também mostrou algum interesse em participar no projecto mesmo que não fosse a contar histórias.” (Nota de campo n.º 2, p. 3)</p> <p>“– O convívio com as crianças é sempre uma coisa interessante e bonita.” (Nota de campo n.º 7, p. 19)</p> <p>“Entreguei a história à D.^a Adélia, para que ela lesse para os miúdos no dia seguinte. Importa salientar que a idosa me perguntou, várias vezes, durante a semana quando é que lhe arranjava a história.” (Nota de campo n.º 9, p. 21)</p> <p>«(...) expliquei à D.^a Teresa e à D.^a Rita que como iriam duas senhoras de novo contar histórias e havia a sessão de risoterapia da parte da tarde, estas poderiam ir com a Sofia e assim dar a sua vez às colegas (D.^a Mariana e D.^a Adélia). As idosas não levantaram qualquer problema e, na minha opinião, não ficaram aborrecidas por não participar novamente na hora do conto. Contudo, a D.^a Rita ainda disse entre risos: “– Você não gostou foi da minha história que ela não era capaz!”» (Nota de campo n.º 9, p. 21)</p> <p>“– Estes meninos eram mais simpáticos que os outros. Muito bem-educados.” (Nota de campo n.º 10, p. 30)</p> <p>«Quando vim ao escritório o Sr. Jacinto encontrava-se sentado no sofá junto à minha porta e perguntei-lhe porque motivo não estava na festa com os outros ao que me respondeu:</p>
---	--

		<p>“– Eu não aguentava estar ali com o barulho! É que uma confusão destas ainda não tinha acontecido! Fazem um grande barulho, uma grande confusão. A minha cabeça não aguenta tar ali, por isso vim aqui um bocado e daqui a pouco já lá vou comer um bocadinho de bolo.”» (Nota de campo n.º 14, p. 39)</p> <p>«Expliquei-lhes que era para continuar a ensinar as crianças, mas ela dizia-me: “– Eles já fizeram. Não vê que se foram embora e já andam por aí a saltitar?”» (Nota de campo n.º 16, p. 42)</p> <p>«A D.^a Isabel disse-me com as lágrimas nos olhos: “– Não foi a última vez que vim aqui, não!” perguntei-lhe se tinha gostado e ela respondeu-me que sim e que uma menina lhe perguntara: “– Porque estás tão magrinha?” Ao que ela lhe respondeu que era mesmo assim. A menina, por sua vez, disse-lhe que ela tinha de comer.» (Ibid., p. 43)</p> <p>«A D.^a Teresa até me respondeu: – À ginástica eu já não vou há muito tempo. Porque a minha cabeça não anda bem e não me sinto bem. Agora aqui para os meninos venho. Para os meninos eu faço tudo o que for preciso (risos).» (Nota de campo n.º 20, p. 51)</p> <p>«Hoje de manhã, quando fui visitar os idosos da Aldeia nas suas moradias, entrei na casa 27 onde moram o Sr. Arlindo e a esposa. Estes encontravam-se acompanhados pelo Sr. Amílcar – irmão do Sr. Arlindo– que também reside na Aldeia. O Sr. Amílcar disse-me: “– Ó menina Sara, então ontem houve ginástica e eu não fui! E você esteve lá em cima à hora do pequeno-almoço, não avisou e eu não soube. – Então mas a professora não avisou na Sexta-feira que era ontem? Deve ter avisado... – respondi-lhe eu. – Pois avisou, mas eu na Sexta-feira não fui porque tinha ido ao médico por isso depois esqueci-me. Diz logo o Sr. Vítor: – E olha que a ginástica ontem aquilo teve bom. Eram os idosos com os mais pequenos, com a malta mais miúda. – E eu que gosto tanto de ir à ginástica com os meninos, menina Sara. Eu gosto muito daquilo. –</p>
--	--	--

		<p>respondeu o Sr. Amílcar, entre risos. Realmente, o Sr. Amílcar é daqueles idosos que tem sempre um sorriso na cara enquanto faz os exercícios, especialmente aqueles que implicam um contacto mais próximo com as crianças (exercícios dois a dois). Entretanto eu, para ver o que eles diziam mais acerca da actividade acrescentei: – Os miúdos são engraçados, vocês gostam é? Responde logo a esposa do Sr. Arlindo(D.^a Olga) muito rápido: – O meu marido veio-me gabando um pretinho que estava sentado ao lado dele. – Pois foi. Ficaram dois pretos ao pé de mim. Mas os moços eram engraçados e eram muito remexidos. Havia um que fazia umas tropelias, quando estávamos em frente um do outro para mandar as bolas um ao outro, e de vez em quando ia com o cu ao chão. Houve uma vez que deu um salto e me deu uma pisadela e tudo, tinha muita energia. – Então e ele depois não lhe pediu desculpa? – perguntei. – Ele nem deu por me ter pisado. – respondeu sorrindo. Perguntei à D.^a Olga porque razão não tinha ido à ginástica no dia anterior ao que esta me respondeu, mostrando as pernas que se encontravam bastante inchadas: – Não fui por causa disto! Vamos lá ver se para a semana já me sinto melhor.” (...) Esta concordou que, caso estivesse melhor, estaria presente na actividade assim como o Sr. Arlindo e o Sr. Amílcar.» (Nota de campo n.º 22, pp. 54-55)</p> <p>«Enquanto me encontrava a desenhar a macaca os idosos começaram a chegar e a sentar-se comentando que naquele dia era diferente, que não era bem ginástica. “– Isto hoje é diferente menina Sara!?” – dizia o Sr. Mário ao olhar para as diferentes estações. “– Pois é, hoje são jogos tradicionais para vocês jogarem com os meninos!” – respondi-lhe enquanto desenhava a macaca. Entretanto perguntei: “– Sabem que jogo é este? Não jogavam à macaca quando eram mais novos?” A D.^a Matilde, o Sr. Mário e a D.^a Adélia disseram que se lembravam de jogar. O Sr. Mário até comentou sorrindo: “– Lembro-me, mas isso era no outro tempo menina Sara. Agora já não tenho pernas para isso e já não me lembro bem. Isso é bom é para os meninos não é para a gente.” Ao que lhe respondi: “– Sim, é para os meninos, mas é para vocês lhes ensinarem como se joga pois</p>
--	--	---

	<p>eles não sabem.”» (Nota de campo n.º 26, p. 64)</p> <p>«Quando entreguei as chapinhas à D.^a Clotilde para ela jogar esta disse-me: “– Eu não tou capaz p’ra jogar a isso! Isso é bom é para os meninos. Eu vim, não foi por fazer alguma coisa que eu não posso. Foi mais para ver os meninos brincar. Eu gosto muito de ver os meninos.” – disse-me com os olhos brilhantes.</p> <p>Ao ouvir isto, convidei-a a estar presente na semana seguinte na aula de ginástica novamente com as crianças e esta concordou e mostrou-se satisfeita com o convite. A verdade é que a D.^a Clotilde não costuma participar nas aulas de ginástica, mas como deve ter ouvido as vizinhas comentar que a aula era em conjunto com as crianças acabou por juntar-se a nós de livre vontade.</p> <p>Também a D.^a Alda, após ter jogado e já quando se ia embora comentou comigo que gostava muito de ver os meninos a brincar. E que as aulas e os jogos eram muito engraçados com os meninos e que voltaria na próxima semana. Esta senhora saiu da sala agradecendo pela manhã. São estes pequenos comentários da parte dos idosos que nos fazem acreditar que vale a pena o esforço e a concretização de iniciativas deste género.” (Nota de campo n.º 27, p. 68)</p> <p>«A D.^a Maria dizia: “– Ai menina Sara! Se é lá em cima eu não posso ir que não tou capaz de subir as escadas. Então não podiam ter feito isso cá em baixo!?”</p> <p>O marido, por sua vez concordava com a esposa, criticando: “– Não vêem que os velhos não estão capazes de andar a subir e descer escadas? Ora, Ora não podiam ter feito isso ali em baixo com tanto espaço que aqui têm?”» (Nota de campo n.º 33, pp. 78-79)</p> <p>«Durante o dia, enquanto montava a exposição, a curiosidade dos idosos acerca do que estava a fazer era bastante evidente. Quando estes passavam para almoçar, no regresso a suas casas, para lanchar ou quando iam fazer alguma coisa ao edifício central comentavam sempre entre eles: “– O que estará a menina Sara a preparar?” / “Isso são fotografias do quê?” / “Foi uma boa idea esta de pôr aqui as fotografias para a gente ver!” / “Também estão aqui as das Marchas?”» (Nota de campo n.º 35, p. 82)</p> <p>« . . . já na Quinta-feira a D.^a Francisca teimava com outra idosa:</p>
--	---

	<p>“– Alguma vez essa sou eu!? Não sou não senhora, não se vê logo que é aquela mulherzinha que mora ali com a dona... Ai! Agora não me lembro o nome dela...” – Entretanto, apercebi-me da conversa e resolvi ir ter com elas e mostrar à D.^a Francisca que realmente era ela, só que tinha o lenço na cabeça. Foi então que ela se reconheceu e acabou por afirmar que era ela só que na altura estava meio adoentada. “– Por causa do lenço é que eu não me tava a conhecer... era naquela altura em que estive doente. Não vê que até tinha as pantufas calçadas e tudo!” Também o Sr. Amílcar comentou: “_ Ai que velho que eu estou, menina Sara!”.» (Nota de campo n.º 35, p. 82)</p>
3.2. Comentários das crianças.	<p>“No final, os miúdos afirmaram ter gostado de ouvir as histórias e um ou outro disse querer ouvir mais.” (Nota de campo n.º 7, p. 18)</p> <p>“A Cátia diz que o filho lhe disse: “– Sabes mãe, hoje os velhotes d’onde tu trabalhas foram lá à minha escola contar histórias para a gente ouvir!” ela ainda lhe perguntou que histórias tinham sido mas ele disse que já não se lembrava. A filha da Julieta disse-lhe: “– Hoje foram à minha sala três velhotes do teu trabalho contar histórias. Um chamava-se José mas já não sei quantos anos tinha e os outros não me lembro os nomes!” Quanto às histórias, também não se lembrava quais tinham sido. A Patrícia diz que a filha não lhe disse nada, ela é que lhe perguntou e a filha acabou por dizer que tinham ido contar histórias. As três crianças afirmaram ter gostado da actividade.” (Nota de campo n.º 8, p. 20)</p> <p>“No início da semana, a Julieta (funcionária da Aldeia de São José de Alcalar que trabalha na lavandaria) informou-me que a filha (Vanessa) na Sexta-feira passada tinha ido para casa a falar dos jogos. A Vanessa tinha dito à mãe que tinha gostado muito dos jogos que tinha feito na escola e que queria que ela lhe comprasse umas latas e umas bolas para ela jogar em casa. A miúda disse à mãe que os jogos tinham sido com os velhotes, com a Sara e com a professora de ginástica. Isto demonstra que as actividades sempre têm algum impacto para as crianças, caso contrário, estas não comentariam com os pais o que fizeram na escola sem que eles lhes perguntassem.” (Nota de campo n.º 27, p. 67)</p>
3.3. Comentários das educadoras de infância.	<p>“Ao ver-nos, a Andreia disse aos miúdos que éramos os contadores de histórias e que teriam de se portar bem para ouvir as histórias todas.” (Nota de campo n.º 7, p. 10)</p>

	<p>“A Andreia disse que os miúdos, apesar de serem muitas histórias, se portaram bem, mas aconselhou-me a levar menos idosos para a sala dos 5 anos pois tornava-se muito cansativo/maçador para os miúdos ouvir tantas histórias em tão pouco tempo.” (Nota de campo n.º 7, p. 19)</p> <p>«Lembrei-me que poderia falar com a educadora da sala dos 3 anos e perguntar-lhe qual a possibilidade de, na Sexta-feira, levar 2 ou 3 idosos a contar histórias às suas crianças uma vez que seriam muitos para a sala dos 5 anos. Expliquei-lhe a experiência que tivera na sala dos 4 anos por serem muitas histórias, e expliquei-lhe também que não queria dizer aos idosos que não poderiam participar para evitar alguma desmotivação da sua parte. A educadora compreendeu a situação e acedeu ao meu pedido dizendo-me: “– Está bem! Desde que não seja a história do Padre com as patas do chibo enfiadas nos intestinos (risos).”» (Nota de campo n.º 8, p. 20)</p> <p>“Ambas mostraram interesse por lengalengas e a Laura disse que os miúdos gostavam muito de histórias com bichinhos.” (Nota de campo n.º 8, p. 20)</p> <p>«Na opinião das Educadoras, eles até não tinha feito muito barulho. Segundo elas, o pior foi no final e a Patrícia apontou o facto dos miúdos terem ficado todos juntos como propício a que estes fizessem mais barulho. A Educadora da sala dos 5 anos acabou por dizer que se os miúdos tivessem ficado intercalados com os idosos não tinham feito tanto barulho. E realmente, ao ouvi-la falar, fui obrigada a concordar com ela quando esta reforçou a ideia dizendo: “– Acabou por não haver quase interação nenhuma. Eles ficaram numa mesa oposta à dos idosos.”» (Nota de campo n.º 15, p. 41)</p> <p>«Fui então falar com as educadoras, com as quais reuni no jardim infantil, ficando um pouco surpreendida com a observação que a Andreia fez logo de início: “– Então como estamos depois de tantas falhas? Pelo menos da minha parte...”» (Nota de campo n.º 24, p. 59)</p> <p>“(...) aproveitei para propôr que as últimas sessões de trabalhos manuais fossem dinamizadas por elas e pelos miúdos e não pelos idosos, de modo a inverter um pouco a situação. Afinal os mais velhos embora tenham muito para ensinar também podem aprender com os mais novos. Estas concordaram prontamente e como as sessões serão em dias seguidos até combinaram pensar em</p>
--	--

		<p>conjunto e fazer coisas diferentes para que não se tornasse repetitivo e aborrecido para os idosos.” (Ibid., p. 60)</p> <p>«A corda deu melhores resultados com as crianças desta sala (5 anos) que já conseguiam saltar facilmente, saltando em grupos de três. Importa salientar que os idosos que rodavam a corda também se encontravam mais coordenados. Individualmente, também os resultados foram melhores que na semana anterior. Ao falar com a educadora Patrícia acerca disso esta afirmou:</p> <p>“– Eles conseguem saltar, porque eu tenho saltado com eles, porque senão também não conseguiam!”» (Nota de campo n.º 27, p. 67)</p> <p>“(…) na opinião das educadoras a actividade correu bastante bem. A educadora Patrícia confessou-me que inicialmente também teve um pouco de receio que os idosos não aderissem pelo facto de terem de sujar as mãos, mas felizmente eles aderiram e tudo correu da melhor maneira.” (Nota de campo n.º 33, p. 80)</p> <p>“Por sua vez, as educadoras disseram-me que, mais uma vez, os idosos e crianças tinham ficado muito distanciados e não tinha havido grande contacto entre ambos, dando a entender que esta actividade não havia tido grande sucesso, nem sofrido grandes evoluções ao longo de todo o projecto.” (Nota de campo n.º 34, p. 81)</p>
	<p>3.4. Comentários da professora de ginástica.</p>	<p>“Ao falar com ela, enquanto a ajudava a transportar o material para o carro, a professora confessou que nunca tinha trabalhado com aquelas idades (referindo-se às crianças) o que acabava por ser um desafio para ela, uma vez que era como se tivesse a explicar as coisas a duas crianças ao mesmo tempo. As crianças podiam não perceber bem o que ela pretendia e os idosos, por vezes, também não compreendiam imediatamente devido à sua idade avançada (caso da gincana). A professora concordou comigo em relação ao facto dos idosos se mostrarem bastante alegres durante toda a actividade e disse ser, sem dúvida, uma experiência bastante interessante, para ela que nunca o tinha feito. Perguntou-me ainda se as crianças tinham ginástica habitualmente pois achava que eles deviam já fazer algumas coisas que na realidade e na sua maioria não sabiam, o que acabava por dificultar também um pouco o decorrer das actividades por ela propostas ao longo da sessão. Disse-lhe que não e que eram as próprias Educadoras que faziam ginástica com os miúdos.” (Nota de</p>

		<p>campo n.º 12, pp. 36-37)</p> <p>“Esta, mais uma vez, me disse que era muito complicado fazer estas actividades conjuntas pois os idosos já tinham uma idade bastante avançada o que fazia com que tivessem mais dificuldade em perceber o que realmente era para fazer e já tinham dificuldade em fazer certos exercícios os quais as crianças eram capazes de fazer. O facto das crianças serem bastante novas (4 e 5 anos de idade) também dificultava um pouco o trabalho da professora.” (Nota de campo n.º 21, p. 53)</p> <p>«A professora revelou ainda que ao planear as aulas tinha sempre receio que eles não compreendessem o que realmente era para fazer. Segundo as palavras da mesma: “– É muito difícil! É muito difícil, para mim, planear as actividades pois são idades muito diferentes. O que uns conseguem fazer os outros não conseguem! E nem os idosos são capazes de perceber e ensinar as crianças, nem as crianças percebem exactamente o que se pretende para ajudarem os idosos... Ainda ontem quando estava a preparar o exercício dos arcos estava com receio que eles não percebessem o que era para fazer, mas até correu bem. Correu melhor do que esperava pois eles perceberam bem o que se queria. Mas é muito difícil, é muito difícil trabalhar com estas duas idades tão distantes. Se os miúdos fossem mais velhinhos ou se os idosos fossem um pouco mais novos era mais fácil...”» (Ibid., pp. 53-54)</p> <p>“A professora mais uma vez, voltou a frisar que era complicado trabalhar e arranjar exercícios para duas idades tão diferentes. Esta falou ainda com a Patrícia dizendo que alguns miúdos mais rebeldes acabaram, de certa forma, por perturbar a realização de alguns dos exercícios.” (Nota de campo n.º 23, p. 58)</p>
	3.6. Comentários da educadora social.	<p>“Quando comentei o facto deste ter voltado a perguntar se as educadoras tinham concordado, a educadora social disse-me que aquela pergunta mostrava como ele tem consciência que as educadoras nunca estiveram muito viradas para actividades conjuntas entre as crianças e os idosos.” (Nota de campo n.º 1, p. 2)</p>

		<p>“Quando questionei a Sofia acerca de como decorrera o lanche esta disse-me que havia corrido bem embora se tivesse esquecido de guardar os lugares para as crianças. A educadora social disse-me que no final do lanche tinha pedido aos idosos para passarem pela mesa das crianças para falarem um bocadinho com elas e que os idosos até aderiram.” (Nota de campo n.º 34, p. 81)</p>
	<p>3.7. Os meus comentários.</p>	<p>“Sinceramente senti que o Sr. Padre não prestou grande atenção ao meu projecto. Mas prefiro que tenha agido assim e não tenha colocado entraves à sua concretização.” (Nota de campo n.º 1, p. 2)</p> <p>“Tenho de admitir que após esta conversa e alguma reflexão concordo com a educadora social. Ele no fundo tem consciência do que se passa e da falta de actividades deste género na instituição.” (Nota de campo n.º 1, p. 2)</p> <p>“Um dos receios que tenho ao pôr em prática um projecto deste tipo é mesmo o facto dos idosos envolvidos no projecto puderem adoecer, ficando assim, de alguma forma, impossibilitados de continuar a participar nas actividades.” (Nota de campo n.º 4, p. 4)</p> <p>“Fiquei animada por ter falado com alguns idosos acerca do projecto mas, ao mesmo tempo, esperava que estes me dissessem, à partida, que se recordavam de algumas histórias o que, na maioria dos casos, não aconteceu.” (Ibid.)</p> <p>“Confesso que fiquei um pouco receosa da resposta do patrão, relativamente à utilização do salão nobre, uma vez que o Sr. Padre não gosta que se façam lá muitas actividades pois não quer que o chão fique riscado de se andar a arrastar mobílias.” (Nota de campo n.º 3, p. 5)</p> <p>“Sinto que o projecto começa a tomar forma aos poucos e que é capaz de suscitar o interesse dos idosos.” (Ibid.)</p> <p>“Um aspecto que tenho vindo a verificar é que, ao contrário do que imaginei, não será fácil ver, antecipadamente, com os idosos as histórias que estes contarão aos miúdos na Sexta-feira de manhã. Parece-me que apenas conseguirei programar e ter conhecimento das histórias/contos que facultar aos idosos para que eles os possam ler. Deste modo, não conseguirei dizer, atempadamente, à</p>

		<p>educadora quais as histórias que os idosos irão contar.” (Nota de campo n.º 4, p. 6)</p> <p>“(…) correríamos o risco destes contarem uma ou outra história que não fosse perceptível ou adequada para as crianças.” (Nota de campo n.º 6, p. 7)</p> <p>“Na minha opinião, a maioria dos miúdos acabou por “não ouvir” as últimas histórias uma vez que já estavam fartos de ouvir os idosos a falar. Por um lado até foi bom, uma vez que as duas últimas histórias não eram adequadas para miúdos daquela idade.” (Nota de campo n.º 7, p. 11)</p> <p>“Esta história não foi adequada para a idade das crianças, mas não me foi possível controlar este aspecto, uma vez que não conhecia a história e que a idosa me contara uns versos totalmente diferentes quando falara comigo. A última idosa a contar a sua história foi a D.^a Rita, história esta que as crianças, na minha opinião, também acabaram por não entender” (Nota de campo n.º 7, p. 18)</p> <p>“Na minha opinião, o facto de não se lembrarem de quais as histórias contadas pelos idosos prende-se com o facto de terem sido muitas as histórias, contadas naquela manhã. Achei interessante a Vanessa (filha da Julieta) ter referido a presença de três idosos, quando na realidade eram 7 os contadores de histórias.” (Nota de campo n.º 8, p. 20)</p> <p>“Fiquei com a sensação que os miúdos tinham gostado da actividade assim como os próprios idosos. Comparativamente à “Hora do Conto” que decorrerá na sala dos 4 anos, pareceu-me que os miúdos da sala dos 5 anos estiveram mais atentos às histórias e verifiquei também que os idosos já se sentiam mais à vontade e contavam as histórias à medida que se iam lembrando, sem que fosse preciso mandá-los falar. A educadora Patrícia também ajudou bastante uma vez que ia intervindo no meio de cada história, fazendo com que as crianças tivessem uma participação mais activa.” (Nota de campo n.º 10, p. 30)</p> <p>“Na minha opinião, o facto das crianças se mostrarem mais atentas e interagirem com os idosos deixou-os mais à vontade e mais confiantes enquanto contavam as histórias.” (Ibid.)</p>
--	--	---

	<p>“(…) com a visualização desta gravação fiquei com a ideia de que estas 2 idosas se sentiam mais à vontade e mais confiantes do que na semana anterior. Isto vê-se pelo facto destas acabarem por contar mais histórias do que havia sido estipulado inicialmente e de introduzirem também as orações, das quais nem sequer se tinha falado anteriormente.” (Nota de campo n.º 11, p. 35)</p> <p>“Na minha opinião, a aula correu bem e a interação entre estas duas gerações revelou-se bastante intensa e alegre.” (Nota de campo n.º 12, p. 37)</p> <p>“Uma vez realizado o lanche, parece-me que a haver novas edições terão de ser com menos miúdos. Acho que a ideia de juntar os idosos e as crianças das duas salas num mesmo lanche não foi muito boa. Numa próxima vez talvez seja preferível fazer o lanche com apenas uma das salas ou então num espaço em que o barulho não se propague tanto. Por exemplo, se no Verão, ou quando o tempo aquecer mais, se fizer um lanche no meio de um dos blocos de moradias como já aconteceu algumas vezes, os miúdos brincam e fazem barulho na mesma mas acabam por não incomodar tanto os idosos. É um caso a pensar seriamente e a falar com as educadoras para saber também quais as suas opiniões.” (Diário de campo n.º 14, pp. 39-40)</p> <p>“Disse-lhes que achava que os miúdos tinham feito muito barulho e que alguns dos idosos se haviam sentido um pouco incomodados pelo que, na minha opinião, deveríamos fazer os lanches com uma sala de cada vez para evitar tanto barulho.” (Nota de campo n.º 15, p. 41)</p> <p>“De facto, foi mal planeado da minha parte, tenho de admitir que tal coisa não me ocorreu e como não tive disponível no tempo que precedeu a hora do lanche ainda menos me lembrei desses pormenores que acabam por ser fundamentais para o sucesso ou fracasso da actividade.” (Nota de campo n.º 15, p. 41)</p> <p>“Não foram muitos os idosos a participar na actividade mas, mesmo assim, tendo em conta os idosos que costumam aderir a este tipo de actividades penso que se conseguiu um grupo razoável.” (Nota de campo n.º 16, p. 41)</p> <p>“Fiquei, no entanto, um pouco desiludida com as posturas da educadora Andreia e da educadora</p>
--	---

	<p>social ao longo da actividade. A Sofia esteve todo o início da actividade a falar com uma voluntária sobre outros assuntos que nada tinham a ver com a situação. A educadora Andreia ia simplesmente acalmando os miúdos quando estes iam ficando mais agitados, fazendo mais barulho. Na minha opinião, ela podia puxar mais pelas crianças no sentido de os levar a falar com os idosos. O que me desiludiu ainda mais foi o facto da Sofia e da Andreia terem levado grande parte da actividade na conversa uma com a outra, sobre assuntos que nada tinham a ver para o caso. Tudo estava controlado mas, de qualquer modo, acho que poderiam ter adoptado uma postura mais activa, ainda mais por ter pedido a colaboração da Sofia para nos auxiliar com a actividade em questão.” (Ibid., p. 43)</p> <p>“Na minha opinião, a actividade correu mais calmamente e os miúdos mantiveram-se mais sossegados que os colegas da sala dos 4 anos.” (Nota de campo n.º 17, p. 44)</p> <p>“Este idoso participa sempre na grande maioria das actividades desenvolvidas e tem participado em todas as actividades do presente projecto. Das vezes que lhe tenho perguntado se tem gostado, responde-me sempre que o convívio com as crianças é bonito e que se é preciso participar não se importa de o fazer. A realidade é que se nota bastante a alegria nos seus olhos quando está rodeado pelas crianças e não consegue disfarçar a sua felicidade nesses momentos. Talvez isto seja mais visível devido ao facto do Sr. José ser viúvo e não ter filhos, o que faz com que, apesar do seu dinamismo, seja um pouco solitário e não mantenha um grande contacto com os restantes elementos da sua família (sobrinhos, entre outros...). É bastante interessante verificar como este idoso se deixa contagiar pela alegria destas crianças.” (Nota de campo n.º 18, p. 46)</p> <p>“De um modo geral, penso que esta foi uma tarde bastante agradável quer para os idosos que acabaram por passar uma tarde diferente junto dos mais novos, quer para as crianças que viram o seu trabalho (encenação) reconhecido pelos mais velhos. O convívio e interacção decorreram de uma forma bastante calma e saudável.</p> <p>Penso que seria mais fácil desenvolver este tipo de projecto junto destas crianças mais velhas mas, uma vez que o A.T.L. funciona na Mexilhoeira Grande e os miúdos acabam por ficar bastante condicionados devido aos horários escolares e aos horários dos transportes, tal não me foi possível.</p>
--	--

	<p>Para além disso, apesar dos resultados poderem vir a revelar-se um pouco diferentes do que imaginara inicialmente são as crianças mais pequenas – neste caso concreto das salas dos 4 e 5 anos – aquelas que se encontram no mesmo espaço físico que os idosos.” (Ibid., p. 47)</p> <p>“Tenho vindo a notar um progressivo aumento do à vontade dos idosos junto das crianças no decorrer das várias actividades. Estes têm vindo a mostrar-se mais empenhados nas suas tarefas e conversado mais com os miúdos enquanto estas decorrem. Também já me apercebi que os próprios miúdos também acabam por influenciar o decorrer das actividades, uma vez que todos eles são diferentes, sendo uns mais sociáveis que outros, bem como uns mais inquietos que outros.” (Nota de campo n.º 19, p. 48)</p> <p>«É claro que as crianças não conseguem fazer este tipo de trabalho tão bem como os próprios idosos, mas o que se pretende realmente é que as duas gerações interajam uma com a outra independentemente dos trabalhos ficarem ou não perfeitos. Por isso, não gostei muito de ouvir um comentário feito pela educadora: “... mas eles estão a estragar isto tudo! Ah pois estão!!”» (Ibid., p. 49)</p> <p>“Na minha opinião, e como já referi anteriormente, tem vindo a notar-se um progresso ao nível das interacções ao longo das várias actividades. Tanto os idosos como as crianças vão ficando mais à vontade com o passar do tempo e com a continuação das diferentes actividades.” (Ibid., p. 50)</p> <p>“Com todas estas alterações, e uma vez que não pretendo mudar as datas das restantes actividades já agendadas para as Sextas de manhã (trabalhos manuais, cantigas), receio vir a não poder contar com a participação de alguns dos idosos que habitualmente têm vindo a participar no projecto. Isto porque a sua grande maioria participa também nas aulas de ginástica e, na minha opinião, esta é uma das suas actividades favoritas o que é bastante visível através do elevado número de idosos que nela participa comparativamente às restantes actividades desenvolvidas na instituição.” (Nota de campo n.º 20, pp. 50-51)</p> <p>“Para ser sincera, isto deixou-me bastante abalada e desmotivada. Fiquei com a sensação que me</p>
--	---

		<p>estava a esforçar em vão e que as educadoras não estavam a dar grande importância ao projecto. Acredito que o facto de me encontrar bastante cansada nesta manhã também contribuiu para reagir pior ao sucedido. E como os idosos já se encontravam na biblioteca à espera dos miúdos desde as 10h ainda mais aborrecida fiquei ao saber que a Patrícia se tinha esquecido do que havíamos combinado dois dias antes.” (Nota de campo n.º 25, p. 61)</p> <p>“Importa referir que os meninos acabaram por rodar pelas mesas, acabando assim por conseguir fazer as diferentes tarefas propostas nesta sessão. Tudo isto contando com a colaboração da educadora Patrícia e da Sofia. Apesar de não ter começado da melhor forma devido ao atraso, a sessão de trabalhos manuais acabou por correr bem.” (Ibid., p. 63)</p> <p>“Na minha opinião, os mais velhos sentaram-se e ficaram a ver os miúdos jogar pois têm a ideia que as brincadeiras são para as crianças e não para eles.” (Nota de campo n.º 27, p. 68)</p> <p>“(…) falei com a Sofia pelo telefone e fiquei um pouco desiludida quando esta me disse que se calhar não seria possível realizar o desfile que tínhamos programado pois não teria tempo de preparar os idosos para tal.” (Nota de campo n.º 30, p. 72)</p> <p>“Apesar do esforço penso que o objectivo teria sido melhor conseguido caso tivéssemos tido mais tempo para seleccionar as roupas previamente para cada idoso, o que infelizmente não aconteceu. Como tal tivemos que fazer o melhor que conseguimos com os adereços que conseguimos naquela hora antes da festa começar.” (Ibid.)</p> <p>“Na minha opinião, o ruído acabava também por desconcentrar os idosos que se encontravam em palco.” (Ibid., p. 74)</p> <p>“Apenas fiquei desapontada quando este disse que o projecto das educadoras era o relacionamento entre os mais velhos e os mais novos. Afinal, o projecto foi ideia minha e tenho sido eu quem tem tido o maior empenho na organização de todas as actividades, o que permite que as educadoras e as crianças da sua sala se limitem a participar nas actividades nas datas combinadas previamente. Sinceramente, naquela tarde e com aquela observação senti o meu trabalho desvalorizado. Não que</p>
--	--	--

		<p>quisesse que me desse os Parabéns, nada disso. Mas não gostei da forma como falou, dando a entender que o projecto era do Jardim quando a ideia partiu da valência de Lar de Idosos da Aldeia de São José de Alcalar.” (Ibid., p. 74)</p> <p>“Na minha opinião, houve menos confusão desta vez, pelo simples facto de cada estação ter uma de nós a orientar a situação.” (Nota de campo n.º 32, p. 76)</p> <p>“Chegou então a hora de subirmos e de dividir os idosos pelas 2 salas. Fiquei surpreendida com o facto de todos se sentarem nas cadeiras mais baixas, apesar de alguns deles mostrarem alguma dificuldade e de termos de os ajudar, na altura de se levantarem.” (Nota de campo n.º 33, p. 79)</p> <p>“Na minha opinião, os idosos têm uma certa tendência para desvalorizar as suas capacidades mostrando-se um pouco reticentes quando lhes é sugerido que façam coisas que nunca fizeram, como foi o caso das actividades propostas. No entanto, confesso que fiquei surpreendida com os resultados e parece-me que a actividade decorreu de forma calma.” (Nota de campo n.º 33, p. 80)</p> <p>“(…) concordo com as educadoras relativamente ao facto dos lanches não terem proporcionado o convívio entre estas duas gerações, ao contrário do que se pretendia inicialmente.” (Nota de campo n.º 34, p. 81)</p> <p>“(…) penso que o facto delas me conhecerem já há algum tempo também pode ter tido alguma influência nas respostas dadas às diferentes questões. Estas não desenvolviam certos assuntos embora eu tentasse fazer com que se sentissem à vontade, fazendo as questões da forma mais informal possível, como se de uma simples conversa se tratasse.” (Nota de campo n.º 35, p. 83)</p>
--	--	---

ANEXO N.º 12:
FOTOGRAFIAS DAS ACTIVIDADES REALIZADAS



Fotografia 19 - Hora do conto



Fotografia 20 - Hora do conto



Fotografia 21 - Ginástica



Fotografia 22 - Ginástica (exercícios a pares)



Fotografia 23 - Ginástica (exercícios a pares)



Fotografia 24 - Ginástica (exercícios a pares)



Fotografia 25 - Ginástica (gincana)



Fotografia 26 - Ginástica (exercício com arcos)



Fotografia 27 - Ginástica (exercício com arcos)



Fotografia 28 - Lanche



Fotografia 29 - Trabalhos manuais (bolinhas em papel crepe e decoração dos ovos da Páscoa)



Fotografia 30 - Trabalhos manuais (trabalhos em jornal)



Fotografia 31 - Trabalhos manuais (trabalhos em jornal)



Fotografia 32 - Trabalhos manuais (trabalhos em jornal)



Fotografia 33 - Trabalhos manuais (cadeiras em molas de madeira)



Fotografia 34 - Trabalhos manuais (cadeiras em molas de madeira)



Fotografia 35 - Trabalhos manuais (cadeiras em molas de madeira)



Fotografia 36 - Visita das crianças do A.T.L. (início da encenação)



Fotografia 37 - Visita das crianças do A.T.L. (encenação)



Fotografia 38 - Visita das crianças do A.T.L. (lanche)



Fotografia 39 - Jogos tradicionais (jogo das latas)



Fotografia 40 - Jogos tradicionais (jogo das latas)



Fotografia 41 - Jogos tradicionais (dominó)



Fotografia 42 - Jogos tradicionais (jogo dos pinos)



Fotografia 43 - Jogos tradicionais (jogo da macaca)



Fotografia 44 - Jogos tradicionais (jogo do lençinho da botica)



Fotografia 45 - Jogos tradicionais (crianças a saltar à corda)



Fotografia 46 - Desfile de moda (idosos antes de desfilar)



Fotografia 47 - Desfile de moda (um dos pares do desfile)



Fotografia 48 - Desfile de moda (um dos pares do desfile a subir para o palco)



Fotografia 49 - Exposição final (idosos a ver as fotografias)



Fotografia 50 - Exposição final (idosos a ver as fotografias e os trabalhos)



Fotografia 51 - Exposição final (crianças das duas salas a ver as fotografias e os trabalhos)